

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

EM HISTÓRIA

GESSICA DE BRITO BUENO

**ANATOMIA E FISIOLOGIA FEMININA:
DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES DO ÚTERO EM ERÁRIO
MINERAL (1735) DE LUÍS GOMES FERREIRA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**MARINGÁ
2024**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GESSICA DE BRITO BUENO

**Anatomia e fisiologia feminina:
descrição e interpretação das manifestações do útero em erário mineral (1735) de Luís
Gomes Ferreira**

Maringá
2024

GESSICA DE BRITO BUENO

**Anatomia e fisiologia feminina:
descrição e interpretação das manifestações do útero em erário mineral (1735) de Luís
Gomes Ferreira**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História, Centro de ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a defesa de dissertação.

Linha de pesquisa: História, Cultura e Narrativas.

Orientador: Prof. Dr. Christian Fausto Moraes dos Santos.

Maringá
2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)(Biblioteca
Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

B928a Bueno, Gessica de Brito
Anatomia e fisiologia feminina : descrição e interpretação das manifestações do útero em Erário Mineral (1735) de Luís Gomes Ferreira / Gessica de Brito Bueno. -- Maringá, PR, 2024.
176 f. : il., figs.

Orientador: Prof. Dr. Christian Fausto Moraes dos Santos.
Coorientador: Prof. Dr. Wellington Bernardelli Silva Filho.
Coorientadora: Profa. Dra. Maria Regina Cotrim Guimarães.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2024.

1. Menstruação. 2. Anatomia feminina. 3. Medicina - Século XVIII. 4. Fisiologia feminina. 5. Disfunção uterina. I. Santos, Christian Fausto Moraes dos, orient. II. Silva Filho, Wellington Bernardelli, coorient. III. Guimarães, Maria Regina Cotrim, coorient. IV. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. V. Título.

CDD 23.ed. 612.662

GESSICA DE BRITO BUENO

**Anatomia e fisiologia feminina:
descrição e interpretação das manifestações do útero em erário mineral (1735) de Luís
Gomes Ferreira**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de mestre em História.

Aprovado em: 20 de Julho de 2024.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Christian Fausto Moraes dos Santos
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof. Dr. Maria Regina Cotrim Guimarães
Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI) – FIOCRUZ



Prof. Dr. Wellington Bernardelli Silva Filho
UFAM-Manaus

AGRADECIMENTOS

Costuma-se dizer que a jornada acadêmica na Pós-graduação é um caminho, na maior parte do tempo, solitário e longo. Mas não é exatamente assim. Percebi que o mestrado foi mais como uma corrida tumultuada e uma maratona burocrática, do que puramente um tempo dedicado exclusivamente a pesquisa. Parece que foi ontem que me matriculei e aqui estou, finalizando a dissertação a poucas semanas de defender o nosso trabalho. No decorrer dos últimos dois anos recebi auxílio das pessoas que mais aprecio na vida, minha mãe, minha avó, minha melhor amiga e minha psicóloga. Sem o apoio constante dessas mulheres incríveis e fortes, não sei se teria conseguido chegar até aqui. Talvez teria, pois me considero muito persistente, mas não com a esperança que elas me transmitem, de que as coisas um dia possam melhorar.

Agradeço ao meu orientador Christian Fausto, por ter aceitado me orientar desde 2019 em um tema que fiquei profundamente interessada, a ponto de esgotar a leitura sobre ele. Christian é uma pessoa apaixonada pelo que faz. Ele não mediu esforços para me manter firme na pesquisa, sou muito grata a ele por cada dia que avançamos na pesquisa. Se você passar alguns minutos na sua companhia, você ficará atualizada sobre assuntos que você nem imagina que existiam. Ele sempre terá algo a contribuir com a sua formação.

Agradeço aos membros do LHC, especialmente aqueles que me auxiliaram, manifestaram paciência e apoio. Tenho certeza que a consideração é mútua.

Agradeço aos professores Maria Regina Guimarães e Wellington Bernardelli Silva Filho pelas atenciosas observações, correções e sugestões que permitiram que essa dissertação pudesse se tornar sólida e organizada, garantindo a validade deste trabalho.

Por fim agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos que possibilitou e impulsionou o desenvolvimento da pesquisa. Agradeço também à Universidade estadual de Maringá (UEM) e ao Programa de Pós-graduação em História (PPH-UEM), por todo o apoio e auxílio em meu aperfeiçoamento.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar o conceito de menstruação na fonte documental Erário mineral (1735), um manual de medicina do século XVIII, escrito por Luís Gomes Ferreira, um cirurgião-barbeiro português. Este cirurgião barbeiro de origem portuguesa aborda e apresenta como se deve tratar as disfunções uterinas. A fim de atingir esse objetivo, foram selecionadas várias fontes e bibliografias que abordam o tema anatomia e a fisiologia feminina. Essas fontes datam do século V a.C. e do século XVIII, abrangendo obras nacionais e internacionais. A metodologia utilizada foi a descritiva e a explicativa. Ao primeiro contato com essa fonte, ficou claro que o conceito de menstruação foi criado na Antiguidade grega e atravessou vários séculos, se religando a uma variedade de campos de conhecimento diferentes. Nosso método para apreender essa continuidade foi cruzar nossa fonte documental com o tratado de Hipócrates "Da natureza da mulher", realizando dois movimentos: o capítulo um trata das disfunções uterinas e o capítulo três trata dos medicamentos para essas disfunções. Acerca dos resultados obtidos, concluímos que algumas doenças femininas tratadas no quinto século eram as mesmas descritas em Erário Mineral, e que os medicamentos usados por Ferreira eram muito semelhantes ao que Hipócrates sugeria. O conceito de analogia proposto por Michel Foucault que empregamos na pesquisa, evidenciou que a interpretação das disfunções uterinas e a escolha dos medicamentos passavam pela estratégia das similitudes. Além disso, as teorias trabalhadas no capítulo dois, que buscaram explicar a menstruação, foram usadas para confirmar a inferioridade anatômica e fisiológica da mulher.

Palavras-chave: Menstruação. Anatomia. Fisiologia. Medicina. Século XVIII.

ABSTRACT

The aim of this research is to investigate the concept of menstruation in the documentary source *Erário mineral* (1735), an 18th century medical manual written by Luís Gomes Ferreira, a Portuguese barber-surgeon. It addresses the subject and presents how uterine dysfunctions should be treated. In order to achieve this objective, various sources and bibliographies were selected that deal with the subject of female anatomy and physiology. These sources date from the 5th century BC to the 18th century and include both national and international works. The methodology used was descriptive and explanatory. Upon first contact with this source, it became clear that the concept of menstruation was created in Greek antiquity and crossed several centuries, reconnecting with a variety of different fields of knowledge. Our method for understanding this continuity was to cross-reference our documentary source with Hippocrates' treatise "On the Nature of Woman", making two moves: chapter one deals with uterine dysfunctions and chapter three deals with medicines for these dysfunctions. From the results obtained, we concluded that some of the female diseases treated in the fifth century were the same as those described in *Erário Mineral*, and that the medicines used by Ferreira were very similar to those suggested by Hippocrates. The concept of analogy proposed by Michel Foucault, which we used in our research, showed that the interpretation of uterine dysfunctions and the choice of medicines were based on the strategy of similarities. In addition, the theories discussed in chapter two, which sought to explain menstruation, were used to confirm the anatomical and physiological inferiority of women.

Keywords: Menstruation. Anatomy; Physiology; Medicine; 18th century.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01 — Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira (1735).....	p. 20
Figura 02 - Erário Mineral (2 Volumes) organizado por Junia Ferreira Furtado (2002).....	p. 20
Figura 03 -“Órgãos Genitais Internos Femininos” de Andreas Vesalius, na obra <i>De humani corporis fabrica</i> (1543)	p. 80
Figura 04 - "O ABC da Evolução e Desenvolvimento de Haeckel", Revisões Biológicas da Sociedade Filosófica de Cambridge, de M. Richardson e G. Keuck, 77 no. 04, p. 495–528. (2002).....	p. 81
Figura 05 - “Expressions des passions de l'Ame” de Charles Le Brun. Gravuras, 39.1 x 24.8 cm. Metropolitan Museum of Art. (1732).....	p. 85
Figura 06 - Gravura intitulada “Melancolia I” de Albrecht Dürer (1514).....	p. 88
Figura 07 - <i>Ruta</i> : Arruda.....	p. 117
Figura 08 - “O vendedor de arruda” -Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, Jean Baptiste Debret (1768-1848).....	p. 118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
Capítulo 1 – Anatomia e fisiologia feminina: medicina no século XVIII.....	15
1. 1.– Erário Mineral (1735) de Luís Gomes Ferreira: medicina do século XVIII.....	18
1.1.1. Erário Mineral.....	19
1.1.2. Luís Gomes Ferreira.....	22
1.1.3. Os médicos e os cirurgiões.....	24
1. 2– “Da natureza da mulher”: o conceito de menstruação na Teoria Humoral Hipocrático-Galênico e na obra Erário Mineral (1735) de Luís Gomes Ferreira.....	26
1.2.1. Medicina Hipocrático-Galênico.....	28
1.2.2. Ataque histérico e supressão da menstruação.....	29
1.2.3. Hidropisia e ascite.....	33
1.2.4. Queda do útero.....	36
1.2.5. Erisipela (flegmasia uterina).....	37
1.2.6. O útero, o corpo e as “correspondências” em “Da natureza da mulher” de Hipócrates.....	40
1. 3– As concepções médicas acerca da menstruação na Idade Média ocidental.....	41
1. 4– As concepções médicas acerca da menstruação na Idade Moderna colonial portuguesa: <i>Lunários perpétuos</i> , curandeiras, parteiras e benzedeadas.....	48
1.4.1. Lunários Perpétuos.....	49
1.4.2. Manuais de exorcismo.....	50
1.4.3. Microcosmo e macrocosmo.....	51
1.4.4. Terapia africana.....	52
1.4.5. Terapia ameríndia.....	54
1.4.6. Curandeiras e parteiras.....	55
1.4.7. Uma gama de saberes e práticas medicinais.....	56
Capítulo 2 – “O primeiro desvio é o nascimento de uma fêmea”: a construção histórica do conceito de menstruação.....	60
2. 1 –Teoria Catártica e a interpretação da anatomia feminina.....	62
2. 2 – Teoria da <i>Plethora</i> ou Galenista, a natureza da menstruação e a dieta feminina.....	66
2. 3 – Teoria da Fermentação e a menstruação	72
2. 4 – Embriologia no setecentos: Teoria da recapitulação e o homem invertido.....	74
2. 5 – Fisiognomonía e a medicina: o rosto melancólico.....	83
2. 6 – Menstruação e histeria	90
Capítulo 3 – Plantas medicinais abortivas em Erário Mineral (1735): o excremento impuro e as substâncias ecbólicas e emenagogas no manual de medicina.....	94
3. 1 – Simpatia e antipatia: remédios e seus usos na América Portuguesa.....	97

3.1.1.Ferreira e os medicamentos para as disfunções uterinas.....	101
3.2– Triaga Brasílica: (<i>theriake</i>): uma panaceia, um antídoto universal.....	103
3.3– Arruda (<i>Ruta graveolens</i>)	115
3.4 – Ipecacuanha branca e preta (<i>Psychotria ipecacuanha</i> (Brot.) Stokes - <i>Rubiaceae</i>).....	119
3.5 – Ráiz de capeba (<i>Piper umbellatum</i> L)	121
3.6– Butua (<i>Chondodendron platyphyllum</i>).....	122
3.7 – Purga de Rom.....	124
3.8 – Aborto na Colônia mineira?.....	127
3.9 – Leite materno e menstruação: os humores femininos	130
CONCLUSÃO.....	136
FONTES DOCUMENTAIS.....	140
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	143

INTRODUÇÃO

Em diferentes culturas a menstruação é estigmatizada e conceituada como algo “sujo” e “impuro”, que deve ser mantido em sigilo. A sociedade como um todo tem a inclinação em acreditar que as mulheres, quando estão menstruadas, são fisicamente e mentalmente desordenadas, crença essa que as designou como descontroladas, doentes e histéricas (Barrington *et al*, 2021, p. 18). Considerando que esse tema tem o potencial de ser abordado a partir de diversas culturas é que nos detemos a descrever e compreender esse conceito a partir da concepção portuguesa no século XVIII (Dias, 2002, pp. 88-89, In: Furtado, 2002).

Priorizamos o foco da pesquisa nas descrições médicas sobre a menstruação escritas pelo cirurgião português Luís Gomes Ferreira, no manual de medicina de sua autoria *Erário Mineral* (1735). Duas movimentações importantes serão realizadas nesta dissertação: a primeira é de apresentar as descrições sobre as disfunções uterinas em *Erário Mineral* e, no segundo momento, identificar as substâncias e compostos utilizados por Ferreira para essas disfunções. Para obter uma compreensão das linhas de continuidade nos conceitos sobre a fisiologia feminina, realizamos uma análise comparativa de fontes primária e secundária nessas duas etapas entre o *Erário* e o tratado “*Da Natureza da Mulher*” do físico grego Hipócrates.

Com essas premissas indicadas, dividimos a dissertação em três capítulos. O capítulo 1 é centrado em discutir a fonte documental *Erário Mineral*, a biografia de Ferreira e sua experiência como cirurgião na Colônia mineira durante o século XVIII. Em seguida, no subcapítulo 1.2., realizamos a análise comparativa de fontes citada anteriormente, entre a fonte documental do período colonial e o tratado médico de Hipócrates “*Da natureza da mulher*” sobre as disfunções uterinas. O cotejar entre estas fontes documentais distintas ocorre porque Ferreira, tendo seu conhecimento empírico consolidado por paradigmas Hipocrático-Galênicos, vai se amparar no conceito de menstruação a partir dos aforismos gregos (Ferreira, 2002, In: Furtado, 2002).

No subcapítulo 1.3. iremos discorrer sobre o tratamento da menstruação no contexto do medievo. Será abordado de que maneira a medicina lusitana moderna preservou a lógica das práticas medievais, conjunto de saberes, a hierarquia nos domínios de curar e os estigmas acerca do sangue (Pissinate, 2018, p. 5). No subcapítulo 1.4. abordaremos o período correspondente ao domínio colonial português, momento em que apresentamos alguns dos médicos e cirurgiões portugueses que compactuam, em alguma medida, com as concepções médicas de Ferreira sobre o tratamento das doenças femininas, bem como será apresentado quem eram os agentes

de cura informais no interior da colônia mineira e como compreendiam o surgimento das doenças (Miranda, 2017, p. 17).

No capítulo 2 procuramos apresentar algumas teorias pontuais que buscaram interpretar, em contextos históricos específicos, o sangue menstrual, sendo elas a Teoria Catártica que é um sinônimo da Teoria Humoral de Hipócrates, a Teoria da *Plethora* de Cláudio Galeno e a Teoria da Fermentação ou Iatroquímica. No subcapítulo 2.4., acerca da embriologia e a Teoria da Recapitulação, explicamos como essas teses foram empregadas pela medicina para justificar a inferioridade das mulheres na escala do desenvolvimento embrionário humano. A fisiognomonía, abordada no subcapítulo 2.5., se centrou em explicar como a medicina usou características da compleição para afirmar que as mulheres eram mais propensas a desenvolverem doenças mentais.

Enquanto no capítulo 1 nos ocupamos com a descrição e discussão acerca das disfunções uterinas, no capítulo 3 focamos nas descrições das ervas e plantas medicinais, ou seja, os medicamentos que Ferreira elabora para tratar tais disfunções. Realizamos novamente o cruzamento dos escritos do cirurgião luso com a obra de Hipócrates, para identificar quais elementos comparecem ou se encontram ausentes, considerando não só a influência do hipocratismo na obra do cirurgião, mas também o novo contexto histórico e nova flora disponível na colônia mineira. Podemos adiantar que os componentes presentes em ambas as obras são essencialmente parte da composição de uma panaceia elaborada a partir de diferentes ingredientes chamada triaga brasílica. Elementos que não são mencionados no tratado de Hipócrates, mas que são abordados em Erário Mineral, serão explorados, pois consideramos relevante discutir os mesmos.

Ao final, no capítulo 3, acrescentamos uma discussão extra sobre o leite materno, que tem relação direta com as concepções gregas sobre a menstruação. Neste subcapítulo (3.8.) apresentaremos de que maneira os médicos do século XVIII interpretaram o leite materno, considerando-o como um dos humores femininos. Sua interpretação é carregada de ambiguidades como o próprio sangue menstrual o é.

A elaboração desta dissertação tem sua justificativa nos diversos estigmas acerca da anatomia feminina presentes, ainda hoje, em nossa sociedade. Percebe-se que há uma elaboração da realidade que ainda é perpassada por hierarquias biológicas. Isso se deve à concretização de discursos médicos no decorrer do tempo (Colling, 2011, p. 11). É por isso que o tema dessa dissertação, assim como a problemática, é a respeito da menstruação, porque levou muitos séculos para ser entendida como um fenômeno fisiológico natural da mulher (Rohden, 2000, p. 61).

Na Antiguidade grega ocidental tratava-se de um líquido desconhecido que evocou inúmeras suposições. É por isso que em nossa discussão será abordada a lógica dos físicos¹ gregos acerca da constituição anatômica (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). Trazer esses documentos trará maior clareza acerca das continuidades e permanências, tanto na mentalidade, quanto no comportamento dos atuantes da medicina no século XVIII (Poletto, 2011, p. 206).

A fonte documental na qual nos assentamos foi produzida e publicada no início do século XVIII. Neste período, as investigações no campo da medicina, tanto em Portugal quanto nos países europeus vizinhos, ainda estavam se sedimentando (Miranda, 2017, p. 283). A forma como era compreendida a menstruação ainda a ligava a um viés moralista, enxergando-a como algo sujo e impuro. O conceito de menstruação estava ligado à Teoria dos Humores Hipocrático-Galênicos, onde ela era compreendida como um fluido em excesso, porém mais venenoso (Furtado, 2002, p. 88, In: Furtado, 2002).

Com base nesse conceito de menstruação, exploramos a aplicação das figuras de linguagem da analogia, proposto pelo filósofo francês Michel Foucault em sua obra “As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas” (2000). As analogias mostram que a identificação de similitudes no uso de plantas específicas para tratar doenças femininas era, estruturalmente, parte do pensamento e filologia europeus (Foucault, 2000, p. 45). Além do mais, os físicos e médicos utilizavam analogias para descrever o funcionamento do útero, comparando-o a um animal enfurecido (Hipócrates, 1851, Carrat, *et al*).

É a partir desses pressupostos que buscamos construir essa narrativa, embasados em uma metodologia descritiva e explicativa, elencando autores familiarizados com o tema em questão. Como será observado, boa parte da bibliografia utilizada é do volume 1, de Erário Mineral, resultado da organização da historiadora Junia Ferreira Furtado, articulando também autores que trabalham com a história da medicina e do corpo feminino, como a obra “O corpo feminino em debate” (2003) das autoras Maria Matos e Raquel Soihet.

Pesquisadores internacionais como a historiadora britânica Helen King, especializada na medicina antiga grega e Thomas Laqueur com sua obra “*Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud*”(1999), que discute o conceito de *one-sex*, serão abordados, especialmente, quando nos aprofundarmos nas teorias sobre a menstruação, no capítulo 2. A abordagem aqui proposta demanda o emprego contínuo de conceitos interdisciplinares, isto é, o legado que

¹ O termo físico é utilizado para se referir aos agentes de saúde do século V a.C. O termo “médico” só vai começar a ser utilizado durante a Idade Moderna. Os físicos eram conhecidos como os antigos médicos, bem antes da Física ser como conhecemos hoje. A palavra Física significava estudo da natureza. Esta, por sua vez, era conhecida como filosofia natural (Machado, 1997). Na Grécia Antiga o ofício de físico não tinha nenhum estatuto oficial (Cairus, 2005, p. 204).

Ferreira deixou, de seu cotidiano de clínica e atuação neste manual, nos permitiu o estudo da História da Medicina de seu tempo. É devido a isso que trabalhamos com conceitos não só da área de História, mas da área da Medicina (Furtado, 2002, In: Furtado, 2002).

Capítulo 1 – Anatomia e fisiologia feminina: medicina no século XVIII

A anatomia e fisiologia, estudo da forma e da função, respectivamente, estão fortemente vinculadas à história da medicina. Na Europa, cada reino tinha sua própria dinâmica no que se refere às investigações nestes campos de saber. Embora Portugal, muitas vezes, seja taxado como uma nação “atrasada” em relação a áreas como anatomia e fisiologia, há o risco de sermos anacrônicos ao utilizarmos tal juízo de valor (Lopes; Motta, 2016, p. 46).

É importante ressaltar que Portugal não era uma exceção quando o assunto era a vigência do paradigma Hipocrático-Galênico. Isso implica em compreender que não houve a necessidade, na perspectiva de uma medicina que era baseada em uma anamnese de fluidos excretados pelo corpo, de uma investigação pormenorizada de órgãos, vísceras, ossos, fibras musculares, tendões e ligamentos. A medicina lusitana não era ignorante. E o fato de o século XVIII ser um período de transitoriedade neste campo de saber, em boa parte da Europa, faz com que nos deparemos com a coexistência de paradigmas que, hoje, tendemos a ver como profundamente antagônicos (Pessotti, 1996, p. 442).

As epistemologias gregas não foram superadas mesmo com a realização das primeiras dissecações executadas de maneira sistemática na Era Moderna. Ocorriam aulas práticas em boa parte das faculdades de medicina europeias e, ao mesmo tempo, muitos dos cirurgiões barbeiros (como Ferreira) não somente praticavam intervenções cirúrgicas profundamente invasivas como, não raras vezes, dissecavam cadáveres (Rohden, 2000, p. 26). Isso ocorria por conta de questionamentos que começavam a extrapolar verdades Hipocrático-Galênicas. Contudo, esses profissionais da área da saúde ainda enxergavam humores no interior dos corpos. Trata-se de um período de transição nestes campos de saber, que pede cuidado no trato historiográfico (Barreto, 2005, p. 23).

Inovações como as promovidas pelo filósofo natural Holandês Antoine Van Leeuwenhoeck, com a invenção do microscópio, ou mesmo pelo médico e anatomista Holandês Reinier de Graaf que descobriu os ovos nos testículos femininos² não se traduziam em fatos

² Em 1651 o pesquisador Harvey descreve pela primeira vez os ovários, no entanto, esses recebem o nome de testículos femininos. Apenas em 1672 De Graaf nomeou de “ovários” e observou os folículos, que ele acreditava

incontestáveis que foram, imediatamente, adotados nas salas de aula dos cursos de medicina. De fato, diversos paradigmas, hoje vistos como profundamente antagônicos no campo da anatomia e fisiologia, conviveram ou foram motivo de disputa na medicina por muitos anos (Porter e Vigarello, 2008, p. 453, In: Corbin, Courtine e Vigarello, 2008).

Embora o físico e historiador Thomas Kuhn tenha afirmado que paradigmas científicos não existem em regime de reciprocidade, não é o que se observa na História da Medicina (Kuhn, 2013, p. 78). No século XVIII se percebe essa conciliação. Embora, na teoria, o galenismo e a iatroquímica fossem sistemas de pensamento bastante distintos, na prática os profissionais da área da saúde mesclavam ambos os sistemas dando origem a conceitos originais (Freitas, 2022, p. 9).

A maior parte dos médicos e fisiologistas guiavam-se pelo humorismo Hipocrático-Galênico e preservavam ainda, nesse período, fórmulas medievais para o tratamento de doenças, boticas³ elaboradas a partir de componentes extraídos do reino animal e vegetal empregadas em uma terapêutica que não poupava o uso de purgativos, sangrias e chás a base de herbáceos, especialmente no caso de doenças (ou desequilíbrios humorais) relacionadas ao útero (Miranda, 2017, pp. 30; 326; 427). Ironicamente, em relação ao corpo feminino, a teoria dos velhos mestres da antiguidade clássica, que orientava profissionais da área da saúde e supria as lacunas de seus conhecimentos, teve uma sobrevida considerável (Esteves, 2021, p. 40; Rohden, 2000, p. 145).

Pelo fato de, em Portugal, se adotar por um longo período, obras de físicos da Antiguidade e do período medieval como Hipócrates, Galeno, Aristóteles e Avicena, além das coleções de Articella⁴, torna-se primordial abordarmos a fonte documental *Erário Mineral* (1735), a partir de uma contextualização que privilegie estas obras clássicas. O que nos ajudará a evidenciar toda uma herança médica, de mais de dois mil anos, ainda presente em tratados e manuais de medicina da Era Moderna, especialmente em campos de saber como anatomia e

serem os ovos, que eram fecundados por uma espécie de “vapor etéreo” que se desprende do esperma masculino (Astolfi; Develay, 2013, p. 17).

³ A botica podia se referir tanto ao estabelecimento onde eram vendidos os remédios, quanto ao próprio remédio. Desde 1640 as boticas, que se equiparam às casas de comércio, passaram a ser fiscalizadas. Antes da criação da Junta do Protomedicato em 1782, cabia ao físico-mor fiscalizar, com o auxílio de boticários já aprovados, as boticas em relação à qualidade e preço dos medicamentos (Edler, 2006, p. 21).

⁴ Trata-se de uma coleção médica de pequenos tratados que transmitem os rudimentos da medicina hipocrática e galênica para servir como um currículo básico. Os autores dessas coleções seriam salernitanos do século XII e XIII que teriam comentado sobre esses textos. O físico português Pedro Hispano (c. 1220-1277) de Portugal teve contato com essa documentação durante sua formação. Ele a teria acessado por meio das bibliotecas espalhadas pela Europa. Como a medicina lusitana moderna preservou boa parte da documentação utilizada durante o período medieval, é provável que a Articella fosse empregada no ensino das universidades (Arrizabalaga, 1998, p. 5).

fisiologia feminina (Cunha, 2010).

1. 1 – Erário Mineral (1735) de Luís Gomes Ferreira: medicina do século XVIII

Os estudos da área da anatomia e fisiologia que buscaram explicar, dentre outras partes, o funcionamento do útero, tiveram um papel primordial na formação dos físicos e cirurgiões portugueses, bem como sua compreensão sobre o corpo feminino a partir de 1772⁵ (Carvalho, 1987). Quando, finalmente, ocorre uma conciliação entre medicina e cirurgia com a Junta do Protomedicato⁶, intervenções intrusivas, como as lideradas por cirurgiões barbeiros e algebristas, antes consideradas intervenções menores, começaram a assumir novos papéis (Abreu, 2006, p. 42). Esta convergência permitiu uma nova dinâmica na arte de curar na medicina portuguesa (Pita, 2000).

No entanto, essa transformação demoraria a ocorrer no território da mentalidade, especialmente em relação às concepções sobre os fluídos corporais. Como já afirmado, o sangue era um fluido profundamente estigmatizado desde o período medieval (Le Goff; Truong, 2006, p. 40). Ainda no início do século XVIII houve considerável preconceito e desprezo em relação às profissões que trabalhassem com as mãos, atuando de maneira invasiva no tratamento de úlceras, fraturas, infecções e, conseqüentemente, no contato com sangue. Essa percepção hierárquica de que atividades envolvendo órgãos, tecidos e fluídos eram inferiores, persistiu até a Era Moderna (Cunha, 2010).

Em meio a essas hierarquias prevalecia, nas academias lusitanas, o paradigma Hipocrático-Galênico. A descrição e interpretação da estrutura desse conceito são de suma importância para a nossa discussão. Ele explicava que o ser humano continha sangue, fleuma, bile amarela e negra e essa é a natureza do corpo, através do qual adoece e tem saúde. O remédio, quando adentra o corpo, primeiro removia o que estivesse de mais acordo com sua natureza nos órgãos internos do corpo, para depois extrair e purgar os outros humores (Cairus, 2005, p. 43-44).

Essa teoria preconizava o emprego de plantas, substâncias e sarjadores para purgar e

⁵ Em 1772 ocorre a reforma da Universidade de Coimbra, onde nos Estatutos da Universidade vinculam os estudos anatômicos ao conhecimento das enfermidades. Para o aprendizado da anatomia, os Estatutos determinavam que se destinariam ao uso da anatomia todos os cadáveres que morreram no Hospital da Universidade [...] (Pereira; Cruz, 2009, p. 34). A física e a ciência seriam capazes de desvendar segredos da natureza e do corpo humano, as propriedades medicinais dos remédios resultam das propriedades físicas, agindo de forma mecânica sobre o corpo (Abreu, 2006, p. 179).

⁶ A Junta do Protomedicato foi criada em Lisboa em 1782 com o objetivo de regulamentar as práticas de curar (Abreu, 2006, p. 187).

equilibrar a fleuma, bÍlis amarela, bÍlis negra e sangue. Destes quatro humores o sangue que acompanhava a menstruação era classificado como o mais impuro dos fluidos, ideia amplamente aceita e disseminada por mÉdicos, cirurgies e boticários (Almeida, 2017, p. 49; Barrington *et al*, 2021, p. 18; Lourenção, 2016, p 45).

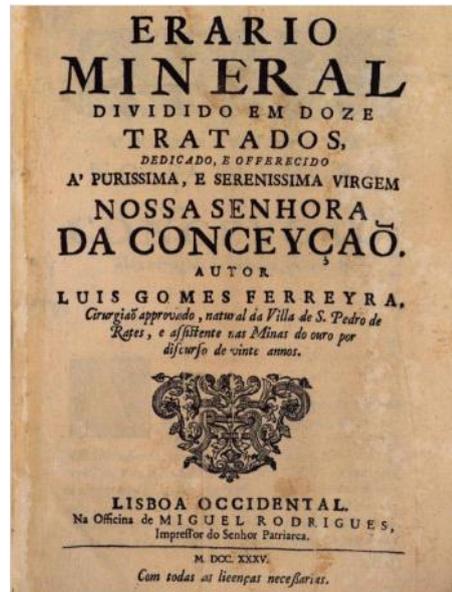
1.1.1. Erário Mineral (1735)

Apresentar os discursos, a estrutura, organização e tratados do Erário Mineral (1735) de LuÍs Gomes Ferreira, bem como o significado desse manual na história das publicações de obras no sÉculo XVIII, significa nortear o leitor tanto sobre a mentalidade desse cirurgião, quanto sobre o contexto em que a obra emergiu. É importante observar que, no inÍcio da obra há informações importantes relacionadas aos eventos daquele perÍodo. Um claro sinal de que, para ser publicada, uma obra tinha de passar por uma complexa sabatina que envolvia, por exemplo, a aprovação do Santo OfÍcio (Furtado, 2002, In: Furtado, 2002).

Embora nossa fonte documental trata-se de um compÊndio escrito por um cirurgião que não teve muito impacto na literatura mÉdica do perÍodo, ela nos legou seus conselhos práticos e contornos essenciais da medicina colonial mineira, o que nos permitiu iniciar a discussão acerca da menstruação e as teorias mÉdicas sobre ela (Furtado, 2002, p. 26, In: Furtado, 2002). AlÉm do mais, esse manual ainda não foi examinado sob o aspecto da menstruação, algo que nos permite investigar sobre esse tema a partir de um material menos conhecido deste perÍodo.

Em 1735 o manual Erário Mineral foi lanado e reeditado novamente em Lisboa em 1755. A edição mais recente foi publicada em 2002, em uma colaboração entre a Editora Fiocruz e o Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro, onde a organização foi feita pela historiadora JÚnia Ferreira Furtado (Furtado, 2002, p. 25, In: Furtado, 2002). Essa colaboração contou com autores de diversas áreas, que estudaram e discutiram o sÉculo XVIII, incluindo o campo da medicina. As imagens abaixo representam as duas versões de nossa fonte documental.

Figura 1 – Erário Mineral de LuÍs Gomes Ferreira (1735)



Disponível em: [Tratando os dentes, no tempo de Tiradentes - Xarope de Letrinhas](#)

Acesso em: 18 de Mai. 2024

Figura 2–Erário Mineral (2 Volumes) organizado por Junia Ferreira Furtado (2002)



Disponível em: [Erário Mineral - Luís Gomes Ferreira \(volumes I e II\) - Fundação Oswaldo Cruz \(Fiocruz\): Ciência e tecnologia em saúde para a população brasileira](#)

Acesso em: 18 de Mai. 2024

Não há evidências de que ele tenha escrito outras obras antes ou depois de o Erário Mineral, publicado em 1735. De acordo com Furtado (2002) após retornar a Portugal, Ferreira teria demorado menos de um ano para escrever o livro ou seus doze tratados, resultado de suas experiências práticas médicas realizadas no interior de Minas Gerais, publicando o livro na oficina de Miguel Rodrigues, na Lisboa Ocidental (Muzzi, 2002, p. 35,

In: Furtado, 2002).

Como trata-se de um período em que é necessária autorização do Santo Ofício para publicar, Ferreira se apresenta como um cristão, não como um judeu ou cristão novo. É possível verificar e compreender essa cautela nas apresentações, por exemplo, a partir da publicação do médico Simão Pinheiro Morão⁷, do seu trabalho chamado “Trattado único das bexigas, e sarampo, offerecido a D. João de Sousa”. Simão teve que alterar seu nome, fazendo um anagrama, publicando como Romaõ Mõsia Reinhipo, afirmando na capa da obra que possui todas as licenças necessárias para a publicação (Reinhipo, 1683, pp. 12-13).

A licença do Santo Ofício era a condição primeira para a publicação de manuais e tratados de medicina ainda no século XVIII, tratava-se de uma autorização concedida por entidades civis ou religiosas para publicar certos textos. A mesa sensória impunha punições muito severas, indo desde pagamentos de multas, confisco de bens, prisões e até mesmo pena de morte (Fleck, Dillmann, 2014, p. 47). Para que pudesse imprimir seu livro, um autor deveria obter as seguintes licenças⁸: Licença do Santo Ofício, Licença da Congregação, Licença da Ordem, Licença do Ordinário e Licença do Paço (Vieira, 1736, fol. 11r-21v).

Em nossa fonte documental é possível encontrar três licenças do “Santo Ofício”, concedidas por José Vaz de Carvalho, Dom Miguel Maldonado e Inocência Inácio de Moura (Ferreira, 2002, p. 191, In: Furtado, 2002). Para além disso, há outra característica que pode ser notada na obra, ou seja, a presença de sonetos laudatórios no início da mesma, que o próprio Ferreira compôs. Estes se referem a um romance heroico que o cirurgião barbeiro enaltece a si mesmo e a seu trabalho como cirurgião. Há também outros que enaltecem Minas Gerais, como também exaltam os velhos mestres que justificam as ideias e escolhas médicas dele para exercer sua profissão, que são eles “Hipócrates Galeno e Avicena” (Ferreira, 2002, p. 200 In: Furtado, 2002).

A necessidade dessas licenças nos faz refletir sobre quão trabalhoso era publicar tais obras. Isso significa pensar acerca da presença constante de noções católicas nos tratados médicos, como também perceber a contribuição para os estudos da história da Colônia que Ferreira nos legou (Furtado, 2002, p. 6, In: Furtado, 2002). A seguir, será abordada a vida de

⁷ Simão Pinheiro Romão foi um médico, um cristão-novo, nascido na Covilhã em 1618, formado em medicina na Universidade de Coimbra. Estabeleceu-se mais tarde em Lisboa e depois em Almada. Por ser descendente de judeus foi perseguido pela inquisição e viu seu pai, advogado Henrique Morão Pinheiro ser torturado e condenado à fogueira num auto-de-fé em 1668 (Cão, Boletim Histórico, 2017).

⁸ A partir da fonte documental do padre Antônio Vieira chamada “Vozes Saudosas, da eloquencia, do espirito, do zelo e eminente sabedoria do Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus, [...]” (1736) organizado por André de Barros, identificamos quais seriam as licenças necessárias para a publicação de livros em Lisboa (Vieira, 1736, fol. 11r-21v).

Ferreira e suas experiências como cirurgião na Capitania das Minas Gerais. A partir de alguns documentos e bibliografias selecionadas, apresentaremos autores que tiveram enorme influência na elaboração de seu trabalho.

1.1.2. Luís Gomes Ferreira

Ferreira era natural de São Pedro de Rates, comarca de Barcelos, Portugal. Licenciado em 1705, ele publicou o Erário Mineral em 1735, após viver em algumas regiões de Minas Gerais, como Sabará, Mariana e Ouro Preto, entre os anos de 1708 e 1733 (Furtado, 2002, pp. 7-8, In: Furtado, 2002). Antes de iniciar sua experiência nas Minas, ele teria exercido sua função na carreira da Índia, onde afirmava ter feito várias curas, principalmente de escorbuto, doença que afetava os homens durante o trajeto (Furtado, 2002, p. 8, In: Furtado, 2002).

O cirurgião não veio para as Minas Gerais com o intuito de se dedicar à medicina ou à cirurgia. Sua intenção inicial era tentar a fortuna no garimpo. No início do século XVIII, assistiremos a uma febre do ouro na Colônia, especialmente nas Capitanias de Cuiabá e Minas Gerais, o que levava aventureiros como Ferreira a acreditarem que iriam enriquecer em poucos anos. Contudo, começou a exercer seu ofício como cirurgião, quando percebeu que nas Minas não tinha médicos ou cirurgiões. Os povos padeciam de grande necessidade (Furtado, 2002, p. 5, In: Furtado, 2002).

As dificuldades que Ferreira encontrou na América Portuguesa eram decorrentes da sua formação europeia, que não conseguia corresponder à nova realidade das diferentes doenças que surgiam, especialmente na Capitania das Minas Gerais. As plantas medicinais à disposição nas matas, serras e carreadores coloniais eram diferentes (Cunha, 2010, pp. 269-271; Furtado, 2002, p. 14; Furtado, 2002). As concepções médicas de Ferreira estavam assentadas na cura por analogias a distância, teorias astrológicas ligadas a influências, simpatias e antipatias de natureza antropomórfica (Guimarães, 2005, pp. 502-503).

Foi por meio “da experiência prática que Ferreira reuniu realizando diversas curas em Minas Gerais” (Furtado, 2002, p. 6, In: Furtado, 2002) que se tornou possível conceber qual era o conceito de saúde e doença que ele tinha como fundamento em suas práticas médicas, quais os tratamentos ministrados, quais as ervas locais que ele fazia uso (Furtado, 2002, p. 6, In: Furtado, 2002). Pelos seus apontamentos, podemos perceber que ele reconheceu as diferenças no clima do Novo Mundo e qual solução que ele deveria elaborar para tratar as doenças endêmicas naquele novo espaço (Furtado, 2002, p. 14, In: Furtado,

2002).

Sua obra, que comporta doze (12) tratados, teve circulação na América Portuguesa dentro de sua própria categoria de ofício, os cirurgiões, devido a linguagem mais informal do conteúdo da obra. Considerando que era em idioma vernáculo, conseguiu com que seu trabalho fosse em alguma medida indicado a médicos e cirurgiões da Colônia. O capitão Manuel Ribeiro dos Santos, caixa e administrador dos Contratos dos Dízimos na Capitania de Minas Gerais, entre 1741 e 1750, revendia periodicamente o Erário Mineral (Furtado, 2002, p. 26, In: Furtado).

Ferreira (2002) legitimou sua obra se apoiando em Galeno⁹, Hipócrates¹⁰, Curvo Semedo¹¹, dentre outros (Wissenbach, 2002, p. 128, In: Furtado, 2002). No caso do médico João Curvo Semedo o cirurgião Ferreira (2002) faz menção às suas obras tais como *Poliantéia Medicinal*, de 1695, *Observações Médicas e Doutrinas de Cem Casos Gravíssimos* de 1707 e *Atalaia da Vida Contra as Hostilidades da Morte* de 1720 (Abreu, 2006, p. 148). Esse médico influenciou Ferreira especialmente no que diz respeito à forma de tratamento e uso de mezinhas e boticas. Como será exposto, a mesma terapia é encontrada nos Lunários Perpétuos, em circulação tanto na Metrópole quanto na Colônia mineira (Abreu, 2006, pp. 87-88).

Em sua obra, Ferreira não poupa elogios à sua própria atuação na Capitania das Minas Gerais, no início do século XVIII. Segundo o próprio o cirurgião, seus feitos ficaram memoráveis pelo fato de ter sido considerado um bom curador. Com efeito, ele teve a capacidade de assimilar a farmacopeia tropical e os conhecimentos empíricos dos praticantes

⁹Cláudio Galeno (129-ca. 210 d.C.) ou Claudius Galenus nasceu em Pérgamo, na Ásia Menor (hoje Turquia), na época um grande centro médico de culto e cura, onde estava sendo construído o templo de Asclépio, talvez por seu próprio pai, o famoso arquiteto Nikon. (Rebollo, 2006, p. 72, 73). A influência de Galeno na obra Erário Mineral (1735) é permanente, pois Ferreira se baseia nele quando escreve que a experiência confirmaria as respostas acerca do tratamento das doenças (Ferreira, 2002, p. 810, In: Furtado, 2002).

¹⁰Hipócrates nasceu em Cós em 460 a.C. e morreu em Larissa, aos 85 anos de idade, seus métodos de observação, sua certeza de não haver nada de sobrenatural na causa das doenças e sua escola o tornaram um exemplo de exercício da medicina, seu estudo da fisiologia repousa sobre a Teoria dos Humores, que durante muito tempo foi a base dos estudos médicos e estará presente em diversas discussões, principalmente na fonte documental Erário Mineral (1735) (Ferreira, 2002, In: Furtado, 2002).

¹¹João Curvo Semedo (1635-1719) foi pioneiro da medicina química barroca em Portugal, médico da família real de Portugal, da nobreza e das gentes humildes de Lisboa, inspirou com suas obras não só parte significativa das indicações feitas por Ferreira, como também esteve presente entre as populações letradas do Brasil colonial, ao menos como publicação mencionada nas coleções de livros existentes no Rio de Janeiro e Minas Gerais do século XVIII e início do XIX. A influência decisiva sobre o Erário parece ter sido a de João Curvo Semedo, através de seus diversos trabalhos: *Poliantéia medicinal*, de 1695, *Observações médicas e doutrinárias de cem casos gravíssimos*, de 1707 e *Atalaia da vida contra as hostilidades da morte*, de 1720 (Ferreira, 2002, p. 128, In: Furtado, 2002).

locais (Furtado, 2002, p. 15, In: Furtado, 2002). No Hospital Real de Todos os Santos onde se formou, a medicina estava pautada nos princípios Hipocrático-Galênicos, tratando as doenças pelos opostos¹², foi com essa mentalidade que ele chegou na Colônia (Nogueira, 2012, p. 29).

Pelo fato de Ferreira ter uma formação como cirurgião, enfrentou diversos embates na Colônia, sendo tensões resultantes das discussões entre a erudição dos físicos e a experiência prática dos cirurgiões. Mas, como consta em sua obra, Ferreira afirmava que somente com a experiência seria possível chegar à verdade sobre o tratamento das doenças (Furtado, 2002, p. 6-7, In: Furtado, 2002). Como veremos a seguir, existia uma hierarquia nítida nos ofícios de curar, o que impediu o desenvolvimento de muitas inovações no campo da medicina durante séculos (Lourenço, 2016, pp. 41-42).

1.1.3. Os médicos e os cirurgiões

Um aspecto significativo, que a medicina portuguesa do XVIII herdou da tradição médica medieval, foi a hierarquia ou mesmo a classificação de importância entre físicos (ou médicos) e cirurgiões. A medicina em Portugal, como em toda a Europa, em seus domínios dividia-se em dois ramos. Um era erudito, exercido pelos físicos formados e o outro mais prático, que era desempenhado por cirurgiões, parteiras, barbeiros, que realizavam sangrias, extraíam dentes e os algebristas (Furtado, 2002, p. 3, In: Furtado, 2002). Marcadamente hierárquicos, os físicos profissionais, isto é, os diplomados foram, até as primeiras décadas do século XIX, transigentes com as atividades médicas exercidas pelos práticos que não eram licenciados¹³ (Guimarães, 2016, p. 31).

Ainda que as cirurgias em geral eram consideradas artes menores, existia a cadeira de cirurgia na Universidade e esta era aprendida quando o interessado acompanhava o experiente (Sousa, 2013, pp. 33-34). O cirurgião recebe a licença para trabalhar na medicina

¹²A medicina Hipocrática-Galênica estava pautada em um método terapêutico cujo tratamento para as doenças consistia em levar em consideração a fisiologia, a psicologia e o modo de ser ou aparência geral da pessoa, onde houve prováveis vínculos entre os temperamentos (estados interiores) e a compleição (manifestações físicas), de modo que esse método era indispensável e continuaria por muito tempo enquanto a ciência não perscrutasse os eventos subcutâneos (Porter, Vigarello, 2008, p. 445) a teoria humoral será melhor explicada no próximo subtítulo.

¹³ A mudança de atitude das autoridades em relação ao controle do exercício da medicina pode ser percebida por um fato ilustrado de um preto forro chamado Adão, de Macacu, na província do Rio de Janeiro. Ele recebeu uma autorização oficial para praticar sangrias em 1815, fato esse que deixou os médicos na época irritados (Guimarães, 2016, p. 31)

mediante a concessão de um cirurgião-mor, e o físico de um físico-mor. Além disso, na América Portuguesa, as Câmaras exerceram autoridade sobre os profissionais de saúde, supervisionando as licenças de boticas e as fiscalizando. No entanto, na Colônia, alguns agentes de cura informais violavam essas regras (Abreu, 2007, p. 151).

Os cirurgiões eram frequentemente associados a esses agentes porque não possuíam a formação teórica sobre a medicina racional e dogmática que era ensinada aos físicos (Abreu, 2007, p. 151). Bluteau¹⁴ os chamava de “anatômicos indoutos”, pois era assim a definição acerca das artes mecânicas¹⁵, escrevendo que “era mecânico todo “o gênero de obras manuais, e ofícios necessários [...] como são os de pedreiro, carpinteiro, alfaiate, sapateiro”. Oposto a arte liberal, considerava-se o ofício mecânico “baixo, humilde”, prática indigna dos homens sábios (Bluteau, 1712-1728, p. 379).

Ao contrário das afirmações de Bluteau, isso não significa dizer que os cirurgiões eram pessoas com pouco respaldo para lidar com as enfermidades. Ainda que não tivessem a mesma formação, eles não estavam alheios ao complexo e multifacetado universo médico (Ribeiro, 2005, p. 5). No entanto, restrições legais foram impostas às atividades desses profissionais (Miranda, 2017, p. 17). Fica claro que diversos cirurgiões que exerceram a arte de curar em Portugal, se formaram em um contexto pouco propício para o conhecimento do corpo humano. Ferreira afirma não ter tido oportunidades de realizar dissecações durante sua formação e que seu conhecimento era apenas pela observação nas aulas, no Hospital Real de Todos-os-Santos (Abreu, 2006, p. 35).

Na Colônia Ferreira teve mais liberdade para adquirir experiência por meio da prática. Ele realizou uma autópsia no corpo de um homem escravizado, que tinha morrido por razões desconhecidas. Numa época em que tais procedimentos eram coibidos em Portugal, seus feitos devem ser lembrados como um avanço na contramão de epistemologias tão enraizadas nas academias (Wissenbach, 2002, p. 137, In: Furtado, 2002).

A partir dessa explanação acerca da obra *Erário Mineral* (1735), a biografia de Ferreira e de que maneira ele atuou na colônia, sabemos que os escritos dele possibilitaram o estudo de diversos aspectos da História da Medicina de seu tempo (Furtado, 2002, In:

¹⁴ Raphael Bluteau foi um clérigo que viveu entre os séculos XVII e XVIII, cujo ideias estavam em sintonia com os ‘modernos’, seu dicionário *Vocabulário Português e Latino (1712-1721)*, que teria demorado quase meio século para ser concluído, contém informações relativas às descobertas anatômicas. Contudo, deixa claro em seus escritos a diferença que existia entre as profissões dos médicos e cirurgiões (Abreu, 2011).

¹⁵ As artes mecânicas eram assim chamadas porque era uma forma de desqualificar o trabalho manual, a aristocracia setecentista desejava se manter como tal resguardando seus signos de honra. Os praticantes dessas atividades mecânicas estariam relegados a um patamar de subalternos em sua posição social (Guedes, 2006, p. 381).

Furtado, 2002). No entanto, como nosso foco principal de discussão é analisar as concepções de anatomia e fisiologia feminina no século XVIII, iremos apresentar no próximo subcapítulo o cruzamento de fontes entre a obra de Ferreira e um dos tratados de Hipócrates chamado “Da natureza da mulher”, em busca descrever e explicar quais as características comparecem, e as que não comparecem, em ambas as obras, no que tange as disfunções uterinas.

1. 2. – “Da natureza da mulher”: o conceito de menstruação na Teoria Humoral Hipocrático-Galênico e na obra Erário Mineral (1735) de Luís Gomes Ferreira

Este subcapítulo visa citar autores que influenciaram o trabalho de Ferreira, discutir a medicina Hipocrático-Galênica e, por último, enumerar e explicar os pontos de semelhança e divergência entre as descrições acerca das disfunções uterinas apresentadas por Ferreira e Hipócrates. O conceito de analogia, proposto por Michel Foucault em sua obra “As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas” (2000), se tornará aparente à medida em que nos aprofundarmos no cruzamento de fontes.

Um questionamento que poderia ser levantado ao início de nossa discussão seria se Ferreira teria lido de fato os aforismos de Hipócrates a partir da fonte documental dele, ou teria sido influenciado por essa epistemologia médica devido ao fato de que a mesma estava presente em outros trabalhos e se encontrava tão conectada às mentalidades de seus mestres, que o fez reproduzir esses aforismos. De fato, não há como saber. Contudo, é fato que muitos dos elementos do Hipocratismo estão presentes em seus tratados, e é a partir dessas descrições que faremos o cruzamento de fontes (Furtado, 2002, In: Furtado, 2002).

Podemos observar que Ferreira frequentemente extrapola a Teoria dos Humores, quando de sua interpretação acerca das disfunções uterinas¹⁶ (Ferreira, 2002, p. 423, In: Furtado, 2002). Como observaremos, ele acrescenta mais alguns aspectos, decorrentes de suas experiências e de seu próprio contexto social. Seus escritos nos conectam a outros autores, que podem ser físicos e cirurgiões. Mas é preciso ter cautela ao afirmar quem seriam eles (Furtado, 2002, In: Furtado, 2002).

Apesar de a pesquisadora Maria Wissenbach (Wissenbach, 2002, p. 128, In; Furtado,

¹⁶ Ao falar sobre os malefícios do sangue menstrual, Ferreira se baseia em um livro da Bíblia Sagrada, ou seja, uma interpretação católica. Hipócrates, por outro lado, não usa essa justificativa (e nem poderia) em nenhum momento. Segundo sua teoria da *physis*, a menstruação é considerada uma purificação. Assim, diferentes interpretações e contextos históricos (Ferreira, 2002, p. 423, In: Furtado, 2002).

2002) ter elencado o árabe Avicena como uma das grandes influências no trabalho de Ferreira, o cirurgião só faz menção à este apenas duas vezes em sua obra, e uma delas é para enaltecê-lo em um de seus sonetos. Descrições mais pontuais sobre o trabalho de Avicena não são identificados (Furtado, 2002, p. 38; Coelho, 2002, p. 200; In: Furtado, 2002).

Físicos portugueses como Francisco da Fonseca Henriques¹⁷, João Curvo Semedo¹⁸ e o cirurgião João Cardoso de Miranda¹⁹ são autores de fontes documentais que podem ser associadas a Ferreira, devido ao diagnóstico e prescrição de remédios com base na Teoria Humoral. Eles serão abordados em nosso trabalho também como via de cruzamento de fontes, pois alguns deles estiveram em Minas Gerais no mesmo período, ou são citados por Ferreira em algum momento (Wissenbach, 2002, p. 129; Furtado, 2002, p. 9, In: Furtado, 2002).

Outra influência que percebemos em seus escritos é da astrologia. De acordo com a médica e historiadora da ciência Maria Regina Cotrim Guimarães (2005), para se entender a medicina do século XVIII, praticada na Capitania mineira, é importante se ater ao fato de que a concepção astrológica do período também explicava como ocorria a saúde e a doença (Guimarães, 2005, p. 503). Desde a Antiguidade, a medicina Hipocrático-Galênica se baseou na astrologia²⁰ para tratar os doentes, guiando-se no movimento dos planetas. No entanto, é evidente que sua utilização no período clássico grego difere da do século XVIII, variando de cultura para cultura (Miranda, pp. 41; 275).

A razão de termos escolhido esse tratado específico de Hipócrates se deve ao fato de

¹⁷ Francisco da Fonseca Henriques (1665-1731) foi um médico português de Dom João V (1689-1750), suas obras, tais como *Medicina Lusitana* (1710), a *Dissertação dos humores naturais do corpo humano* (1715), a *Âncora Medicinal* (1721) e o *Aquilégio Medicinal* (1731) elucidam o pensamento médico ocidental e podem ser analisadas como um feixe de referenciais textuais que cruzam com os escritos de Ferreira (Nogueira, 2013).

¹⁸ João Curvo Semedo foi autor de inúmeros tratados de medicina, era um renomado médico em Portugal, formou-se pela Universidade de Coimbra e atuou por nove anos na Santa Casa da Misericórdia. Curvo Semedo se destacou por promover uma terapêutica que conciliava entre o galenismo e a iatroquímica, era, portanto, fruto de um saber em transformação, observa-se em seus tratados que a religião e medicina apoiavam-se mutuamente, Semedo ainda considerava a origem divina das doenças, onde a igreja afirma que com a queda do paraíso o ser humano estava fadado a perda da perfeição humoral (Lourenço, 2016).

¹⁹ João Cardoso de Miranda foi um cirurgião português, escreveu um trabalho chamado *Relação Cirúrgica e Médica* em 1747. Ele foi o descobridor de um primeiro medicamento para o tratamento do escorbuto (Badinelli, 2018, p. 38).

²⁰ De acordo com o especialista em religião comparada, filosofia e estudos judaicos Kocku von Stuckrad, a astrologia passou por diversos processos de adaptação entre diversas culturas e sociedades ao longo dos séculos. No século XV, por exemplo, houve especialistas astrológicos, que dominavam complicados métodos de cálculo dos astros. Contudo, a astrologia chegou ao debate público e tornou-se ainda mais popular com o surgimento da imprensa, de modo que diversas formas de interpretações foram surgindo (Stuckrad, 2007, pp. 243-244).

que muito tem se discutido sobre o tratado *Da natureza do homem*²¹, como é o caso do trabalho “Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença” (2005) do professor de literatura grega Henrique Cairus, entre outros autores. Mas em nenhum momento se discute acerca “Da natureza da Mulher”. Assim, se ater aos pressupostos filosófico-médicos do século V. a.C. acerca da mulher, e não a do homem, nos trará mais entendimento sobre as concepções médicas em anatomia e fisiologia do gênero feminino (Matos; Soihet, 2003).

1.2.1. Medicina Hipocrático-Galênico

Durante a Antiguidade grega o filósofo da escola pitagórica Empédocles (492-432 a.C) se deteve sobre o conceito de Aristóteles (384-322). Para Empédocles, na cosmogonia aristotélica o universo era composto por quatro elementos ou raízes essenciais: a terra, água, ar e fogo, respectivamente com as qualidades frio e seco, frio e úmido, quente e úmido e quente e seco (Lima, 1996, p. 47; Malagutti, 2004, pp. 10-11). Empédocles ainda argumenta que além dessas quatro raízes, há duas forças internas que causaram transformações: o amor e ódio (Cruz, 2019, p. 10).

Associada a teoria desses quatro elementos, houve uma transposição desse conceito dos quatro humores para explicar o corpo biológico, levando a obra de Hipócrates a corresponder com os quatro fluidos corporais vitais ou os quatro humores corpóreos essenciais à vida encontrados em todo ser humano (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). O equilíbrio destes quatro humores assegurava tanto a saúde quanto o seu desequilíbrio, seja por excesso ou diminuição de um deles, causaria doenças e/ou a morte (Miranda, 2017, p. 41).

A ideia era permitir que a doença se apresentasse em sua integridade. A dieta, neste contexto, era um fator muito importante para o processo de cura, pois os médicos entendiam que era necessário deixar primeiro atuar o poder curativo da natureza (*physis*), onde essa se reequilibraria sozinha. A atuação do físico era compreendida como o menos intervencionista possível, esta deveria apenas ajudar ou assistir a manifestação da doença. Entendia-se que a febre era encarada como um mecanismo positivo, cuja função era eliminar o fluido em excesso (Lima, 1996, pp. 47-48). Hipócrates compreendia que a cocção dos alimentos no fígado era o que formava o sangue venenoso (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

²¹ De acordo com Henrique Cairus o tratado *Da natureza do homem* é de autoria de Pólipo, discípulo e genro de Hipócrates, e Galeno acreditava que os oito primeiros parágrafos eram de autoria hipocrática, mas pondera sobre os sete restantes, sugerindo que possa ser de outras autorias, devido aos mercadores de livros de Alexandria e de Pérgamo (Cairus, 2005).

Cabe analisar as razões pelas quais as teorias hipocráticas, surgidas na antiguidade clássica, não só atraíram atenção até a Era Moderna como também se sustentaram por quase dois milênios (Miranda, 2017, p. 16). O argumento apresentado pelo pesquisador Roger French²² é de que não se pode afirmar que a medicina antiga era menos eficaz do que a nossa. Para ele, esses físicos, ao construir essa Teoria Humoral, fizeram isso, em parte, para ajudar a satisfazer as expectativas daquela sociedade e eles conseguiram (French, 2003, p. 1).

Uma das explicações possíveis para essa longevidade reside no fato de que esse paradigma envolve dados observáveis limitados, considerando que as descrições anatômicas tinham por base a observação de primatas e faziam inferências teóricas. Portanto, os dois pólos que constituem os limites para a maioria das explicações envolvendo fenômenos naturais (Boylan, 1986, p. 47).

O site²³ onde consultamos o tratado de Hipócrates é chamado “Antiguidade grega e latina desde a idade média”, tendo sido organizado por Philippe Remacle, Philippe Renault, François-Dominique Fournier, J.P. Murcia, Thierry Vebr. “Da natureza da mulher” faz parte da coleção *Hipocrática* e oferece muitas informações acerca da terapia de disfunções uterinas. Hipócrates citou desde doenças, pessários, injeções, fomentações e fumigações para o tratamento do útero (Hipócrates, 1851, p. 2, In: Carrat, *et al*).

Os próximos tópicos são resultados do cruzamento de fontes a partir de descrições de disfunções uterinas encontradas em Erário Mineral e em “Da natureza da mulher”. Além dessa exposição, alguns autores foram mencionados na discussão, com a proposição de ilustrar os estigmas persistentes em relação à fisiologia feminina.

1.2.2. Ataque histérico e supressão da menstruação – tópico 3.

O tópico chamado “Ataque histérico”, apresentado por Hipócrates, busca descrever um acidente uterino, algo que afetava rapidamente a saúde da mulher. Esse fenômeno ocorreria, principalmente, em solteiras e viúvas, por serem jovens e permanecerem na viuvez, respectivamente (Hipócrates, 1851, p. 3, In: Carrat, *et al*). No tratado chamado “A

²² Roger French é professor do Departamento de História e Filosofia da Ciência da Universidade de Cambridge e membro do Clare Hall (French, 2003).

²³ O tratado “Da natureza da mulher” que vamos utilizar foi traduzido, do grego para o francês, por Caroline Carrat e outros tradutores (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

Doença das Virgens”, Hipócrates descreveu as alterações de comportamento, alucinações e os delírios resultantes da retenção de fluxo menstrual, os mesmos relatados por Platão, Aristóteles e Plínio (Valadares, *et al.*, 2006 p. 120).

Hipócrates explicava que as doenças, em primeiro lugar, eram intervenções do divino no corpo humano, como também estas podiam ser diferentes de acordo com a idade. Para ele, primeiro deve se considerar as coisas divinas, para depois reconhecer as outras constituições que atuavam enquanto variáveis. Elas seriam a idade, estação do ano, lugares e ambientes em que as mulheres viviam. Seguindo essa linha de pensamento, ele escreve no tópico 1, que as jovens têm a produção de sangue mais úmido e em mais abundância, enquanto as mais velhas produzem menos sangue e geralmente são mais secas. Essas características definiriam os tipos de disfunções uterinas que cada uma desenvolveria (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al.*).

Historicamente, se consolidou durante tempo expressivo na medicina ocidental, a crença sobre uma doença chamada histeria, que era causada pelo útero reclamando por negligência. Platão afirmava que o útero era um animal dentro de outro animal e que, quando descontrolado, necessitaria ser apaziguado (King, 2011, p. 207). A partir dessas interpretações, surgiram vários tratamentos para o útero que, conseqüentemente, se estenderiam ao caráter da mulher. Hipócrates, ao criar a Teoria Humoral, se desdobrou para desenvolver uma terapêutica que desse conta de manter o útero estável e manso (Pinheiro, 2018, p. 484).

Aqui se torna relevante o conceito de analogia proposto por Foucault (2000, p. 45), pois os europeus compreendiam o funcionamento do útero por meio de similitudes. Isso significa que a maneira como eles descreviam o movimento do útero era baseado na analogia do comportamento de um animal enfurecido. De acordo com Hipócrates, uma mulher irritada ao lado de um tormento que provoca sua raiva foi interpretada como sujeita a influências além de seu comando. Esse é o efeito que o útero teve nas mulheres. Analogamente a um animal, o útero deve receber medicamentos para pacificação (Hipócrates, 1851, Carrat, *et al.*).

Para tratar o ataque histérico, Hipócrates receita que um vinho muito perfumado seja derramado na mulher, fazendo uma fumigação fétida para o nariz e aromática para o útero. Indica purgantes, leite de jumenta para beber e uso de pessário com poejo. Mas o fato é que ele termina o parágrafo dizendo que, para a moça, é aconselhado que ela se case e para a viúva é prudente que ela engravide, pois negar a própria natureza e as demandas do útero era flertar com a doença (Hipócrates, 1851, p. 3, In: Carrat, *et al.*).

Esse tipo de receituário também era recomendado por Ferreira (2002) onde ele indica para mulheres que têm acidentes uterinos ou sufocação da madre

cortem os cabelos das partes baixas da própria doente e botem-nos em brasas, e tome aqueles fumos pelos narizes, debruçada em cima, que logo se livrará do paroxismo por modo de milagre; é experimentado muitas vezes. Ou este: untem o palato ou garganta com fel de boi, que logo entrará em seu acordo. Ou este: metam na boca da madre um botão que leve dentro algália, que logo descerá a madre a seu lugar, e, ao mesmo tempo, tome pelos narizes fumos de coisas fétidas, como de solas de sapatos velhos, de enxofre, das verrugas da parte de dentro das mãos e pés de cavalos, e das rapaduras dos seus cascos, e outras coisas semelhantes”. (Ferreira, 2002, p. 337, In: Furtado, 2002).

Para curar a mulher de sintomas ocasionados pelo útero Ferreira recomenda essas mezinhas na intenção da madre retomar seu lugar e fazer a mulher voltar a ficar sã (Ferreira, 2002, p. 309 In: Furtado, 2002). Os gregos, e mais tarde Ferreira, empregaram o tratamento somatogênico de substâncias para tratar o útero errante, pois os odores agradáveis poderiam atrair o útero para o seu devido lugar e os odores desagradáveis poderiam dissipar (Ferreira, 2002, p. 337, In: Furtado, 2002).

No relato intitulado “Para curar obstruções em mulheres e fazer-lhe vir a sua conjunção, quero escrever as observações seguintes: observação em uma boa escrava do alferes João Rodrigues Cortez” (Ferreira, 2002, p. 308, In: Furtado, 2002) Ferreira escreve que essa mulher foi tratada por um médico quando apresentou sintomas como febre persistente e dores extremamente graves no umbigo e por todo o ventre. O médico recomendou banhos de água fria. Nessa lógica, a doença se dissiparia pelo tratamento dos opostos, isto é, a antipatia (Ferreira, 2002, p. 382, In: Furtado, 2002).

A terapia pelos opostos²⁴ no tratamento do sangue retido pode ser verificada em outras obras. Afim de demonstrar como esse argumento era empregado em outros países europeus, podemos citar um médico francês, cuja atenção se voltou para esse tipo de justificativa. Estamos falando de Ambroise-Auguste Liébault (1823-1904)²⁵ que atuou em fins do XVII e início do XVIII (Matos; Soihet, 2003, p. 69). A similaridade das teorias encontradas em tratados médicos de outros países evoca interpretações sobre o corpo

²⁴ Como será melhor apresentado no capítulo 3, Hipócrates fez uso de herbáceas, tratando os sintomas das doentes pela lógica da simpatia e antipatia, ou terapia dos opostos (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al.*). O médico deveria atuar em oposição às constituições das doenças. Nesta dinâmica, se a mulher estivesse com repleção ou excesso de fluido corporal a evacuação curaria, se apresentasse queda de temperatura, deveria tomar substâncias quentes (Ferreira, 2002, pp. 382-383, In: Furtado, 2002).

²⁵Foi o fundador da "Escola de Nancy" em 1866, Liébault foi ainda um seguidor de Abade Faria famoso como seu pupilo na história do magnetismo animal e por seu uso no cuidado da saúde.

feminino que se coadunam. Evidenciam a consolidação e continuidade dos tratamentos baseados na medicina Hipocrático-Galênica (Miranda, 2017, p. 28).

Ambroise-Auguste Liébault, pelos princípios hipocráticos, explica a supressão da menstruação por uma intemperança do útero. Ele escreve que as dores que a mulher sente durante a noite, os aborrecimentos, medo e paixões da alma são frequentes em viúvas, principalmente porque deixaram de purgar, isto é, menstruar (Fine, 2003, p. 69, In: Matos e Soihet, 2003). É como se as moléstias que assolam as mulheres congelassem seu sangue ao redor das veias do útero. Isso poderia ocorrer quando a mulher colocasse os pés descalços no chão com água fria, principalmente próximo de menstruarem. Para liberar o sangue retido, deveria colocar os pés em água morna (Fine, 2002, pp. 69-70, In: Matos e Soihet, 2003).

No que diz respeito ao ataque histérico, um médico francês que chamou atenção para esse tema foi Paul Briquet (1796-1881). Ele afirmou que a histeria era uma doença das paixões, sendo sentimentos intensificados que enfraquecem e pervertem as mulheres (Albuquerque, 2018, p. 7). Portanto, semelhante aos escritos de Hipócrates, essa doença causaria transtornos psicológicos (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). Mas, diferente de Hipócrates, Briquet afirmou que as mulheres são mais propensas a terem histeria não pela falta do ato sexual, mas por terem a necessidade de “sentir” em suas essências (Albuquerque, 2018, p. 7).

Nos Países Baixos, em 1653 o médico Holandês Pieter Van Forrest (1521-1597)²⁶ publicou um compêndio médico que incluiu um capítulo sobre doenças femininas. Acerca da histeria, Van Forrest aconselhava, tal como Hipócrates, a massagem genital (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). Mas diferente do casamento e o ato sexual, criou o massageador da genitália feminina (vibrador) (Haisch, 2022, p. 51, In: Tessarioli, 2022).

Como evidenciado até aqui, assim como em Portugal, também há indícios de percepções sobre ataques histéricos e supressão da menstruação pelo hipocratismo, nas outras nações europeias próximas. O que denota a permanência e eficácia de um paradigma capaz de explicar e propor soluções terapêuticas sobre disfunções uterinas ainda no século XVIII, sendo replicado em tratados médicos e tendo sua força renovada (Furtado, 2002, p. 88, In: Furtado, 2002).

²⁶O médico Holandês Pieter Van Forrest ficou conhecido por utilizar a massagem genital como um tratamento terapêutico, tratamento esse que vem avançando ao longo da história, onde pesquisas estão descobrindo os benefícios terapêuticos do orgasmo (Haisch, 2022, In: Tessarioli, 2022).

1.2.3. Hidropisia e ascite - tópico 2 e 11.

No tópico intitulado “Matrix hidropisia” Hipócrates registra como se deve tratar uma hidropisia que se forma no útero. Aponta que, quando essa doença ocorre, a menstruação é menor e pior ou cessa repentinamente. A barriga incha, os úberes secam, a mulher passa mal e se imagina grávida. A febre surge e a dor atinge o inferior do abdômem, o flanco e os lombos (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). Os textos hipocráticos revelam que, conforme as meninas vão crescendo, os canais de seus corpos são gradualmente abertos, para abrir passagem para os fluídos que seu próprio corpo produz (King, 1993, p. 17).

É devido a esse pensamento que o método terapêutico empregado incluía usar objetos para abrir canais, como é o caso dos pessários e purgativos (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). Aliás, se Hipócrates acreditava que o sangue da defloração, do parto e da menstruação provinham da mesma fonte, a hipótese é que a causa da hidropisia era também algum fluido em excesso, da mesma origem (King, 1993, p. 13).

Ferreira também citava o tratamento para a hidropisia, tanto em mulheres, quanto em homens. O cirurgião escreve que nas Minas, a hidropisia é ocasionada pela aguardente que brancos e negros bebem. Sendo prejudicial a saúde, ela era a causa de muitas mortes e doenças, pois

como são obstruções nas veias e canais de todo o corpo, no baço, no mesentério e no fígado pela maior parte, e esta mais difícil de curados brancos, de tal sorte se casam com este vício que, quase todos, morrem hidrópicos, sendo a origem desta hidropisia o formar-se-lhe no fígado obstrução, e aumentada esta por se ir cevando com a tal bebida e o fígado obstruto, vai inchando, e, inchado, faz compressão ao bofe e o vai apertando, de tal modo que os doentes desta obstrução vêm a morrer sufocados (Ferreira, 2002, p. 661, In: Furtado, 2002).

Ele afirmava que muitos morreram de obstruções no fígado pelo vício de beber aguardente de cana²⁷ (Ferreira, 2002). Um estudo feito sobre as aguardentes de cana-de-açúcar produzidas em Minas Gerais concluiu que foi encontrado contaminação por cobre²⁸

²⁷ O pesquisador Miguel Costa Filho (1963) chamou a atenção para técnica de fabricação da cachaça mineira que, na prática, poderia ser nociva, pois, o caldo da cana espremida em “contato com os cobres dos alambiques, se decompunha e se envenena com o sulfato de cobre, que se misturava, além de fermentar, [e] de se tornar ácido”. Costa Filho, 1963, p.119-122).

²⁸As aguardentes eram feitas em alambiques de chumbo com sua ceva de cobre. O professor Almeida Junior descreveu que em várias ocasiões a aguardente foi responsável pelo fim da paz social e prejudicial à saúde pública, desde os desatinos causados pelos índios viciados, aos desaforos dos negros apaixonados pela bebida que possivelmente continha cobre (Almeida, 1940).

nessas bebidas. O excesso de cobre diluído no organismo humano (hipercupremia) pode ser tóxico devido à afinidade do cobre com grupos S-H de muitas proteínas e enzimas. O que provoca doenças como epilepsia, melanomas, artrite reumatóide e doenças psiquiátricas (Azevedo, *et al*, 2003, p. 1).

No século XVIII, já era conhecido o envenenamento por vários tipos de metal, mas Ferreira provavelmente não sabia dos efeitos prejudiciais do cobre na destilação da aguardente que os homens e, possivelmente, as mulheres escravizadas que ele tratava estavam tomando. Ele só poderia supor que as mulheres sofriam de doenças devido ao excesso de humor causado pela menstruação atrasada (Ferreira, 2002, pp. 661; 788, In: Furtado, 2002), seu fígado não estava fazendo a cocção corretamente (Fine, 2003, p. 71, In: Matos e Soihet, 2003).

Na perspectiva humoral, cabe ressaltar que o fígado era um dos órgãos mais importantes do corpo (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). Ele seria responsável por cozinhar lentamente o excesso de sangue no corpo. O fígado era considerado como um forno, transformando o alimento em sopa de sangue nutritiva e o sangue que não conseguisse transformar seria retirado pela aplicação das sangrias, purgações ou vomitórios (Porter e Vigarello, 2010, p. 445, In: Corbin, Courtine e Vigarello, 2010).

O cirurgião estava convicto de que a aguardente causava obstrução no fígado. Este, por sua vez, não conseguia fazer a cocção completamente pelo excesso das bebidas, levando o paciente a adoecer e até morrer. O atraso na menstruação das mulheres poderia ser ocasionado, de certo, por vários fatores e o cobre encontrado nas aguardentes que elas preparavam, e provavelmente bebiam, poderia ser um deles. Os sintomas que elas apresentavam eram dores abdominais, magreza e náuseas (Ferreira, 2002, p. 297, In: Furtado, 2002).

Há, também, a possibilidade de que as mulheres estavam com uma taxa de gordura corporal baixa. A perda de tecido adiposo (gordura) influencia na produção de estrógenos ovarianos importantes. O que pode causar a amenorreia. Calcula-se cerca de 22% a quantidade de gordura corporal necessária para manutenção do ciclo menstrual (Da Costa Silva, 2019, p. 12). Os homens e mulheres cativos tinham na sua base alimentar o milho, às vezes criavam cabras e porcos. Mas certamente houve problemas de carência alimentar, que deixavam as mulheres desnutridas, alterando o funcionamento de seu organismo (Muchinski, 2018, pp. 5-6).

No caso das mulheres, Hipócrates alertava que a hidropisia surgia geralmente após um aborto, mas poderia ter origem em outras causas também. Ele ensinava que deveria ser administrado um purgante na paciente, aplicando um pessário cantárido²⁹ e, após três dias, aplicar o pessário biliar. Injeções de vinagre deveriam ser feitas e chá de casca de *Crithmum maritimum* (*Erithmum maritimum*, L)³⁰, para que a menstruação voltasse a descer (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). O uso de chás com base em raízes, para fazer vir a conjunção, também pode ser observado na terapêutica de Ferreira, dentre elas podemos citar a raiz de capeba, a arruda e a ipecacuanha (Ferreira, 2002, pp. 140; 384; 675; In: Furtado, 2002).

No tópico intitulado “Inflamação do útero; inchaço da barriga; ascite”, percebemos que a ascite, de acordo com Hipócrates, pode ser caracterizada como uma barriga d’água. A barriga pode ser às vezes dura ou mole. A menstruação atrasa ou não vem, isso porque a dor se manifesta na parte inferior do abdômen e lombos. A barriga fica tão grande que parece uma gravidez, onde passados dez meses, ela se enche de água. Por isso o físico deve aplicar um pessário e também injeções com vinagre nas matrizes, ou vagina (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). Mais uma vez se percebe que o excesso de fluído no útero, seja líquido ou o sangue da menstruação, são doenças que nascem no útero (King, 1993, p. 13).

De acordo com Foucault, as similitudes já se encontram na própria coisa, como uma “marca visível das analogias invisíveis”. Isso significa que todos os sintomas que as mulheres apresentam, sejam eles marcas que podem ser decifradas na cor da pele, inchaço, expressões de dor, aparecem quando o útero está causando algum problema interno. O excesso de fluido no corpo feminino, indicado na Teoria Humoral, é indicativo de problemas no útero. Pela analogia, Hipócrates retoma sempre a mesma explicação para esclarecer sobre as disfunções uterinas (Foucault, 2000, p. 35-36; Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

Ferreira também aborda a ascite e a caracteriza como uma hidropisia do baixo ventre. Ao citar Curvo Semedo, afirma que, pela influência dos saberes de Semedo, ele

²⁹ O uso dos pessários pode ser identificado nos registros históricos desde a Antiguidade grega, para o tratamento de prolapso vaginal (útero caído) e incontinência urinária, geralmente durante a gestação ou após parto. Hipócrates ainda cita o uso de pessários abortivos, que era uma mistura de substâncias e ervas que provocaria uma inflação quando colocado em contato com o colo do útero, causando, assim, o aborto, como observado no Tópico 32 de *A natureza da mulher* (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

³⁰ *Crithmum maritimum* é uma planta da família *Apiaceae*, típica da zona do Mediterrâneo, usada como alimento fresco, na medicina tradicional e com aplicações mais recentes na indústria cosmética. Rica em compostos fenólicos, não só pela sua caracterização química como também pela avaliação das suas atividades antioxidante, anti-inflamatória e anti-fúngica, além disso é conhecida por ser utilizada para provocar a menstruação (Guerra, 2018).

recomenda que se tome trociscos de alaandal³¹ para curar hidropisia. Para preparar esses trociscos, ele explica, é preciso acrescentar colóquintidas e alquitira, e, por fim, colocando óleo de amêndoas doces e está pronto o remédio (Ferreira, 2002, 416, In: Furtado, 2002).

Manter os fluidos corporais circulando e sendo evacuados é, então, uma forma de se equilibrar os humores, mantendo a saúde da mulher (King, 1993, p. 18). No entanto, é importante lembrar que a menstruação era frequentemente vista como uma doença ou uma deficiência da mulher em comparação com o homem. O que levava esta a ser lembrada, continuamente, que se não tivesse pecado, ela não seria contaminada pelo seu próprio sangue e, portanto, não sofreria de doenças do útero (Del Priore, 2004, p. 103, In: Del Priore, 2004).

Até aqui, é frequentemente observado que a perspectiva médica é quase exclusiva da mulher pelo e através do seu útero. O que indica que seu corpo foi historicamente concebido prioritariamente como um instrumento de reprodução (Del Priore, 2004, p. 82, In: Del Priore, 2004). É devido a isso que todas as doenças das mulheres aqui estão associadas, de alguma maneira, ao seu útero (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

1.2.4. Queda do útero - tópico 4

Ao discorrer sobre a “queda do útero” Hipócrates afirma que esta enfermidade ocorre quando a mulher, logo após dar à luz, vai dormir com o marido. O físico grego apontava que, quando o útero caía, é possível sentir calor especialmente nos órgãos genitais e no assento (Hipócrates 1851, apud, Carrat, *et al*). Se ele registra que o útero andava pelo corpo, causando sufocamentos na mulher (Martins, 2004, p. 39), assim como Galeno explica que a natureza do útero era fibroso (para que pudesse se contrair) e duro (para, caso ocorresse alguma oscilação, ele não sofresse e permanecesse reto, em seu devido lugar). Isso se dava porque o útero poderia se movimentar no corpo da mulher causando agitações (Falcato, 2020, p. 35). Mais uma vez observamos o emprego das analogias (Foucault, 2000, p. 35).

A terapêutica para “queda do útero” incluía o emprego de bagas de murta (*Murraya paniculata*) e raspa de lótus (*celtis australis*, L). As mesmas deveriam ser cozidas na água

³¹ Trociscos de alaandal, alandel ou alandroel se fazem com colocyntida, a que vulgarmente se chama cabacinhas, que são umas cabaças bravas, cuja carne é branca, leve, cortada em miúdos, moída, untada com óleo de amêndoas doces e incorporada com almecega, goma traganto e que se prepara um remédio para purgar a cólera (Semedo, 1707, p. 99).

e, depois de esfriar, passadas sob os órgãos genitais, aplicando como cataplasma. Além disso, Hipócrates também indicava que a mulher tomasse água com lentilhas, mel e vinagre para que o vômito fosse provocado até que a madre subisse, isto é, o útero (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). Dentro da lógica da antipatia, escolhendo os ingredientes certos, o vômito ocorria, o excesso saíria e a mulher voltaria a ficar sã (Ferreira, 2002, pp. 308; 382, In: Furtado, 2002).

Além das fumigações aromáticas, Hipócrates prescrevia também dietas com alimentos emolientes e frios como vinho branco diluído em água, proibindo o banho ou o coito (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). Se a mulher não cuidasse do útero, dando a ele um funcionamento, como gestar uma criança, ele iria gerar um colapso no organismo inteiro dela. Isso também explicaria os medicamentos para se colocar no nariz, pois o útero, por analogia, imaginado com tentáculos, se estenderia por todo o corpo, até alcançar a cabeça da mulher (Stigger, 2016, p. 7; Foucault, 2000, p. 35).

Ferreira em um de seus tratados “Para acidentes uterinos ou sufocação da madre” indica também que “[...] tome pelos narizes fumos de coisas fétidas, como de solas de sapatos velhos, de enxofre, das verrugas da parte de dentro das mãos e pés de cavalos, e das rapaduras dos seus cascos, e outras coisas semelhantes”(Ferreira, 2002, p. 337, In: Furtado, 2002). Assim como Hipócrates, Ferreira acreditava que os canais do fôlego estavam bloqueados pela irritação do útero (Ferreira, 2002, In: 252, Furtado, 2002). A estratégia era fazer com que os maus odores afugentassem o útero e o fizessem voltar ao seu devido lugar (King, 1993, p. 17;19).

Ferreira segue, portanto, a metodologia hipocrática ao indicar que as enfermidades uterinas ligadas à “queda do útero” devem ser tratadas “em água morna meia oitava de massa chamada assa-fétida, e se beba, que daí a um quarto de hora, ou menos, ficará em seu juízo e com sua fala natural” (Ferreira, 2002, p. 337, In: Furtado, 2002). A historiadora Mary Del Priore compreende que no século XVIII ainda se compreendia que a mulher sofria de histeria ou ataque histérico nessas situações. A mentalidade da época entendia que seria algum transtorno mental devido ao mau funcionamento de seu útero (Del Priore, 2004, p. 83, In: Del Priore, 2004).

1.2.5. Erisipela (*Flegmasia uterina*) - tópico. 13

A “*Flegmasia uteria*”, que Hipócrates denomina uma espécie de erisipela no útero, era uma doença que formava um inchaço no corpo. Esta começava pelos pés, com o tempo

se espalhava pelas pernas e costas, causando inchaço no estômago. A mulher sentia febre e fraqueza, levando a vítima a desenvolver uma postura arrogante e prepotente. A doença deixava a mulher fora de si, causando a hipocondria (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). A hipocondria, junto com a histeria, percorria lentamente o domínio das doenças de espírito e receberia o nome de *Passio cólica*, onde o espírito é irritado por uma matéria hostil, a menstruação (Foucault, 1972, p. 308).

Essas doenças de espírito poderiam ser decifradas pelos traços faciais, assim como as disfunções físicas, onde se observava o corpo, a barriga inchada e a palidez (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). Por meio das marcas visíveis, isto é, o comportamento, as expressões faciais, se diagnosticavam essas doenças. Por meio de analogias se compreendia que eram, em boa parte, resultantes do mau funcionamento do útero (Foucault, 2000, p. 35).

Hipócrates apontava que quando a flegmasia³² ocorre em uma mulher grávida é possível que cause a morte. Ele recomendava que se desse comida e bebidas refrescantes, sem teor abortivo para a gestante, como a arruda. Assim, demonstra preocupação com o uso indevido de certas ervas na cura de problemas uterinos. Caso a mesma não estivesse grávida, a mulher deveria comer mercurial e sabugueiro, se abstendo de coisas salgadas, gordurosas e azedas, como orégano e tomilho (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

A arruda, erva que será melhor apresentada no capítulo três, dentro da temática das ervas abortivas e ecbólicas, é uma planta medicinal de vários nomes. Podendo ser encontrados registros sobre o uso dela nas obras de autores como Plínio, o Velho. Foi frequentemente recomendada como um antídoto para picadas de animais peçonhentos (Hildegard De Birden, 1988-89, VIII, 38). A crença na eficácia terapêutica desta planta foi muito apregoada por europeus e árabes. No tratado de Hipócrates ela era indicada, dentre outras coisas, como um medicamento capaz de desobstruir o humor que se formava no fígado, e como se percebe, os físicos já sabiam de seu uso para provocar abortos (Hipócrates, 1851, Carrat, *et al*).

Como na Antiguidade não existia o conceito de nosologia³³, as enfermidades eram entendidas como humores em desequilíbrio, mesmo no caso de doenças como a erisipela (Abreu, 2006, p. 136). Ao mesmo tempo em que se compreendia que a arruda poderia

³² A doença chamada fleguimasia, citada nos tratados de Hipócrates hoje é conhecida no campo médico como flegmasia cerúlea. É uma incomum e grave complicação de trombose venosa profunda de membros inferiores, com altas taxas de morbimortalidade, e, devido a isso, as mulheres morriam durante o parto por causa dessa enfermidade (Filho, 2011).

³³ Ramo da medicina que estuda e classifica as doenças.

provocar o aborto, a lógica humoral colocava a erva como um componente capaz de liberar o humor que estava retido no corpo da mulher (Bellini, 2003, p. 34, In: Matos; Soihet, 2003). Nessa mesma linha de raciocínio a medicina no XVIII interpretou a menstruação como um excremento em excesso (Del Priore, 1993, p. 281).

Ferreira trata da erisipela com uma receita de butua (*Chondrodendron platiphyllum*). O cirurgião prescreve que “Bebendo água de ordinário bem cozida com esta raiz machucada e tomando, na mesma meia oitava do seu pó, ou em água de papoulas, ou de cardo-santo, é admirável remédio para os pleurises [...]”. Ele acrescenta que essa receita é para “a mulher que não pode lançar as páreas, ou lhe não correr o parto, ou tiver faltas na sua conjunção [...]”, receitando “a água bem cozida com esta raiz e molhar nela panos para pôr na erisipela” (Ferreira, 2002, p. 675-677, In: Furtado, 2002).

Tanto Hipócrates quanto Ferreira usaram métodos de tratamento similares, como o uso de ervas, para tratar erisipela, menstruação ou mesmo a placenta, pois esses eram entendidos como um fluido estacionado (Ferreira, 2002, p. 167, In: Furtado, 2002; Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). Podemos verificar essa compreensão na obra de Ferreira no capítulo dedicado ao glossário, onde no significado de páreas está escrito “mistura de humores que passam da mãe ao feto e saem depois do parto; tb. placenta” (Fagundes, *et al*, 2002, p. 795, In: Furtado, 2002).

O conhecido médico grego Pedânio Dioscórides (50 d.C.), cuja obra sobre drogas medicinais ainda era conhecida no século XVIII, em seu trabalho intitulado “*Sobre los remedios medicinales*” encontramos, no entanto, um olhar diferente em relação ao sangue menstrual. Para Dioscórides o sangue menstrual de mulheres em um unguento poderia servir para as dores de gota ou para erisipela, o mesmo poderia ajudar a prevenir a gravidez se passasse sobre o membro masculino (Palmesi, 2014, p. 112). Apesar disso, a argumentação que Dioscórides usava era pela correspondência de antipatia. O sangue menstrual, já separado do corpo frio da mulher, poderia causar um efeito inverso (Dioscórides, fol. 060v).

Não cabe julgar essas relações e disposições concebidas por esses físicos acerca dos fluidos corporais, isto é, as epistemologias que determinaram a existência da Teoria Humoral. Importa perceber os percursos do processo estudado (Latour, 2000). Como exposto até o momento, as descrições identificadas na obra de Ferreira, como na de Hipócrates, expõem a mentalidade de dois períodos históricos que, embora distantes, no campo da medicina, possuem uma narrativa terapêutica similar. Nessa etapa da dissertação percebemos a consolidação desse conceito e a sua capacidade de alcançar os tratados

médicos até o final do século XVIII (Miranda, 2017, p. 16).

1.2.6. O útero, o corpo e as “correspondências” em “Da natureza da mulher” de Hipócrates

Todos os outros tópicos sobre doenças uterinas, como “Leucorréia, tópico 15.”, “Metrorragia após aborto, tópico 16.”, “ Umidade do útero e consequentes abortos, tópico 17.”, “Remoção de regras, tópico 18.”, entre outros, há a utilização contínua de uma terapia destinada a aliviar os excessos humorais. O desequilíbrio humoral causava acúmulo de apostemas, inflamações, febre, dores e obstruções das passagens (Coelho, 2002, p. 157, In: Furtado, 2002) e em todos os casos o físico deveria levar em consideração a dieta, fatores ambientais e condições de trabalho (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

Hipócrates fez uso de herbáceas, tratando os sintomas das doenças pela lógica da simpatia e antipatia (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). O físico deveria atuar em oposição às constituições das doenças e, nesta dinâmica, se a mulher estivesse com repleção ou excesso de fluído corporal a evacuação curaria e se apresentasse queda de temperatura, deveria tomar substâncias quentes (Cairus; Alsina, 2007). O papel do físico era apenas colaborar com as forças naturais para a recuperação da saúde (Coelho, 2002, p. 156 In: Furtado, 2002).

Como exposto, o uso de analogias para compreender os sintomas das doenças fazia parte da instrumentação cultural do pensamento europeu. Esse conceito deve ser levado em consideração, porque a analogia foi o principal meio de criar compreensão e interpretação sobre doenças que eles, os físicos, não conseguiam compreender, como era o caso da função do útero e da menstruação (Foucault, 2000, p. 35).

Ferreira fez vasto uso de medicamentos que incluíam origem animal, vegetal e mineral, como também de origem humana. Ele, assim como Hipócrates, empregou o uso da estratégia das analogias e de remédios internos, tais como, “xaropes, pílulas ou trociscos [...]” e remédios externos, como “cataplasmas, emplastos e outros” (Ferreira, 2002, p. 158, In: Furtado, 2002; Foucault, 2000, p. 35). É por meio da observação que o físico recolhia informações, considerava “a aparência da pele, das mucosas e dos olhos, ou o estado das secreções e excreções, os movimentos do corpo, tais como tremores, calafrios, espasmos, convulsões etc” (Cairus e Alsina, 2007, p. 232).

As teorias do médico Alcméon³⁴ de Crotona estão presentes em todos os tratados do *Corpus hippocraticum*. De acordo com o filósofo, a doença sobrevém por diversos fatores. Pelo excesso de calor ou de frio, o ambiente onde o doente está e pela abundância ou carência de alimentos. O sangue ou o cérebro eram afetados por causas externas, como a qualidade da água que bebem ou certas regiões onde morava o enfermo (Cairus e Alsina, 2007).

Levando em conta todos esses aspectos, o homem e a mulher continuariam sendo percebidos de maneira distinta nos cuidados médicos. No que diz respeito às mulheres, a atenção dos médicos estava quase que unicamente voltada para o útero. Todas as enfermidades mencionadas nos tratados indicam claramente que o foco principal era a mulher como responsável pela reprodução. Todos os tratamentos, medicamentos e condições do ambiente eram pensados considerando a maneira como poderiam contribuir para que a mulher mantivesse seu útero em uso, impedindo assim possíveis complicações causadas pela menstruação (Rohden, 2000, p. 19).

1.3. As concepções médicas acerca da menstruação na Idade Média ocidental

Durante a Era Moderna a medicina portuguesa preservou a lógica das práticas terapêuticas medievais, com a prescrição de sangrias, purgas e clisteres aos doentes. Ainda preparava mezinhas à base de plantas, sujeitas a lavagens e macerações (Leite, 2012, p. 3.). A luz disso, torna-se imperativo expor alguns aspectos significativos na área da medicina nesse espaço/tempo, assim como os indivíduos notáveis que se engajaram no discurso sobre o conceito de menstruação nesse período (Lourenço, 2016, p. 33).

Com o declínio do Império Romano, a medicina leiga³⁵ perde seu espaço e, como, inicialmente, os reinos eram considerados desorganizados e as novas elites eram compostas pelos chamados bárbaros que, em geral, não sabiam ler, “as habilidades literárias ficaram restritas aos membros do clero” (Almeida, 2009, p. 39). A conhecida ordem dos beneditinos foi responsável pela tradução e reprodução dos textos da Antiguidade greco-romano. A partir das obras de Hipócrates e Galeno a igreja, com seu filtro moral, iria interpretar o corpo da mulher sob diversos estigmas (Miranda, 2017, p. 425).

³⁴ Alcméon de Crotona foi um filósofo e o autor da primeira doutrina médica ocidental sobre o binômio saúde-doença. Nos primórdios, a arte médica dependeu dos aportes teóricos da filosofia da natureza dos pré-socráticos (Cairus e Alsina, 2007).

³⁵ A medicina leiga aqui significa que a iniciativa de desenvolver remédios e apresentar diagnósticos foram cada vez mais delegadas a particulares, nesse caso, seria a ordem dos beneditinos (Almeida, 2009).

As tradições médicas antigas (e árabes), apesar de produzirem obras em contextos históricos diferentes, compreendiam o corpo da mulher a partir de três eixos, sendo eles a fisiologia/anatomia, a reprodução e as enfermidades (Rodriguez, 1995, pp. 109; 118; 130). Tais tradições, ao interpretarem o corpo da mulher, vão descrever o organismo feminino como complexo e interligado, mas cuja função principal é a procriação (King, 1993, p. 20).

Enquanto Hipócrates, numa perspectiva médica de produção racional de leis, dentro das possibilidades que ele tinha para desenvolver suas teorias, entendia que a menstruação da mulher significava um processo de purificação, no sentido de expelir o excesso de sangue, (Read, 2019, pp. 16-17), os físicos/clérigos medievos associavam fortemente esse sangue à moral deturpada da mulher (Del Priore, 1993, pp. 10;11;13). É sabido que “durante a Antiguidade e na Idade Média, as mulheres menstruadas muitas vezes foram privadas de tocar em flores, preparar alimentos e até de trabalhar”, portanto, eram constantemente censuradas (Miranda, 2017, p. 292).

É evidente que Hipócrates e Galeno, inúmeras vezes, fizeram considerações negativas sobre a relação do útero com o comportamento feminino. Entretanto, a inovação que a perspectiva medieval trouxe da teoria hipocrática era a da profunda ligação que faziam entre a mulher e a figura pecadora de Eva (Almeida, 2009, p. 48). Essa mentalidade culminaria em colocar as mulheres como vítimas preferenciais da caça às bruxas. Certamente, na visão cristianizada, o corpo da mulher se tornou um palco onde Deus e o diabo digladiavam (Del Priore, 2004, p. 78).

Ao associarem o útero e a menstruação a aspectos da doutrina cristã, a ligaram à maldição encontrada em Gênesis 3, 16, onde está escrito “Farei com que, na gravidez, tenhas grandes sofrimentos; é com dor que hás de gerar filhos [...]” (Bíblia Sagrada, 2009). Posteriormente observaremos que essa mentalidade pode ser verificada na obra de Ferreira, na qual ele expôs sobre a proibição da relação sexual durante o período menstrual. De acordo com o cirurgião “é tão danosíssimo o dito sangue que era proibido no Levítico ou lei antiga que a mulher e o homem não tivessem ajuntamento enquanto durassem os dias da menstruação” (Ferreira, 2002, p. 313, In: Furtado, 2002).

O corpo na vida agropastoril no ocidente europeu, durante o período medieval, não era entendido da mesma forma que na percepção cristã. A partir do início da cristianização na Idade Média as condições de conhecimento dos físicos e cirurgiões passaram a ser submetidas às doutrinas da igreja. Essa, por sua vez, concedia ao corpo apenas um valor de duração efêmera, o que importava era a alma (Zierer, 2002, p. 152). Embora o corpo fosse efêmero, não deixava de ser um templo e, nessa conjuntura, sofria uma forte pressão sobre

a sexualidade, especialmente em relação ao corpo feminino e o sangue menstrual (Miranda, 2017, p. 130).

Na obra do historiador francês Jacques Le Goff e de Nicolas Truong (2006) intitulada “Uma história do corpo na Idade Média”, no primeiro capítulo chamado ‘O tabu do esperma e do sangue’ ele explica que com o alvorecer do cristianismo no Ocidente “se materializa a repugnância em relação aos fluídos corporais: o esperma e o sangue” (Le Goff; Truong, 2006, p. 39). O sangue assume um símbolo dual³⁶, o sangue que forma a vida, mas ao mesmo tempo o sangue que é sujo, o da menstruação (Martins, 2018, pp. 143;147, In: Teodoro, 2018).

O tabu do sangue menstrual na Idade Média ocidental era decorrente, principalmente, de uma “transgressão da proibição eclesiástica feita aos esposos de copular durante o período da menstruação [...]”, pois “teria por consequência o nascimento de crianças com lepra, ‘a doença do século’” (Le Goff; Truong, 2006, p. 40). De acordo com a historiadora Mary Del Priore (1993) será a partir do século XII que a sexualidade vai ser associada ao tabu do sangue. Isso significa que ocorre a depreciação do corpo feminino pelo uso desviante de seu corpo, quando não correspondem às expectativas da igreja com seu papel de procriadora e tentam uma autonomia sexual (Del Priore, 1993, p. 279).

A obra "*De secretis mulierum*" é uma fonte documental que pode nos situar a respeito das concepções médicas sobre o corpo, a reprodução e a sexualidade da mulher na Idade Média, mais especificamente no século XIII. O "Segredo das Mulheres" foi um tratado médico originário da medicina escolástica, que foi traduzido do latim para o inglês. Sua autoria é parcialmente incerta e é considerada um pseudo-Alberto Magno (Pissinati, 2018, pp. 1-2). Alberto Magno foi um dos primeiros filósofos medievais a comentar sobre o *corpus aristotélico medieval*, era conhecido por transmitir o saber de Aristóteles, Galeno e Avicena, recebendo grande influência do campo da metafísica (Storck, 2010, p. 147).

Sua obra busca discutir, dentre outros temas, sobre a função da menstruação e os problemas do útero. A fonte vai, em grande medida, interpretar o funcionamento do corpo feminino, manifestando as ideias de inferioridade sobre ele, algo que é herdado da teoria aristotélica (Pissinati, 2018, pp. 2-3). Assim como Aristóteles e Galeno, Magno vai afirmar e justificar a hierarquização entre os corpos feminino e masculino. Essa diferença vai se dar

³⁶No século XII a imagem da mulher foi redimida para explicar aos cristãos a vinda de Cristo. Maria e Madalena são sacralizadas e passam a ser modelos e referências de comportamento. Portanto, havia a Eva pecadora, Maria com o modelo de perfeição, pureza e reprodutora e a Madalena, a pecadora arrependida. Ao dar a luz a Jesus, pelo papel de reprodutora e uso de seu sangue, que concede a vida, Maria redime a imagem diabolizante da mulher (Martins, 2018, p. 143, In: Teodoro, 2018).

pela falta de calor produzido pelo corpo feminino (Souza, 2012, p. 132).

Em um trecho do *De secretis mulierum* Alberto Magno escreve

Alguém pode perguntar, se os homens têm uma terceira digestão, por que eles não têm período menstrual? A resposta é que a terceira digestão ocorre no fígado, onde a maior quantidade de calor queima nos homens e por esta razão nenhuma impureza é deixada. Contudo, na mulher o calor é fraco, e então restam fluidos excessivos (Pseudo-Alberto, 1992, p. 71).

A ocorrência da menstruação é elucidada por meio da lógica Hipocrático-Galênico. Ele ainda acrescenta mais algumas informações, abrangendo suas observações acerca da anatomia feminina, onde diz que

A mulher e o homem certamente tem membros similares com respeito a existência de vida, mas não com respeito ao ato da geração. Contudo, de acordo com os médicos apesar da mulher não ter seus genitais para fora, ela entretanto tem seus testículos internos ligados ao útero por trás, e uma veia espermática como o homem tem (Pseudo-Alberto, p. 62).

Magno, por meio dos estudos de Galeno, entende que existia um propósito para a mulher ter o corpo mais frio que o homem. Sua função era não consumir todo o alimento que digerisse, pois o feto se alimentaria do que restou, no caso a menstruação (Falcato, 2020, p. 35). O sexo do bebê seria determinado pelo calor ou frio da fonte (útero), assim como pelo ambiente e pelos lados do útero (Boylan, 1986, p. 52).

Alberto Magno descreve a anatomia interna do corpo feminino para explicar por que as mulheres param de menstruar quando estão grávidas (Pissinati, 2018, p. 4). Para ele a “menstruação é convertida no interior em alguma coisa,[...] duas veias vão do útero para os seios, e então o fluxo menstrual é transferido para os seios, onde ele é cozido e adquire a forma de leite, e retorna pelas veias para nutrir o feto no útero da mãe” (Pseudo-Alberto, cap. II, In: Pissinati, 2018, pp. 4-5). Como resultado, o sangue menstrual tem dois significados: o lado ruim é visto como veneno, enquanto o lado bom pode ser transformado em alimentos saudáveis para o bebê (Yalom, 1997).

A concepção medieval sobre a anatomia da mulher descrevia, com base em Galeno, que a menor quantidade de calor no corpo da mulher fez com que ela não tivesse desenvolvido plenamente seu órgão genital, ao contrário do homem (Falcato, 2020, p. 35).

Essa lógica vai tratar a mulher como um homem invertido³⁷, aquela que tem o órgão reprodutor para dentro, um homem defeituoso e incompleto (Laqueur, 2001, p. 16).

Alberto Magno, fazendo uso das teorias fisiológicas aristotélicas, afirmava que a mulher era um macho impotente, pois acreditava que a tendência da natureza é sempre produzir machos e não fêmeas. O nascimento de uma mulher seria uma espécie de anomalia no processo reprodutivo. Eram, assim, consideradas monstros da natureza. Magno explica que a menstruação é um superfluido de alimentos expelido do corpo mensalmente (Pissinati, 2018, p. 4) e é a partir desse sangue que se inscreve uma lista enorme de prejuízos e danos. O útero vai se tornar o centro da narrativa médica para elencar as doenças e os problemas uterinos (King, 2011).

Foi se baseando nos escritos produzidos durante a Antiguidade grega que o imaginário médico medieval constituiu a visão negativa sobre o corpo feminino, incorporando mais alguns elementos de ordem religiosa. Ao ler os relatos de Magno, nota-se que a preocupação se incidia sobre como solucionar os males que ocorriam nas mulheres com frequência, invariavelmente advindos do útero (Souza, 2012, p. 134). Magno escreve “*Acerca dos defeitos do útero*”, concentrando sua atenção nele, pois acreditava que era o causador de todas as enfermidades femininas (Pissinati, 2019, 6).

Por assentir que as mulheres sofrem de sufocação da madre³⁸ “[...] porque estão cheias de corrupções e menstruação venenosa” é que determina a prática mais recorrida no período medieval para desobstruir as vias e veias: a sangria (Pseudo-Alberto, cap. XI, 1992, In: Pissinati, 2018). A sufocação da madre era entendida, na concepção médica do século XIII, como resultado da falta de relação sexual que terminaria no coito, por isso era recomendado que parteiras fizessem a prática masturbatória, mas jamais pelos médicos, devido a toda uma censura sobre os corpos (Pissinati, 2018, p. 6).

Nota-se uma disputa de percepções nesse momento. Enquanto o físico sugere uma conexão entre a sexualidade e a manutenção do bem-estar, o pensamento religioso e

³⁷ Galeno escreve que a constituição anatômica dos órgãos reprodutores da mulher, seja a forma, a posição e o tamanho tem um propósito. No caso da mulher, pelo útero estar abaixo do ventre, este seria o melhor local para a recepção do sêmen, o crescimento do feto e, por fim, a concepção (Falcato, 2020, p. 35). Além disso, Galeno infere que o sêmen da mulher também era importante no processo da reprodução, uma vez que, afirma que ele influa na forma e na matéria do embrião (Bellini, 2003, p. 32, In: Matos e Soihet, 2003).

³⁸ Ferreira no Tratado III: Da miscelânea em Erário Mineral (1735) descreve o que seria sufocação da madre. Para ele seria um tipo de acidente uterino, onde a madre (o útero) sai do lugar. (Ferreira, 2002, p. 337). Em seu entendimento, a sufocação é ocasionada por “vapores que dela se levantam”, (Ferreira, p. 759), isto é, do útero, visto que Hipócrates no Tópico 48 de “Da natureza da mulher” afirmou que se o útero alcançar a cabeça, pode causar a histeria (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). Mas durante o período medieval a sufocação da madre, para os médicos, foi associada a obstrução das veias e falta de relação sexual (Pissinati, 2018).

altamente moralizante vai restringir esses atos sexuais, recorrendo às parteiras. É Devido a esse contexto que Alberto Magno faz ressalvas em suas prescrições médicas, pois muitos dos fundamentos em que ele estava assentado iam contra os costumes da sociedade da época (Pissinati, 2018, pp. 6-7). E embora o saber médico medieval possa parecer, aos olhos contemporâneos, paradoxal em muitas situações, ele encontra certa lógica que será apropriada para o seu contexto social. Importa perceber os percursos desse processo estudado, sem que se julgue suas epistemologias (Latour, 2000).

Um aspecto que fica evidente quando lemos os tratados médicos medievais é que esse período experimentou um grau significativo de estigma associado à exposição de fluidos corporais, particularmente o sangue (Le Goff; Truong, 2006, p. 40). Consequentemente, isso deu origem a uma mentalidade caracterizada pelo preconceito em relação às profissões³⁹ que envolviam trabalho manual, no tratamento de úlceras, fraturas e contato com o sangue. Essa crença foi mantida durante a Era Moderna (Cunha, 2010, p. 273).

Embora a sangria fosse uma das soluções viáveis quando a mulher estava com excesso de sangue parado em seu corpo, ela não era realizada pelos médicos. Esta era uma tarefa de cirurgiões, barbeiros e boticários, devido ao desprezo em relação aos ofícios práticos que tratavam sangue, úlceras e feridas (Abreu, 2006, p. 42). Segundo Jacques Le Goff (1993), para se entender como a medicina estava organizada na Idade Média é preciso considerar o estudo das hierarquias dos ofícios de curar, pois elas eram caracterizadas levando em consideração aspectos econômicos, sociais e a mentalidade da sociedade daquele período (Cunha, 2010).

Destarte, purgar e fazer sangrias era a principal forma de tratamento, pois ajudaria na desobstrução das veias, aliviando o corpo do acúmulo de humores em excesso (Abreu, 2006; Barreto, 2011). Instrumentos como clísteres e sarjadores, inventados e usados desde a Antiguidade europeia, continuam sendo aplicados durante o período medieval. Os responsáveis pelas aplicações, os cirurgiões, eram encarados, como afirmado, enquanto praticantes de um ofício menor, devido ao contato com fluídos corporais como o sangue. Mas o sangue menstrual era ainda mais estigmatizado, pois unia o fato da condição biológica

³⁹ Segundo o médico Jean Luís Neves Abreu em sua obra “O corpo, a saúde e a doença: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII” (2006) ele descreve que a Arte Médica em Portugal estava claramente dividida durante o Antigo Regime. De acordo com Abreu a medicina dividia-se em Mecânica e Doutrinal, onde a primeira o campo da atividade dos boticários, cirurgiões e barbeiros e o segundo era da alçada dos médicos, ligado ao diagnóstico e a prescrição terapêutica. Esse último era legitimado enquanto um saber médico acadêmico, de caráter prático e teórico (Abreu, 2006, p. 36).

feminina, que as tornavam suscetíveis às tentações da carne (Raminelli, 2004, p. 42, In: Mary Del Priore, 2004).

Para além da dimensão apresentada pela obra de Magno, uma obra chamada “*Thesaurus pauperum*” (século XII) de autoria do físico⁴⁰ português Pedro Hispano (1215-1277)⁴¹ também figurou como um dos livros médicos mais editados durante o período medieval. No *Thesaurus* Hispano busca, dentre outros assuntos, escrever sobre as enfermidades e problemas das mulheres. Discorre sobre a sufocação da madre, excesso de fluído menstrual, doenças dos seios, impedimento da concepção, receita paras as mulheres conceberam e para dificuldades no parto (Hispano, 1973, In: Pereira, 1973). A exemplo de seus contemporâneos, as receitas coligidas por Pedro Hispano estavam em conformidade com as teorias anatômicas e fisiológicas da medicina Hipocrático-Galênico (Santos; Fagundes, 2010, p. 334).

Não podemos deixar de citar uma figura muito relevante no campo da medicina nesse período, que foi a alemã Hildegard Von Bingen (1098-1179). Poeta, musicista, botânica, teóloga, astrônoma, escritora e curadora, Hildegard compôs vários manuscritos em que demonstrava estar familiarizada com a medicina Hipocrático-Galênica. Bingen também fez observações originais e propôs novos tratamentos para diversas enfermidades (Borghazan, 2015, p. 96, In: Sigolo, 2015). Embora baseada na Teoria Humoral, fez extrapolações teóricas e metodológicas sobre o corpo humano e suas enfermidades, concebendo, inclusive, uma relação de igualdade entre homens e mulheres (Costa; Costa, 2019, p. 181).

Outra mulher igualmente importante foi Trotula de Riggiero (1050-1097), tendo sido a primeira mulher a escrever um tratado de ginecologia. Considerada um expoente da escola médica salernitana no século XI foi, por muito tempo, ignorada. Depois do século XVI duvidou-se, inclusive, da existência da autora e, sobretudo, de seu gênero (Natansohn, 2005, p. 298). Ironicamente, ainda hoje as áreas das Ciências da Saúde dedicadas ao corpo

⁴⁰ Ao empregar a palavra físico, especialmente se tratando de figuras do período da Idade Média, significa dizer que são aqueles com uma formação regular e formal, um título que o diferencia do cirurgião, especialmente porque trabalham com o diagnóstico das doenças externas (Hispano, 1973, In: Pereira, 1973).

⁴¹ Papa João XXI, antes chamado Pedro Julião (Petrus Juliani), nasceu em Lisboa e ocupou o sólido pontifício entre no início do século XII. Homem de Igreja, é por uma longa tradição identificado como Pedro Hispano (Petrus Hispanus), a quem está atribuída uma extensa obra escrita de lógica, filosofia, medicina, zoobiologia, mística e alquimia, com uma também movimentada carreira académica que teria passada pelo menos pelo ensino em Paris, no norte de Espanha, em Toulouse, em Lisboa, em Siena, antes de entrar ao serviço da cúria pontifícia (Meirinhos, 2009, p. 1).

feminino são, em sua maioria, desenvolvidas por homens (Del Priore, 2004).

Todos esses autores e autoras medievais, em algum momento, fizeram uso da astrologia para medicar e prescrever remédios para as doenças das mulheres. De fato, a astrologia⁴² foi amplamente utilizada nesse período e, no campo da medicina (Vicente, 2020, p. 134, In: Filho, 2020), existia uma prática simbólica concebida da astrologia que guiava os métodos terapêuticos, onde o macrocosmo, movimento de estrelas, planetas e natureza, influenciava o microcosmo, o corpo humano. A astrologia médica continuou a existir na Era Moderna, podendo ser encontrada em vários tratados médicos, como observaremos no próximo tópico de discussão (Guimarães, 2005, p. 503).

O estigma associado ao sangue, a presença frequente dos aforismos Hipocrático-Galênicos nos escritos médicos da Idade Média e a influência da astrologia são alguns dos aspectos que consideramos relevantes para abordar nesse capítulo. Nota-se, mais uma vez, que a atenção dos médicos sempre se voltou para o útero da mulher. E no período medieval o medo do sangue menstrual é acentuado pela visão cristã, que coloca a mulher em uma posição de pecadora, que deve ser controlada. Uma visão que, como veremos a seguir, continuará a predominar nos tratados médicos e manuais de medicina no século XVIII (Del Priore, 1993, p. 4).

1.4. A menstruação na medicina colonial portuguesa: *Lunários perpétuos*, manuais de exorcismo, curandeiras e parteiras

A construção do saber no campo da medicina e da anatomia feminina, como observado até aqui, envolveu vários domínios do conhecimento ao longo dos séculos. Muitas técnicas e teorias foram se mesclando, isso porque, na busca por requerer para si a primazia da interpretação das doenças e conservação da saúde, coexistiram os preceitos da moral religiosa, a metafísica e a astrologia. Estes eram tão importantes quanto a medicina dogmática e racional portuguesa que, baseada no hipocratismo, postulava interpretações sobre a anatomia e fisiologia feminina (Viana, 2008, pp. 37; 38; 47). Essas outras esferas de saber tinham o mesmo peso de legitimidade que os *Tratados médicos* produzidos pelos

⁴² É difícil saber onde e em qual povo a astrologia surgiu, mas no mundo ocidental ela surgiu com os Caldeus, por meio dos povos muçulmanos que entraram via península Ibérica a partir do século VIII, porém foi no século XIII que o monge inglês Roger Bacon sugeriu que a astrologia fosse dividida em duas partes, entre a supersticiosa, que foi muito criticada por Santo Agostinho, e a científica, essa última ligada à matemática e filosofia (Vicente, 2020, In: Filho, 2020).

letrados durante a Idade Moderna (Abreu, 2007, pp. 153; 192).

Neste capítulo, o foco está em identificar quais materiais escritos foram usados para difundir informações sobre saúde e doença na América portuguesa no século XVIII, bem como descrever o conteúdo que foi divulgado. Será exposto quais eram as terapias que circularam na Colônia, incluindo a medicina ameríndia e africana, bem como as práticas parturientes e de cura realizadas por parteiras e curandeiras, respectivamente. Ao final, discutiremos, brevemente, como esses conhecimentos e práticas estavam ligados em relação às concepções sobre a anatomia feminina.

1.4.1. Lunários Perpétuos

No século XVIII, a presença de manuais de medicina⁴³ instrucionais seriam constantes no interior da malha social e psicológica na Capitania das Minas Gerais, servindo-se de consulta tanto pelos médicos quanto pelo público leigo, sendo manuseados com a finalidade de instrução da vida, sobretudo da saúde (Viotti, 2020, p. 186). Em suma, se na Idade Média “a prática astrológica não é integralmente condenada, apenas quando utilizada de acordo com os “matemáticos”, os *magi* do oriente, que praticavam as previsões do futuro através do posicionamento dos astros”, no período setecentista, uma dessas esferas do saber seria os almanaques que eram chamados *Lunários Perpétuos* (Andrade, 2017, p. 335).

Os *Lunários* exerciam um papel salutar na condução da vida dos indivíduos na Capitania mineira. Seus diagnósticos eram como uma sentença quase definitiva (Viana, 2008, p. 59). Seguindo fenômenos da própria natureza, ensinavam “minuciosamente o que são as ciências complicadas dos astros, [...], regras para conhecer as horas do dia e da noite, remédios estupefacientes para alguma moléstia nos humanos, nos animais e nas lavouras” (Figueirêdo, 2014, p. 26).

Tais almanaques eram frequentemente consultados por padres, servindo como auxílio em seus ensinamentos para ressaltar o que cabia a Deus e o que cabia ao homem. Eles eram, de fato, horóscopos populares tidos como infalíveis (Miranda, 2017, p. 275). Como as fronteiras entre o racional e o supersticioso eram bastante porosas, observa-se que o corpo

⁴³ Ao tratar de textos médicos circunstanciados no século XVIII em Portugal e no Brasil, é necessário dividi-los em, pelo menos, dois grupos. O primeiro grupo é produzido por cirurgiões e médicos que tratam os temas de forma histórica e teórica, podendo ser considerados tratados médicos ou tratados de medicina. O segundo grupo recebe a designação de manuais, onde sua produção direciona-se a um público mais amplo, não necessariamente acadêmico, com funções mais práticas. Desse modo, a diferença entre esses dois textos está em sua estrutura interna e o acesso a determinado público. (Abreu, 2011 p. 10).

clerical ao mesmo tempo que absorvia essas concepções e crônicas populares em seus ensinamentos, se afastava dessas mesmas leituras e práticas⁴⁴ em busca de um conhecimento erudito e religioso (Ferreira, 2021, p. 35-36). É possível perceber, então, que esses almanaques eram “intermediários culturais, agindo como filtros entre a cultura letrada e oral”, esses exemplares “incorporavam preceitos das camadas populares” (Abreu, 2011, p. 58).

1.4.2. Manuais de exorcismo

Tal como existia a presença de manuais de medicina e *Lunários*, também era recorrente o uso de *manuais de exorcismo*, sob os domínios da religião, mas assinalando que condenavam as “artes associadas a sortilégios e ao demônio, como eram a hidromancia, a aeromancia, piromancia e a necromancia” (Abreu, 2011, p. 100). Estes manuais recomendam o uso de substâncias parecidas, senão as mesmas, para o ato de exorcizar, como é o caso dos amuletos. Os sacerdotes que se utilizavam destes manuais, alegavam que as curandeiras eram praticantes de magia, e que o feitiço realizado por elas resultaria nas moléstias e doenças. Por isso nenhum remédio se valeria para curar, senão pelo exorcismo (Nogueira, 2011, p. 9).

A medicina portuguesa adotou ideias de magia para tratar doenças que não podiam ser curadas com medicamentos. Por exemplo, orações e esconjuros eram usados para combater doenças do demônio. Uma delas era a melancolia. Curvo Semedo e Bernardo Pereyra eram físicos que faziam essa indicação terapêutica (Abreu, 2006, pp. 152; 247). Curvo Semedo, um dos físicos que mais influenciaram o Erário Mineral de Ferreira (2002), fazia uso de mezinhas⁴⁵ para expulsar demônios do corpo de mulheres, homens e crianças (Semedo, 1705, pp. 565-567).

A melancolia foi reforçada pela Teoria dos Humores. Os médicos e padres acreditavam que as mulheres, com seus corpos frágeis e defeituosos, eram vítimas de várias doenças espirituais. A luxúria pode causar tristeza no coração, mas a melancolia é uma forma

⁴⁴ Crenças e práticas aqui se refere ao uso de mandinga pelos negros escravizados na Bahia no século XVIII. A Inquisição portuguesa atribuiu a eles essa prática, inclusive o Santo Ofício provocou temor na população quanto ao uso dessas bolsas de mandinga (Ferreira, 2021, pp. 35-36).

⁴⁵ Na observação CI da obra “Observações médicas doutrinaes de cem casos gravíssimos” (1705) de Semedo, ele escreve que trata de “vários doentes enfeitados, e ligados por arte diabólica de tal forte que huns ficarão incapazes de coabitar com suas mulheres” (p. 565). Nesse caso, Semedo indica uma situação onde a “mulher enganada pelo diabo, ou algumas feitiçeras [...] dá de beber ao homem seu sangue mensal, isto é, sua menstruação (p. 567). Os sintomas seriam efeitos de loucuras, fúrias, medos e lágrimas. O médico, então, receita “três onças de água benedita vigorada, ou onça & meya de vinho branco de infusão” (Semedo, 1705, p. 567).

mais aguda dela. Desde a Idade Média, ela tem sido relacionada às forças diabólicas (Abreu, 2006, pp. 246-247). Quando se desconfiava que uma pessoa estava com alguma doença de feitiço, se presumia que o humor onde o diabo mais atuava era sobre a melancolia (Nogueira, 2011, p. 11).

1.4.3. Microcosmo e macrocosmo

Essa gama de campos de interpretação acerca da vida, da natureza e do corpo culmina em um conjunto de percepções e experiências inseridos no interior desses tratados médicos onde o corpo é visto como um microcosmo⁴⁶, sobretudo no século XVIII, “marcado pela influência da religião, da astrologia e da magia” (Abreu, 2011 p. 14). De fato, o saber popular continha essa variedade de práticas há séculos, “mantendo a crença na magia, nos poderes ocultos, nas cirurgias espirituais, no curandeirismo, na urinoterapia [...]” (Coelho, 2002, p. 168).

Saberes ocultos como a piromancia e aeromancia, praticadas no interior da América Portuguesa, que buscavam curar e prever o futuro por meio do contato com a natureza, indica como esses indivíduos pautavam-se nos quatro elementos naturais para encontrar respostas sobre a vida e doenças (Le Goff; Truong, 2006, pp. 16; 95; 156). Interessante observar uma dinâmica que possibilitava o diálogo de métodos entre o paradigma Hipocrático-Galênico e outras áreas de saber, por meio da crença na influência dos astros e os quatro elementos naturais sobre o corpo (Viana, 2008, p. 111).

De acordo com a percepção de correspondência entre universo e o corpo humano, como explicado pelo clérigo Raphael Bluteau, o médico português Brás Luis de Abreu⁴⁷ ilustrou e descreveu que todos os elementos que estavam dispersos no mundo se encontravam resumidos no corpo do ser humano. Vinculado aos princípios galênicos e mágicos da medicina portuguesa, Luis de Abreu faz diversas analogias entre o corpo humano e a

⁴⁶ A concepção do corpo microcosmo presente na medicina portuguesa no século XVIII tinha sua base na tradição astrológica, filosófica, mágica, alquimista e médica. O conhecimento tinha por base fazer analogias entre o corpo humano e os astros, de modo que os planetas tinham domínio sobre os temperamentos e órgãos do corpo, devendo o médico estudar os astros para alcançar a compreensão sobre o homem. (Abreu, 2011, p. 56- 57).

⁴⁷ Brás Luis de Abreu nasceu em Leiria em 1692 e faleceu em 1756, foi um Médico português, exposto em Coimbra em cuja Universidade se formou em Medicina. Sua obra “*Portugal Medico ou Monarchia medicolusitana: historica, practica, symbolica, ethica, e politica*” (1726) discorre sobre o âmbito dos mundos criados no Macrocosmo e Microcosmo, dividindo a discussão em três amplos reinos: animal, vegetal e mineral (Abreu, 1726).

natureza. Existia, por exemplo, o mundo pequeno e o mundo grande (Abreu, 1726, p. 2-3). Esse tipo de conhecimento fazia parte de uma tradição filosófica, astrológica, alquimista e médica astrológica, alquimista e médica que já existia desde a era greco-romana. No entanto, ele continuou a se espalhar na era árabe medieval e mesmo durante o Renascimento (Abreu, 2006, p. 79).

Esse campo era um saber que ainda estava intimamente ligado às mentalidades, no cotidiano de uma sociedade ainda apegada a essas associações (Abreu, 2011, p. 106). De fato, tendo surgido desde a Antiguidade, seus vestígios alcançaram uma longa duração. Com base nesse conhecimento eram propostas analogias em que colocava o corpo da mulher intimamente ligado às fases da lua. O sangue e o corpo da mulher eram compreendidos como conectados a poderes misteriosos, cíclicos e vivificantes do cosmos (Jaggar; Bordo, 1989, 107).

Isso significava pensar na própria origem da palavra menstruação, que está relacionada à lua, já que deriva dos gregos, com a ideia de mês lunar. Eram considerados alguns fatores quanto a relação da menstruação com a lua: a influência da lua sobre os mares e os fluídos humorais, o tempo e a semelhança da duração do calendário com o ciclo menstrual (Iglesias-Benavides, 2009, p. 280). Isso se comprova pela existência dos primeiros calendários, que eram lunares e se relacionavam inequivocamente com os períodos menstruais. O próprio fenômeno das mulheres menstruarem ao mesmo tempo, depois de um período convivendo juntas, era tido como um dos poderes misteriosos delas. Hoje se sabe, por meio da biologia, que esse fenômeno é devido aos ecto-hormônios chamados de feromônios que transitam entre os corpos (Jaggar; Bordo, 1989, p. 107).

1.4.4. Terapia africana

Quando refletimos sobre a terapia africana, consideramos relevante indicar dois pontos importantes: a influência nas práticas médicas em Portugal e no Novo Mundo e a visão de determinadas culturas africanas sobre a anatomia e fisiologia feminina. Essa explanação será feita de forma concisa, considerando nosso foco principal nas ideias de Ferreira sobre o sangue menstrual.

Identificamos que uma das práticas médicas combinadas à terapêutica lusitana foi o emprego de elementos de sua versão africana, cuja contribuição ajudou a resolver problemas médicos no XVIII, com o tráfico de componentes. Esses elementos eram plantas, minerais, raízes, partes de animais, oriundos da África Centro-Occidental (Bertolossi, 2006, p. 4). Há

registros de que um dos conhecidos viajantes responsáveis por recolher informações sobre especiarias do mundo natural africano foi Joaquim José da Silva (Fagundes, 2017, p. 3).

Ele teria passado “por Ambaca e prospectou plantas medicinais úteis, que possivelmente poderiam ser do conhecimento do Físico-mor da 1ª Escola Médica de Angola de 1791”. Essas plantas alcançaram outras extensões do Império, como o Novo Mundo e a região da Capitania das Minas Gerais. Assim, utilizaram dessa “bioprospecção da África” para a agregarem à sua farmacopeia europeia (Fagundes, 2017, p. 3). Em relação às terapias africanas, encontramos indícios de quais seriam os elementos usados para a cura de algumas doenças.

De acordo com um documento do Santo Ofício de Lisboa, nas Minas Gerais do século XVIII, um homem negro forro chamado João da Silva, oriundo da Costa da Mina, estando uma vez no Rio das Pedras, era solicitado por seu vasto arsenal de feitiços (Nogueira, 2013, p. 257). O documento registra que João da Silva dominava conhecimentos herbários, usando raízes de figueira brava, raiz de abutua e raízes que ele chamava de “paratudo” para provocar vômitos e curar feitiços (Antt. Inquisição de Lisboa. Processo n. 252). Essa última, chamada nas Minas de “paratudo”, que era “pós de casca grossa e amarela” é mencionada na terapêutica de Ferreira em especial para episódios de “dores de barriga e “cólicas” (Ferreira, 2002, p. 363, In: Furtado, 2002).

Cabe ressaltar alguns atributos culturais que suscitavam semelhanças entre as percepções do corpo feminino nas culturas portuguesa e africana. Cada sociedade tem sua própria cultura, com valores e concepções sobre o corpo, que moldam a forma como eles interagem entre si. No entanto, percebemos que na cultura africana Yorùbá existia uma visão que convergia com a dos médicos portugueses do século XVIII, onde se concebia o sangue menstrual como algo mágico. A cultura Yorùbá compreendia que esse fluido era a fonte de poder das mulheres e concebia que ele seria capaz de tornar impotente qualquer medicamento, caso entrasse em contato (Akínrílì, 2011, p. 4). Uma visão muito semelhante à de Ferreira, que considerava a menstruação um veneno e um meio pelo qual as mulheres enfeitiçavam os homens (Ferreira, 2002, p. 423, In: Furtado, 2002).

Em outra cultura, dentro do *ethos* de alguns grupos da cultura rastafári, quando a mulher estava menstruando, ela não deveria cozinhar ou se aproximar das plantações, pois o sangue era maléfico. Nesse contexto, é importante considerar as conexões do povo israelita com essa cultura, onde a Bíblia foi revisitada para fornecer valores sobre os fluidos femininos. Como resultado, o tratamento adequado para mulheres menstruadas é a reclusão, até que elas se recuperem completamente. Isso ocorre ciclicamente (Santos, 2018, pp. 119-

121).

Nota-se que se tratam de epistemologias da saúde, pois para tais pessoas essa crença representava uma verdade sagrada para a cura. Isso porque o corpo não é só uma entidade biológica, mas também um fenômeno cultural histórico (Santos, 2014, p. 56). A visão sobre a menstruação, como algo que se deve evitar, é compartilhada entre essas três culturas. Além disso, à luz dessas observações, pode-se compreender que, ao afirmar a noção de que a magia sempre emana do corpo feminino, torna-se evidente que existe um objetivo que exige cuidado e regulamentação, especificamente no que diz respeito ao útero (Federici, 2017, pp. 413-414).

1.4.5. Terapia ameríndia

Nesse tópico cabe compreendermos que o conhecimento indígena tradicional exerceu influência nos tratamentos médicos portugueses, ao lado do entendimento de que as mulheres indígenas praticavam o aborto há muito tempo, com o emprego de ervas nativas do Novo Mundo. O antropólogo norte americano George M. Foster (1913-2006) refuta a ideia de que a Teoria Humoral tenha sido introduzida pelos colonizadores entre os indígenas, embora se possa pensar que teria sido expressa no comportamento dos portugueses. Isso é refletido aqui porque os indígenas possuíam a sua própria cosmovisão em relação ao tratamento das doenças, e mesmo um olhar sobre os temas menstruação e aborto (Canesqui, 2007, p. 207).

Embora submetidos aos tratamentos galênicos praticados pelos jesuítas, os ameríndios também possuíam percepções próprias acerca da saúde. Seu conhecimento encontrou espaço nas prateleiras das boticas portuguesas, especialmente em relação ao uso de plantas e raízes. As cerimônias de cura indígenas eram baseadas na intimidade com a flora medicinal brasileira. A questão é entender que tanto na medicina informal quanto na medicina erudita, as referências às plantas vão representar uma forma de agressão à doença. O fator distintivo entre essas duas culturas está em suas percepções sobre as doenças. No caso dos indígenas, eles combateram moléstias com a invocação do nome de certas plantas que eram consideradas mágicas por eles (Del Priore, 2004, p. 89).

Quanto ao aborto, as mulheres ameríndias preparavam chapoeiradas, que eram conhecidas como chás abortivos tradicionais. Existem diversas variações destes chás, mas sabe-se que eles combinavam o uso de diversas ervas, canela, vinho fervido, cachaça, dentre outros temperos de comida. Eram inseridos dentro da vagina para causar o aborto. Elas se

baseavam nos princípios simpáticos da magia (Canesqui, 2007, p. 208). É importante reconhecer que cada nação indígena possuía uma abordagem única para a preparação de remédios, bem como a resolução de doenças uterinas. Embora breve, é importante mencionar essa cosmovisão, pois o propósito é ilustrar sua existência e atuação na América portuguesa do século XVIII.

1.4.6. Curandeiras e parteiras

Até o momento foi demonstrado que existia grande número de culturas e pessoas que praticavam as artes de curar na América portuguesa, mas de forma informal, sem formação acadêmica, o que hoje é compreendido como um fenômeno muito mais ligado às demandas da população colonial do que a oferta de uma mão de obra com formação acadêmica regular. Neste capítulo, discutiremos acerca das curandeiras e parteiras, buscando compreender como elas atuaram na colônia e de que modo concebiam a saúde e a anatomia feminina (Mira, 1947, p. 88). Como veremos, tinha um cristianismo marcado por diversos ritos, liturgias, regras e controles impostos pelos colonizadores e houve também a religiosidade, que era caracterizada como mística, por vezes sincrética e ligada a símbolos e rituais. Essa última era praticada por agentes de saúde como curandeiras e benzedoras (Ribeiro, 2013, p. 1).

As curandeiras que, raramente, eram letradas, invocavam suas orações, e convertiam seus pacientes em seres vulneráveis a qualquer fenômeno ou modificação climatérica. Elas faziam conjurações associadas ao uso de ervas, consideradas mágicas, para afastar a doença e o mau (Del Priore, 2004, p. 90). Praticavam suas curas no interior das vilas e arraiais onde eram procuradas. Como afirmado, a despeito de haver uma enorme escassez de médicos na região, as populações da colônia, na verdade, tinham preferência por agentes de saúde populares, como é o caso das curandeiras e parteiras (Soares, 2001, p. 421).

A figura das parteiras está presente nas documentações médicas ao longo dos séculos, visto que, em Portugal, seu exercício profissional foi regulamentado desde o século XVI⁴⁸ (Mira, 1947, p. 88). Portanto, cabe ressaltar que a crença milenar hipocrática e platônica sobre a circulação e movimentação do útero no interior do corpo da mulher provinha não só das teorizações médicas, mas também das concepções das parteiras do século V a.C. . A

⁴⁸ No século XVI em Portugal o exercício profissional das parteiras foi regularizado, pois, para além dos trabalhos de parto, elas eram chamadas como peritas nos casos de infanticídio. Exigiam-se delas um exame e uma licença para o exercício da profissão, tanto na metrópole quanto na colônia, do contrário haveria penalidades previstas (Mira, 1947).

mesma é recapitulada pelas parteiras da América Portuguesa. Partejar, até onde se pode verificar nos registros históricos, era um papel tradicionalmente exercido por mulheres chamadas parteiras ou comadres (Colling, 2013, p. 4).

A exemplo de boa parte dos físicos e cirurgiões barbeiros, as parteiras mineiras do início do século XVIII tratavam os problemas uterinos com base no humorismo galênico. Estas combinavam observação e experiência utilizando substâncias, chás e unguentos que se misturavam com superstições e devoções para auxiliar na cura da doente (Cunha, 2010, p. 256). Segundo a historiadora da ciência Londa Schiebinger essas mulheres eram especialistas em saúde da mulher, seu conhecimento tradicional era transmitido por meio de uma ampla rede de relações e gerações (2001, p. 209). O conhecimento empírico das parteiras era técnico, pois resolviam problemas uterinos pela prática (Pinto, 2005, pp. 136-137).

Em Portugal muitas parteiras, criticadas pelos físicos, intervieram no tratamento do doente. Ainda que a responsabilidade pelos partos passasse das parteiras para os cirurgiões a partir de 1750, pertencendo a categoria da cirurgia, as mulheres da colônia mineira na América portuguesa, distantes dos ditames da metrópole, continuariam exercendo essa função, pois já se tratavam entre si há muito tempo (Miranda, 2017). No entanto, se os físicos lusitanos estavam em conformidade sobre os problemas terríveis que o útero poderia causar, mesmo as mulheres desse período aceitavam a teoria de que sua menstruação era de fato venenosa (Del Priore, 2004, p. 103).

Os físicos, mantendo distância do sangue e das úlceras das mulheres, como assinalava seu ofício (Abreu, 2006, pp. 36-37), alertavam os cirurgiões e parteiras para o uso excessivo de sangrias durante o parto. Como exemplo, o médico João Curvo Semedo, em 1720, recomendou que era uma atitude ignorante e que deveriam deixar que a natureza purgasse a mulher, mesmo que o processo fosse lento, pois, do contrário, poderia levar as parturientes à morte (Del Priore, 2004, p. 98).

Essas mulheres, com seus saberes empíricos, embora muitas vezes tratadas como inferiores, tendo sua prática desvalorizada na hierarquia dos ofícios médicos, contribuíram com o saber sobre a saúde da mulher, especialmente na América Portuguesa, onde encontraram mais liberdade de atuação (Bueno, 2018, p. 2). É devido a isso que elas devem ser lembradas e evidenciadas constantemente quando discutimos acerca da história do parto.

1.4.7. Uma gama de saberes e práticas medicinais

Tendo observado as concepções e práticas curativas abordadas neste capítulo,

compreendemos que cada uma tinha seu valor dentro de sua própria cultura, embora fossem estigmatizadas e consideradas heresias pelo Santo Ofício (Abreu, 2006, p. 86). Em alguma medida, cada uma contribuiu para que a farmacopeia lusitana fosse ampliada e reconfigurada. Tanto na terapia ameríndia quanto na africana se vê que a natureza serviu de guia para a composição de mezinhas, unindo-se a isso a crença na magia e poderes sobrenaturais que agiriam por ou através desses elementos naturais (Del Priore, 2004, p. 89).

Essa cosmovisão, que estabelece uma conexão entre o ser humano e o mundo natural, é um princípio fundamental na perspectiva portuguesa, pois partia da Teoria Humoral. Esta já tinha sido modelada há muitos séculos e continuava a ser implementada nas academias de medicina em Lisboa. Os médicos lusitanos não foram apenas influenciados pela noção de macro e microcosmo ao abordar doenças, mas também, devido à sua forte adesão ao catolicismo, atribuem uma natureza diabólica à doença, particularmente doenças categorizadas como doenças da alma, como a melancolia, conforme mencionado anteriormente. (Nogueira, 2011, p. 9).

Os vários sinais (sintomas) passíveis de interpretação a partir desta cosmogonia, incorporam uma rede de crenças em que o corpo maior está em simpatia com os demais elementos do mundo, como o corpo humano (Bellini, 2003, p. 37, In: Matos; Soihet, 2003). São essas simpatias que vão garantir a crença ou aceitação de fenômenos ocultos. Algo sobrenatural que está agindo sobre o mundo concreto, palpável. As analogias, nessa anamnese, mágica não são usadas para criar mecanismos subordinados ao argumento e a prova, mas servem para conceber o modo como ocorrem as relações com o universo (Rohden, 2000, p. 94).

Nessa conjuntura é preciso reforçar que mesmo Paracelso, envolvido nas descobertas iatroquímicas e buscando romper com as doutrinas de Galeno, acreditava na magia e nas influências ocultas da natureza, empregando ora medicamentos minerais ora amuletos e talismãs (Miranda 2017, p. 41). É devido a isso que não se pode esquecer que a medicina europeia não se encontrava separada da magia, alquimia e da astrologia. Os avanços na medicina não rompiam inteiramente com as crenças mágicas, eles coexistiram por muito tempo, sobretudo na Era Moderna (Abreu, 2006, p. 82).

Não obstante, ainda que comungassem diversas práticas de outras culturas nas colônias, no discurso oficial médico⁴⁹ toda medicina informal era refutada, envolvendo

⁴⁹ Segundo a definição do clérigo Raphael Bluteau em seu dicionário *Vocabulário Português e Latino (1712-1721)*, os ofícios de curar estavam agrupados em dois segmentos, as artes liberais e as artes mecânicas, situou os cirurgiões entre os mecânicos e os nobres, e os médicos letrados assumindo o privilégio de serem da arte

físicos, cirurgiões, boticários e padres numa busca por enquadrar-se na teoria da *Discrasia humoral*⁵⁰ na cura desses povos (Leite, 2011, p. 23). Associado a isso, estavam apoiados na astrologia médica e anatômica, onde acreditavam que os planetas tinham domínio sobre os temperamentos e os órgãos humanos (Abreu, 2006, p. 82). Além do cosmos, para saber lidar com uma dada doença, o médico precisava ter em mente a natureza e propriedade das plantas, pois elas também tinham a constituição fria, quente e seco (French, 2003, pp. 160). Para aplicá-las exigiria um conhecimento prévio a respeito das propriedades organolépticas, que contava com a atuação do campo dos sentidos (Everett, 2012, pp. 25).

Embora apreendessem a doença e natureza dessa forma, a medicina lusitana já tinha em seu histórico práticas médicas que simpatizavam com a ideia de origem mágica e feitiços. Cabe citar os trabalhos do físico português Curvo Semedo do século XVII. Esse cita receitas que se utilizavam de sapos, morcegos, aves, dentes de porcos ou patas de cachorros do mato (Ferreira, 2002, pp. 165; 374, In: Furtado, 2002). Esses itens eram usados por ele por se acreditar que possuíam poderes curativos sobrenaturais. O princípio que guiava tal procedimento era o de que as doenças decorrem de algo que iria além de um desequilíbrio humoral. Neste momento entram os malefícios de origem mágica, daí a ação de caráter transferencial. Usar os animais para transferir aos seus corpos esse mal (Nogueira, 2013, p. 264).

Há de se reconhecer que, em meio a essa gama de saberes e práticas medicinais, a igreja tentava, em vão, substituir os hábitos e práxis populares, por uma terapêutica aristotélica, onde a medicina deve usar o *frônimos*⁵¹, mas também a *episteme*⁵² (Miranda, 2017, pp. 35-36). Porém, estes adeptos religiosos tentavam enfrentar as enfermidades através de seus próprios ensinamentos, utilizando a intercessão dos santos, lembrando os seguidores de que Deus não se manifestava por meio de crenças e práticas supersticiosas, mesmo que às adotando (Cunha, 2010, p. 281).

maior, com o discurso oficial médico. Enquanto o médico avaliava o estado geral externo do paciente, cabe ao cirurgião manipular instrumentos onde realizava intervenções no corpo do doente, no contato com sangue e feridas. A tendência era relacionar o trabalho manual ao mundo da escravidão (Abreu, 2011, p. 25).

⁵⁰

Uma pessoa enferma na doutrina Hipocrática apresentava uma *Discrasia Humoral*, ou seja, uma desarmonia dos humores, o doente apresenta um humor excedente, alterado ou defeituoso em seu corpo. Galeno, no século II, d. C., ao revitalizar a teoria levou em consideração os temperamentos (sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico) em conformidade com os quatro humores (sangue, fleuma, bile amarela, bile negra) (Rezende, 2009, p. 52).

⁵¹ *Frônimos* ou *frónesis* do grego para o português significa sabedoria prática (Bispo, 2012, p. 129).

⁵² *Episteme* aqui significa conhecimento científico, mas esse tipo de conhecimento nada tem a ver com a ciência atual que tem a experimentação, a comprovação de suas verdades (Pich, 2013, p. 38).

Elucida-se, dessa forma, um cenário em que somente médicos e religiosos, ou seja, uma comunidade pequena e seleta, poderia participar do processo de cura, enquanto amaldiçoava “as rezadeiras [...] em suas operações curativas [...] (Del Priore, 2004, p. 92). Mas isso não impedia que essas mulheres interviessem no tratamento dos doentes na Colônia, mesmo na ilegalidade. É evidente que houve muitos agentes de cura. Como resultado, o início do século XVIII vai carregar uma profusão de saberes entre os médicos, cirurgiões e parteiras (Lourenço, 2016, p. 89).

E quanto às concepções sobre a anatomia e fisiologia feminina? Essa medicina dita erudita, que tentava interpretar os domínios do corpo, não priorizava necessariamente compreender seu funcionamento interno, em sua totalidade anatômica. No diagnóstico de doenças se pautavam, prioritariamente, no esvaziamento do excesso e acúmulo de humor que a pessoa apresentava quando estava enferma (Cunha, 2010, pp. 257; 298), posto que a *Teoria Humoral* se baseava em curar ou equilibrar perturbações entre os constituintes do corpo que são eles os quatro elementos ar, água, fogo e terra, com suas qualidades seco, frio, quente e úmido (Bellini, 2003, p. 36, In: Matos; Soihet, 2003).

Para o tratamento das doenças, o foco incidia sob uma dieta que compreendia os fatores ambientais, o sono, a alimentação e as condições de trabalho (Coelho, 2002, p. 157, In: Furtado, 2002). A doutrina Hipocrática, no qual estavam pautados os físicos, concebia a doença como uma etiologia natural, causada por desequilíbrios humorais do corpo (Bercovitz, 2007, p. 60). No entanto, quando se trata de mulheres, o exame médico determinou consistentemente que o útero desempenhou um papel significativo no desenvolvimento de doenças, distúrbios e desequilíbrios fisiológicos femininos. A atenção desses físicos, voltada para o útero, refletia a discussão central, se não exclusiva, em relação à responsabilidade reprodutiva da mulher. Ora, o útero determinou a conduta feminina e ela seria prisioneira de sua menstruação (Matos, 2003, pp. 114-115, In: Matos; Soihet, 2003).

Segundo os pesquisadores da história do corpo Alain Corbin, Jacques Courtine e Georges Vigarello (2008, p. 443), não era aberrante fazer do estado dos fluidos, indícios do estado do corpo. Especificamente, foi feita a comparação entre menstruação e excrementos ou fluidos tóxicos, reconhecendo a natureza enigmática dos processos internos do corpo. Considerando que o diagnóstico por observação examinava mais líquidos do que sólidos, a menstruação frequente das mulheres foi interpretada como um desequilíbrio interno persistente, onde, curiosamente, o mesmo sangue era provedor de vidas (Miranda, 2017, p. 301; Rohden, 2000, pp. 88-89).

Como a livre circulação de fluidos é essencial para a saúde, o ciclo menstrual

forneceu grande parte da lógica da teoria humoral. Embora a menstruação fosse vista como sangue corrompido, o corpo da mulher expelia excesso de sangue para purificar (Viana, 2008, pp. 24-25; Del Priore, 2004, p. 84). O legado da Idade Média seria ampliado e modificado na Renascença. Os textos gregos foram revistos, mantendo a lógica de que o sangue menstrual era um fluido corrompido, introduzindo o aspecto moral sobre ele. De acordo com o historiador e sociólogo americano Thomas Laqueur em seu trabalho “*Making Sex*” (1990) o modelo dominante desde a Idade Média até o início do período moderno não sublinha a diferença entre os sexos, mas a semelhança entre eles. Tendo como modelo o corpo do homem, a mulher seria imperfeita por sua condição anatomo-fisiológica (Bellini, 2003, In: Matos e Soihet, 2003; Laqueur, 1990, p. 10; King, 2005, p. 2).

A partir desses fatos e percepções, podemos compreender quais eram as tendências das práticas médicas na América portuguesa, cuja interpretação do sangue menstrual seguia uma lógica passível de interpretações intrincadas e sofisticadas. Essas culturas mencionadas anteriormente compartilhavam uma visão estigmatizada do sangue menstrual e pensavam nos fluidos corporais como materiais que eram avaliados no corpo da doente, definindo assim o que causava a doença (Porter; Vigarello, 2008, p. 443, In: Corbin, Courtine e Vigarello, 2008). Como o útero é o centro das desordens femininas, o interesse da área médica, durante a Era Moderna, vai se pautar no “sangue catamenial” e nas doenças ocasionadas por esse fenômeno (Del Priore, 2004, p. 100).

O processo, que culminaria numa medicina teórica em conjunto com um método empírico, precisaria contar com o trabalho e a curiosidade de diversos investigadores anatômicos de outras partes do Velho e Novo Mundo. Dentre eles seriam os cirurgiões estrangeiros que se instalaram nas colônias exercendo seus ofícios, passando a compreender as engrenagens internas do corpo (Rohden, 2001, p. 41). Mas, para isso, seria necessária a mudança de uma mentalidade que relacionava o papel dos cirurgiões à práticas inferiores, menos necessárias que à da educação erudita, sendo que, não muito tempo depois, seus “ofícios mecânicos” seriam primordiais para a construção de um saber mais elaborado sobre a anatomia humana (Abreu, 2007, p. 149).

Cap. 2. “O primeiro desvio é o nascimento de uma fêmea”: a construção histórica do conceito de menstruação

Hipócrates criou uma série de explicações para várias doenças quando afirmou que

a saúde dependia do fluxo constante de fluidos. Além disso, de acordo com os argumentos de Aristóteles e Galeno, a capacidade de produzir calor era o elemento mais importante que determinava a saúde do corpo humano (Pissinati, 2018, p. 3). Se a menstruação de uma mulher tardasse, logo ela sentiria um mal-estar terrível, causando-lhe febres e ela só retornaria a ficar bem quando a menstruação fosse regularizada (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

Como não existia o conceito de nosologia nessa lógica Hipocrático-Galênica, pode-se pensar também em qualquer doença, como a hidropisia. Hipócrates dizia que era necessário dar remédios para ajudar a remover o excesso de fluído menstrual quando ocorresse essa doença, pois ocorria uma interrupção abrupta da menstruação, deixando a barriga inchada (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). De fato, essa lógica, que situa a saúde e sua relação direta ao equilíbrio dos fluídos ou humores, prevaleceu por mais de dois mil anos. As definições anatômicas e fisiológicas do homem e da mulher elaboradas, tanto por Hipócrates, quanto por Galeno ficariam marcadas de maneira decisiva no ensino da medicina portuguesa (Read, 2010, p. 180; Barreto, 2007, p. 222).

Esses dois físicos gregos, cada um em seu tempo e contexto, conferiram um simbolismo especial a presença do sangue menstrual, delineado por evocações emocionais, simbólicas e ritualísticas, que oscilavam entre a vida e a morte, associando a sua abundância à vida e a sua perda ou desaparecimento a doença e a morte (Botello-Hermosa; Casado-Mejia, 2015, p. 14). Em 2005, Michael Stolberg, renomado médico alemão, publicou um artigo intitulado "*Menstruation and sexual difference in early modern medicine (1500-1800)*", que é derivado de sua colaboração na obra "*Menstruation: A Cultural History*" organizado por Andrew Shail e Gillian Howie. Nesse estudo, Stolberg agrupou três modelos distintos para explicar a origem e as características do sangue menstrual: a Teoria Catártica, a Teoria da *Plethora* e a Teoria Iatroquímica (Stolberg, 2005, pp. 2;7;8).

É a partir dessas teorias que descobrimos como cada um deles buscou conceituar a menstruação, a anatomia e a fisiologia feminina. Embora a obra de Hipócrates tenha sido apresentada no capítulo anterior, será realizado um exame de certas distinções entre os escritos de Hipócrates e Galeno. Esta análise visa elucidar as respectivas contribuições feitas por cada uma dessas figuras estimadas para o desenvolvimento da Teoria Humoral Hipocrático-Galênica, como é conhecida hoje. Para além deles, traremos outro paradigma que surgiu para questionar o humorismo e intentar na elaboração de outras teorias filosófico-naturais explicativas acerca da menstruação, como foi o caso da iatroquímica.

2. 1 –Teoria Catártica e sua interpretação da anatomia feminina

Aqui discutiremos a Teoria Catártica, assinalando Hipócrates como seu criador. Assim, baseamos nossas compreensões da anatomia feminina em seus escritos e não em Galeno, cujas contribuições surgiram alguns séculos depois. Destacar essa diferença é fundamental para ressaltarmos alguns pontos que distinguem os dois autores, em relação à percepção da anatomia feminina e a menstruação. Além disso, explicaremos como essa teoria prevaleceu até o século XVIII, indicando o uso do conceito de analogias proposto por Michel Foucault em "As palavras e coisas: uma arqueologia das ciências humanas" (2000), que está presente na lógica hipocrática.

Como os gregos do quinto século a.C compreendiam a anatomia feminina? O capítulo anterior abordou o tratado "Da natureza da mulher", fornecendo-nos uma base para entender como a filosofia grega tratou e interpretou as disfunções uterinas. Tanto nos textos médicos do século V a.C., quanto nos manuais de medicina do XVIII, podemos perceber a similitude em muitas das concepções. Um exemplo de permanência encontra-se na Teoria Catártica, posto que a mesma se encontra em ambos os períodos, embora ocasionalmente utilize terminologias distintas para se referir à noção idêntica (Read, 2010, pp. 3; 4; 16).

De acordo com Sachiko Kusukawa (2012), historiadora da ciência, as contribuições de Andreas Vesalius no campo da anatomia, em pleno século XVI, tiveram o efeito de aprimorar a Teoria Humoral. Kusukawa destaca que ainda ocorria a ênfase contínua nas observações empíricas de Galeno e Hipócrates, portanto, não se refutou o conhecimento estabelecido (Kusukawa, 2012, p. 111). De acordo com os estudos dos pesquisadores Donatella Lippi, Raffaella Bianucci e Simon Donell, o sistema reprodutivo feminino ainda era descrito em comparação com o dos homens. Os termos eram emprestados da anatomia masculina. O trato genital do homem e da mulher seguia a lógica do isomorfismo sexual: os ovários eram como os testículos invertidos e os óvulos foram interpretados como espermatozoides (Lippi; Bianucci; Donell, 2020, p. 480). Até fins do século XVIII essa concepção prevaleceu. Como resultado, antigos conceitos são incorporados a novas descobertas, para se ajustar aos novos contextos (Kusukawa, 2012, p. 111).

Tendo em mente essa conjuntura, um ponto de partida, para discutir a continuidade da epistemologia humoral no discurso médico do século XVIII, pode ser encontrado em trabalhos de historiadores contemporâneas, como Mary Del Priore (2004), que estudou a relação entre a história da medicina e a história das mulheres no Brasil. Por meio de sua obra, também situamos como a botânica na região mineira foi “um mecanismo de uso corrente pela medicina para as

mazelas femininas” (Silva, 2019, p. 147). Para tanto, Del Priore sublinha que, uma vez na Colônia, e influenciados pela filosofia médica grega, os físicos acreditavam que, por analogia, plantas que tinham formas parecidas com o útero poderiam ser empregadas para a cura de suas doenças (Del Priore, 2004). As analogias mostram que a identificação de similitudes no uso de plantas específicas para tratar doenças femininas era estruturalmente parte do pensamento europeu (Foucault, 2000, p. 45).

Essas analogias e similitudes serão percebidas ao longo de nossa discussão, ao se referir tanto ao tratamento das disfunções femininas, quanto à justaposição entre as anatomias feminina e masculina. A partir dos escritos do médico alemão Michael Stolberg, evidenciamos que a Teoria Catártica era um segundo termo para se designar a Teoria Humoral. Ela remonta a textos da *História Natural* de Plínio a respeito do sangue menstrual, sendo um modelo defendido por alguns grupos até o início do século XVII (Melo; Fernandes; Pinheiro, 2021, pp. 330; 321). Hipócrates vai atribuir ao sangue menstrual a função de purificador, livrando o corpo feminino de impurezas (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*; Esteves, 2021; p. 252).

Esse modelo postula a necessidade da expurgação regular, tendo em vista que a acumulação do sangue menstrual no corpo causaria enfermidades graves (Martins; Silva; Mutarelli, 2008, p. 10). Nos temas que figuram o “Da natureza do homem” da autoria de Pólibo, os dez primeiros tratados versam sobre a teoria dos quatro humores. Neles são descritos que o homem e a mulher são compostos de sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. Sua saúde seria o resultado do equilíbrio entre essas quatro matérias vitais (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

Segundo a pesquisadora Linda Persson (2016), para se discutir sobre a anatomia feminina, a partir dos textos hipocráticos, deve-se considerar que as definições sobre elas foram feitas desde antes de seu nascimento. Hipócrates afirmou que a mulher pode afetar a formação do feto desde o início da gestação. Tanto o homem quanto a mulher possuem sementes, mas a dela seria a mais fraca. Se houvesse mais sementes femininas durante a concepção, ela conceberia uma menina. Se fosse menina, a criança também demoraria a se mover dentro do útero (Persson, 2016, pp. 13-14). Para Hipócrates o corpo da mulher nunca tinha amadurecido como o do homem, em nenhuma fase da vida (Lippi; Bianucci; Donell, 2020, p. 481).

O físico grego explica que quando o homem nasce, ainda no início de seus dias, seu corpo está muito quente e até chegar em seus últimos dias estará mais frio. Logo, explica que o corpo é forçosamente quente enquanto cresce e se desenvolve, mas quando o corpo começa a afinhar e liberar líquidos em abundância, torna-se mais frio (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). Nesse paradigma, as mulheres são vistas como portadoras de uma natureza defeituosa, já que desde jovem, apresenta perda de fluídos corporais e já inicia um estágio de afinhamento.

Para além da natureza da mulher, o próprio estilo de vida inativo delas é indicado como influenciador no surgimento de doenças (Fantham, *et al*, 1994, p. 185).

De acordo com a pesquisadora de estudos clássicos britânica Helen King (2014) no tratado hipocrático chamado “As doenças das mulheres” foi definido uma medida média do fluxo da mulher, sendo ela como de dois côtilos de sôtão, durando de dois a três dias. Os físicos entendiam que essa era a capacidade máxima do útero (King, 2014). Isso indica que a menstruação, em muitos aspectos, prova a lógica da Teoria Humoral. Por analogia, as sangrias são administradas de acordo com a quantidade de menstruação, pois se houver uma retirada excessiva de fluido, o estado do doente pode piorar (Read, 2010, pp. 14-15).

Na concepção de Hipócrates, uma menstruação saudável deveria durar em média quatro dias, que hoje equivalem a cerca de 540 centímetros cúbicos, ou 540 mililitros. Qualquer coisa mais curta ou mais longa era considerada prejudicial à saúde e poderia sugerir que as mulheres eram inférteis. As mulheres que menstruavam por mais de quatro dias e tinham fluxo intenso eram consideradas delicadas e frequentemente abortavam nos primeiros três meses. Porém, as mulheres que menstruavam menos de três dias e tinham fluxo muito leve, mas ao mesmo tempo fortes e com aparência saudável e masculina, não concebiam, nem demonstravam qualquer inclinação para ter filhos (Persson, 2016, p. 15).

Como situa a historiadora da ciência e da medicina estadunidense Zoe Adams (2015), o fenômeno da menstruação e a lógica da Teoria Humoral andam juntas, pois o excesso de fluido está sempre na raiz do problema. Isso ocorre porque Adams compreende que para Hipócrates a menstruação é um marcador de instabilidade, sua anatomia não se encaixava como um modelo, mas como uma imperfeição da natureza (Adams, 2015, p. 29). O médico e escritor britânico Raymond Crawford escreve que, por muito tempo, com base no ritual de levítico, acreditava-se que a menstruação era resultante de impurezas coletadas no sangue da mulher e descartadas durante o ciclo menstrual, uma ideia associada à sua natureza pecaminosa. É por isso que a palavra "purificação" também é encontrada nos tratados médicos e livros religiosos ao falar sobre a menstruação (Crawford, 1915, p. 50).

Para tanto, o interesse pela anatomia feminina estava essencialmente ligado a problemas reprodutivos. Isto explica porque a obstetrícia se desenvolveu mais cedo e mais extensivamente do que a ginecologia. Isso nos remonta às recomendações de Hipócrates para o tratamento da falta de menstruação e o incentivo a gravidez na regulação de sua saúde física e psicológica. Para ele, as relações sexuais previniam e até curavam muitas doenças. Pela analogia e simpatia, se o órgão masculino, que é mais úmido, entrasse em contato com o feminino, mais seco, a menstruação fluiria mais facilmente, pois os canais se abririam (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et*

al; Persson, 2016, p. 15; Foucault, 2000, p. 35).

Nisso, podemos concluir que a menstruação era considerada um fenômeno que fazia com que as mulheres sejam mais fracas que os homens, ou mesmo antes do nascimento. Como resultado, o corpo feminino é considerado mais frio e a saída mensal de sangue é vista como um desgaste contínuo. Isso a torna mais fraca e, provavelmente, mais vulnerável a uma variedade de doenças (Cairus, 2005, p. 49). Além do trabalho de Ferreira, ainda em 1794, podemos encontrar textos médicos referentes a essa anatomia mais frágil da mulher. O físico mineiro Francisco de Melo Franco⁵³, justificado pela filosofia dos velhos mestres gregos, escreve que as mulheres tinham os ossos mais pequenos, eram mais fracas que os homens, tendo a carne mais mole e esponjosa (Del Priore, 2004, p. 79).

Um fator importante a ser levado em consideração, quando observamos a relevância e duração da obra hipocrática na medicina ocidental, se encontra não somente em uma estrutura teórica altamente plástica e adaptável à toda e qualquer enfermidade humana mas, principalmente, no fato de que se trata de um paradigma que, no decorrer da História foi, literalmente, agregando teorias e métodos ao seu “corpus”. Um exemplo claro é da própria obra do cirurgião Ferreira que, praticamente, atualizou a medicina Hipocrático-Galênica ao século XVIII, combinando a mesma à medicina doméstica. O que a levou a uma maior circulação entre diversas camadas sociais (Guimarães, 2003, p. 28).

Observando os tratados de Ferreira, compreendemos que essas noções galênicas e hipocráticas conseguiam garantir as maleabilidades interpretativas, insinuando tendências nos diagnósticos das doenças. Tais percepções conseguiram cumprir de forma satisfatória seu papel como uma teoria eficaz, se constituindo como prática hegemônica entre físicos e cirurgiões, sendo legitimada na Universidade de Coimbra (Dias, 2010, p. 77). É evidente que, no transcorrer do tempo, ocorreram avanços significativos no campo da medicina, mas os alicerces da doutrina hipocrática permanecem inalterados quando se lê nos tratados médicos a lógica usada na cura das doenças (Miranda, 2017, p. 23-24).

A Teoria Humoral ou Catártica não tinha preocupações estéticas, era um texto norteado por um novo conceito que as Escolas Médicas de Cós e Cnido⁵⁴ traziam naquela cultura. A ideia

⁵³ Francisco de Melo Franco foi um médico que nasceu em Minas Gerais, filho de um português comerciante, João de Mello Franco, Francisco, depois de ser condenado pelo Santo Ofício e ser enviado para Lisboa, foi autorizado a cursar medicina em Coimbra, se formando na Universidade de Coimbra. Ele foi pioneiro do campo da puericultura e um dos mais importantes médicos na corte portuguesa de sua época (Massimi, 1991). Em sua obra *“Dictames Theoreticos, e praticos para conservar a saúde, e prolongar a vida”* (1823) Francisco de Melo discute acerca da anatomia e fisiologia feminina, comparando-a com o corpo masculino (Franco, 1823).

⁵⁴ Duas grandes famílias reivindicavam para si a descendência direta do deus Asclépio, a família da Ilha de Cós e a família de Cnido. Tais famílias ficaram conhecidas pela tradição, principalmente devido a Galeno, como as

era de uma verdade pragmática, não ideal, como era a socrática⁵⁵. A ideia desse novo conceito não era somente uma medicina que fosse comprovável, mas já comprovada, capaz de ser compreensível a todos os povos (Cairus, 2005). Essa teoria fazia relações ricas e sistemáticas entre a fisiologia, a psicologia e a aparência geral da pessoa, portanto, trazia muitas explicações (Porter; Vigarello, 2008, pp. 442; 445, In: Corbin; Courtine; Vigarello, 2008).

2. 2 – Teoria da *Plethora* ou Galenista, a natureza da menstruação e a dieta feminina

Neste capítulo apresentaremos as contribuições de Galeno⁵⁶ de Pérgamo à Teoria Humoral e ao tema da menstruação. É imperativo reconhecer que o estudo do humorismo se torna consideravelmente confuso quando terminologias empregadas são erroneamente atribuídas. Uma ilustração disso pode ser encontrada no uso do termo “*plethora*” a Hipócrates, uma vez que, somente é usado nos escritos de Galeno. Além do mais, esses dois físicos têm compreensões ligeiramente diferentes quando o assunto é a anatomia e a fisiologia feminina. Isso explica porque a divisão proposta por Michael Stolberg foi pertinente para avaliar essas diferenças (Stolberg, 2005, p. 2).

De acordo com o pesquisador e médico russo Dmitry Balalykin, Claudio Galeno desempenhou um papel significativo na propagação do legado de Hipócrates. De fato, Galeno foi um crítico notável da obra hipocrática, afirmando que as ideias encontradas nas obras do físico grego se baseavam nele. Logo, as concepções hipocráticas continuaram ganhando força graças a muitos de seus posteriores discípulos (Balalykin, 2014 p. 2). Galeno ficou conhecido por seu hipocratismo galênico, teoria que se manteve relativamente influente até o século XV,

"escolas de Cós e Cnido". Hipócrates pertenceu à escola de Cós, pois sua família descendia diretamente dos Asclépiades de Cós. No entanto, cabe lembrar que, no final do século V e primórdios do século IV a.C., uma escola nada mais era do que um centro localizado numa cidade ou um mestre que fornecia ensinamentos aos seus filhos e discípulos. É nesse sentido que se pode falar da escola de Cós, onde Hipócrates se formou. O ensino da medicina seguia a tradição grega do aprendizado técnico, uma vez que a medicina era uma *techné*, um saber teórico voltado para a arte manual (Rebollo, 2006, p. 49; Jouanna, 1992, pp. 13-33).

⁵⁵ Na filosofia socrática usa-se o método da dialética e da maiêutica, por meio das indagações e questionamentos ao interlocutor se chegaria a uma resposta e a verdade. O próprio Sócrates afirma que ele não dispõe de uma compreensão própria ou opinião verdadeira, seu papel seria o da indagação (Szlezák, 2006, pp. 253; 256). A Teoria Humoral não necessitaria disso, pois seu esquema já traria a explicação, a sua verdade, como uma espécie de código que continha todas as respostas necessárias para a cura das doenças, visto que não é à toa a sobrevivência dessa teoria por mais de dois mil anos (Pita, 1996, p. 16).

⁵⁶ Claudio Galeno (129-ca. 210 d.C.) nasceu em Pérgamo, na Ásia Menor (hoje Turquia), na época um grande centro médico de culto e cura, onde estava sendo construído o templo de Asclépio, talvez por seu próprio pai, o famoso arquiteto Nikon. De 162 a 166 d.C., Galeno promoveu diversos debates públicos e demonstrações anatômicas, adquirindo fama e respeitabilidade com a prática clínica e os vários escritos médicos e filosóficos, entre eles, os seis primeiros livros Sobre as opiniões de Hipócrates e Platão (Rebollo, 2006, p. 72, 73).

quando passaria a dividir espaço com novas teorias da interpretação acerca da saúde e da doença (Rebollo, 2006, p. 289).

A Teoria Galênica possui forte influência da compreensão e interpretação helenística sobre a natureza física do ser humano, especialmente em Hipócrates (Silva Filho, 2016, p. 158). Por isso, ainda que Galeno não tenha construído uma ideia “galênica” sobre a natureza feminina, existem muitos aspectos em suas obras que incidem no âmbito da embriologia. Tais aspectos discorreram sobre a anatomia feminina e suas funções, no que diz respeito a formação do feto, descrição da anatomia dos genitais, aparelho reprodutor e, claro, os temperamentos (Falcato, 2020, p. 35).

Com base na teoria de Hipócrates, Galeno desenvolveu uma tipologia do temperamento chamada “*De temperamentis*”, algo que não tinha sido proposto ainda na Teoria Humoral. Nela, os quatro temperamentos primários são descritos por ele como teóricos e leigos, seriam eles o tipo sanguíneo, pessoas atléticas e vigorosas. Nessa conjuntura, o humor predominante era o sangue; os tipos coléricos em que os indivíduos são facilmente irritáveis, predominando a bile amarela; os melancólicos eram pessoas tristes que exibiam um excesso de bile negra e, por último, o tipo fleumático eram pessoas cronicamente cansadas, sem movimento, lentas, essas possuíam excesso de fleuma (Aiken, 1991). Essa tipologia do temperamento postulou que os diferentes comportamentos poderiam ser explicados “por mecanismos fisiológicos e químicos” (Ito e Guzzo, 2002, p. 92).

Quando Galeno comentou a respeito da Teoria Humoral, embora reproduzindo o esquema de qualidades e dos temperamentos já apresentados por Hipócrates no *Corpus Hippocraticum*, seis séculos antes, ele sofisticava a teoria e introduz algo novo. Quando comenta no livro III dos Aforismos, em que argumentou sobre as estações do ano e as idades do homem, ele utiliza a oportunidade para expor a sua particular teoria dos temperamentos (*kraseis*). O físico classifica as doenças em seis tipos de discrasias, sendo elas: seco-quente, seco-frio, úmido-quente e úmido-frio (Rebollo, 2006, p. 78). Identificando, assim, os elementos naturais dos alimentos e da doença, a partir da regra dos opostos, Galeno tratava doenças consideradas quentes com mezinhas e boticas frias (Silva Filho, 2016, p. 163).

Galeno foi muito citado por Andreas Vesalius (1514-1564)⁵⁷ em seu trabalho de 1543 chamado “*De humani corporis fabrica, libri septem*”, onde Vesalius reconheceu muitos de seus erros. Como dito anteriormente, ele foi o primeiro a criticar publicamente a mão embrutecedora

⁵⁷ Andreas Vesalius, por vezes referido na literatura portuguesa como André Vesálio, foi um médico belga, considerado o “pai da anatomia moderna”. Foi o autor da publicação *De Humani Corporis Fabrica*, um atlas de anatomia publicado em 1543 (Abreu, 2011).

de Galeno, em que chega até a se desculpar por corrigi-lo. Mas, como veremos, a Teoria Humoral continua sendo empregada para explicar o surgimento das doenças, e muitas das descrições do médico belga sobre o corpo feminino ainda precisam ser revisadas, algo que só será feito gradualmente por anatomistas e cirurgiões. No entanto, por Vesalius ter desafiado a doutrina escolástica medieval e empregado o método experimental para explorar novas abordagens na área da anatomia, ele deve ser reconhecido como fundamental nas mudanças ocorridas no campo da medicina (Thomas, 1974, p. 13).

Para tanto, cabe voltarmos nossa atenção para a segunda teoria que Stolberg evoca, a Teoria da *Plethora*. Essa teoria, que se levantou por volta dos séculos I-II d.C. com Galeno, tinha como base a abundância, cujo nome também busca se referir a *plethora*. Como veremos adiante, na Teoria Galenista o sangue menstrual era visto como um fluido em excesso, mas necessário, porque tinha a função de nutrir o feto no útero. Nela, o fígado produz espíritos naturais a partir dos nutrientes que recebe. Portanto, isso coaduna com a ideia de que o sangue menstrual poderia ser transformado ou cozido para se tornar um líquido mais puro, o leite materno (Thomas, 1974, p. 15). Posteriormente, essa teoria vai ressurgir no início do XVII, ainda associada aos fluídos corporais e a menstruação (Melo; Fernandes; Pinheiro, 2021, p. 321).

Galeno não se preocupa particularmente com questões ginecológicas, talvez porque ele acreditava que os corpos masculino e feminino poderiam ser vistos como iguais para todos os fins, exceto no caso da reprodução. Galeno, assim como Hipócrates, estipulava que o corpo da mulher era mais frio que o do homem. Para ele, todas as partes que os homens têm, as mulheres também possuem, mas a diferença está apenas em um aspecto: todas as partes das mulheres estão para dentro (do corpo), enquanto nos homens estão para fora (Fantham, et al, 1994, p. 201).

Podemos notar que Galeno também usa analogias para entender a anatomia feminina, como mostramos nas discussões sobre a Teoria Catártica. Ele também cita a falta de calor para explicar por que as genitálias femininas permanecem dentro de seus corpos. Contudo, ao contrário de Hipócrates, ele acreditava que essa imperfeição era planejada, pois apenas nessa posição o útero poderia reproduzir (Fantham, et al, 1994, p. 201). O professor de história grega da Universidade de Caen Normandia, Jean-Baptiste Bonnard, também concorda com essa premissa, pois em seu artigo “*Male and female bodies according to Ancient Greek physicians*”(2014) discute que a construção do feminino e masculino, na concepção grega, inicia-se na fase fetal e vai continuar pelo resto da vida. Mas ao contrário de Aristóteles, Galeno, numa perspectiva teleológica, acreditava que a incompletude da mulher tinha a função de

garantir a possibilidade da reprodução (Bonnard, 2014, pp. 8; 14).

Em relação a menstruação, é importante se ater ao fato de que para Galeno⁵⁸ ela não teria nenhuma função se a mulher não estivesse grávida ou lactante. O sangue, nessas circunstâncias, deveria sair regularmente, pois a menstruação era um agente regulador do organismo, que expelia os produtos mórbidos (Esteves, 2021, p.252). Caso não evacuasse na medida certa e no tempo devido, ocorria o estado de *plethora*, que era encarado como doença (Melo; Fernandes; Pinheiro, 2021, p. 321).

De acordo com a Teoria Humoral, os fatores que desequilibraram seriam: o frio, o calor, os traumatismos e a *plethora*. A eliminação incompleta das impurezas do corpo resultaria na *plethora*, que seria combatida com a sangria. A mulher executaria por meio do fluxo menstrual (Esteves, 2021, p. 252). Logo, se a *plethora* é entendida como um tipo de doença, a menstruação seguia a mesma lógica (Hipócrates, 1851, In: Carrat *et al*). Caroline Petit (2020), uma estudiosa britânica que se debruça sobre textos médicos antigos, particularmente os de Galeno e o *corpus galênico*, destacou em seu estudo da obra de Galeno chamada "Sobre drogas simples, X, 1, XII 249 K" que, sob o ponto de vista dele, a ingestão de fluídos corporais, como o sangue menstrual, por mais útil que seja em alguns tratamento de doenças, era repugnante. O que fica evidente, segundo Petit, é que Galeno também está se referindo à depravação sexual (Petit, 2020, pp. 100; 102).

Os pesquisadores Etienne Van de Walle (1932-2006) e Elisha P. Renne levantam uma discussão sobre a visão de Galeno acerca da menstruação. Segundo os autores, Galeno entendia que a natureza expurga as mulheres todos os meses, derramando o excesso de sangue. Para ele, as mulheres deveriam permanecer em casa, sem se envolver em trabalho extenuante, nem se expor a luz solar direta, pois ambos os fatores, conduziram ao desenvolvimento do *plethos*, ou seja, a *plethora*. O próprio leite materno também poderia sofrer de *plethos* caso não liberasse o leite para o recém-nascido. Os autores concluem que Galeno diagnosticou mulheres com a menstruação reprimida como tendo abundância de sangue, a *plethora* (Van De Walle; Renne,

⁵⁸ Alguns dos principais manuscritos recuperados de Cláudio Galeno sofreram traduções modernas, onde as edições digitalizadas podem ser encontradas no site *Corpus Medicorum Graecorum* que é uma empresa de pesquisa da Academia de Ciências Berlin-Brandenburg que publica os escritos médicos preservados da Antiguidade em grego e latim em edições críticas com traduções, índices de nomes e palavras. Nesse projeto de academia encontram-se edições on-line acerca do *Galenic Corpus*, no entanto, só estão disponíveis pela compra das publicações (Corpus Medicorum Graecorum, acesso em 05 de Jun. 2023). Há vários estudos de qualidade sobre Galeno e suas concepções sobre a anatomia e fisiologia feminina, destacam-se autores como Joana falcato (2020) em seu trabalho intitulado "A φύσις nos textos de Galeno sobre a natureza da mulher" (2020), o trabalho da pesquisadora Helen King chamado "Galen and the widow" (2011) que discute com profundidade a terapêutica ginecológica de Galeno e o artigo de Michael Boylan chamado "Galen's conception theory" (1986), dedicado à teoria da concepção de Galeno (Falcato, 2020, p. 30).

2001, pp. 16; 17).

Embora discordem sobre a importância de algumas partes do organismo feminino, tanto Galeno quanto Aristóteles eram defensores da teoria da *plethora*. Ambos consideravam que a menstruação operaria como um agente regulador do organismo, expelindo os produtos mórbidos, e a mulher era naturalmente pletórica (Esteves, 2021, p. 252). As dietas também influenciavam em como esse sangue atuaria no corpo da mulher, eram reservadas a elas dietas profiláticas, tanto para ajudar na condição de procriação, como após o parto, pois a gestação é o ponto central na discussão sobre a débil anatomia feminina. Os tratamentos das enfermidades femininas eram sempre aplicados no local, diretamente na vagina ou no colo do útero (Matos, 2003, In: Matos e Soihet, 2003). Aristóteles considerava os seios e a menstruação indícios que espelham a inferioridade feminina em todo o reino animal (Yalom, 1997, p. 247).

O corpo da mulher, de acordo com Galeno, Platão e Aristóteles, por não ser tão perfeito quanto o do homem, necessitaria de algumas adaptações específicas de sua anatomia, para compensar as suas insuficiências (Boylan, 1986, p. 64). Como a ausência da menstruação poderia desencadear uma lista razoável de enfermidades femininas, muitos tratamentos foram ministrados para conter e curar seus corpos. Galeno dava grande importância às dietas a base de vegetais para o tratamento de muitas doenças, com exceção de alguns frutos considerados ácidos demais para as mulheres ingerirem, bem como aqueles que prejudicam uma correta cocção em seu organismo (Meneghelli, 2018, p. 121, In: Rezende; Moraes; Perini, 2018). De modo geral, em detrimento das características da doença, a anamnese do físico se baseava na análise de atividades sexuais, hábitos, regimes de sono e alimentação (Falcato, 2020, p. 37).

A simples possibilidade de hábitos alimentares e fatores sociais poderem alterar ou desviar a noção do imperativo biológico, concederia um certo livre arbítrio às mulheres. O que, em um primeiro momento, parecia promover uma desvinculação do determinismo da ação da natureza. Tal preceito, contudo, parecia não fazer diferença na hora de comparar o corpo feminino ao masculino em uma lógica de hierarquia que poderíamos identificar como biológica (Falcato, 2020, p. 37).

Um assunto que será exposto mais detalhadamente no terceiro capítulo desta dissertação diz respeito à correlação entre sangue menstrual e leite materno, o que nos esclarece sobre outra concepção. De acordo com a pesquisadora australiana Dawn LaValle (2015), no ponto de vista de Galeno, o sangue menstrual pode ser transformado em leite materno. Diante disso, era recomendado para mulheres lactantes que ficassem em abstinência sexual. Essa recomendação foi proposta no caso de uma gravidez subsequente, em que o leite seria canalizado para o novo feto, circunstância que dificulta a alimentação do recém-nascido (LaValle, 2015, p. 323).

Segundo Galeno, o leite era o sangue embranquecido (Silva, 2019, p. 151). O câncer de mama, por exemplo, seria elucidado de acordo com a descrição galênica, mesmo durante os séculos XVII e XVIII, como um estado de estagnação ou a coagulação de um dos humores do corpo, a dieta, como tal, era destinada a restaurar a circulação normal do sangue (Yalom, 1997, p. 262).

Como a discussão acerca do útero e da gestação demanda um pouco mais de atenção, iremos realocá-la no terceiro capítulo dessa dissertação. Aqui cabe observar as disposições de Galeno em relação ao útero, pois no campo das enfermidades, de acordo com o físico, os problemas e doenças femininas estariam relacionados direta, ou indiretamente, ao útero, algo também identificado nos tratados de Hipócrates (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). Como se acreditava que o corpo feminino realizava sua cocção de uma forma menos elaborada, a conclusão era de que a origem de todos os males estava no útero (Colling, 2015, p. 187). O útero foi encarado como um animal por Hipócrates, causador de movimentos independentes no corpo da mulher. No entanto, Galeno retirou a noção de animalidade do útero, atribuindo os movimentos do órgão à contração e relaxamento (Bellini, 2003, p. 33, In: Matos; Soihet, 2003).

O modelo da *plethora* e o modelo catártico (da purificação) coexistiram no século XVI e XVII. O da *plethora* enfatizava que o sangue menstrual não era maligno ou fatal para homens, animais ou plantas, porque era semelhante ao outro sangue que circula pelo corpo. A preocupação com as mulheres surgiu apenas quando um excesso de sangue se acumulava dentro delas, necessitando de evacuação por meio de menstruação ou sangria (Esteves, 2021, p. 252). Posteriormente, os iatroquímicos, que desenvolveram a teoria do fermento menstrual, rejeitaram esse modelo. No entanto, essa teoria emergente da fermentação acaba sendo ignorada, embora não desapareça. Segundo Stolberg (1999), a teoria da *plethora* tornou-se popular novamente no século XVIII, mas agora com uma versão alterada, baseada na noção de que a menstruação é uma secreção produzida pelo útero (Stolberg, 1999, p. 7).

Os textos hipocráticos e galênicos podem ser confundidos pelo fato do último ter sido o comentador do primeiro e, ainda, ter feito mais alguns acréscimos significativos na teoria, formando um grande conjunto de observações, estudos e conclusões sobre a saúde e a doença humana (Miranda, 2017, p. 24). Os textos gregos foram distribuídos na Europa por muitos séculos e a abordagem hipocrática serviu como modelo para uma área da medicina que se tornaria a ginecologia. Galeno não escreveu nenhum tratado sobre o tema, além do opúsculo chamado *De uteri dissectione* (“Dissecação do útero”) e o *De usu partium* (“Utilidade das partes”). Ao contrário disso, os escritos *De semine* (“Sobre sêmen”) e *De foetuum formatione* (“Formação dos fetos”), não abordam o útero da mulher com tanta profundidade quanto os primeiros (Pinheiro, 2022, p. 77, In: Andrade; Gomes; Reis, 2022).

Percebe-se, então, que desde a Antiguidade grega, a medicina europeia usou a menstruação e o leite materno enquanto razões para as mulheres não desempenharem tarefas que os homens fariam. Além do mais, essas definições delineadas até aqui esclarecem que a atenção médica sempre foi voltada para o útero e a reprodução. Hipócrates escreveu um tratado abrangente sobre a natureza da mulher, pontuando sua inferioridade fisiológica e anatômica, designações que foram revisitadas por comentadores, como Galeno, de modo que isso contribuiu para a disseminação e consolidação dessa concepção ainda na Era Moderna (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). No entanto, ainda que designando o estado de *plethora* como uma enfermidade feminina, Galeno se diferencia ao atribuir a funções anatômicas distintas uma igual importância, como no caso do processo de geração (Falcato, 2020, pp. 35-36).

2.3 – Teoria da Fermentação e a menstruação

A terceira e última teoria apresentada por Michael Stolberg é a iatroquímica ou iatroquímica (Stolberg, 2005, p. 2). De acordo com a pesquisadora canadense Raffaella Profiti, entre os séculos XVII e XVIII, os fisiologistas da ciência mecânica perceberam que a química poderia imitar fenômenos como fermentação, combustão e decomposição. Os processos corporais foram descritos em termos semelhantes e a iatroquímica tornou-se um subconjunto da fisiologia (Profiti, 2001, p. 166, In: Whitelaw, 2001).

Apesar das teorias de Hipócrates e Galeno terem existido por muito tempo, a partir do século XVI começou a ser questionada de forma sistemática. O médico alquimista suíço-alemão Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim (c. 1493-1541), também conhecido como Paracelso, foi um dos primeiros oponentes. Ao queimar os escritos de Galeno em uma praça pública, Paracelso tentou afirmar que os três elementos básicos do corpo humano eram sal, enxofre e mercúrio. Esse tipo de compreensão química foi posteriormente chamada de iatroquímica (Miranda, 2017, pp. 40-41). No entanto, Jan Baptist Van Helmont (1579-1644), ao contrário de Paracelso, adotou uma nova perspectiva sobre a cura do corpo. Ele acreditava que os remédios alteravam o *archeus* do órgão doente (Silva Filho, 2016, p. 161).

Embora não estivesse relacionado a conceitos metafísicos ou químicos, esse *archeus* era o espírito interno das pessoas. Ele acredita que a fermentação, que transforma os alimentos em energia para sustentar o corpo, é onde começam todos os processos vitais do corpo (Silva Filho, 2016, p. 161). Os iatroquímicos destacaram os processos de putrefação, efervescência e fermentação como base para o conhecimento do funcionamento da fisiologia humana. No

entanto, eles defendiam que os processos corporais também obedeciam às leis físicas do macrocosmo, como os corpos celestes, planetas e estrelas (Lindemann, 2002, pp. 79-80).

Dessa forma, durante todo esse período supracitado, as Teorias Iatroquímicas foram usadas para explicar a menstruação. Acreditava-se que o sangramento menstrual era o resultado da fermentação ou efervescência do sangue no útero e em todo o corpo. Como resultado de seu rápido movimento, o fluido dilata os vasos a ponto de vencer a resistência dos vasos uterinos e iniciava-se a menstruação (Profitti, 2001, p. 166, In: Whitelaw, 2001). Dizia-se que a fermentação se devia ao acúmulo de matéria fermentável (Ruberg, 2013, p. 17).

De acordo com a historiadora australiana Patricia Crawford (2010) o período moderno trouxe uma nova interpretação sobre o fenômeno da menstruação. Essa, no entanto, colocou o fluxo menstrual em analogia com a fabricação de cerveja, dentre outras comparações, algo que extrapolou tais observações em suposições sobre a fisiologia das mulheres (Crawford, 2010, p. 5, In: Read, 2010).

Durante os séculos XVIII e XIX, observou-se que existiam vários adeptos da iatroquímica, como também se começa a introdução da discussão das doenças nervosas, que eram atreladas à menstruação. Em 1863 o fisiologista alemão Eduard Friedrich Wilhelm Pflüger (1829-1910) formulou a teoria das ondas nervosas, em que a menstruação é atribuída à excitação nervosa⁵⁹. Há 60 anos, o zoólogo e embriologista britânico Walter Heape (1855-1929) propôs a existência de um fermento gerador, existente no organismo feminino. Esse fermento, em quantidades mínimas durante a infância, só alcançaria quantidades suficientes na puberdade, ativando os órgãos reprodutivos e iniciando o ciclo sexual (Godoy, 1941, p. 73).

Os textos sugerem que a Teoria Iatroquímica teria começado nos escritos antigos. Quando Eva comeu a maçã proibida, o fermento entrou em seu corpo e foi transmitido de geração em geração como um lebrete, um "*levain*" moral persistente e hereditário da mulher pecaminosa. Portanto, a mulher é contaminada pelo seu próprio sangue ou fermento uma vez por mês (Read, 2010, p. 12). Essa teoria da fermentação sugeriu que, em algum local desconhecido do corpo da mulher, ou mesmo em toda massa ou fluído da menstruação, ocorria um fermento ao longo do mês, pois a iatroquímica trabalha com a ideia de fluido universal. Se Galeno concebia o sangue menstrual como qualquer outro fluido no corpo, os iatroquímicos

⁵⁹ Para compreendermos a relação entre menstruação, doenças nervosas e fermentação, deve-se se ter em mente que em entre 1863 e 1865 Pflüger argumentava que o desenvolvimento do folículo de Graaf produz uma irritação no nervo ovariano, levando a uma estimulação reflexa que resultava em ovulação e menstruação simultâneas. Nesse ínterim, as doenças dos nervos também foram entendidas por essa lógica, os processos fisiológicos sugerem a fermentação (movimento molecular da matéria) e os "espíritos vitais" como forças em movimento (Vertinsky, 1990, p. 44).

fazem o mesmo, mas reduzem fenômenos vitais à combinações químicas (Rosas, 2010, p. 62).

Ao analisarmos os escritos antigos é possível perceber que Demócrito (460 a.C.), contemporâneo de Hipócrates, explicava o fenômeno da menstruação afirmando que as mulheres continham um fermento – *fervor uterinos* – que periodicamente entrava em ebulição, o que causava a hemorragia menstrual (Godoy, 1941). Portanto, essa percepção de fermento e febre uterina já tinha sido levantada desde a Antiguidade grega (Ross, 1951, p. 184).

No modelo da fermentação, as explicações para os sintomas pré-menstruais foram semelhantes às dadas no modelo de pletora. Mas, diferente dela, onde eles aumentam gradualmente ao longo do mês, na fermentação eles foram explicados pela existência de uma matéria mais impura que causava sintomas violentos. Manifestações como dor, ganho de peso, coceira, calor e tensão eram assim explicados pela alta fermentação do sangue. Algumas dimensões sobre isso eram particularmente dramáticas (Profitti, 2001, p. 166, In: Whitelaw, 2001). A historiadora da ciência e medicina suíça Barbara Orland situa que os iatroquímicos entraram em um debate, onde afirmaram que essa abundância e noção de fermento também poderia ser encontrado no corpo masculino. A fermentação esticava e expandia os vasos, até os seus limites, causando diversos sintomas (Orland, 2012, p. 459, in: Horstmannshoff, 2012).

A fermentação foi vista como a causa de outros fenômenos no século XVIII. Alguns médicos europeus acreditavam que as impurezas no sangue da mãe eram a causa da varíola. Tais impurezas tendiam a ser fervidas de maneira semelhante à fermentação quando essas crianças atingissem a puberdade, o que ajudava a explicar a menstruação (Ashtiyani; Amoozandeh, 2010, p. 482). A pesquisadora de história do gênero e sexualidade holandesa Willemijn Ruberg (2013) estipula que a diminuição do sangue menstrual era uma causa legítima de doença, explicação essa que coaduna com a visão do corpo humoral (Ruberg, 2013, p. 17-18).

A partir dessas teorias é possível entender como o funcionamento do corpo feminino passou a ser interrogado sob diversas perspectivas na área da medicina. Examinado continuamente pelos olhos médicos e sociais, como um corpo defeituoso e doente, submetido a uma variedade de tratamentos (Del Priore, 2004). Os trabalhos dos pesquisadores apresentados neste capítulo mostraram quão persistente foi a busca por uma explicação do fenômeno da menstruação até o final da Era Moderna. Isso confirma o olhar exclusivo do médico sobre o útero e a reprodução feminina.

2.4. Embriologia no setecentos: Teoria da Recapitulação e o homem invertido

De acordo com a pesquisadora de história da ciência estadunidense Londa Schiebinger, na perspectiva galênica os corpos de homens e mulheres eram intercambiáveis, exceto por aquelas partes que se relacionam diretamente com a reprodução. Essa perspectiva é encontrada tanto nos trabalhos de Andreas Vesalius, quanto no de Ferreira, onde o calor é elencado como marcador para a diferenciação. Portanto, essa explicação denota um conhecimento ainda errôneo sobre o corpo feminino (Schiebinger, 2001, p. 208). O estudo da embriologia no século XVIII, que aqui iremos apresentar, tem como objetivo evidenciar os esforços despendidos por embriologistas e anatomistas que buscaram, por meio de diversas analogias, justificar a inferioridade da anatomia feminina frente ao modelo masculino. Nesse ínterim, optamos por retomar principalmente as perspectivas de Galeno para essa discussão.

Atualmente, muito do que sabemos sobre os corpos femininos está relacionado às práticas discursivas e não discursivas que foram construídas sobre eles, que muitas vezes estão mais relacionadas à linguagem e ao poder do que à natureza (Colling, 2011, p. 13). Partindo de pretensões curativas, foram surgindo diversas disposições teóricas que, em alguma medida, levaram à compreensão de que a mulher seria inferior ao homem. A maior parte dos medicamentos foram recomendados para os sintomas associados à disfunções uterinas. Sua própria natureza anatômica definia os tratamentos, ao passo que reduziram seu útero a uma máquina de reprodução (Federici, 2017, p. 262).

Como vimos até agora, a busca por explicar a natureza da mulher é um caminho bifurcado. Ainda no final do século XVIII, Portugal embasava áreas como anatomia e fisiologia, nos seus próprios paradigmas lusos. No entanto, as crenças médicas sobre o corpo feminino, que eram ensinadas em suas academias, não estavam tão diferentes das de seus vizinhos europeus, pois usavam a filosofia médica grega para seguir ou criticar (Lourenço, 2016, p. 7). Isso explica porque avançamos e regredimos no tempo para melhor entender as concepções de Ferreira sobre a fisiologia feminina, no esforço de entender esses processos de produção filosófico-natural, bem como estes propiciaram novos paradigmas (Correia, 1997, p. 30; 83).

Como o cirurgião Ferreira pensava as doenças das mulheres na colônia mineira e o que acreditava estar fazendo? Como seguidores dos ensinamentos de Hipócrates, Galeno e Aristóteles, podemos encontrar informações sobre a anatomia feminina em seus escritos. A afirmação de Ferreira de que as mulheres geralmente apresentavam obstruções, principalmente devido à falta de conjunção (Ferreira, 2002, In: Furtado, 2002), leva à noção defendida por Aristóteles e Galeno, de que os corpos das mulheres estavam mais frios e demoravam mais para

processar os alimentos, resultando, em última instância, no acúmulo dessa substância no útero. Essa seria uma definição que estabelecia a inferiorização da mulher na hierarquia entre esta e o homem (Pissinati, 2018, p. 3).

Hipócrates acreditava que as veias, que eram nossos respiradores e atraíam o ar para o resto do corpo, eram onde o corpo humano recolhia a maior parte do fôlego. Se uma pessoa ficasse sentada ou deitada por muito tempo, as veias eram pressionadas, não deixando passar o fôlego, causando um entorpecimento e obstrução destas. Assim se criava um fluxo excessivo em um determinado lugar do corpo (Cairus, 2005, p. 43). Essa descrição coincide com a de Ferreira, que ainda caracterizava o atraso na menstruação como uma obstrução no mesentério ou “do fígado”, por isso preparava “desobstruentes e purgas de rum” para fazer vir a conjunção (Ferreira, 2002, pp. 308-309, In: Furtado, 2002).

A partir do modelo galênico, Ferreira viu o corpo da mulher como um receptáculo de eventos perturbadores constantes. Observou os sintomas da menstruação como sinais de perda de saúde mental (Ferreira, 2002, p. 309, In: Furtado, 2002). Percebidas essas continuidades, a discussão sobre o desenvolvimento embrionário, a comparação entre os corpos masculino e feminino e a busca por entender o processo de reprodução animal e humana, representam um caminho percorrido no campo da medicina que, em suas reflexões, abordaria o conceito de homem invertido (Gilge, 2013, p. 8; Laqueur, 1990, p. 63).

É por meio da obra do historiador estadunidense Thomas Laqueur chamada “*Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud*”(1990) que identificamos o modelo de interpretação do corpo feminino, herdado dos gregos. Esse modelo que admitia apenas uma estrutura básica do corpo humano, a do homem, também era conhecida pela concepção *one-sex*. Segundo o autor, Galeno afirmou que as mulheres são homens invertidos e, portanto, menos perfeitos, pois têm os mesmos órgãos que os homens, mas em locais inadequados (Laqueur, 1990, pp. 25; 26; 33). Somente no final do século XVIII e início do XIX que a noção de dois sexos ou diferença biológica foi sendo questionada gradualmente (Rohden, 2001, 512).

A embriologia de Galeno estava dividida entre as teorias de Hipócrates e Aristóteles sobre a medicina. Aristóteles era adepto da teoria epigenética, enquanto Hipócrates era devoto da teoria pangenética, onde se defendia o desenvolvimento pré-formista (Boylan, 1986, pp. 59; 69). Galeno acreditava que o embrião era formado por duas sementes de ambos os sexos. Também disse que o calor explicava as diferenças na anatomia masculina e feminina porque ele condensava as matérias entre si. O pai dava à semente hálito quente e a mãe dava uma segunda quantidade de ar fria (Boylan, 1986, pp. 66; 69).

O médico britânico Kenneth David Keele situa em seu trabalho “*Three Early Masters*

of *Experimental Medicine - Erasistratus, Galen and Leonardo da Vinci*” (1961) que o útero foi considerado pelos hipocráticos como um conjunto de órgãos grandes e ociosos, isso significava que o locus das faculdades retentivas é onde flui, estaciona e se move o embrião (Keele, 1961, p. 29). O estudo da anatomia feminina, embora tivesse sido pensado, mas não experienciado de fato, serviu como uma ilustração de uma hierarquia de calor e perfeição que não estava disponível para os sentidos (Laqueur, 1990, p. 27). O calor seria a resposta para a questão da inferioridade biofisiológica da mulher, isto é, a deformidade de suas genitálias, teoria essa semelhante à de Aristóteles (Fonseca, 2010, p. 36).

Observamos que a mulher foi percebida como uma analogia. Da mesma forma, essa linha de raciocínio foi aplicada para explicar e descrever o surgimento de anomalias humanas, que, de fato, poderiam ser consideradas como tal. Em seus escritos Aristóteles já tinha adotado o raciocínio de que os monstros eram resultado de defeitos da natureza porque não tinham conseguido desempenhar corretamente as suas funções. Além dele, Plínio, o velho, acreditava que a natureza expressava seu estado de espírito em várias criações, tendo sustentado essa tese em sua obra *Natural History*. Essas tendências anômalas poderiam ser classificadas no domínio taxonômico das brincadeiras científicas (Correia, 1997, p. 252). Mary Del Priore entende que, para Aristóteles, no processo de reprodução, o homem insuflava uma alma à matéria bruta fornecida pela mulher. Já a contribuição feminina no processo de reprodução só seria considerada caso algo de errado ocorresse com o bebê (Del Priore, 1993, p. 237).

Em sua obra chamada *De generatione animalium* (Tradução: Sobre a geração dos animais) Aristóteles escreve sobre a geração da espécie animal, incluindo o gênero humano. Ele postulou que o sêmem do homem é um nutriente superdotado por causa de sua natureza calorífera (Fonseca, 2010, p. 2). Já o nutriente da mulher não era tão significativo, porque seu corpo era mais frio devido a sua natureza constitutiva. Segundo Aristóteles, uma mulher era como um homem infértil, esse resíduo mais fraco dela é responsável pela produção de machos deformados, ou seja, de descendentes do sexo feminino. Lhes faltava o princípio da alma que só se pode ser encontrado no sexo masculino (Del Priore, 1993, p. 238).

Para Aristóteles a fêmea é um macho deformado. Ele encarava a menstruação como um sêmem numa condição mais impura, não terminada. É por causa dessa qualidade pejorativa que a medicina, a religião e a moral se uniram na Idade Média, e mesmo na Idade Moderna, para alertar sobre as horríveis consequências que poderiam surgir se um homem tivesse relações sexuais com uma mulher menstruando, o que poderia causar, por exemplo, a lepra, uma doença tão temida na época (Fonseca, 2010, p. 2).

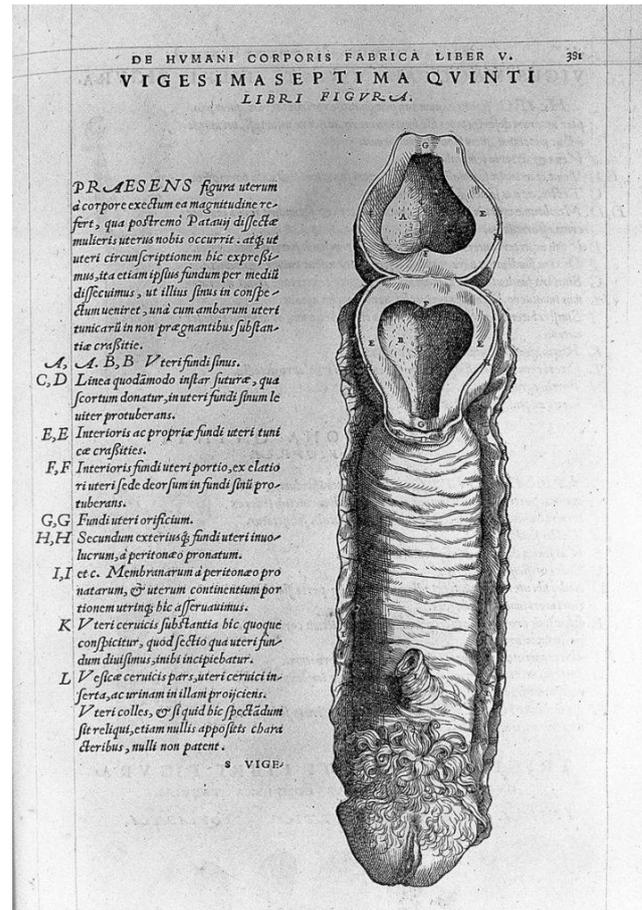
É curioso o fato de conseguirmos encontrarmos, atualmente, discussões sobre a

anatomia humana e homologia dos sexos em um livro que discute seres humanos mutantes na história, como é o caso do livro “Mutantes: formas, variações e erros do corpo humano” publicado em 2003 do biólogo holandês Armand Marie Leroi. Ele discute a busca dos anatomistas pelo todo, ou seja, o corpo da mulher é um corpo mutante e por não apresentar o órgão genital externo é como se faltasse algo que deveria ser procurado e explicado (Leroi, 2003, pp. 249; 251; 254; 255). Portanto, a mulher estava entre uma categoria de espécies que não seguiram a ordem natural de desenvolvimento (Boylan, 1986, p. 52).

A primeira descrição razoável que explica a correspondência entre os órgãos genitais masculinos e femininos foi dada em 1543 por Andrea Vesalius. Para ele os ovários eram equivalentes aos testículos do homem e cada trompa de falópio equivalia a um vaso deferente masculino, “tal como o útero ao escroto e a vulva ao prepúcio”. A vagina, no entanto, era um tubo oco, era uma versão feminina do próprio pênis, o órgão era localizado internamente (Leroi, 2003, p. 249). De acordo com a historiadora das ciências Sachiko Kusukawa o físico Vesalius realizou essas ilustrações anatômicas com o intuito de melhorar a Teoria Hipocrático-Galênica, não de rejeitá-la (Kusukawa, 2024, p. 111).

A tentativa de Vesalius de ilustrar o órgão genital feminino, no entanto, ignorava algumas características anatômicas já evidenciadas no período. Um olhar mais atento, mesmo de um contemporâneo de Vesalius, identificaria que a vagina interna foi representada como uma “haste rígida e comprida, coisa que não é”, a vagina também não possui protuberância na extremidade, onde seria a glândula masculina, (Leroi, 2003, p. 251). Como podemos ver na ilustração de Vesalius que se segue abaixo,

Figura 3 – “Órgãos Genitais Internos Femininos” de Andreas Vesalius,
na obra *De humani corporis fabrica* (1543)



Disponível em: [File:Vesalius "De humani...", 1543; illustration of a uterus Wellcome L0015865.jpg - Wikimedia Commons](File:Vesalius \)

Acesso em: 18 de Mai. 2024

A Teoria da Recapitulação pronunciou uma justificativa para a inferioridade da mulher em relação ao homem. Ainda que por um curto período de tempo, filósofos naturais como Johann Friedrich Meckel⁶⁰ (1781-1833), Carl Friedrich Kidmeyer⁶¹ (1763-1844) e Étienne Serres⁶² (1786-1868) desenvolveram uma teoria que afirmava que a mulher, e todos os outros seres diferentes, estavam atrás do homem, em um determinado estágio de desenvolvimento

⁶⁰ Johann Friedrich Meckel foi um médico e anatomista alemão. Junto com Isidore Geoffroy Saint-Hilaire foi um dos fundadores da teratologia. Trabalhou como professor de anatomia, patologia e zoologia da Universidade de Halle (Seidler; Mullen; OPITZ, 1984).

⁶¹ Carl Friedrich Kilmeyer (22 de outubro de 1763 — 14 de setembro de 1844) foi um antropólogo, naturalista alemão e professor da botânica na Universidade de Tübingen. Kilmeyer foi um dos estudantes de Johann Friedrich Gmelin. Kilmeyer foi um dos fundadores da *Naturphilosophie*. A essência da *Naturphilosophie* era retração a ação da mente na natureza. O homem era o topo da natureza, e os filósofos da natureza tentavam derivar a diversidade das coisas vivas da crença na unidade da matéria e em princípios básicos. Isso podia, segundo pensavam, conduzir aos organismos complexos que culminaram no homem (Silva; Silva, 2017, pp. 688-689).

⁶² Antoine Étienne Renaud Augustin Serres, foi médico embriologista francês e professor de anatomia comparada do Museu Nacional de História Natural de Paris (Walusinski, 2024).

Acesso em: 18 de Mai. 2024.

Por mais que tenha sido uma teoria que não vigorou por muito tempo, ou mesmo não ganhou adeptos suficientes, é importante apontar que teses como essas não eram totalmente descartadas. A Teoria da Recapitulação, entre outras do período, afirmava a já ideia consolidada teoria grega, de que a mulher era imperfeita e, portanto, deveria ser guiada, subordinada (Silva, 2019, p. 149; Souza, 2011, p. 131). A medicina do século XVII e XVIII continuou sustentando os princípios aristotélicos, reproduzindo muitas vezes a mesma ideia de que a mulher era a portadora de um temperamento comumente melancólico, era um ser débil, mais frágil, doente por natureza. Os físicos e cirurgiões ainda consideravam o calor mais importante do que o frio ao falar sobre o que distinguia o homem da mulher (Del Priore, 2004, pp. 81; 95, In: Del Priore, 2004).

No entanto, o conceito de recapitulação não pode ser associado aos trabalhos de Haeckel, nem mesmo é possível afirmar que surgiu no século XIX. De acordo com a pesquisadora de história e filosofia clássica grega estadunidense Jessica Gelber, em seu trabalho “*Form and inheritance in aristotle’s embryology*” (2010), essas ideias recapitulacionistas podem ser encontradas nos escritos de Aristóteles, pois ele já tinha estipulado que cada embrião continha uma memória de vários grupos de organismos adultos, sejam eles humanos, animais ou plantas (Gelber, 2010, p. 203). Portanto, a visão de desenvolvimento embrionário de Aristóteles poderia representar um esboço do assunto, do que se apresentaria de forma mais arranjada séculos depois (Gilge, 2013, p. 9).

O médico francês Nicolas Andry⁶⁴ buscou explicar sobre a formação de monstros em seu livro chamado “*Orthopaedia*”. Nele, Andry explica que a malformação de crianças era resultado de efeitos mecânicos sofridos pela mãe durante a gravidez, acidentes esses que poderiam levar a repercussões patológicas no processo de desenvolvimento do feto (Correia, 1997, p. 215). Curiosamente, esse conceito se alinha aos padrões modernos. A epigênese, ao postular que o desenvolvimento embrionário ocorre de novo em cada geração, onde os órgãos se formam gradualmente, estava mais próxima de descobrir a origem do nascimento de anomalias e a diferença biológica entre homens e mulheres, do que a pré-formação (Silva; Duarte, 2016, pp. 426; 432).

Ao buscarem entender o processo de reprodução, e o que acontecia para que ocorresse o nascimento de anomalias, concomitantemente, eles acreditavam que a razão da mulher não

⁶⁴ Nicolas Andry foi um médico francês que estudava como prevenir e corrigir deformidades nos ossos das crianças, a ele é delegado a criação do termo ‘ortopedia’ em 1741 (Diniz, 2020).

ter um órgão masculino exteriorizado, como o homem, é porque ela estacionou no processo de desenvolvimento embrionário. De acordo com Galeno, o calor masculino possui mais relevância na geração, indo ao encontro com a percepção de má-formação embrionária da anatomia feminina (Costa; Magalhães; 2022, p. 8; Correia, 1997). O surgimento dessas anomalias, por outro lado, disputando espaço com a visão religiosa, sempre estavam associadas na literatura, e mesmo nos tratados médicos, como sendo resultado da ira de Deus (Correia, 1997, p. 229).

Dos filósofos naturais citados anteriormente, podemos nos atentar um pouco mais sobre os trabalhos de Johann Friedrich Meckel. Ele estudou anatomia animal e humana anormal na Alemanha, no século XIX, na tentativa de explicar o desenvolvimento embriológico. Devido a sua persistência em entender esses fenômenos, ele acabou desenvolvendo conceitos para compreender as malformações primárias e secundárias, o atavismo e a sua concepção de recapitulação, de modo que seus escritos influenciaram os campos da medicina e da embriologia durante os séculos XIX e XX (Costa; Magalhães, 2022, p. 16). Friedrich Meckel também foi um dos criadores de teorias com viés na recapitulação, mas com ênfase em anomalias. O que não deixa de expressar suas concepções sobre seres que são evoluídos e outros que não são (Santos; Campos, 2014, p. 1228).

Meckel traçou um paralelo entre as ordens dos animais, os estágios de desenvolvimento e a *scala naturae* (escala da natureza) que, às vezes, era chamada de “A grande cadeia do ser”. Meckel, em 1810, por meio da teoria *Scala naturae*, explicava que a natureza continha uma escala hierárquica que não era baseada na descendência comum, onde os seres humanos não residiam no topo das criaturas terrestres, mas os humanos estavam abaixo dos anjos e de Deus (Santos; Campos, 2014, p. 1215; 1218). É a partir dessa teoria que Meckel escreve sobre a teoria da recapitulação, atestando que os embriões humanos passavam por estágios nos quais eles se assemelhavam a formas inferiores de vida. Concluímos, a partir dessa concepção, que a mulher teria parado em determinado estágio por não ter exteriorizado seu órgão genital (Leroi, 2003, p. 249-251).

Nessa teoria, a mulher seria considerada um ser anormal, pois não teria alcançado o último nível de desenvolvimento. A Teoria da Cadeia do Ser ficou ainda mais popular quando a obra de William Smellie *The philosophy of natural history* foi publicada, no jornal *The New York Magazine* no Século XVIII. Na ordem hierárquica da vida, propalada pela cadeia do ser, o homem era, sem dúvida, o líder da principal ligação entre os elos, estava acima devido a pequenas, quase imperceptíveis, mas consideráveis gradações de diferença (Santos; Campos, 2014, p. 1218). Por causa de suas imperfeições fisiológicas a mulher seria incapaz de alcançar

a perfeição anatômica nessa teoria (Read, 2010, p. 27).

A embriologia foi empregada pela medicina para apoiar a ideia de que as mulheres eram anatômica e fisiologicamente inferiores aos homens. Ela foi apresentada com o objetivo de ilustrar os métodos utilizados por vários teóricos para demonstrar uma pretensa inadequação das mulheres, apenas atribuindo-lhes o papel de reprodutora, uma ideia que ainda é prevalente nos dias de hoje. No próximo capítulo discutiremos outra teoria que foi usada pelos físicos, para reforçar o estigma da mulher como um ser imperfeito, uma eterna doente (Del Priore, 1993, p. 277).

2.5. Fisiognomonia e a medicina: o rosto melancólico

O corpo humano e suas funções, a depender do campo de estudo, é entendido como uma invenção teórica recente. Um pouco antes da virada do século XX, ele só exercia um papel secundário no campo filosófico-natural e nas correntes racionalistas. A alma era quem exercia o protagonismo (Courtine, 2013, p. 12). O mesmo não se pode dizer no campo da medicina e das ciências naturais. Os múltiplos dispositivos que exerciam uma função de vigilância, até o século XIX, buscaram disciplinar os corpos, onde tais dispositivos materializados em instituições curativas e educativas, apreendiam o corpo como um espaço que deveria ser vigiado (Foucault, 1987, p. 164).

De acordo com o filósofo fenomenólogo francês Merleau-Ponty⁶⁵ (1908-1961), para muitos pensadores no final do século XIX o corpo era apenas um pedaço de matéria (Pires Ferreira, 2010, p. 49). Ele viria a emergir primeiramente no campo da psicanálise, no período em que Freud apresentou seus escritos sobre os Estudos da histeria (1895). Na perspectiva freudiana, dependia do inconsciente falar através do corpo e, tal como na ideia de Edmund Husserl⁶⁶, o corpo era o berço original de toda significação, a âncora do mundo (Courtine, 2013, p. 13). Essa percepção contribuiu para que o corpo fosse religado ao inconsciente, passando a se inscrever nas formas sociais da cultura, mas essa conciliação já podia ser encontrada dois

⁶⁵ Maurice Merleau-Ponty foi um filósofo fenomenólogo francês, fortemente influenciado por Edmund Husserl e Martin Heidegger. Segundo esse pensador, o homem precisa ser apreendido não apenas enquanto corpo material, mas principalmente enquanto um fenômeno corporal, ou seja, enquanto expressividade, palavra e linguagem (Pires Ferreira, 2010, p. 49).

⁶⁶ Foi um matemático e filósofo alemão que estabeleceu uma escola de fenomenologia. Ele rompeu com a orientação positivista da ciência e da filosofia de sua época. Elaborou críticas ao historicismo e ao psicologismo na lógica (Moreir, 2010).
<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3485>

séculos antes, ou até muito mais, sob outras circunstâncias (Courtine, 2013, pp. 13-14).

Eis o papel da fisiognomonia. Desde o século XVII se pode verificar que este campo de saber usou as funções mecanicistas do corpo para determinar doenças psicológicas, como a melancolia e a histeria. Os sintomas foram ganhando significado de signos clínicos de uma doença (Courtine, 2013, p. 49). Isso significa, por exemplo que, de acordo com a afirmação do fisionomista e pintor francês Charles Le Brun⁶⁷, as paixões não se localizavam no coração, mas na glândula pineal. É a partir desse raciocínio que se inicia o interesse pela cabeça e rosto humano, surgindo um tratamento físico com atendimento médico às paixões da alma. Ao elaborar a teoria sobre elas, ele também propôs uma anatomia e fisiologia do rosto (Fassis, Martins, 2020, p. 37). A seguir se vê uma gravura de Le Brun chamada *Expressions des passions de l'Ame*, de 1732 (Alves; Christo, 2020, p. 208).

Figura 5 – “*Expressions des passions de l'Ame*” de Charles Le Brun. Gravuras, 39.1 x 24.8 cm. Metropolitan Museum of Art. (1732)



Disponível em: [Charles Le Brun: Expressões das Paixões de l'Âme | RR \(rrauction.com\)](https://www.rrauction.com/Charles-Le-Brun-Expressions-des-Paixoes-de-l-Ame),

Acesso em: 18 de Mai. 2024

A fisiognomonia foi uma teoria, entre outras palavras, que contribuiu, assim como a Teoria da Recapitulação, para a justificação da inferioridade da mulher em comparação ao homem, anatômica, fisiológica e biologicamente dizendo. Isto porque o seu discurso sobre os signos explicava as inclinações que as mulheres tinham, mais do que os homens, para desenvolver doenças psicológicas ou transtornos mentais (Courtine, 2013, pp. 49; 67). A característica morfológica da mulher vai passar a ser dotada de sentido, mas embora tenha tido

⁶⁷ Foi conhecido mais pelos estudos de fisiognomonia do que pelas suas pinturas, em 1668, Le Brun proferiu, na Academia, a Conferência sobre “Expressões em Geral e Particulares”, que se tornou famosa e referência constante nos estudos de fisiognomonia posteriores. Nesta conferência é notória a presença das ideias que René Descartes manifesta em seu último texto, *As Paixões da Alma*, escrito em 1649 (Miranda, 2005, p. 18).

o trabalho de instrumentalizar e purificar o olhar clínico para os sintomas das doenças, a fisiognomonia acabou por se limitar em prever o destino das pessoas (Lousa, 2006, p. 235).

Essa teoria tem sua origem na Grécia Antiga, sendo considerada, nesse período, um campo de estudo de fenômenos naturais. Sugere-se que Empédocles pode ter sido o primeiro na introdução dessa teoria, que foi posteriormente expandida por Hipócrates. Mas, a partir de um ponto de vista diferente, Hipócrates atribuiria o caráter fisiológico, ficando conhecida como entendemos aqui por Teoria dos Humores e dos Climats (Lousa, 2006, p. 234). Aristóteles⁶⁸ talvez tenha sido o que melhor exprimiu a teoria fisiognômica. Para ele o corpo era indissociável da alma, por isso era possível entender as afecções através do aspecto físico (Araújo, Sebben; Ellery, 2010, p. 5).

Segundo a pesquisadora estadunidense Julianna Little em seu trabalho “*“Frailty, thy name is woman , thy name is woman”: Depictions of F ”: Depictions of Female Madness”*” (2015) a nobre inglesa, Lady Grace Mildmay⁶⁹, diarista e médica, que praticava medicina e tinha um grande repertório de curas, elencava as imperfeições de semblante desagradáveis, como borbulhas ou verrugas que eram encaradas como defeitos. De acordo com Mildmay a melancolia surgia das putrificações do estômago, do fígado e do útero. Os remédios poderiam ser encontrados trabalhando sobre os espíritos dos sentidos. Sua percepção se deve principalmente às definições de Galeno, onde, para ele, a paixão tem sido associada ao desequilíbrio no humor melancólico e, portanto, associada à condição de melancolia feminina. Portanto, a melancolia era caracterizada como uma doença da cabeça, do coração e da imaginação, com genitais inflamados ou congestionados, levando à fantasia desordenada (Little, 2015, p. 17).

De acordo com o pesquisador estadunidense Michael C. Schoenfeldt em sua obra “*Bodies and selves in early modern England: Physiology and inwardness in Spenser, Shakespeare, Herbert, and Milton*” (1999) os traços faciais previam o estacionamento e a inflamação do fígado, diziam respeito aos traços do caráter, quer bons quer ruins. O fisionomista

⁶⁸ Durante a Antiguidade houve autores, latinos e gregos, como Aristóteles, Polémon, Adamantios e Apuleio que escreveram tratados acerca de uma doutrina da fisiognomonia zoológica, onde propuseram que cada parte do corpo humano se identificava com a de um animal, revelando qualidades recônditas, dentro da concepção de proporções e do padrão do homem, muitos desses raciocínios confundiam a matéria e o espírito. Os muçulmanos traduziram e fizeram uma versão resumida do tratado de Aristóteles chamado “Segredo dos Segredos” que discutia assuntos da fisiognomonia (BaltrusaitisS, 2022, pp.331-332).

⁶⁹ Lady Grace Mildmay (1552-1620) foi uma médica aristocrata inglesa que escreveu sua vida e seus conhecimentos de medicina, ela praticou medicina em sua família e outros, com um amplo conhecimento da teoria médica e um grande repertório de curas. Seus escritos incluíam memórias, artigos médicos e meditações devocionais (Singer, 1997).

deduzia o estado interno do corpo por esses sinais externos, que também revelavam as intenções do sujeito (Schoenfeldt, 1999, p. 13). De fato, os físicos prestavam muita atenção às características da compleição, pois eram através delas que se identificavam as doenças, como a melancolia e a histeria, algo que os pesquisadores atualmente consideram como um tipo de violência simbólica (Albuquerque, 2018, p. 3).

Os atributos físicos da aparência foram, historicamente, determinantes para a saúde dos pacientes, pois lembremos que o físico realizava o diagnóstico das doenças externas. É difícil para os estudiosos e médicos de hoje transcender esse tipo de visão e conceitos clínicos. Por não compreenderem corretamente o funcionamento do corpo feminino, esses físicos definiam seus corpos como opacos, ligados a ritmos e periodicidades (Souza, 2011, p. 131; Del Priore, 1993, p. 6). De acordo com a pesquisadora belga Lisa Devriese, que se dedica a estudos sobre a fisiognomonia na Antiguidade grega e Idade Média, para compreender a abordagem terapêutica na Idade Moderna, é fundamental analisar a visão dos físicos gregos sobre a pele, as veias, as rugas, isto é, as características físicas, uma vez que essas partes são a base de seus estudos (Devriese, 2021, p. 42-43).

Se a aparência física estava associada ao caráter (Devriese, 2021, p. 37) e à condição de saúde, a melancolia, por exemplo, era, por definição, uma desarmonia, uma dissimetria, um desequilíbrio, caracterizada pelo excesso de bile negra. As pinturas que representavam a melancolia como uma doença clínica surgiram como resultado disso. Um exemplo é a gravura "Melancolia Eu" de Albrecht Dürer de 1514 (Fassis; Martins, 2020, p. 34). O tema da melancolia também apareceu em relatos de cronistas e médicos do XVII e XVIII, quando atribuíram a melancolia à doença dos escravizados negros, que eram levados ao suicídio no auge da doença (Miranda, 2017, p. 406).

É evidente que existia uma visão distorcida dessa doença por duas razões: a primeira é que a dor desses homens e mulheres era associada à completa perda de sua liberdade e a segunda é que eles viviam em uma sociedade extremamente desigual e perversa (Miranda, 2017, p. 406). No entanto, os conceitos médicos que ainda dominavam a percepção das doenças vieram de Hipócrates e Galeno, e a melancolia foi um dos humores que poderiam explicar seus comportamentos depressivos, bem como seus sentimentos de pânico e medo (Coelho, 2002, p. 156, In: Furtado, 2002).

Como a história da medicina não é marcada pela linearidade, os adeptos de Galeno passam a empregar tal conceito, novamente, na Era Moderna, pois foi um momento centrado na autopercepção (Falcato, 2020, p. 30). Durante o século XVII na Europa, surgiram inúmeras publicações com foco na melancolia, fornecendo descrições detalhadas de suas características

inglês conhecido pela obra “Anatomia da melancolia” (1857), escreveu os sintomas da doença, associando a melancolia com o sentimento do medo, tristeza, ódio e alterações de voz (Burton, 1857, p. 108). Segundo Burton, melancólicos eram pessoas que desejavam a morte muitas vezes, determinados a se suicidar, mas que também temiam ser mortas. Como se percebe, há uma lista quase interminável das características de uma pessoa melancólica e seria provavelmente difícil escapar de tal diagnóstico, já que os indícios partiam das expressões e traços faciais. É preciso ainda levar em consideração que a melancolia no início da Era Moderna está associada a introspecção (Burton, 1857, p. 234).

O estudo das doenças, reconhecidas na fisionomia, persistem de forma cíclica, isto é, os estereótipos da loucura foram associados à figura masculina em um dado período. Por isso é possível encontrar figuras da Mania e da Melancolia nos portais de Bethlem, que foram apelidados por Alexander Pope de “Os irmãos sem cérebro”. Todas as imagens da melancolia que enfeitaram o trabalho do *Anatomy of melancholy* (1621) eram masculinas (Porter, 1987, p. 134). Com o advento da idade da sensibilidade, na metade do século XVIII as doenças mentais passaram a ser vinculadas à feminilidade. A mística que circundava o sangue menstrual foi incorporada nos textos médicos, associando-o à loucura e à morte (Engel, 2002, In: p. 335, Del Priore, 2004).

Como o conceito de doenças mentais é contemporâneo, portanto, inexistente durante a Idade Média e Moderna, roteirizar essa trajetória demandaria dedicar um capítulo específico a isso. O que se deve ter em mente, no momento, são as estratégias discursivas empregadas, reforçadas pela intenção de identificar traços físicos que apontem sua inferioridade, algo que a fisiognomonia se ocupava. Os físicos, na Era Moderna, não estavam preocupados com as causas e classificação das doenças, mas possuíam uma compreensão geral da integridade mental do indivíduo (Mitjavila; Mathes, 2012, p. 1379). É nesse contexto que as mulheres tinham sua fisionomia e gestos analisados, pois ao contrariar sua função reprodutiva lançava-se a ela uma cadeia de enfermidades (Del Priore, 2004, p. 83).

Para esses físicos, as mulheres estavam sempre presas nas mesmas doenças, tais como enfermidades físicas, dificuldades menstruais, problemas e desordens ginecológicas, complicações no parto e infertilidade. Todos esses fatores poderiam prejudicar a mente da mulher (Del Priore, 1993, p. 282). Os temperamentos, em dado momento, passaram a servir como categoria ou classificação para compreender as relações afetivas, ligados à doutrina moral dos afetos, perspectiva essa que veio por meio de Cláudio Galeno (Fassis; Martins, 2020, p.

Anatomy of Melancholy, produzida em 1621, pioneira no estudo das doenças mentais (Burton, 1857).

29).

Os estudos de Galeno foram complementados pela *physiognomonía*, pois ela relacionava o caráter do homem e da mulher com a sua aparência física (Fassis; Martins, 2020, p. 32). O estudo da personalidade, a partir dos traços faciais, previa enxergar os elementos internos. O que levou muitos físicos-morais, do século XVII, a decidirem tratar sintomas dos males do amor com receitas para corrigir o equilíbrio dos humores, com a recomendação de várias boticas e mezinhas. Dos líquidos aos sólidos, de ervas até misturas de substâncias químicas já produzidas no século XVIII (Silva, 2019, p. 155).

Para Galeno, as emoções eram fundamentais nas alterações humorais, o efeito das experiências afetivas era praticamente mediato. O que não se diferenciava muito das mudanças climáticas ou do efeito de um dado alimento após ele ser ingerido (Stülp; Mansur, 2019, p. 158). Desde Hipócrates, a intervenção do clima no tratamento de muitas doenças já estava presente, o médico aconselhava aos doentes que procurassem ambientes onde houvesse ventos e saídas de sol, que seriam os melhores lugares para se viver. Para Hipócrates, os pontos cardeais influenciavam no caráter individual, por extensão, nos humores corporais de cada sujeito na região onde se estabelecesse (Miranda, 2017, p. 29).

É na obra foucaultiana que encontramos um detalhado esquadramento sobre o enraizamento do corpo no discurso das ciências humanas. Foucault sustenta que a doença mental não existiu, mas sim, as doenças somáticas, como a lepra ou a tuberculose. As noções de loucura e insanidade foram, ao longo da história, usadas como formas de controle social. Na maioria das vezes, os comportamentos foram considerados insanos ou estranhos (Foucault, 1972, p. 628). De acordo com Canguilhem (1990) estabeleceu-se uma relação do doente não apenas pelo seu estado físico, mas também mediado pelo psiquismo (Canguilhem, 1990, p. 55).

O que cabe perceber é que a fisiognomonía foi um campo teórico onde, a partir de seus diagnósticos, levou em consideração a semiologia da exterioridade, da aparência e do invólucro corporal. Traçava as formas de se interpretar a psicologia humana e essa linha teórica esteve intimamente ligada à semiologia médica (Fassis; Martins, 2020, p. 45). Os sintomas que os físicos buscavam para determinar uma doença, por muito tempo, passaram a serem signos clínicos da doença. Levava-se em consideração os vícios ou virtudes, inclinações e paixões da alma, propensões e pulsões, por meio do olhar se verificava as formações físicas, bem como estas determinavam os temperamentos e doenças (Del Priore, 2009, p. 6).

Os efeitos do útero contribuíram para diminuir a racionalidade e aumentar a paixão (Bellini, 2003, p. 33, In: Matos; Soihet, 2003). A mulher seria prisioneira de seu período menstrual e este determinaria suas capacidades e limitações. Os físicos e, posteriormente, os

médicos no século XIX entendiam que o cérebro e os ovários femininos não poderiam se desenvolver simultaneamente. Logo, a mulher deveria se dedicar a suas faculdades reprodutivas, caso contrário, poderia gerar uma criança débil, nervosa, estéril e, pior ainda, crianças doentes e deformadas (Matos; Soihet, 2003, p. 115).

Por fim, podemos entender como a fisiognomonia apareceu e teve um impacto na forma como a medicina concebeu a saúde e a doença. Além disso, é evidente que a melancolia foi uma doença associada ao sexo feminino e foi diagnosticada desde a Antiguidade pelos físicos gregos até os fisiognomonistas da Idade Moderna. Devido à composição de sua natureza (biológica) e à menstruação, as mulheres apresentavam uma variedade de sintomas, sinais e características da doença (Vesperini, 2017, p. 3). Esses conceitos nos ajudam a compreender que, por muito tempo, os enunciados médicos e fisiognomônicos eram indissociáveis. Embora a divisão tenha ocorrido com o surgimento da noção de ciência na Era Moderna, os instrumentos existentes continuaram a existir (Ferreira, 2015, p. 24).

2.6. Menstruação e histeria

Para melhor compreender o significado da doença chamada histeria, buscamos aqui, por meio da obra “*Hysteria Beyond Freud*” (2022) dos pesquisadores Helen King, Sander Gilman e Roy Porter., retomar algumas terminologias retiradas dos tratados de Hipócrates. Para os autores, o próprio Galeno encontrou dificuldades para a tradução ou significado da palavra *Hysterika*, tão repetida nos aforismos hipocráticos. Ela poderia se referir a todas as doenças do útero ou apenas a uma condição particular chamada *hysterike pnix* (sufocação do útero) (King; Gilman; Porter, 2022, pp. 5-6).

O psiquiatra, médico e historiador francês Étienne Trillat atenta para o fato de que à Hipócrates é atribuído o termo “histeria” (Schmitz, 2021, p. 228; Trillat, 1991), mas ele não concorda com tal versão. Para ele a palavra histeria não figura nas obras, ela foi acrescentada por Émile Littré, um dos tradutores de “Da natureza da mulher” de Hipócrates. Contudo, não podemos deixar de considerar que Hipócrates designa esse termo ao útero. Neste caso, a palavra histeria poderia ter vários significados nos tratados hipocráticos (Schmidt; Simanke, 2022, p. 460).

Essas explicações nos levam a pensar que a histeria é uma doença, desde a Antiguidade, associada à mulher. A própria origem do termo histeria deriva de *hystera*, que em grego significa útero, matriz (Belintani, 2003, p. 56). No século XVIII a vigência da crença de que o útero poderia se mover pelo corpo ainda se mantinha (Schmitz, 2021, p. 335). Assim, podemos

notar que homens como Ferreira ainda associavam disfunções uterinas ao desequilíbrio mental das mulheres na Colônia. A perpetuação dessa conexão, ao longo dos anos, foi fundamental para a consolidação dos estigmas físicos da degeneração (Engel, 2002, p. 331, In: Del Priore, 2004).

Nas experiências do cirurgião português Ferreira, registradas em sua obra *Erário Mineral (1735)*, há a admissão de ter presenciado, na colônia, um homem que ficou sem juízo após ter experimentado do sangue mensal de uma mulher. Não cabe a nós, historiadores, julgar ou avaliar a relação que ele faz (Ferreira, 2002, p. 688, In: Furtado, 2002). Nosso interesse é identificar essas descrições e explicar: de que maneira esses agentes de saúde (como físicos e cirurgiões) associavam o sangue menstrual a algo tão danoso à saúde? Ou de que maneira o comportamento das mulheres, quando não lhe vinham a conjunção, era, muitas vezes, associado à histeria? Observaremos que o sangue menstrual assumia protagonismo sobre diversas moléstias. As mulheres e aqueles que entrassem em contato com essa excreção poderiam sofrer de diversas doenças (Dias, 2002, pp. 88-89, In: Furtado, 2002).

O fato é que, assim como a melancolia, as manifestações da histeria eram múltiplas, de modo que seus sintomas podiam ser observados na maioria das enfermidades, tais como febre, dores, sensações estranhas, espasmos, incapacidades funcionais, exacerbação das funções. Uma vez que essa doença foi chamada de “a grande imitadora”, por muito tempo a histeria foi considerada um padecimento exclusivo das mulheres (Ramadam, 1985, pp. 5-6). No setecentos, os físicos e cirurgiões portugueses radicados em Minas Gerais, estavam em conformidade com os pressupostos da medicina grega, explicando a anatomia feminina como um homem invertido e que sofria de recorrentes problemas de saúde, física e mental, devido às propriedades danosas do sangue menstrual (Cunha, 2010, p. 285).

Ferreira situa que o sangue menstrual tinha o potencial de contaminar um indivíduo saudável e precipitar um estado de irracionalidade nele, como resultado da exposição à sua secreção (Ferreira, 2002, p. 688, In: Furtado, 2002). A mulher é vista quase como um receptáculo que armazena o mal, ao mesmo tempo que também o produz. Elucida-se uma leitura religiosa, em que a medicina se amparava, ao visualizar seu corpo como um veículo que incorpora o mau, quando não, é o próprio mau e é a intermediária da histeria (Del Priore, 2004, pp. 82; 95).

O entendimento que se tinha era de que a menstruação era o motivo pelo qual todas as outras doenças tendiam a aparecer nas mulheres e a histeria estava entre elas. A natureza feminina bastava para explicar, dada a concepção de que sua mente era ordenada pela sua genitália (Del Priore, 2004, p. 83). Qualquer comportamento que fosse considerado “anormal”,

de acordo com o padrão cultural e moral de cada época era, portanto, relacionado a mulher e seus problemas uterinos (Foucault, 1987, p. 223).

Como destacado, a discussão da ligação entre a mente e o útero já era um tema de debate desde a Antiguidade grega. Galeno defendia que as limpezas periódicas femininas deveriam ocorrer, pois a periodicidade da menstruação tornava as mulheres mais saudáveis, tanto mental como fisicamente. O útero era a raiz de toda doença, mas também responsável pelo equilíbrio psicológico feminino (Falcato, 2020, p. 35). O útero por se movimentar constantemente dentro do corpo, de acordo com ele, causava convulsões, onde se originaria a histeria (Colling, 2015, p. 10).

Em seu "Tratado dos lugares afetados", Cláudio Galeno, em um capítulo dedicado à sufocação da matriz, afirmou que as mulheres que sofriam de abstinência sexual apresentavam histeria. Se não houver a relação sexual, o esperma feminino acumularia em seu corpo, causando um desequilíbrio dos humores (Toso, 2020, p. 93). Essa crença perdurou, unindo-se a outras, no período moderno (Stigger, 2016, p. 7).

Após Hipócrates e Galeno, a discussão sobre a histeria irá sair de cena durante o período medieval. Com o estabelecimento do cristianismo, o imaginário medieval vai se sustentar na vontade de Deus, as doenças serão atribuídas à possessão maligna (Pissinati, 2018, p. 7). A histeria irá retornar ao domínio da filosofia natural durante a Renascença, ocasião em que haverá um confronto entre teólogos e físicos para decifrá-la (Rohden, 2000, p. 93).

No século XVII o padre português Antônio Vieira (1608-1697) buscava alertar os homens sobre as mulheres e as riquezas. Segundo o clérigo esses seriam os dois laços do demônio, era o que de mais perigoso existia para a salvação das almas (Lopes, 2012, p. 1). A estrutura física e mental da mulher, no entendimento lusitano, estava intrinsecamente entrelaçada, pois seu corpo frágil, sendo delicado, seria mais facilmente atravessado pelas doenças, oposto ao do corpo masculino (Engel, 2004, p. 342, In: Del Priore, 2004). A facilidade em criar e acreditar nessas associações é evidente quando se descobre que o mal histérico e a melancolia foram inteiramente esquadrihados e racionalizados pelos médicos (Del Priore, 1993, p. 285).

O que se observa é uma mudança epistemológica e política no discurso na virada do XIX (Rohden, 2000, p. 96), onde o saber médico masculino, na busca por uma nova ordem em gestação, admite a ideia de dois sexos biológicos, contrariando a visão herdada pelos gregos (Laqueur, 1999, p. 150). A questão é que nem tudo se altera com essa nova visão. As doenças femininas são chamadas de doenças da paixão, mas à histeria ainda é aconselhada as

relações sexuais. Os excessos físicos e amorosos passam a ser mal vistos (Del Priore, 1993, p. 285). De acordo com a pesquisadora de gênero Fabíola Rohden, no XIX a medicina construiu teses com demonstrações ainda mais convincentes para afirmar a relação entre o órgão genital feminino e as doenças mentais. A preocupação estava em delimitar o papel social da mulher, baseada na valorização da maternidade (Rohden, 2001, p. 19).

O apetite sexual demasiado das mulheres e a imperfeição de suas substâncias, podendo estar se tratando nesse caso da menstruação, eram atestados pelos médicos do XIX como suficientemente degenerativos (Del Priore, 1993, p. 285). Nessa nova realidade, para administrar a histeria é preciso seguir certas regras higiênicas que impediriam suas manifestações. Uma delas era “moderar a energia despendida com o sistema nervoso e intelectual” (Rohden, 2000, p. 119).

Quando a histeria retorna às discussões médicas, o sangue secreto sofre uma diferença essencial. Ele deixa de ser encarado como um ingrediente para o preparo de feitiços e passa a ser um fator determinante e indicador da doença mental (Del Priore, 2004, p. 239). Observa-se uma ambiguidade no discurso médico a respeito do aparecimento da histeria. Por um lado, a realização da maternidade preveniria a mulher de diversos distúrbios psíquicos. Por outro lado, a gravidez, o parto e o pós-parto eram vistos como momentos propícios para a ocorrência de distúrbios mentais (Schmidt, 2012, p. 11).

De acordo com Rohden, o termo “loucura menstrual” pode ser encontrado em uma tese do Dr. Paulo Araújo Novaes datada de 1925, onde esse admite que a causa da loucura não era a menstruação, mas ela era um fator latente. Araújo ainda afirmava que a menstruação trazia um estado de menor resistência, tornando o corpo propício para estados patológicos, como a histeria (Rohden, 2000, p. 170). Mas os médicos não abandonaram a crença de que a maternidade era um remédio para curar moléstias femininas. Segundo o médico e criminologista Cesare Lombroso (1835-1909)⁷¹ e o sociólogo e historiador Guglielmo Ferrero (1871-1942), a maternidade suavizaria a mulher selvagem, mas se fosse muito contrariada levaria sobretudo à loucura (Rohden, 2000, p. 100).

No século XXI assistiremos a uma discussão acirrada sobre as terminologias que ainda são usadas a respeito da menstruação e sua relação com patologias mentais. O discurso médico grego criou o termo “estado de humor”. Este ainda se apresenta nos diagnósticos dos médicos para designar sujeitos que operam sob a influência dos hormônios. Embora expliquem que se trata de uma tentativa de evitar a propagação de discursos deterministas e

⁷¹ Médico italiano e nome conceituado da criminologia em fins do século XIX (Lombroso; Ferrero, 1896).

patologizantes (Foucault, 1985, pp. 99-100), ainda continuam a perpetuar a concepção de que as atitudes femininas são consideradas irracionais no período menstrual e durante a gravidez, posto que, historicamente, a mente da mulher foi associada ao bom ou mau funcionamento do seu útero (Rohden, 2001, pp. 102-103).

Cap. 3. Plantas medicinais abortivas em Erário Mineral (1735): o excremento impuro e as substâncias ecbólicas e emenagogas no manual de medicina

Para começarmos uma discussão sobre a farmacopeia e plantas medicinais na América Portuguesa no século XVIII, com enfoque nas práticas medicinais de Ferreira, é preciso considerar alguns pontos importantes. Em primeiro lugar faremos uso do conceito de analogia proposto pelo filósofo francês Michel Foucault em sua obra “As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas” (2000), pois as analogias mostram que a identificação de similitudes no uso de plantas específicas para tratar doenças femininas era estruturalmente parte do pensamento europeu (Foucault, 2000, p. 45).

O emprego desse conceito é relevante nesta pesquisa. Ainda que o contato com o Novo Mundo, no século XVI, tenha desencadeado várias crises, forçando-os a repensar verdades seculares, as formas de criar interpretação e compreensão acerca das coisas se mantêm na instrumentação cultural dos europeus (Papavero; Llorente-Bousquets; Espinosa-Organista, 2001, p. 43 – 47). Nos capítulos anteriores, enfatizamos que a compreensão do corpo feminino foi alcançada examinando as semelhanças nas características anatômicas masculinas, conforme observado pelos físicos Hipócrates e Galeno. Agora, pela escolha de certas boticas e mezinhas, iremos analisar o uso de analogias no processo de cura das disfunções uterinas (Hipócrates, 1851, Carrat, *et al*; Foucault, 2000, p. 45).

O segundo ponto é buscar entender como estava organizada a História Natural na Europa Ocidental no século XVIII. O conhecimento médico em Portugal, difundido na América Portuguesa, não apenas se originou no Renascimento Europeu, mas também foi influenciado pela redescoberta de antigos autores greco-romanos como Aristóteles, Teofrasto, Galeno, e especialmente Dioscórides e Plínio (Calainho, 2006, p. 213, In: Costa, 2006). Durante o renascimento farmacológico houve uma difusão dos herbários e de publicações que tratavam de três domínios naturais, sendo eles: o vegetal, o animal e o mineral. Esses homens reuniram conhecimentos advindos da Antiguidade Clássica e da Idade Média (Eduardo, 2023, p. 218). Essa prática deu origem a duas áreas de conhecimento, a botânica e a farmácia, que “também imprimiram sua marca na história da medicina” (Calainho, 2006, p. 213, In: Costa, 2006).

O comércio de drogas e especiarias, a partir do século XVI, estimulou um novo tipo de consumo alimentício, farmacológico, olfativo e sensorial, devido à nova interligação entre a Europa e as novas terras recentemente descobertas (Badinelli, 2014, pp. 108-109). De acordo com o historiador da alimentação britânico Andrew Dalby, em sua obra “*Dangerous Tastes: The Story of Spices*” (2000), Portugal abarrotou os seus navios com muitos artigos, como noz-moscada, ópio, cravo, gengibre, tabaco, açúcar, café, chá, chocolate e muitas plantas terapêuticas. Isso devido ao prazer que proporcionam, a saúde que traziam e a ganância que despertavam (Dalby, 2000; pp. 7; 22; 50; 55; 135; 140).

A América Portuguesa foi objeto de muitos relatos, a exemplo de estrangeiros como Hans Staden⁷² (Whitehead, 2000, p. 721), em 1557 e o relato bem mais rico em detalhes elaborado por Gabriel Soares de Sousa (1540-1591) chamado “Tratado descritivo do Brasil” (1587). Esse último descreveu a geografia e a flora da região do Recôncavo Baiano e as plantas medicinais utilizadas pelos indígenas (Calainho, 2006, p. 216). Durante esse período, os compostos utilizados em boticas e mezinhas vinham de Portugal, mas devido à pouca frequência com que chegavam por via marítima, bem como as eventuais perdas por deterioração, os agentes de cura se voltaram para os recursos naturais da América Portuguesa (Calainho, 2005, p. 66).

⁷² Hans Staden foi um viajante alemão do século XVI. Por duas vezes, Staden esteve no Brasil, onde participou de combates nas capitânicas de Pernambuco e de São Vicente contra navegadores franceses e seus aliados indígenas e onde passou nove meses escravo dos índios tupinambás. Ele foi uma testemunha ocular e cativa dos indígenas Tupinambás, onde sua experiência figura uma experiência do ritual antropofágico (Whitehead, 2000, p. 721).

A circulação de produtos da fauna e flora, portanto, se intensificou a partir do comércio que foi inaugurado com as novas expansões, algo que influenciou um intercâmbio de plantas medicinais o Novo e o Velho Mundo (Sandman, 2008, p. 44). Os jesuítas foram notáveis agentes nesse novo campo de atuação, não somente identificando várias espécies, mas também cultivando as que possuíam efeitos terapêuticos ou curativos. Essa ordem religiosa se dedicou a estudar e catalogar diversos males que assolavam a população colonial, organizando o conhecimento, classificando e explicando sua finalidade. As etimologias verbais tupis, com suas elaborações binomiais, foram “traduzidas”, principalmente, pelos jesuítas (Silva, 2023, pp. 123-124). Na composição das propriedades, o principal mecanismo de definição das características de vegetais inéditos se dava pelo uso dos órgãos do sentido (Le Breton, 2009, p. 45).

Não podemos deixar de sublinhar que a história da farmacopeia e das drogas medicinais no mundo luso-brasileiro encontrou, no século XVIII, o seu momento especial, pois também estava em seu auge a ilustração (Meirelles, 2017, p. 140). Com ela, se propiciou uma nova dinâmica no relacionamento do homem com a natureza, inspirado pelo exercício contínuo da razão. Esse exercício resultou em muitas obras como a “Enciclopédia ou Dicionário racionado das ciências, das artes e dos ofícios, por uma sociedade de homens de letras”, da autoria de autores famosos como Diderot e D’Alembert, publicados entre 1751 e 1780 (Calainho, 2006, p. 219).

Durante o século das Luzes, Portugal era guiado pelas tradições e pela visão teológica predominante nas instituições acadêmicas. A influência da igreja era marcante, moldando as expressões culturais e intelectuais do país (Viana, 2008, p. 27). Atrelado a isso, também houve a questão do terrorismo inquisitorial que fez afluir vários estudantes portugueses e espanhóis, muitos de origem judaica, para outros países, como a França (Miranda, 2017, pp. 84-85).

Essa perspectiva, no entanto, começou a ser lentamente superada. Foi somente em 1772 que a Universidade de Coimbra iria começar um processo de remodelamento de seu ensino, em busca de libertar o ensino do monopólio jesuíta. A Reforma dos Grandes Estudos⁷³ dirigida a Universidade de Coimbra, representou um esforço vigoroso para o predomínio do ensino científico (Santos; Custódio, 2020, p. 412). Mas mesmo após a reforma “há referência contínua ao Galenismo”, ocorrendo a convivência de perspectivas diferenciadas no saber médico (Age, 2014, p. 22). Contudo, a arte de preparar remédios foi normatizada com as reformas do 1º Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, onde em 1797 foi proposto que elaborasse a primeira farmacopeia oficial do reino por Alvará de D. Maria I (Calainho, 2006).

É na segunda metade do século XVIII que surgem, na América Portuguesa, as primeiras academias inspiradas nas já existentes em Portugal. Elas congregaram padres, magistrados, funcionários graduados da Coroa, bachareis, assim como senhores de engenho letrados e alguns poucos físicos e cirurgiões (Miranda, 2017, p. 73). O conhecimento médico foi transferido e certamente ocorreram algumas mudanças. Mas até que essas transformações ocorressem, os aforismos de Hipócrates e Galeno, assim como a própria dinâmica e cultura terapêutica desenvolvida no interior das colônias no século XVIII, vai ditar as práticas de cura. Portanto, é sobre essas relações e teorias que vamos nos atentar nos próximos tópicos (Ferreira, 2002, In: Furtado, 2002).

3.1. Simpatia e antipatia: remédios e seus usos na América Portuguesa

Três elementos são essenciais para se compreender os remédios e seus usos na prática dos profissionais da saúde no século XVIII, sendo eles: os símplices, as mezinhas e as boticas. Os símplices eram produzidos a partir de plantas medicinais fornecidas pela natureza e indicadas pelos povos originários (Santos, 2009, pp. 34-35). Portanto, refere-se a plantas medicinais em um estado natural (Silva, 2022, p. 110). As mezinhas eram o produto de uma receita, isto é, em grande medida, elas eram compostas por três elementos dos três reinos, o vegetal, o animal e o mineral (Leite, 2013, p. 58).

⁷³ É com base nesta Reforma que foram produzidos dois documentos: inicialmente, o Compêndio Histórico da Universidade de Coimbra, de 1771; depois os novos Estatutos da Universidade de Coimbra, publicados no ano seguinte (Santos; Custódio, 2020, p. 412).

Tanto as mezinhas quanto as boticas funcionavam como medicamentos, mas a botica podia se referir tanto ao estabelecimento onde eram vendidos os remédios, quanto ao próprio remédio. Desde 1640 as boticas, que se equipara às casas de comércio, passaram a ser fiscalizadas. Antes da criação da Junta do Protomedicato em 1782, cabia ao físico-mor fiscalizar, com o auxílio de boticários já aprovados, as boticas em relação à qualidade e preço dos medicamentos (Edler, 2006, p. 21).

Os medicamentos também poderiam ser separados de acordo com a sua atuação no organismo, como os internos que compreendiam os evacuantes e alterantes. Portanto, os medicamentos que possuíam esse efeito e que estão presentes em Erário incluem diversos tipos de chás, feitos com ervas como arruda, ipecacoanha, butua e raiz de capeba, os quais serão detalhados nos próximos segmentos (Furtado, 2002, p. 6, In: Furtado, 2002).

Conforme será demonstrado mais adiante, um exemplo adicional que podemos mencionar é a pimenta branca e longa, uma planta utilizada por Ferreira. Ele a usava juntamente com outras plantas medicinais, como gengibre, cravo, noz-moscada, casca de sidra e rosas, para auxiliar na concepção das mulheres (Palmese, 2014, p. 216-218; Ferreira, 2002, p. 301, In: Furtado, 2002). O que fica evidente é que os usos das ervas estão atrelados a um regime de viver e de saúde já estabelecido há muitos séculos, mais especificamente desde o século V. a. C. Estamos falando da Teoria Humoral Hipocrático-Galênica, formulada por físicos gregos (Balzer; Eleftheriadis, 1991, p. 208).

Na instrumentação cultural dos europeus, o princípio subjacente que inspirava o uso de plantas, líquidos e objetos, de uma forma ou de outra, ao corpo doente, se pautava em propriedades organolépticas e pela analogia. Isso significa que tanto plantas quanto objetos eram analisados conforme semelhança com traços do doente, para assim serem usados, seja no tratamento de doenças ou para usos ritualísticos (Foucault, 2000, p. 45).

Segundo a historiadora italiana Nadia Maria Filippini em sua obra *“Pregnancy, Delivery, Childbirth: A Gender and Cultural History from Antiquity to the Test Tube in Europe”* (2021), desde a Antiguidade está documentado uma vasta gama de poções e remédios para prevenir abortos espontâneos com uso de objetos, pela estratégia da analogia. Na sua *Naturalis Historia*, Plínio incluiu algumas destas receitas, baseadas na “medicina analógica ou simpática”, base da experimentação medieval e dos Livros de Remédios. O princípio fundamental que o inspirou foi o uso de plantas e objetos, ligados de uma forma ou de outra ao corpo doente pela forma, cor ou outras características (Filippini, 2021, p. 61). Isso significa, que os traços similares dos medicamentos eram notados e escolhidos conforme semelhança com a forma e cor da mulher (Foucault, 2000, p. 45).

Um complexo sistema de proibições e rituais persistiram até a Era Moderna. Uma variedade de itens era usada ao pescoço ou nas roupas para evitar a má sorte. Certas pedras, muito apreciadas em toda a Europa, como a pedra-águia, também conhecida como *lapis praegnans*, era um geodo com o formato de um útero grávido que era amarrado aos braços das mulheres grávidas desde a Antiguidade para evitar o aborto (Filippini, 2021, p. 61). Isso indica que as plantas, que eram indicadas para o tratamento de abortos, foram usadas com base na analogia com partes do corpo feminino, bem como objetos semelhantes ao útero (Foucault, 2000, p. 45). Isso indica a existência de crenças em determinados objetivos ou divindade, algo que também pode ser encontrado nos tratados de Ferreira (Ferreira, 2002, In: Furtado, 2002).

No Erário Mineral, em certas seções, a administração dos medicamentos é estruturada de acordo com a crença nas virtudes ocultas. Isso fica evidente quando na prescrição de “pedras que se acham no ventre de algumas andorinhas que estão ainda no ninho, tiradas no minguante da Lua” servem para o tratamento de gota-coral (Ferreira, 2002, p. 434, In: Furtado, 2002). Ferreira escreve que acredita nas “virtudes ocultas” que atuavam favoravelmente no processo de cura. Em seu entendimento, Deus colocava diferentes qualidades nos objetos, algo que não era explicável, mas se tornaria compreensível pelo funcionamento (Coelho, 2002, pp. 158-159, In: Furtado, 2002).

O próprio Ferreira vai definir a ideia de simpatia e antipatia. Para ele a simpatia pode ser entendida como “uma certa amizade, conformidade e inclinação, que têm umas coisas com outras, conformando-se, buscando-se, abraçando-se e amando-se, como vemos no azougue com o ouro” ou “na pedra de cevar com o ferro” (Ferreira, 2002, p. 382, In: Furtado, 2002). Já a antipatia é definida como “uma certa inimizade, repugnância, aversão e discórdia, [...]” como é o caso das “couves com as purreiras”. Galeno era partidário da teoria da simpatia e antipatia e Ferreira, muito atrelado em seus ensinamentos, seguiria seus passos (Ferreira, 2002, pp. 382-383, In: Furtado, 2002).

Esse conceito prevaleceu durante o século XVIII, evidente também nos escritos do médico Francisco da Fonseca Henriques, contemporâneo de Ferreira. Henriques acreditava que a saúde e a doença eram fornecidas pelo modelo de uma batalha química entre forças e virtudes ocultas, correspondências e afinidades contra repugnâncias e antipatias. Ele se situava nos quadros do hermetismo renascentista⁷⁴, e nas suas obras é encontrado uma das grandes fontes do hermetismo chamado *Kyranides ou Cyranides*⁷⁵, que afirmava que ao conhecer o corpo seria possível conhecer as virtudes secretas dos remédios e, assim, prever as simpatias e antipatias (Palmesi, 2014, p. 87).

As perspectivas, tanto do hermetismo, quanto da astrologia parecem se aglutinar, às vezes se confundir nas documentações, por tratarem de analogias e relações entre o corpo humano e a influência de elementos externos na saúde e comportamento. Mas se deve pontuar as devidas diferenças entre elas, inclusive os contextos históricos (Palmesi, 2014, p. 157; Foucault, 2000, p. 45). Galeno explicou que a simpatia era transmitida pelos nervos, humores, vapores ou pelo contato com outros componentes. Portanto, a ideia de que o corpo humano recebe influências constantes do mundo externo é encontrada em ambas as correntes (Coelho, 2002, p. 160, In: Furtado, 2002).

A escola pneumática⁷⁶ se posicionou como herdeira da tradição alexandrina e não hipocrática. Isto é, esses teóricos reescreveram a medicina dogmática de acordo com o estoicismo, uma filosofia natural que partia de duas concepções: “a unidade cósmica e a simpatia entre os seus componentes” (Rebollo, 2006, pp. 69-70). É, portanto, a partir desses dois princípios que Galeno conservou a ideia de simpatia. As faculdades naturais, podendo ser entendidas como propriedades providenciais, eram princípios vitais que dirigiam as ações corporais. Assim, são elas que são identificadas com a ação da simpatia (Rebollo, 2006, p. 78).

⁷⁴ O hermetismo renascentista acreditava nas conexões ocultas entre as propriedades dos animais, minerais, vegetais e da água e o corpo humano, o que deu a origem a diversos compêndios de “Segredos”, remédios, onde tradições populares se misturavam às correntes científicas (Palmesi, 2014, p. 87).

⁷⁵ Essa obra faz parte de um conjunto de quatro livros escritos em grego, tendo sido impresso diversas vezes no Renascimento e “atribuído às figuras de Hermes Trimegisto e de Harpocracion de Alexandria”, contudo, a autoria e as datas de publicação ainda são bastante discutíveis no campo historiográfico (Palmesi, 2014, p. 88).

⁷⁶ A escola pneumática surgiu no período helenístico e desenvolveu a base lógica de sua medicina de maneira independente da tradição hipocrática, isto é, sem a preocupação de corrigir ou atribuir dogmas a Hipócrates. O objetivo central dos pneumáticos parece ter sido revisar a medicinadogmática. É creditado aos pneumáticos a tradição de cunhar Hipócrates como “o pai da medicina” (Rebollo, 2006, p. 69).

Em outro caso, embora trate-se de conceitos diferentes, a simpatia e a astrologia trabalham com a ideia de analogias e correspondências (Foucault, 2000, p. 45). O homem e a natureza, o real e o imaginário estão profundamente atrelados nesse sistema de simpatia e antipatia, no âmbito da discussão da saúde e da doença na porção ibérica (Ferreira, 2002, p. 382, In: Furtado, 2002).

O que se observa é uma relação entre a anatomia humana e a ordem do universo. É correto sustentar, portanto, que existem fontes que fornecem evidências de que, ainda no século XVIII, a medicina lusitana e americana foi impactada pelo campo de saber da astrologia, como exemplificado pela presença de lunares perpétuos (Ferreira, 2002, p. 382, In: Furtado, 2002). A influência da astrologia sobre o corpo humano explicava, pela tradição hermética, que o sol era como o coração do homem, a lua correspondia ao cérebro e vênus as genitálias (Palmesi, 2014, pp. 158-159; Abreu, 2006, p. 277).

De acordo com o pesquisador estadunidense Luke Dennis Broughton em “*The elements of astrology*” (1898), na astrologia existiam regras e leis de semelhança em relação a cicatrizes. Marcas e pintas eram governadas por planetas específicos nos vários signos que regem o corpo humano. As doenças e enfermidades do corpo eram afetadas por planetas malignos, quando transitavam por determinados signos ou aspectos malignos (Broughton, 1898, p. 28). A astrologia médica ou iatromatemática é ligada a imagem do homem astral ou zodiacal, o homem é visto como um pequeno universo que está sob influências do macrocosmo (Rodilla; Pascual, 2020, p. 221).

A partir dessas deliberações, é evidente que as noções de simpatia, antipatia e astrologia estavam enraizadas na mentalidade europeia. A analogia surgiu como uma estratégia fundamental utilizada para a apropriação e interpretação de remédios e objetos no contexto do tratamento de doenças (Foucault, 2000, p. 45). Antes de mostrarmos as fórmulas desenvolvidas por Ferreira, é válido refletir sobre quais seriam as motivações desse cirurgião para elaborar remédios para as disfunções uterinas.

3.1.1. Ferreira e os medicamentos para as disfunções uterinas

O mais intrigante, que cabe indagar inicialmente, são as motivações que teriam levado Ferreira a descrever medicamentos para disfunções uterinas em seu manual de medicina (Furtado, 2002, p. 438, In: Furtado, 2002). Talvez essa disposição em absorver farmacopeias e compor remédios voltados para o organismo feminino, esteja ligado ao fato de que entre 1728 e 1745 nas minas, a proporção era de 1 mulher para 35 homens. Logo, possuir uma mulher negra para trabalhos era muito caro. Se viesse a engravidar poderia causar problemas em seu desempenho integral nas atividades na colônia (Del Priore, 2004, p. 143).

Os mineradores e proprietários que possuíam uma negra mina ou doceira tinham alto status nesse período. Consequentemente, atrasos de menstruação e doenças relacionadas ao útero eram tratados por cirurgiões, como Ferreira, com o objetivo de facilitar a reintegração dessas mulheres em suas funções, uma vez que sua presença nas atividades antes de 1720 não ultrapassava 15% (Ferreira, 2002, p. 85, In: Furtado, 2002).

Gradativamente, a mulher negra passou a atuar em vários seguimentos na colônia, seja no comércio, no campo da alimentação e na prostituição (Figueiredo, 2004, p.144 In: Del Priore, 2004). Portanto, é imperativo examinar as circunstâncias em que a interrupção de uma gravidez indesejada se torna necessária, levando em consideração vários fatores relevantes. Esses fatores incluíam a violação da autonomia corporal devido a encontros sexuais não consensuais, levando a mulher à rejeição de uma criança concebida dessa maneira. É crucial reconhecer que essas mulheres também se preocupam em trazer ao mundo uma criança que possa herdar um destino semelhante de escravidão. Além disso, existe uma aversão por parte do proprietário à perspectiva de ter um filho mulato (Coelho, 2002, p 167, In: Furtado, 2002).

Ao verificar as descrições acerca de substâncias abortivas nos tratados em Erário Mineral, pode-se considerar que há uma ambivalência que acompanha a situação da terapêutica, no que diz respeito à determinação de um estado de gravidez ou não. Ao examinar os impactos induzidos por essas formulações nos sistemas fisiológicos dessas mulheres, torna-se evidente que dois resultados potenciais podem surgir: provocar a menstruação, em casos de atrasos, ou indução do aborto (Coelho, 2002, pp. 166-167, In: Furtado, 2002). Ambas as causas eram tratadas com a mesma medicação, e, sem dúvida, o cirurgião buscava livrá-las dos fluidos venenosos. A lógica que regia a elaboração de compostos ecbólicos e emenagogos por Ferreira parecia se circunscrever a uma noção de prevenção, um domínio sobre a reprodução das mulheres escravizadas (Dias, 2002, p. 90, In: Furtado, 2002).

Feito essa explanação, será apresentado a seguir uma lista dos elementos empregados tanto por Hipócrates quanto por Ferreira, para o tratamento da menstruação, no que diz respeito a receita da triaga brasílica. Para além disso, será feita uma breve apresentação da origem e seu efeito terapêutico.

Duas movimentações serão feitas a seguir: primeiro iremos trabalhar os ingredientes presentes na triaga brasílica, apresentando os mesmos componentes utilizados tanto por Ferreira quanto por Hipócrates. Esses componentes presentes são: **a arruda, o cardamomo, a pimenta, a papoula (ópio) e o vinho**. No segundo momento iremos apresentar componentes que estão ausentes no tratado de Hipócrates, como via de demonstrar as adições e substituições que Ferreira realiza, devido ao contexto e nova flora disponível no Novo Mundo. Esses componentes ausentes, que foram adicionados pelo cirurgião, são: **os trociscos de víbora, a terra lemnia, ipecacoanha, a raiz de capeba, a butua e a purga de rum**.

3.2. Triaga Brasílica (*theriake*): uma panaceia, um antídoto universal

No tratado de Hipócrates foram identificados alguns ingredientes que coincidem com aqueles listados na elaborada fórmula conhecida como triaga brasílica, receita essa empregada por Ferreira no tratamento da menstruação. Esses elementos seriam **a arruda, cardamomo, pimenta, papoula (ópio) e o vinho** (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*). Mas como conseguimos saber o que vai na receita da triaga para termos essa confirmação? Para isso buscamos entender um pouco sobre a história da triaga, quem a elaborou e para qual finalidade.

A história das triagas perde-se no tempo, por isso torna-se difícil precisar as fontes documentais de quem fala a respeito dela, ou mesmo em que período histórico elas se originaram. A própria origem do termo ainda deixa dúvidas etimológicas (Dias, 1991, p. 447). Entretanto, a maior parte dos autores considera que o termo originou-se do grego *theriake* e do latim *theriaca*. A tese inicial que se dá sobre as triagas é a de que é um antídoto contra mordida de serpentes e contra venenos de uma forma geral, esse aspecto é o que sempre permeia sua função (Santos, 2009, p. 62).

Com o passar dos anos, todavia, elas se tornaram uma espécie de remédios universais, as chamadas panaceias. Vários componentes foram substituídos, particularmente com o advento dos jesuítas no Novo Mundo, implicando um procedimento sistemático de escolha, substituição e incorporação à fórmula. Esse processo seguiu critérios complexos, em vez de mera casualidade, alterando conseqüentemente as fórmulas primitivas (Brandão, *et al*, 2012, p. 488). Como veremos, o que Ferreira realizou em suas panaceias também é resultado das experiências iniciadas pelos jesuítas (Wissenbach, 2002, p. 112, In: Furtado, 2002).

Em 1549 os padres da Companhia de Jesus foram os primeiros que perceberam a necessidade de remédios para a preservação da saúde dos colonos, dos indígenas e negros cativos na América Portuguesa (Leite, 1993, pp. 91-92). Os jesuítas foram, pouco a pouco, se inteirando da fauna, flora e minerais do Brasil, principalmente por intermédio dos nativos, assim como uma tradição histórica de revisitar as obras dos antigos físicos gregos. Esse processo cultivou a habilidade acadêmica de formular tratamentos médicos, exemplificada pela criação da triaga colonial (Santos, 2009, p. 55).

A nova triaga da Era Moderna era advinda do colégio da Bahia e dependia da fórmula da teriaca de Andrômaco ⁷⁷(Leite, 2012, p. 4). Como foi retomado anteriormente, acerca da História Natural do século XVI, o processo de criação dos medicamentos na Europa, desde a segunda metade do seiscentos, seguia o timbre do *imitatio*⁷⁸ humanista e o que aconteceria no Brasil não seria diferente (Garin, 1996, p. 102).

Andrômaco o Velho⁷⁹, que era físico de Nero, adquiriu conhecimento da fórmula que, desde o início, consistia em utilizar os trociscos ou pastilhas de víbora (tido como a base principal do medicamento) e o ópio, resultando no desenvolvimento de um novo remédio composto de 62 elementos: a Teriaca ou, em latim, *Theriaca* (Leite, 2012, p. 4). Esses trociscos também são encontrados na receita de Ferreira. Ele escreve que o “medicamento cuja base são os trociscos de víbra” é a triaga (Ferreira, 2002, p. 802, In: Furtado, 2002).

⁷⁷ Trata-se de uma das lendas mais famosas da Antiguidade, de acordo com Tim Low e outros pesquisadores, na obra *Reader's Digest magic and medicine of plants* (1994). Ao citarem “*O Commentario della Farmacopea Italiana e dei medicamenti in generale*”, encontrarm uma descrição onde diz que a triaga é o “[...] antidoto di Andromaco, derivato dal mitridato”, “[...] (Guareschi e D'Itali, 1923, p. 98, In: Low, et. al. 1994).

⁷⁸ *Imitatio* Humanista significa a recuperação da Antiguidade e o princípio cardeal da imitação dos clássicos, que favoreceu na cultura do século XV e XVI a dominação do latim como veículo comunicativo exclusivo do humanismo (Leite, 2012, p. 4).

⁷⁹ Andrômaco, o Velho, encontrou registros do rei Mitridático e se apropriou deles, cerca de um século depois de sua morte. De acordo com os registros, o rei Mitridate VI do Ponto (132 a. C.-63 a.C.) era obsessivo com a morte pelo envenenamento, por isso inoculava em seu próprio corpo doses gradualmente pequenas para sua imunização e, além disso, passou a buscar conhecimento sobre o uso de ervas da região do Ponto, criando, assim, diversos antídotos contra os venenos. Após sua morte, essas suas receitas escritas a mão, teriam sido

A receita do remédio foi documentada no verso composto por Andrômaco, posteriormente transcrito por Claudio Galeno em sua obra *De theriaca ad Pisonem*. Após sua tradução para o árabe durante a era medieval e seu posterior lançamento em linha latina no século XVI, essa fórmula circulou entre médicos em toda a Europa até o início do século XIX. Foi somente nesse ponto que a área médica deixou de utilizar esse remédio (Leite, 2012, p. 5). Logo, depreende-se que essa panaceia teve seu uso extensivo, pois sendo “composta de várias plantas, raízes, ervas e drogas [...] eram capazes de curar mordeduras de animais e várias outras enfermidades só em mastigá-las” (Silva, 2019, p. 155).

A receita de 62 ingredientes conta com a presença de pílulas de víbora, feita com o pó da carne da serpente, do ópio (*maeconis*) e vários componentes derivados de minerais como cobre, bem como fontes de origem vegetal e animal, incluindo castóreo (Leite, 2012, p. 5). Segue abaixo a lista dos ingredientes organizados em tabela pelo pesquisador Bruno Martins Boto Leite⁸⁰ a partir do poema de Andrômaco e transcrição de Galeno (Leite, 2012, p. 5).

Ingredientes (em latim)	Ingredientes (em português)
<i>Pastillos viperae</i>	Trochiscos (trociscos) ou pastilhas de víbora
<i>Piper calidi</i>	Pimenta
<i>Maeconis</i>	Tipo de papoula; Ópio
<i>Magmatis</i>	Resíduo de perfume
<i>Magmatis hedychroi</i>	Resíduo de uma espécie de unguento
<i>Folia alba rosae</i>	Folha de rosa branca
<i>Irin illyricam</i>	Íris ilírica
<i>Glycirissa</i>	Raiz açucarada
<i>Opobalsama odora</i>	Odor de suco de bálsamo, bálsamo
<i>Scordion</i>	Scordion [planta]
<i>Dulcis semina buniados</i>	Sementes doces de um tipo de nabo
<i>Myrrha</i>	Mirra

encontradas por Pompeu e, finalmente, por Andrômaco (Leite, 2012, pp. 4-6; Mozzato, 2013, p. 172).

⁸⁰ Desenvolveu estudos extensos sobre as Artes de curar nos colégios jesuítcos do Brasil, entre os anos 1572 e 1759, tendo organizado uma tabela relativamente completa acerca dos ingredientes que compunham a triaga brasílica (Leite, 2012, p. 5).

<i>Costus</i>	Costum [planta aromática]
<i>Crocus</i>	Açafrão
<i>Qui ducitur antro Corycio</i>	Planta obtida na gruta de Korykos [relativo ao ao agarico], pode ser um fungo ou cogumelo pois estes até então eram tidos por plantas.
<i>Casea</i>	Canela
<i>Nardus quae extremis fertur ab Indis</i>	Nardo [arbusto] [Nardo trazido dos extremos da Índia]
<i>Iuncus apud Arabos</i>	Junco, talo semelhante a um Junco
<i>Thus</i>	Incenso
<i>Piper obfuscum</i>	Pimenta preta
<i>Dictamni germina</i>	Semente de Dictamo [planta]
Rheon	???????
Stoechas	Tipo de Lavanda
Zingiber calens	Gengibre quente [planta]
Prassion	Marroio, gênero de plantas labiadas
Terebenthina	Árvore (conífera) resinosa
Calaminthe	Calamenta
Petroselinum	Tipo de salsa
Quinquefolium	Quinquefólio
Polij	Polium [planta]
Styracis faciens	Benjoeiro ou styrax árvore que distila uma resina odorante
Chamaeptyios	Abiga [planta]
Meu	Heracleum [planta]

Amomi	Amomum [planta odorífera]
Nardus Gallica	Nardo Gálico
Terra lemnia	Terra lemnia

Phu ponti	Valeriana [planta]
Semina chamaedrys cretensis	Sémente de germandrée [planta] de Creta
Malabathri folia	Folha de malobathrum [árvore que fornecia um perfume]
Torrída chalcitis	Mineral de cobre ou pedra preciosa
Anisum	Anis [planta]
Gentiana	Genciana [planta]
Succus hypocystis	Suco de hypocistis [plante parasite]
Balsameum fructum	Fruto de bálsamo [arbusto]
Gummi	Gomas
Semen marathri	Semente de funcho [planta]
Cardamomum	Cardamomo [planta]
Acatia	Acácia
Hypericum	Hipericão [planta]
Seseli	Séséli [planta umbelífera]
Thlaspi	Tipo de agrião
Sagapenum	Tipo de goma de resina
Ammi	Tipo de cominho
Castorium nigrum	Castóreo, [secreção oleosa glandular do Castor (animal)]
Terrae malum	Maçã da terra; aristolochia
Bitumen iudaicum	Betume judaico
Dauci semen	Semente de cenoura
Opopanaca	Opopanax, suco da planta chamada Panax
Galbana optima	Suco tirado de uma planta umbelífera da Síria
Ceutaution	Centáurea [planta]
Orbe phalerno	Vinho falerno
Melle quo regio nutrit Attica	Mel Ático

Tabela 1. Receita da teriaca tal como Andrômaco o velho dispôs em seu poema

Visando uma melhor compreensão sobre as modificações observadas na formulação da triaga do poema de Andrômachos para a receita da triaga brasileira durante a era colonial, foi utilizada a tabela fornecida pela *Colleção*⁸¹, composta precisamente por 58 ingredientes: 4 ingredientes a menos em comparação com a triaca anterior (Leite, 2012, p. 11). A seguir a lista com os ingredientes.

Receita da Triaga Brasília do Colégio da Bahia	Quantidade
<i>Raiz de abutua</i>	34 onças
<i>Raiz de mil-homens</i>	
<i>Raiz de capeba</i>	30 onças
<i>Raiz de aypo</i>	
<i>Raiz de jerubeda</i>	15 onças
<i>Raiz de jarro</i>	16 onças
<i>Raiz de jarrilho</i>	25 onças
<i>Raiz de angericó</i>	24 onças
<i>Raiz de limão</i>	14 onças
<i>Raiz de junça</i>	
<i>Raiz de acoro</i>	10 onças
<i>Raiz de gengibre</i>	8 onças
<i>Raiz de malvavisco</i>	12 onças
<i>Raiz de jaborandi</i>	20 onças
<i>Raiz de pagimirioba</i>	10 onças
<i>Raiz de orelha de onça</i>	
<i>Raiz de aristoloquia redonda</i>	16 onças
<i>Raiz de batata do campo</i>	18 onças
<i>Raiz de ipecacoanha negra</i>	25 onças
<i>Raiz de ipecacoanha branca</i>	15 onças
<i>Raiz de contra-erva ou cáápià</i>	30 onças
<i>Extrato de todas as raizes assima</i>	6 libras
<i>Cipó de cobras</i>	20 onças

⁸¹ A *Colleção de várias receitas e segredos particulares dos principaes boticas da nossa Companhia de Portugal, da India, de Macao, e do Brasil* faz parte de um manuscrito encontrado por um padre chamado Serafim Leite e publicada por ele posteriormente em 1953 (Leite, 2012, p. 11).

<i>Canella da India</i>	10 onças
<i>Cravo do Maranhão</i>	14 onças
<i>Cascas de angelicas do Brazil</i>	15 onças
<i>Casca de ibiraé</i>	20 onças
<i>Flor de noz moscada</i>	
Assafrão em pó	5 onças
<i>Erva cáácica, ou erva de sangue</i>	18 onças
<i>Semente de cidra</i>	5 onças
<i>Semente de erva doce</i>	
<i>Semente de cominhos</i>	9 onças
<i>Semente de salsa da horta</i>	10 onças
<i>Semente de pindaiba</i>	24 onças
<i>Semente de nhambuz</i>	8 onças
<i>Semente de urucu secco em torciscos</i>	21 onças
<i>Extrato de ópio</i>	16 onças
<i>Extrato de alcaçuz</i>	14 onças
<i>Extrato de angelica</i>	21 onças
<i>Extrato de pindaiba</i>	6 libras
Bálsamo do Brazil	36 onças
Goma arabia	12 onças
Incenso	
Mirra	16 onças
<i>Cato</i>	9 onças
<i>Almessega da India</i>	16 onças
Terbentina fina	20 onças
Castorio	5 onças
<i>Tintura do mesmo</i>	16 onças
Terra sigillada	
<i>Terra de São Paulo</i>	8 onças
<i>Pedra de Cananor</i>	5 onças
<i>Capa roza-calcinada</i>	6 onças
<i>Espirito de Marte</i>	5 onças

<i>Torciscos de jararacas, ou de víboras</i>	34 onças
<i>Vinho branco</i>	
<i>Xarope de limões</i>	6 libras
<i>Mel de abelhas</i>	170 libras

Tabela 2: Listagem dos ingredientes da Triaga Brasílica, segundo a transcrição de Serafim Leite⁸².

A partir dessas duas tabelas conseguimos verificar o que compunham essa receita tão conhecida entre os médicos, ao longo de muito séculos. Agora cabe discutirmos acerca dos elementos citados por Hipócrates em “Da natureza da mulher”. O físico cita o uso da **arruda** (*Ruta graveolens*) no tópico 12, no tratamento da “flegmasia uterina” também conhecida como erisipela. Como explicado no capítulo 1, essa doença causa inchaço nos pés, pernas, costas e barriga. Nesse momento o físico recomenda que a mulher tome bebidas para não abortar, se abstendo de comer ingredientes salgados como tomilho, orégano e beber chá de arruda (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

Embora a arruda não apareça nessas tabelas, ela foi usada por Ferreira tanto sozinha quanto na extensa panaceia da triaga no Erário e, dado nosso foco atual na triaga, um exame detalhado sobre ela será conduzido em um subcapítulo específico (Ferreira, 2002, p. 680, In: Furtado, 2002). No entanto, pode-se afirmar, preliminarmente, que o efeito abortivo da arruda, pelo que podemos notar, já era conhecido há séculos por Hipócrates e, posteriormente, pelas populações indígenas do Novo Mundo. Esses últimos utilizaram esse recurso botânico para fins de controle de reprodução. Isso representa um dos insights que Ferreira pode ter adquirido das interações com os sertanistas e ameríndios (Wissenbach, 2002, p. 116, In: Furtado, 2002).

A partir dessas duas tabelas conseguimos verificar que dentre os diversos medicamentos coloniais, com atenção especial para os contravenenos, talvez o caso mais emblemático tenha sido o da triaga. Essa mesinha tão indicada para diversos males, e que tinha a arruda como um de seus ingredientes, servia tanto para o envenenamento de serpentes, quanto para tratar o atraso da conjunção mensal (Coelho, 2002, p. 165, In: Furtado, 2002).

⁸² As palavras em negrito representam os ingredientes da antiga teriaca que foram mantidos na nova pelos jesuítas do Colégio da Bahia.

O segundo ingrediente encontrado no tratado de Hipócrates é o **cardamomo** (*Cardamomum*), que pode ser achado no tópico 32 intitulado “Enumeração de bebidas e pessários susceptíveis de causar Saída e regras de Chorion”. Essa lista muito extensa, que conta com mais de cinquenta ingredientes, fórmulas e tratamentos para fazer vir a conjunção, coloca o cardomomo na lista de bebidas para a cura da matriz (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

O cardamomo também é citado no Erário como uma “planta da Índia, ou também da Arábia, que tem virtude diurética, atrativa, cefálica e cardíaca e é um dos ingredientes da triaga” (Ferreira, 2002, p. 779, In: Furtado, 2002). O cardamomo, assim como o gengibre, fazem parte das euforbiáceas que constituem uma família comum no Brasil, esses são dois exemplos conhecidos representantes das zingiberáceas (Joly, 1987). O uso deste ingrediente pode ser encontrado na tabela 1 acima, mas não na tabela 2. Porém Ferreira retorna com seu uso, como podemos perceber no capítulo “Para concepção” (Ferreira, 2002, p. 419, In: Furtado, 2002).

O terceiro elemento encontrado na obra de Hipócrates é a **pimenta** (*Pigmentum*), que também se encontra no tópico 32. O físico explica que para fazer trazer o sangue era necessário pegar uma pimenta sem casca, misturá-la com um remédio para os olhos e bater esses ingredientes no vinho velho, para diluir. Ao final, deveria colocar em um pessário e aplicar na mulher (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

Ferreira em sua receita “Para concepção” recomenda “Rosas, almécega, galea moscata, espírito de canela, noz-moscada, cubebas, massis, galanga, de cada uma duas oitavas, cardamomo, cascas de cidra, erva-doce, funcho, alcarávia, nêveda, aipo, de cada uma oitava e meia, âmbar e almíscar, de cada um dois escrópulos, pimenta longa e branca” (Ferreira, 2002, p. 419, In: Ferreira, 2002). Como podemos notar, há a presença tanto da pimenta quanto do cardomomo na receita, confirmando nossas hipóteses.

O quarto elemento é a **papoula** (*Papaver rhoeas*). Hipócrates a cita primeiramente no tópico 15 para o tratamento da “Leucorréia”. Ele escreve que quando essa doença está presente deve-se usar uma quantidade de papoula branca e casca de papoula vermelha, batendo-a e misturando-a com vinho e água, depois deve servir para a mulher beber. O físico também cita no tópico 32, quando vai se referir às bebidas para a matriz. Ele escreve que se deve tomar a papoula branca juntamente com outras raízes, como a malva, folhas de mercurial, semente de urtiga, sálvia, álamo, dictamus, álamo, amom, cardomomo, dentre outros vários ingredientes (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

Em Erário a presença da papoula (ópio) na receita levanta alguns questionamentos, especialmente quando se trata de utilizá-lo na fórmula para o atraso da menstruação, ou mesmo induzir o aborto. O ópio é conhecido hoje por ser um psicoativo que, pela queima da papoula, causa um efeito inebriante em quem a utiliza (Torcato, 2016, p. 27). Na tabela 1 Bruno Leite esclarece que esse ópio identificado como maeconis na receita antiga era na verdade uma planta opiácea, mas não especificamente o ópio (Leite, 2012, p. 10).

Assim como o triaga, é difícil descobrir onde o ópio surgiu ou por quem o usou primeiro, embora haja muitos registros de sociedades ocidentais antigas. Mas independente disso, sabe-se que é “uma substância extremamente útil para tratar uma série de males” e ainda hoje seus derivados são considerados analgésicos por excelência (Torcato, 2016, p. 28). Poderia ser usado fumando, bebendo ou acrescentado como tempero em alimentos, servindo para combater ansiedade, fadiga, considerando seu efeito sedativo e sonífero (Avelar, 2010, p. 44).

No capítulo intitulado “A farmacopeia do Erário Mineral”, há a menção do uso do ópio em suas receitas, quando se apresenta os “medicamentos de origem mineral” (Coelho, 2002, p. 166, In: Furtado, 2002). Ferreira ainda cita o uso do ópio em um subcapítulo chamado “Outro remédio para tomar fluxos de sangue de artéria cortada; é certo”, receitando que se “façam uma pílula de magistério de ópio e a ponham ou metam dentro na ferida e parará logo o sangue” (Ferreira, 2002, p. 348, In: Furtado, 2002).

Esse efeito sedativo e sonífero causado por esse “magistério de ópio” nos faz questionar a dosagem prescrita na receita e o estado em que essas mulheres ficavam ao ingerir esses remédios. Se tinha alguém para supervisioná-las enquanto estavam inconscientes, não conseguimos saber. Em última análise, pode-se observar que o remédio resolvia o problema do sangue parado, a triaga “servia para tudo, desde envenenamentos até ausência de menstruação” (Coelho, 2002, p.165, In: Furtado, 2002).

O quinto e último elemento é o **vinho**. Essa bebida tão vastamente usada para quase todas as receitas de Hipócrates, como observamos, tinha um efeito de potencializar o efeito dos ingredientes. Não cabe aqui elencar todas as vezes que ele cita seu uso, mas caso entre em contato com a fonte, será possível ver no tópico 32 as mais de cinquenta vezes que ele o cita, sempre como líquido final no preparo das receitas (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

Em Erário, na receita da triaga, Ferreira também cita o uso do vinho, em grande quantidade, misturando-o a folhas de arruda para o tratamento de mordeduras de víbora e cobras venenosas (Ferreira, 2002, pp. 681-682, In: Furtado, 2002). É interessante notar que se a mulher entrasse em uma adega, estando menstruada, ela os azedaria, mas em outros casos, o vinho era utilizado como um componente no tratamento de obstruções uterinas (Ferreira, 2002, pp. 308-309, In: Furtado, 2002)

Outros ingredientes que estão ausentes no tratado de Hipócrates, mas que Ferreira utiliza são **os trociscos de víbora e a terra lemnia**. Esses serão referenciados nesta discussão sobre a triaga brasílica, apenas para evidenciar que eles fizeram parte de ingredientes dessa panaceia. Deve-se também ter em mente que a triaga era usada tanto para envenenamentos, quanto para outras variadas enfermidades e, no caso aqui, para as disfunções uterinas.

A pílula ou **trociscos de víbora** (*maeconis*) está presente desde os primeiros registros da elaboração da triaga, considerando que trata-se de um contraveneno, como podemos observar pela tabela 1 (Leite, 2012, p. 5-6). Ferreira, no “Capítulo IV: Das mordeduras de víbora e mais cobras venenosas” escreve que para se preparar a triaga era necessário “apanhar a mesma víbora, se pise e ponha na mordedura, ou a cabeça de víbora seca e posta nela” pois é um grande remédio (Ferreira, 2002, pp. 681-682, In: Furtado, 2002).

Ferreira preparava esse remédio a partir da carne da víbora, isto é, da mesma forma que os físicos gregos preparavam esses antídotos (Ferreira, 2002, pp. 681-682, In: furtado, 2002; Santos, 2009, pp. 64; 159). Na tabela 1, Andrômaco descreve que era feito de carne de víbora, não prenhe. Era preciso cortar a cabeça e a cauda, porque nessas áreas tinha um alto teor de veneno. Feito isso, deixava o corpo secar, tirava a escama e espinha e o que sobrava era pilado até virar pó, misturando com outras substâncias, resultando nos trociscos ou pastilhas de víbora (Leite, 2012, pp. 5-6). Um remédio desses sendo usado para o atraso da menstruação seria altamente crucial para um aborto espontâneo, mesmo que a intenção fosse apenas fazer descer o sangue menstrual (Ferreira, 2002, p. 802, In: Furtado, 2002).

O outro elemento era a **terra lemnia** (*Terrae lemnae*). Essa é uma expressão latina, tratando-se de uma terra medicinal, chamada de Ilha de Lemos no mar Egeu. Ela “é ruiva e rara, entra na composição da triaga” (Ferreira, 2002, p. 802, In: Furtado, 2002). A Triaga do colégio da Bahia (tabela 2) contava, também, com a presença da terra lemnia, assim como pode ser encontrada no poema de Andrômaco (tabela 1). Esse tipo de terra recebeu diferentes terminologias, tais como ‘Rubrica lemnia’ e “overo bolo armeno” (Leite, 2012, p. 9).

De acordo com os registros de Plínio e outros escritores, vários tipos de terras naturais encontradas em vários lugares eram usados na prática médica antiga. Isso se deve às suas propriedades curativas conhecidas, pois eram usados principalmente como adstringentes e dessecantes no tratamento de feridas e hemorragias internas (Hasluck, 2013, p. 220). A lista de Plínio conta com terras de Quios, Kimolos, Eretria, Lemnos, melos, Samos e Sinope, mas a terra de lemniana se destacou nos tempos modernos, uma vez que seu uso era “milagroso” contra venenos, isso explica seu uso na triaga de Ferreira (Bouysse, 2022, p. 23).

Feito o cruzamento de fontes e a apresentação de outros ingredientes, cabe voltarmos nossa atenção para a história da triaga, apenas para finalizar nossa discussão. Em Erário o cirurgião não deixou bem claro como se preparava a receita, aliás, ele faz menções o tempo todo a panaceia, indicando que alguns ingredientes fazem parte da Triaga, mas na verdade acaba por não recitar a receita por completo. Isso se dá porque, antes de decidir escrever sua obra para comercialização no Reino, considera a receita de seus medicamentos um “segredo”, dizendo ser a fórmula do seu sucesso como cirurgião (Furtado, 2002, p. 16, In: Furtado, 2002).

Essa precaução em não divulgar integralmente a fórmula também é percebida nos cadernos anotados pelos jesuítas. A triaga brasílica, produzida no colégio da Bahia, foi mantida em segredo e gerou lucros para a instituição, pois era comercializada para outras boticas da ordem e circulava por todas as escolas da companhia, inclusive fora do continente Americano. Como notado, a fórmula foi modificada para atender as logísticas, no que toca a disponibilidade dos ingredientes que Andrômaco indica (Silva Filho, 2017, p. 115; Leite, 1938).

O fato desse antídoto universal, que possui uma composição de várias ervas, drogas e animais da região brasileira, servir tanto para envenenamento, quanto para a “ausência de menstruação”, ou mesmo induzir o aborto, nos leva a problematizar a interação desses remédios no organismo feminino (Coelho, 2002, pp. 165-166, In: Furtado, 2002). Se a mulher estivesse com dores devido ao atraso da menstruação, o cirurgião poderia supor, ou não, que se tratava de uma gravidez. A administração desse composto induziria a descida do sangue. Eram ervas e drogas tropicais fortes demais, onde dificilmente uma gestação suportaria (Wissenbach, 2002, p. 130, In: Furtado, 2002).

O intuito de Ferreira era de resolver o problema do atraso menstrual. Não há como interpretar de outra forma o uso desse medicamento para essas disfunções. Compreendemos que ele entendia a menstruação como causadora de transtornos mentais, na percepção do cirurgião esse sangue venenoso poderia levar a loucura (Coelho, 2002, p. 152, In: Furtado, 2002). Observa-se que, após a ativação do composto, ele afirma que a mulher volta a ficar sã (Ferreira, 2002, p. 309, In: Furtado, 2002). A utilização da arruda, conhecida por suas propriedades abortivas, junto com o cardamomo conhecido por suas qualidades diuréticas e antidepressivas, quando administrada durante episódios de estresse severo, nos leva a compreender que Ferreira produzia uma espécie de calmante, além de provocar a menstruação nas mulheres (Dias, 2002, p. 90, In: Furtado, 2002).

Como apresentado nesse tópico, foi principalmente por meio da receita da triaga brasílica citada e usada por Ferreira em Erário, que conseguimos identificar os ingredientes que eram usados por Hipócrates em seu tratado “Da natureza da mulher”. Como exposto no início deste tópico, iremos destrinchar melhor acerca da **arruda**, bem como sobre os outros elementos que Ferreira utiliza para o tratamento da menstruação, como a **ipecacanha**, a **raíz de capeba**, a **butua** e a **purga de rum**.

3.3. Arruda (*Ruta graveolens*)

Conforme mencionado anteriormente, apresentaremos a arruda, a fim de obter uma compreensão mais profunda de sua história e uso. A *Ruta graveolens* é uma planta aromática, perene, de crescimento contínuo, lenhosa ao longo do tempo e que faz parte da família botânica Rutáceas, cujas flores são amarelas e agrupadas em umbelas. Ela costuma surgir durante a transição da primavera para o verão (Lima, 2018, p. 21). Essa planta é oriunda do Mediterrâneo e da Ásia Menor. Elas, geralmente, crescem espontaneamente em lugares pedregosos, matagais e solos secos (Cardoso; Encarnação, 2010, p. 3). Podemos ver uma ilustração dela a seguir.

Figura 7 – *Ruta*: Arruda



Disponível em: [54.900+ Arruda Ilustração de stock, gráficos vetoriais e clipart royalty-free - iStock \(istockphoto.com\)](https://www.istockphoto.com/pt-br/illustration/54.900+Arruda)

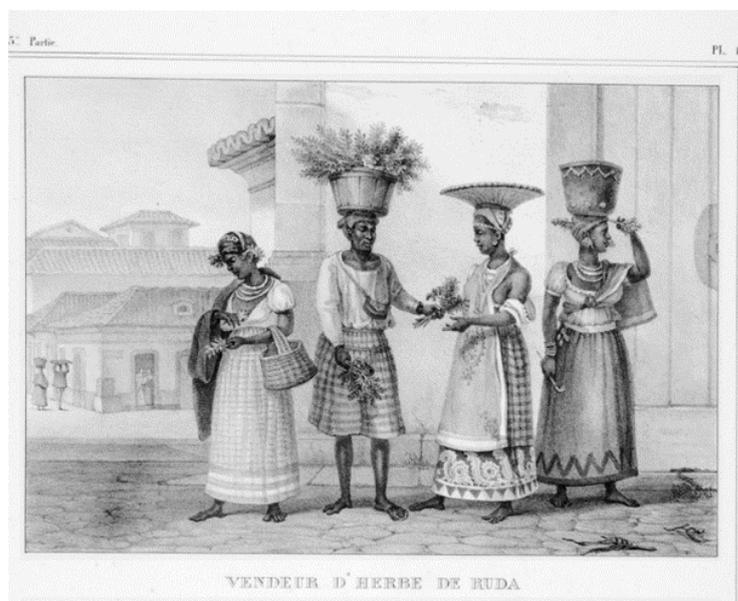
Acesso em: 18 de Mai. 2024.

A aclimação das plantas jesuíticas no Brasil é uma prova da circulação do conhecimento. No caso da arruda, uma planta que veio da Europa setentrional, ela foi usada pelos boticários e cirurgiões europeus como remédios para diversos tipos de doenças (Fagundes, 2016, p. 142). Ao que diz respeito às suas propriedades medicinais, a arruda tem o efeito calmante, o que, quando aspirada, pode aliviar dores e ansiedade (Orlanda, 2011, p. 10).

Até hoje é muito usada na medicina popular brasileira, pois é vista como uma planta estimulante, emenagoga, auxiliar no tratamento de varizes e flebite. Além disso, ela aumenta a resistência dos capilares sanguíneos com a rutina, um dos seus principais ativos mais fortes. A planta também é comumente usada para restabelecer ou aumentar o fluxo menstrual, pois é emenagoga (Castro, 2006, p. 25). Na compreensão científica, sabe-se que ela possui em sua composição um óleo essencial que é muito rico em substâncias voláteis, composto por undecanona, metilnonilcetona e metilheptilcetona. Todas essas substâncias possuem propriedades calmantes (Lima, 2018, p. 27).

Ela é tão presente no período colonial que o artista Jean-Baptiste Debre retrata o comércio da arruda, que era realizado pelas mulheres africanas escravizadas. A famosa pintura intitulada “O vendedor de arruda” é a pintura que vem logo a seguir.

Figura 8 – “O vendedor de arruda” -Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, Jean Baptiste Debret (1768-1848)



Disponível em: [Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: Vendeur d'herbe de ruda. Chevalier du christ exposé dans son cercueil ouvert \(usp.br\)](http://Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: Vendeur d'herbe de ruda. Chevalier du christ exposé dans son cercueil ouvert (usp.br))

Acesso em: 18 de Mai. 2024.

Por ser uma erva que era utilizada em cerimônias dos povos africanos, ela carregava o estigma do feitiço⁸³. Cirurgiões como Antônio Mendes⁸⁴ se valeram do uso da arruda, ou mesmo da triaga que inclui a erva, em inúmeras de suas receitas. No caso de Ferreira, ele administrou uma “fomentação com óleo feito de arruda e de alecrim” para os negros escravizados que sofriam de “escarros de sangue” (Wissenbach, 2002, p. 144; Ferreira, 2002, 263, In: Furtado, 2002). Mas, no que nos interessa saber, esse espécime botânico teve amplo uso no tratamento de obstruções uterinas nas mulheres residentes na Colônia (Ferreira, 2002, p. 289, In: Furtado, 2002).

⁸³ A pesquisadora Mary Karasch, em sua pesquisa acerca da “vida dos escravos” no Rio de Janeiro do século XIX, destaca o papel da arruda como um amuleto de proteção e “de contato com o outro mundo” (Karasch, 2000, p. 377-378). Isso porque a arruda é presente em diversos rituais nas diversas crenças de religiões afro-americanas, sendo útil na preparação de “defumadouros” (Lody, 2003, p. 290).

⁸⁴ Antônio Mendes era um cirurgião português, que permaneceu na América Portuguesa por 35 anos, durante o século XVIII. O cirurgião alcançou cargos de prestígios na colônia que dificilmente alcançaria se estivesse no reino (Ribeiro, 2005, p. 64).

A arruda é definida em Erário Mineral, no “Índex: das coisas mais notáveis que se contém neste livro” como um “remédio antpático das sezões [...]. Nas pessoas que hão de ter filhos será em menos quantidade, porque extingue o sêmen” (Ferreira, 2002, p. 713, In: Furtado, 2002). Portanto, o cirurgião já estava ciente do efeito abortivo desta planta. Sabemos que a sociedade moderna recorreu a um amplo uso de psicoativos e compostos químicos para alterar as manifestações da doença, onde esses remédios atuam de forma benéfica no organismo humano (Torcato, 2016, p. 40). O uso da arruda não seria diferente no tratamento das chamadas disfunções femininas no século XVIII (Ferreira, 2002, p. In: Furtado, 2002).

Ferreira explica como usar a arruda em uma receita. Para ele ela é uma planta que “faz promover o sangue mensal e alimpar a madre”. Explica que são necessárias “duas partes do sumo de artemija e uma de sumo de arruda com uns pós de açúcar”. Deve-se tomar esse remédio em estado morno, a doente estando em jejum, na parte da tarde (Ferreira, 2002 p. 289, In: Furtado, 2002). O efeito abortivo da arruda já é conhecido há séculos pelas indígenas, como já mencionado anteriormente. Elas se utilizavam dessa planta para evitar a gravidez. Essa seria uma das práticas e conhecimentos que Ferreira deve tê-lo apreendido em sua convivência com as experiências dos sertanistas, que, por sua vez, se apropriaram dos saberes ameríndios (Wissenbach, 2002, p. 116, In: Furtado, 2002).

Na Vila Real de Sabará Ferreira tratou uma mulher que, segundo ele, “estava sem fala e sufocada com um acidente uterino”, no que ele preparou um remédio que consistia em “um pouco de sumo de arruda”, que ele considerava eficaz nessas situações e que tinha obtido sucesso ao receitar (Ferreira, 2002, p. 338, In: Furtado, 2002). O médico português João Curvo Semedo, em quem Ferreira tinha como uma de suas bases para conhecimento e experiência médica, declarou que não tinha motivo de desonra conhecer as propriedades das ervas e manipular remédios. Conseqüentemente, a planta foi muito empregada no tratamento de diversas doenças (Lourenço, 2016, p. 83).

Duas fontes históricas do século XVIII mencionam a utilização da arruda no tratamento de problemas relacionados à menstruação. A primeira é do cirurgião português Manuel Gomes de Lima, com sua obra “*Receptuario Lusitano chymico-pharmaceutico, medico-chirurgico [...], Porto, Off. Prototypa Episcopal (1749)*”. Ele realiza uma discussão sobre a apoplexia. Gomes faz uso de folhas de arruda para o seu tratamento, ao passo que cita constantemente como Hipócrates e Galeno fariam os prognósticos dessa doença (Lima, 1749, pp. 12-13). A apoplexia, é entendida hoje como uma ruptura de um órgão interno, um acidente vascular cerebral hemorrágico (Miranda, et al, 1998, p. 449).

No paradigma hipocrático ainda vigente na Era Moderna, a apoplexia seria explicada por meio da Teoria dos Humores (Engelhardt, 2017, p. 450). De acordo com Hipócrates a apoplexia surgia quando ocorria uma estagnação ou estase do sangue, onde todos os movimentos dos espíritos são eliminados. Galeno concorda com essa premissa, afirmando que se tratava de uma interferência no fluxo dos espíritos vitais (Pound; Bury; Ebrahim, 1997, p. 332).

Gomes de Lima também indica o uso da arruda para o preparo de supositórios, emplastos e um unguento de spina, sendo esses considerados “os remédios apoplecticos mais prodigiosos” (Lima, 1749, f. 20v). Para asma indica a produção de pílulas que contém a arruda, dentre outros ingredientes (1749, f. 30v). Os “remédios contra catarata” também incluem a arruda (f. 71r). “Remédios específicos contra o catarro” também se usava essa planta (f. 89r), bem como o balsamo cefálico que era um dos remédios “specificos cephalicos” também inclui ela (f. 145r). Por fim, para “remédios anticolicos, e carminativos” (antiflatulento), tem-se a arruda na composição do remédio (1749, f. 173r). Quanto a esse último, o anticólico, Gomes Lima explica que a “Colica Humoral” é causada por “humores quentes tartareos, e biliosos” (1749, f. 173r). Isto é, os desequilíbrios humorais eram a resposta para o surgimento dessas doenças (Lima, 1749, f. 173r).

O segundo documento que vamos mencionar, que faz uso da planta arruda, é a obra histórica “*Pharmacopea Tubalense e Chimico-Galenica, primeira parte*” (1733) do editor Carlos da Sylva Correa⁸⁵. Neste documento, encontramos aproximadamente oitenta e quatro referências ao uso da planta em diversos tratamentos de enfermidades. Por exemplo, em um desses usos, é recomendado ferver o óleo de arruda para limpar o útero e restaurar o fluxo menstrual, o que é útil para mulheres que acabaram de dar à luz e para casos de afecções históricas (Correa, 1733, p.368). Além da concepção de purificação da mãe, há a visão latente de histeria vinculada a mulher, devido a menstruação (Read, *et al*, 1993, p. 286).

3.4. Ipecacoanha (*Psychotria ipecacuanha* (Brot.) Stokes - *Rubiaceae*)

⁸⁵ A *Pharmacopea Tubalense e Chimico-Galenica, primeira parte* (1733) indica que na capa do documento a autoria é de Manoel Rodrigues Coelho, mas que foi possivelmente editado por Carlos da Sylva Correa (Correa, 1733).

A ipeca (*psychotria ipecacuanha*) é mundialmente conhecida como uma planta medicinal, que é originada da palavra nativa i-pe-kaa-guéne, que significa planta de doente de estrada, mas é “conhecida popularmente como ipeca, poaia, poaia-cinzenta” ou poaia-do-campo. Afirma-se que sua origem seja do território brasileiro, nativa de regiões mais úmidas das florestas tropicais da América, mas que também pode ser encontrada na Colômbia, Venezuela, Peru, Equador, Bolívia, Guianas e América Central (Lameira, 2002, p. 1).

Há presente na ipecacoanha dois alcaloides em suas raízes, a emetina e a cefelina. Suas propriedades possuem efeitos, consecutivamente, para provocar vômitos e para o tratamento de infecções ativas (Assis; Giulietti, 1999, p. 205). Pelos registros históricos as virtudes da ipecacoanha foram divulgadas em 1625 por um manuscrito de autoria de Pe. Fernão Cardim, marcando, portanto, a América como espaço onde ela é encontrada (Calainho, 2006, p. 217, In: Costa, 2006). Contudo, o colonizador Gabriel Soares de Sousa também fez um relato próximo de Cardim sobre a ipecacunha em seu tratado *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, chamando-a de *pecuém* (Silva Filho, 2021, p. 24).

A planta é mencionada nos tratados de Ferreira, referida como o “ grande *arcanum*” já descoberto, chamada de “pacacoanha” ou “poalha”, sendo esse último termo dado pelos indígenas carijós (Ferreira, 2002, pp.629; 678, In: Furtado, 2002). Segundo o cirurgião tratase de uma raiz delgadinha e com muitos nós, enozelada e torta. Para ele essas raízes são o único remédio certo para curar cursos, sejam de sangue ou a falta dele, como também é remédio contra os venenos (Wissenbach, 2002, p. 140, In: Furtado, 2002).

Se o objetivo do cirurgião era abrir as veias e os canais do corpo, pois seria mais acessível para o fluxo contínuo dos fluídos, a ipecacoanha seria útil nesse caso. Para ele, um bom remédio que poderia desembaraçar o sangue mensal das mulheres e fazer-lhe vir à regra copiosamente (Ferreira, 2002, p. 253, In: Furtado, 2002) seria essa planta. O uso da ipecacoanha já tinha sido reconhecido por sua capacidade de limpar o muco brônquico em casos de bronquite e asma, além de suas conhecidas propriedades purgativas e estimulantes tônicas (Lameira, 2002, p. 2 ; Ferreira, 2002, p. 678, In: Furtado, 2002).

Na fonte documental *Pharmacopea Tubalense e Chimico-Galenica, primeira parte* (1733) do editor Carlos da Sylva Correa há registros do uso da ipecacoanha, com diversas terminologias, como ipecacuana, hipecacuana, ipecacuanha, bexuquilbo, bexuquelba, cogofanga, beculo, beloculo e eradix brafilensis. No tópico “Raíz de Cypó” ela é introduzida, indicando suas terminologias e para qual finalidade ela é usada (Correa, 1733, p. 273). De acordo com Correa, ela possui quatro espécies que podem se distinguir conforme as suas cores, sendo elas, cor parda obscura, cor cinzenta declinada para o vermelho, cinzenta e a branca (Correa, 1733, p. 272).

Correia explica que essa planta serve para “a cura das camaras de sangue, ou disenterias; o teu efeito he purgar por vomito, e curso, os humores contidos no estomago, e intestinos, que causão estas enfermidades” (Correa, 1733, p. 272). Portanto, suas noções a respeito das doenças e tratamentos, perpassam pelo paradigma Hipocrático-Galênico, onde a saúde depende do fluxo contínuo dos fluidos (Miranda, 2017, p. 27).

O uso de purgativos para provocar o movimento dos fluxos é encontrado em diversas obras para o atraso da menstruação, como no caso da obra de João Vigier (1662-1723)⁸⁶ chamada *Pharmacopea Ulyssiponense Galenica, e chymica* (1716). Vigier escreve no Capítulo VI- Dos Pós, que deve ser preparado ingredientes que “purgão a melancholia, & a fleyma”, isto é, que “provocão os menstros”. É nesse sentido que identificamos a continuidade da Teoria Humoral nessas fontes (Vigier, 1715, p. 163).

Na fonte documental *Pharmacopea Geral para o Reino, e Dominios de Portugal* (1794) de Francisco Tavares (1750-1812)⁸⁷, publicada por ordem da rainha fidelissima, por Tomo II, há diversas citações do uso da ipecacoanha. Seu uso é acompanhado por elementos como o ópio purificado duro, produzindo um tipo de vinho de ipecacuanha (Tavares, 1794, pp. 199, 220). Segundo consta na obra, essa planta “habita no Mexico, e no Brasil” (Tavares, Tomo II, 1794, p. 65). Tavares explica a diferenciação das espécies pelas cores, assim como Sylva Correa. No entanto, o documento não fornece informações sobre para quais doenças esses remédios seriam destinados, o que nos deixa apenas com a certeza de que eles eram usados frequentemente no reino de Portugal, ainda no final do século XVIII (Tavares, 1794, p. 65).

⁸⁶ Foi um droguista, filho de Francisco Vigier e Joana Gaudion, era natural de Espondeilhan, localidade próxima a Béziers e Montpellier. Educado em França, Vigier radicou-se em Lisboa entre os anos de 1677 e 1682, onde inicialmente exerceu a profissão farmacêutica em conjunto com o seu tio, Pedro Donadieu. Na data de estabelecimento em Portugal, seu tio ocupava um importante cargo como boticário da Rainha, além de ser um reconhecido droguista na cidade (Vigier, 1716).

⁸⁷ Francisco Tavares (1750-1812), médico e professor da Universidade de Coimbra, físico-mor do Reino, e um

3.5. Raiz de capeba (*Piper umbellatum* L)

A raiz de capeba era conhecida no Pará como iaguira-caá e no Mato Grosso como pariparoba, o que indica que ela era encontrada e usada por vários povos diferentes na América Portuguesa (Domingues; Alves-Melo, 2021, p. 174). A capeba foi domesticada pelos padres jesuítas em seus colégios, especialmente no Colégio de Pernambuco. Ela consta na lista da Triaga Brasílica do colégio da Bahia e na Triaga Brasília Reformada por um religioso chamado André da Costa (1648-1712), como mencionado anteriormente no tópico sobre a Triaga (Leite, 2012, p. 13).

A raiz de capeba teria a função de desobstruente. Segundo Ferreira, tanto ela quanto a raiz de butua eram excelentes digestivos, bom para esquentar os humores, fazê-los circular e também para a tosse de houver (Ferreira, 2002, p. 252, In: Furtado, 2002). Ferreira menciona essa raiz em algumas de suas atividades diárias. Houve o primeiro caso em que ele utilizou raízes de capeba cozidas para “desembaraçar o sangue mensal” de uma mulher. Contudo, essa foi uma decisão tomada após o cirurgião entrar em um debate com um médico, sobre qual seria o melhor tratamento para ela. Ferreira compreende que a purgação seria o melhor remédio, ao invés da sangria indicada pelo médico (Ferreira, 2002, pp. 308-309, In: Furtado, 2002).

Em outro caso Ferreira utiliza a raiz no “Tratado I: Das Pontadas”, onde ele a indica em caso de escarros de sangue. Nessa situação a pessoa deveria lambar as raízes da capeba, para que pudesse purgar a doença para fora, pois haveria uma “abundância dos humores crus sem cozimento, e o remédio desta febre são purgas e não sangrias” (Ferreira, 2002, p. 266, In: Furtado, 2002). Ao enunciar os humores, ele propõe o regime de saúde proposto pela Teoria Humoral para se chegar à cura (Miranda, 2017, p. 25).

dos principais referências na literatura portuguesa sobre matéria médica e arte farmacêutica de finais do século XVIII em Portugal, escreveu duas obras sobre a utilização terapêutica da quina no tratamento da gota – Observações, e reflexões sobre o uso proveitoso, e saudavel da quina na gota (1802) e Manual de gotosos e de rheumaticos: para uso dos próprios enfermos (1810) (Semedo; Pereira; Pita, 2023, p. 511).

Apenas para dimensionar o uso da capeba em sua obra, trouxemos mais um caso. Em outro momento, Ferreira conheceu um homem de Sabará que lhe deu uma água fervida com raiz de capeba. Este lhe informou que servia para obstruções e para oftalmia, onde tinha curado o licenciado húngaro João da Rosa, dessa maneira (Ferreira, 2002, p. 303, In: Furtado, 2002). Além disso, a capeba também foi muito usada pelos praticantes de Candomblé para tratar doenças do fígado (Voeks, 1950, p. 101).

3.6. Butua (*Chondodendron platyphyllum*)

A Abútua s.f. variante butua (*Chondodendron platyphyllum*), é uma planta trepadeira nativa, de caule lenhoso, cuja raiz e caule são utilizados como diurético, emenagogo e febrífugo. Emprega-se ela internamente na hidropisia e cálculos, e externamente como resolutivo nas orquites (Silva, 2022, p. 101). Ela aparece em uma tabela de plantas medicinais de Curvo Semedo, onde provavelmente estava na lista da nova flora que ficou conhecida após as conquistas ultramarinas. A partir do conhecimento acerca de suas propriedades medicinais, as boticas do Reino de Portugal passaram a vendê-la (Lourenço, 2016, p. 126).

Uma prova disso foi a publicação de uma pequena obra que circulava junto com a “*Polyanthea Medicinal*” de Semedo. Infelizmente não há informações sobre a data ou local de publicação, mas o título dela é “*Memorial de vários símplices que da India Oriental, da América e de outras partes do mundo vem ao nosso Reyno para remédio de muitas doenças, na qual se acharão as virtudes de cada um, e o modo com que se devem usar*” (Lourenço, 2016, pp. 126-127). A planta aparece na lista como “Raíz de Butua” e na origem se coloca “Reino da Butua” (Lourenço, 2016, p. 128).

Por outro lado, o cirurgião e memorialista Inácio Caetano Xavier situa que ela teria sua origem em Moçambique, África Oriental. Ao estar em Moçambique, incluiu a raiz de butua na lista de raízes admiráveis e contesta que ela fosse a parreira-brava do famoso médico português João Curvo Semedo. Para Xavier, a butua correspondia a uma planta mutamba, uma variedade da nuzarupa (Rodrigues, 2013, p. 100, In: Nodari; Correa, 2013). Por meio dessas informações depreendemos que essa planta, de fato, foi levada das terras além-mar para seu uso, no reino de Portugal (Lourenço, 2016, p. 128).

Em mais uma evidência, a abútua (‘butua’ no texto francês) aparece da Revista da Greenme Brasil, que é especializada em meio ambiente e vida saudável. Nela é indicado que se trata de um cipó nativo da mata atlântica brasileira. Ela foi usada por indígenas e caboclos para diversos tratamentos, incluindo a malária. Mas devido a sua toxicidade foi substituída pelo quinino e outras plantas. Além disso, da butua também se fazia o curare, um veneno que os indígenas usavam para pescar e caçar, pois ele paralisava o animal (Torres; Thomé, 2023, p. 90).

A raiz de Butua é reconhecida por Ferreira por sua significativa eficácia no tratamento de apostemas internos, com a etapa inicial envolvendo a preparação de uma decocção usando a raiz machucada. Este remédio tradicional é altamente estimado por suas propriedades únicas em desfazer tais doenças. Quando combinado com a raiz de capeba durante o processo de cozimento, conforme sugerido por Ferreira, acredita-se que a eficácia do remédio seja ainda mais aprimorada (Ferreira, 2002, p. 675, In: Furtado, 2002). Ferreira explica que bebendo a água dela bem cozida serviria para “lançar as páreas, ou lhe não correr o parto, ou tiver faltas na sua conjunção” (Ferreira, 2002, pp. 675, In: Furtado 2002). Além disso, ele cita no “Tratado XI: Dos venenos”, apresentando como uma receita para o fígado e chagas (Ferreira, 2002, pp. 676-677, In: Furtado, 2002).

Ferreira explica que a planta possui muitas virtudes medicinais e que precisaria de um livro inteiro para explicar todos os diferentes modos de se aplicar e usá-la. Ele segue escrevendo que o pó dela “serve para apostemas ou abcessos interiores, para o pleuris, para pancadas ou quedas, para desinchar toda sorte de tumor, etc”(Ferreira, 2002, p. 778, In: Furtado, 2002). Assim, ela aparece diversas vezes na obra, sendo bastante aplicada em ateromas, esteatomas e melicéris, chamados por Ferreira como “tumores duros” (Ferreira, 2002, p. 383, In: Furtado, 2002).

Essa raiz resultava, então, em um remédio de cozimento para inúmeras moléstias, considerando que o objetivo final de seu uso é esquentar os humores e fazê-los circular (Ferreira, 2002, 253, In: Furtado, 2002). A butua sendo usada para as “purgações da madre” e “para toda sorte de venenos” é algo que nos faz refletir sobre o teor desses remédios produzidos, não só por Ferreira, mas por vários outros médicos e agentes de cura informais (Ferreira, 2002, pp. 676-678, In: Furtado, 2002).

É importante notar até este ponto que, ao incluir essas plantas em nossa discussão, como a **ipecacoanha**, a **raiz de capeba** e a **butua**, estamos evidenciando que são espécimes que eram encontradas principalmente na América. O fato de não estarem presentes no tratado de Hipócrates sugere essa ideia. Com base na analogia, Ferreira identificou e compreendeu as características físico-químicas semelhantes entre essas novas plantas e as que já eram familiares a ele no Velho Mundo, a fim de reconfigurar suas mezinhas, de acordo com a nova realidade e contexto em que ele se encontrava (Foucault, 2000, p. 45; Wissenbach, 2002, p. 109, In: Furtado, 2002).

3.7. Purga de Rom

Assim como a Triaga Brasília, a purga de rom (rum) também consistia em um conjunto de ingredientes para se chegar a um remédio completo final. No caso da purga, era uma espécie de misturas entre ervas e uma bebida com alto teor alcoólico, como o rum ou o vinho (Ferreira, 2002, p. 309, In: Furtado, 2002). As práticas de aborto conhecidas na Colônia mineira no século XVIII, exercidas pelas curandeiras e parteiras, consistiam em usar o vinho fervido com uma erva potencialmente abortiva, pois se acreditava que isso poderia intensificar o efeito do composto (Venâncio, 2004, p. 205, In: Del Priore, 2004).

Por outro lado, alguns médicos e cirurgiões prescreviam um cauteloso regimento para os tempos de conjunção das mulheres. Dentre as receitas indicadas, situamos a do médico Antônio Ferreira (1616-1679)⁸⁸, onde esse prescreve que seria necessário evitar coisas azedas, como vinagre e frutas verdes, pois impediam a purgação. Ele alerta que o vinho deveria ser usado somente como medicamento, mas nunca como alimento (Del Priore, 2004, p. 105, In: Del Priore, 2004).

O que se percebe é que o rom, ou rum, foi uma alternativa que Ferreira encontrou na Colônia, para substituir o vinho. Ele descobriu, por analogia que, como as bebidas eram altamente alcoólicas, os efeitos eram semelhantes. Ambos poderiam agir nas mezinhas com resultados parecidos. Essa estratégia, que parte de decifrar as similitudes, também foi usada na escolha das novas plantas e ervas disponíveis (Ferreira, 2002, p. 309, In: Furtado, 2002; Foucault, 2000, p. 45).

⁸⁸ Antônio Ferreira foi um médico português autor da obra “Luz verdadeira e recopilado exame de toda a cirurgia”, em Lisboa, pela Academia Real de Ciências, 1735. (Ferreira, 1735, p. 25).

A purga de rom é mencionada por Ferreira no “Tratado II: Das obstruções”. O cirurgião esta ciente que a função desse remédio é de expelir humores viciosos, onde volta-se novamente para a Teoria dos Humores (Ferreira, 2002, p. 289, In: Furtado, 2002). Ele tratou uma mulher que se encontrava com o juízo perdido por não lhe vir a conjunção. Logo, preparou um “um frasco do remédio desobstruente que fica dito na cura das obstruções”, serviu a purga e logo a mulher voltou a ficar sã (Ferreira, 2002, p. 309, In: Furtado, 2002).

A ideia de purgar ou a ação de purgação pode ser encontrada em praticamente todas as fontes documentais trabalhadas até aqui. Primeiro porque a menstruação já era entendida como uma espécie de purgação do corpo feminino, que lança para fora o sangue supérfluo, venenoso ou inútil (Martins; Silva; Mutarelli, 2008, p. 19). Segundo que as substâncias conhecidas como purgantes tinham essa finalidade, de expelir todo o humor em excesso do corpo que estava ocasionando a doença e mal-estar (Porter; Vigarello, 2008, p. 443, In: Corbin, Courtine, Vigarello, 2008). Portanto, a purga de rom pode ser compreendida como uma panaceia que está atrelada diretamente a lógica da Teoria Humoral (Read, 2010, p. 27; 37).

O uso de purgativos vêm desde os tempos de Hipócrates e Galeno. Galeno constata que nas Sentenças Cnidianas usavam-se perpetuamente purgantes, assim como Hipócrates prescreve eles no Regime das doenças agudas. Em “Da natureza da mulher” Hipócrates indica o uso de purgativos para tratar hidropsia no útero, ataque histérico, obliquidade do útero, para lóquios fluindo mal, para ar desenvovido no útero e leucorreia, para inclinação a esquerda do útero, dentre outras disfunções femininas (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

O uso de vinho⁸⁹ em purgantes recomendados por Hipócrates exibiu um padrão de recorrência. Analisando certos aspectos delineados no capítulo 1, pode-se fazer referência ao tratamento de ataque histérico. Neste tópico ele escreve que se o útero vai em direção ao estômago, recomenda-se que a mulher consuma uma mistura de vinho, juntamente com fumigações fétidas para o nariz e aromáticas para o útero, com o objetivo de facilitar o reposicionamento. O emprego do vinho era tipicamente concomitante com a utilização de substâncias fitoterápicas para fumigação (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

⁸⁹ O vinho era usado na Antiguidade ocidental setentrional nas purgações, já o rum, uma invenção que surgiu entre os séculos XV e XVII no Novo Mundo, passou a ser usada como alternativa ou mesmo substituição ao vinho, como foi no caso de Ferreira (Ferreira, 2002, p. 309, In: Furtado, 2002).

No contexto da Colônia, muitos remédios abortivos, utilizados na região de Minas Gerais, não estavam somente em forma de chás, existia também duchas ou seu uso intra-vaginal, o que era conhecido pelas chamadas chapoeiradas⁹⁰. Elas eram procedimentos tradicionais que combinavam diversas ervas e caldos, dentre eles a fervura de vinho, um preparo que é semelhante ao da purga de rom, citado nos tratados de Ferreira (Leal, 1995, pp. 23-24). Esse conhecimento terapêutico nessas sociedades tradicionais seriam transmitidos pela oralidade, geração após geração (Santos; Santos; Ramos, 2017, p. 26).

Assim como na terapêutica de Ferreira, as benzedeadas estavam não só envolvidas numa superstição e simpatia, mas pela ideia de analogia (Foucault, 2000, p. 45). Para elas, no preparo dessa purga, a porção deveria ser forte, igual a cor do vinho, parecendo-se com o sangue menstrual, pois somente assim faria efeito. Ao final da aplicação, essas benzedeadas rezavam, garantindo a “overdose hormonal”. Seus objetivos eram provocar a menstruação ou induzir o aborto (Leal, 1995, pp. 23,24).

3.8. Aborto na Colônia mineira?

O trabalho e a ocupação das mulheres no comércio na colônia mineira no início do século XVIII eram cruciais, pois eram essenciais para fornecer comida às vilas que cresciam e se espalhavam ao longo do caminho do ouro. Elas transportavam consumo imediato para os mineradores, chegando a se apresentar como uma ameaça para as autoridades. Os homens, trabalhando nas minas, trocavam o ouro, que certamente escondiam, por alimentos ou serviços sexuais (Figueiredo, 2004, pp. 144; 149; 156, In: Furtado, 2004).

Apesar de sua importância nas atividades comerciais, existia nas Minas notória escassez de mulheres negras. Os mais ricos tinham, por uma questão de luxo, escravas minas cozinheiras, ou domésticas, outros as alugavam para terceiros, colocando-as a jornal, em atividades de pequeno comércio, que foram rapidamente se disseminando pelos arraiais (Dias, 2002, pp. 86-87, In: Furtado, 2002). Quando o território começa a ser rapidamente povoado, a proporção do número de prostitutas aumenta de modo significativo no interior das vilas, e, possivelmente, a de escravizadas trabalhando no interior das minas (Figueiredo, 2004, pp. 155-156, In: Del Priore, 2002).

Se no início do XVIII há um contraste de uma mulher para cada trinta e cinco homens, quando já na crise da mineração no final do século XVIII e início do XIX encontra-

⁹⁰ As chapoeiradas eram uma espécie de chás abortivos tradicionais, chapoeiradas, que são feitas pela concentração de ervas em cachaça (Veras, et al, 2012) ou em vinho (Leal, 1995).

se cinquenta e uma mulheres para vinte e sete homens (Figueiredo, 2004, p. 143, In: Del Priore, 2004). Negras e mulatas estavam sujeitas aos termos da colonização, a finalidade de sua presença era para a acumulação de renda dos colonizadores e exercício do comércio para abastecimento da colônia, e, numa atitude de resistência contra a perpetuação dos seus papéis de sofrimento e padecimento, muitas recorreriam ao aborto (Del Priore, 2009).

No que se refere às mulheres que foram sendo delegadas para o trabalho nas minas, quando se iniciou a febre do ouro, é possível confirmar que tinha uma quantidade pequena de mulheres negras. As tarefas mais penosas da extração cabiam aos homens, restringindo a elas a função de carregar gamelas com pedras (Figueiredo, 2004, p. 143, In: Furtado, 2004).

No que tange o uso do corpo feminino na colônia, cabe sublinhar que é fato que se ocorreu uma generalização da prostituição na região mineira. Os donos das casas de alcouce procuraram diversificar seus investimentos para além das minas e, nessa configuração, negras, mulatas e carijós eram empurradas para essa prática. Em conjunto com isso, somava-se a mobilidade dos mineradores solteiros, que se defrontavam com exigências burocráticas da Igreja e do Estado para o matrimônio. Essa situação favoreceu a busca por relações mais livres (Figueiredo, 2004, p. 157, In: Del Priore, 2004).

É preciso situar que no contexto da Colônia existia o concubinato, uma forma de relacionamento entre desiguais: senhores e escravas, proprietários e não-proprietários, portugueses com indígenas e negras. Em meio a essas relações surgia a gravidez, muitas vezes indesejada (Torres-Londoño, 1999, p. 198). A igreja perseguia o aborto porque era denotativo de relações extra-conjugais, apenas no casamento oficial as mulheres estariam relativamente a salvo de tantos preconceitos. No entanto, esse não era o caso das mulheres escravizadas (Del Priore, 2009, p. 7), sujeitas a inúmeros abusos e violências sexuais de seus proprietários (Beckles, 2011, p. 241).

A grande questão aqui gira em torno de se indagar sobre o aborto nesse contexto de trabalho compulsório. O pesquisador Renato Pinto Venâncio se pergunta se existia “conhecimentos suficientes para controlar a própria fecundidade?”, onde acha pouco provável que o aborto e a contracepção fossem difundidos em toda a população colonial. Contudo, embora não se possa encontrar essa atitude e mentalidade em toda a colônia, o autor cita que muitas mulheres, sejam elas caucasianas, negras ou mulatas, decididas a abortar, iam em busca de curandeiras e parteiras, submetendo-se a tratamentos perigosos (Venâncio, 2004, p. 205, In: Del Priore, 2004).

A gravidez biológica deveria perpassar pela gravidez social. A decisão de tomar substâncias ecbólicas e abortar transgredia todo um ideal normativo, e, com efeito,

inviabilizava o projeto de uma família nos moldes ocidentais. Todavia, provavelmente as mulheres negras observavam que não teriam o mesmo destino social que muitas caucasianas, por isso empregavam práticas empíricas para conter a reprodução (Venâncio, 2004, p. 205; In: Del Priore, 2004). Os médicos e religiosos publicamente faziam suas observações e opiniões, sob um profundo moralismo (Figueiredo, 2002, pp. 150; 153, In: Del Priore, 2002).

É válido ressaltar que além da possibilidade dessas mulheres procurarem as parteiras para ajudá-las, os próprios senhores colonos solicitavam a assistência de um médico ou cirurgião que estivesse atuando em sua região, para elaborar um medicamento que pudesse interromper o eventual nascimento de um filho negro ou ilegítimo indesejado (Venâncio, 2002, p. 205, In: Del Priore, 2002). Isso se dava pelo receio de que isso pudesse causar problemas nas atividades comerciais. Podemos observar essa procura nos relatos de Ferreira, onde ele menciona que os proprietários solicitaram seus serviços para cuidar de sua escrava (Ferreira, 2002, pp. 308-309, In: Furtado, 2002).

A mulher caucasiana da sociedade ibérica já era considerada aliada do mal tanto biológica quanto moralmente, quando estava em desacordo com as leis naturais, ao se recusar a prover descendência, sendo condenada em múltiplos aspectos (Raminelli, 2004, p. 24, In: Del Priore, 2004). Logo, quando se tratava de uma mulher negra, a igreja parecia dar-lhe o mesmo jugo, mas sempre o mais pesado. No entanto, parece possível confirmar que os proprietários dessas mulheres, ao determinarem o impedimento de uma gravidez, agiam em conjunto com as autoridades estatais e religiosas, havendo um descompasso entre juízos morais sociais estabelecidos e as efetivas práticas de aborto impulsionadas por eles (Del Priore, 2009, p. 6).

A mentalidade europeia ocidental no XVIII estava em conformidade com a tradição judaico-cristã, que condena os praticantes de aborto. Mas essa convicção parece não se inscrever diante de realidades tão distintas e individuais no interior da colônia mineira, visto que elas não poderiam se tornar públicas (Del Priore, 2009, p. 2). Se “a mulher branca que assumisse o filho ilegítimo ficava sujeita a condenação moral, [...] as negras e mestiças” (Venâncio, 2004, p. 198, In: Del Priore, 2004, num panorama terrificante, ao recorrerem ao aborto e homicídio, eram apontadas como animais, tanto pela igreja quanto pelo imaginário social (Vitória; Maciel, 2020, p. 9).

O amor materno é apenas um sentimento humano, e como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Logo, contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina (Batinder, 1985, p. 22). No entanto, trata-se de um entendimento contemporâneo, logo seria anacrônico associá-lo a uma atitude de

abortar no contexto da Colônia. Assim, o que podemos situar é que o fato dessas mulheres optarem por impedir uma gestação poderia estar vinculado ao desejo de não ter um filho futuramente escravo (Mott, 1989, p. 92), principalmente, por meio da violência sexual⁹¹ (Beckles, 2011, p. 241).

O que se nota é que essa manifestação contrária à maternidade estava estritamente ligada à ideia de doença mental. As mulheres negras já eram encaradas como seres animalescos, como fica evidente no caso da Sarah Baartman⁹² (1789-1815), onde o corpo da mulher negra, com supostas características zooides, aproxima-se “do animal ou até confundindo-se com ele” (Braga, 2011, p. 6). Portanto, quando não raro, escolhiam a fuga, o suicídio ou o assassinato, para livrar filhos, irmãos e a si próprias da escravidão, eram encaradas como seres sem alma ou sentimentos (Motti, 1989, pp. 85-96).

A partir desse panorama exposto, o que podemos situar quanto às motivações de Ferreira para preparar os medicamentos abortivos era de que, parece inoportuno que, inicialmente, sob uma escassa presença de mulheres, uma escravizada engravidasse, pois seu proprietário perderia temporariamente uma empregada saudável e jovem. Ainda não existia uma mentalidade de que seus filhos poderiam se tornar escravizados sem nenhum custo para obtenção (Dias, 2002, p. 90, In: Furtado, 2002). As funções que elas cumpriam eram essenciais para o andamento dos trabalhos, e o custo para obtê-las já era alto. Se viesse a gestação, decerto traria consigo os contratemplos que uma gravidez carrega. Não poderia continuar a contribuir para as atividades econômicas comerciais integralmente (Ferreira, 2002, In: Furtado, 2002).

Essa configuração acima esclarece a compreensão que a sociedade tinha acerca do aborto e do tabu em relação ao corpo feminino. A mulher é tratada como uma desalmada, facilmente enganada pelo demônio quando demonstrava uma negação quanto à gestação. Esse pensamento reforça ainda mais o discurso que desqualifica a mulher, físico e psicologicamente (Lourenço, 2016).

3.9. Leite materno e menstruação: os humores femininos

⁹¹ No período colonial no século XVIII as leis não permitiam que os escravos recusassem as demandas sociais de seus senhores. O estupro não era considerado uma ofensa legal, inclusive não há evidências que tais ações aparecem nos registros de processos legais. Por esses direitos, os senhores, com autoridades sociais, assumiram uma dominação racial, sexual de classe sobre a mulher escravizada (Beckles, 2011, p. 241).

⁹² Sarah "Saartjie" Baartman foi a mais famosa de pelo menos duas mulheres negras do povo coissã que foram exibidas como aberrações em eventos na Europa do século XIX sob o nome de "Vênus Hotentote" (Paiva, *et al.*, 2016, p. 3).

Nossa intenção neste tópico é descrever e analisar as ambivalências encontradas nas concepções médicas a respeito do sangue menstrual e do leite materno. Para isso faremos uso de noções formadas em diferentes tempos, portanto surgidas em meio a diferentes paradigmas. Nosso ponto de partida evidentemente partirá de nossa fonte documental Erário Mineral, portanto, do século XVIII, visto que ela nos fornece algumas informações que nos permitem identificar tais ambiguidades.

Em Erário Mineral, no “Tratado III- da Miscelânea”, para o tratamento de belidas e cicatrizantes, Ferreira sugere que se faça um preparo com pós de lombrigas de homem e misturem com leite de peito. O conteúdo final deve ser pingado dentro dos olhos (Ferreira, 2002, p. 343, In: Furtado, 2002). Se os fluidos femininos eram encarados como perigosos e venenosos, então por que o leite materno ganhava uma conotação mais positiva, servindo de ingrediente para a cura de algumas moléstias, na Colônia?

Observamos que a menstruação feminina e o leite materno tiveram em comum, nos discursos médicos do século XVIII, o fato de serem ajustadas e acomodadas na Teoria Humoral Hipocrático-Galênica. Ambos eram frequentemente associados a interpretações contraditórias, ora como uma bênção, ora como uma maldição. A menstruação era vista como uma substância impura e ao mesmo tempo como o fluido vital que sustenta a vida. Da mesma forma, os seios femininos eram divididos em duas categorias distintas, o seio corrupto ou poluente e o seio materno, que alimenta a vida (Yalom, 1997, p. 133).

Apesar dessa ambiguidade, parece que o leite materno era encarado com menos cautela. Possivelmente porque nas concepções acerca das partes do corpo humano, os seios, por estarem na parte superior do corpo, que era considerada mais nobre, produziria algo mais puro (Hipócrates, 1851 In: Carrat, *et al*). Aqui vale destacar que é encontrado em uma nota de rodapé em Erário, intitulada “advertência aos ignorantes e mulheres depravadas”, onde Ferreira escreve sobre quão venenoso é o sangue menstrual. Ele alerta que se esse sangue entrar em contato com o “leite, corrompe-o” (Ferreira, 2002, p. 313, In: Furtado, 2002).

É necessário, portanto, examinar alguns episódios na história, onde a amamentação e o leite materno ganharam proeminência, não somente quanto a sua relação com a saúde e doença humana, mas como um símbolo significativo na cultura entre os humanos. Isso nos permitirá vislumbrar as ambiguidades contruídas sobre esse fenômeno.

A amamentação sofreu transformações culturais desde os tempos pré-históricos no ocidente. Com um olhar atento a esse recorte, percebemos que certamente caçadoras e coletoras se encontraram na impossibilidade de amamentar, seja pela rotina inquieta em busca de

alimentos, seja por não conseguir produzir o leite materno. Em um período onde os animais ainda não tinham sido ordenados, muitas crianças sobreviveram por terem se alimentado com leite animal, fornecido em vasos ou diretamente do úbere (Castilho; Filho, 2010, pp. 179-180).

A diferença na percepção em relação ao leite materno e a menstruação pode ser observada desde o Código de Hamurabi, escrito cerca de 1.800 a.C.. Esse já apresentava detalhes sobre a prática da amamentação, estimulando normas para as lactantes. Também podemos citar que entre 430 a.C. a 370 a.C., Hipócrates escreveu sobre os benefícios do aleitamento materno. Ele se posicionou contra a prática de aleitamento com as amas-de-leite e indicou que os alimentos sólidos deveriam ser introduzidos assim que aparecerem os dentes de leite (Castilho; Filho, 2010, 2010, p. 180). Além disso, foi elaborado o Código Teodosiano no século 429 d.C. que teria sido ratificado em 438, como um propósito de estratégia de intervenção política sobre o comportamento feminino em Roma no século V. Se tratava de um incentivo à prática da amamentação (Linhares; Pontes; Osório, 2014, p. 434).

Essas movimentações em a favor da amamentação que acompanhamos pelos registros, se constitui como um processo social e cultural. No século V a.C. ela é enaltecida, carregada de uma intenção de dieta higiênica, para conter a mortalidade infantil. Já no século XII e XIII na Europa setentrional, por exemplo, a igreja vai considerar o ato de amamentar como sujo e animalesco, comprometedor da beleza física e sexual da mulher (Linhares; Pontes; Osório, 2014, p. 434). Apesar disso, esse fenômeno fisiológico recebeu um contorno mais ameno, comparado ao da menstruação (Castilho; Filho, 2010).

Para Aristóteles o coração humano era o mais quente e o mais rico devido ao seu intelecto superior. Logo, se o calor é o que diferencia o homem e a mulher na Antiguidade grega, especialmente em relação ao fenômeno da menstruação, o coração, localizado no seio, faria uma cocção melhor e mais pura do fluído, transformando em leite materno (Crivellato; Ribatti, 2007, pp. 327-336). É devido a isso que para a cura das coisas podres se usava esse humor mais puro, o leite materno (Del priore, 2004, p. 84, In: Del Priore, 2004).

Um aspecto que podemos evidenciar, tanto em alguns manuais de medicina do século XVIII quando nos tratados da Antiguidade grega, são as propriedades medicinais atribuídas ao leite materno em vários regimes terapêuticos, para diversas doenças. Essa perspectiva contrasta fortemente com o tratamento do sangue menstrual, que é acompanhado por precauções. O leite no primeiro momento é encarado como um alimento para um recém-nascido. Já na idade adulta, é visto como um ingrediente próximo a um remédio (Fleischer; Sautchuk, 2012, p. 117). De acordo com o sistema de conhecimento Hipocrático-Galênico o sangue que era drenado para o útero durante a gestação, sofre uma transformação que resulta no leite materno, um fluído mais

puro e quase indispensável (Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

Constatamos o uso do leite como um medicamento no tratado de medicina do médico João Curvo Semedo, chamado em “Observações medicas doutrinaes [...]” (1705/1707), na “Observação XIV- Observações Medicas Doutrinaes, para tratar uma mulher que estava sofrendo de “anciãs, & palpitaçoens do coração, tremores no corpo, ardores, & picadas nas mãos” (Semedo, 1705/1707, p. 93). Esses sintomas eram devido a vapores venenosos causados pelo vinagre fervido com rosolgar para matar percevejos em seu leite. O médico preparou “um grande púcaro de leite de mulher, ou qualquer outro” ou “leite de amendoas doces” e alguns outros ingredientes (Semedo, 1705/1707, p. 93).

Em um outro caso em sua obra, Semedo deduziu que uma mulher que estava sofrendo de dores na cabeça poderia estar com alguma “inflamação” no cérebro. Ele escreve que deitou “no ouvido humas gotas de leite de peito misturadas com quatro grãos de pó de incenso macho” (Semedo, 1705/1707, p. 137). Portanto, o leite no primeiro caso serviu para tratar uma pessoa acometida de envenenamento por rosolgar, veneno hoje conhecido para matar ratos. No segundo caso, para dor de ouvido. Em suma, o leite é visto por esse médico como um líquido contendo propriedades medicinais benéficas (Semedo, 1705/1707, p. 137).

Um outro tratado de medicina que data do século XVIII é do médico Carlos da Sylva Correa chamado *Pharmacopea Tubalense Chimico-Galenica*, parte primeira (1733). No bloco intitulado “Diccionario Pharmaceutico medico- Capitulo XXV” é possível encontrar na receita de *enchyta* a citação do leite materno. Nela se explica que “he o licor, que se destilla, ou lança sobre os olhos enfermos, assim como os collirios, leite de mulher, e outros licores” (Correa, 1733, p. 93). O leite materno, o sangue branco, portanto, embora fizesse parte do santuário estranho que era o corpo da mulher, era um excelente remédio para diversos achaques físicos (Del Priore, 1993).

Como denotado, era frequente a utilização de excrementos de animais e humanos como medicamento na Colônia. O leite materno, sendo um dos excrementos humanos, era incluído em diversas receitas, sendo empregado como medicamento eficaz na cura de diversos achaques físicos. Como citado, foi utilizado em emplastro e unguentos, seja para o tratamento de doenças de pele (Furtado, 2005, p. 104), irritação nos olhos ou para alguém acometido de envenenamento (Semedo, 1705/1707, p. 137).

As descrições sobre o leite materno são encontradas nos *Corpus Hipocratico* chamado “Das doenças da mulher”, no Livro I e II. Ele é mencionado como ingrediente de um medicamento composto. É usado em combinação com outros ingredientes em pessários, para limpeza uterina e para retirar lóquios e sangue do útero. Pode ser encontrado em fórmulas de

pessários emenagogos e pessários para promover a concepção. O que fica claro é que todas essas receitas são destinadas apenas as mulheres (Constantinou; Skouroumouni-Stavrinou, 2024, p. 107; Hipócrates, 1851, In: Carrat, *et al*).

Como a analogia e a similitude foram os principais meios, entre os europeus, para criar compreensão e interpretação sobre os elementos novos ou desconhecidos (Foucault, 2000, p. 45), os humores femininos, isto é, a menstruação e o leite materno, eram vistos como possuindo propriedades similares. Isso significa que, segundo o pensamento do século XVIII, ambos eram fluidos próprios da mulher, relacionados à capacidade reprodutiva. No entanto, eles mudavam de um estado a outro por meio de um processo de cocção e calor (Schiebinger, 2001, p. 208).

Os líquidos na ligação útero-seio foram fundamentais para a compreensão da fisiologia feminina por mais de dois mil anos, portanto ocorria o movimento de baixo para cima no processo de transformação do fluido. Na lógica do hipocratismo, a secreção do leite, isto é, sua retirada ou descarga, mantém os humores em equilíbrio, para que todo o mecanismo feminino funcione (Sherwood, 1993, p. 29).

O conhecimento do corpo feminino foi entendido de forma limitada, principalmente por analogia com corpos dos animais ou por observação pouco sistemática de indivíduos mutilados. Mesmo que alguns dos processos eram visíveis empiricamente, uma das razões que impedia a compreensão de tais fenômenos era a falta de instrumentos técnicos adequados. Como resultado, muitas ideias equivocadas foram divulgadas, de modo que se constituíram como paradigmas que moldaram a forma do estatuto social da mulher (Pinheiro, 2018, p. 481).

Falar sobre o leite materno também remete à relação intrínseca com a história do seio. As conexões que as pessoas estabelecem com o seio e a amamentação variam de acordo com diferentes culturas e épocas. É por isso que vamos, de forma breve, apresentar as concepções sobre o leite materno na Antiguidade e na Era Moderna (Sandre-Pereira, 2003, p. 469).

Na Antiguidade grega a lactação era digna senão de veneração, ao menos de atenção, a ponto de escreverem leis a favor dela em sua sociedade (Linhares; Pontes; Osório, 2014, p. 434). Os seios vão aparecer em ídolos no período de VIII a VI a.C. conhecidas como Astarte, a deusa fenícia do amor e da fertilidade, a *dea nutrix*. A deusa nutritiva era uma espécie de árvore com seios e consistia em um ritual em busca da fertilidade e do alimento (Marquetti, 2003, p. 18).

Houve uma concepção duradoura que fez uma associação entre o corpo físico feminino, a natureza e o alimento. Ela advém de teorias desenvolvidas entre intelectuais do século XIX,

como o patologista alemão Paul Möbius (1853-1907)⁹³ (Libbon, 2007, pp. 86-88). Esses médicos relacionaram as mulheres ao reino das plantas e dos animais. Essa disposição é devido à anatomia feminina, onde seu corpo é associado a animais pela sua condição de lactante (Yalom, 1997, p. 30).

O corpo da mulher é mergulhado em ambiguidades, tenta-se o tempo todo separar essa mulher-animal da mulher provedora da vida. A associação da mulher a características animais, atrelado ao fato de que menstruavam, seria as justificativas para a sua contenção social (Matos; Soihet, 2003, pp. 33; 180). Essas contenções podem ser percebidas também na alimentação da mulher, na percepção médica do século XVIII. A má escolha de alimentos no período logo após o desmame criava um certo tipo de problema. O médico português Francisco Melo Franco (1757-1822)⁹⁴ atribuía aos alimentos quentes, muito nutritivos, efeitos nefastos no organismo infantil. Isto é, em 1790 ele aconselhou que fossem evitadas sopas feitas de carne, do seu arroz e, no geral, de toda comida animal, pois consistiam em humores tendentes à inflamação, podridão, por serem muito nutritivos (Venâncio, 2004, p. 196, In: Del Priore).

A amamentação vai além do aspecto biológico e nutricional. Além disso, junto com outras secreções corporais, desempenha um papel significativo nas representações do corpo, seja estabelecendo laços de parentesco, seja relacionado às restrições sexuais (Sandre-Pereira, 2003, p. 467). A antropóloga Agnès Fine explica que esse aspecto negativo da menstruação e do leite prevaleceu ainda por muitos anos, mesmo depois de diversas descobertas no campo da anatomia e fisiologia médica (Fine, 2003, pp. 57-76, In: Matos; Soihet, 2003).

Esse atraso se deve, dentre vários motivos, ao fato de que existia uma noção de que as mulheres eram percebidas como propensas a episódios de loucura transitória perigosa, devido à sua associação com os estados de gravidez, parto e lactação (Harris, 1993, p. 46). A transição observada por volta do início do século XIX envolve uma mudança no exame científico da histeria, em que a ênfase anterior no útero é substituída por um foco no sistema nervoso (Miranda, 2017, pp. 120-121).

Como visto até aqui, é raro encontrar bibliografias que abordem o tema do leite materno

⁹³ Foi um patologista alemão que fez contribuições pioneiras para a compreensão de como algumas doenças mentais ocorrem. Ele é creditado por fornecer uma distinção entre distúrbios nervosos exógenos e endógenos, e introduziu ideias sobre a etiologia da histeria. No entanto, assinalou diversas vezes que a mulher estaria ligada ao primal e ao animalesco. Para Möbius, a mulher era uma criatura débil mental, que, tal como os animais, desde tempos imemoriais, nada fez senão repetir-se incessantemente (Libbon, 2007, p. 88).

⁹⁴ Francisco de Melo Franco foi um médico português, formado em Medicina pela Universidade de Coimbra, pioneiro no campo da puericultura e um dos mais importantes médicos na corte portuguesa da sua época. É autor de um conjunto de influentes obras no campo da medicina e da filosofia política (Venâncio, 2004, p. 196, In: Del Priore).

de forma abrangente. Um exemplo é o trabalho da pesquisadora norte-americana Marilyn Yalom, que estuda sobre gênero, cuja obra é intitulada “História do seio”(1997). Seu trabalho é um dos poucos que se debruçam sobre essa temática. É notável a escassez de fontes e bibliografias de Portugal que trabalham com esse assunto, seja na atualidade ou especificamente as percepções desse fenômeno no século XVIII. Como observado, optamos por selecionar algumas obras estrangeiras, como forma de traçar um panorama geral e estabelecer conexões entre as ideias de Ferreira e as atitudes dos indivíduos em relação a esse fluido.

Nossa pesquisa apontou que, a princípio, mesmo não havendo uma conexão direta entre menstruação e leite materno, nas explicações do paradigma Hipocrático-Galênico, ambos eram encarados como fluidos, e os devidos cuidados em relação aos dois foram se apresentando conforme observamos as ambiguidades existentes em ambos. O fato de não ter tanta bibliografia que discute e se preocupa em colocar o leite materno de forma centralizada, evidencia que a menstruação sempre foi o fenômeno que mais chamou atenção e provocou medo na sociedade.

CONCLUSÃO

O cerne desta dissertação correu em torno da dimensão do fenômeno da menstruação. No entanto, semelhante a uma investigação forense, a pesquisa nos direcionou a um domínio mais amplo, em torno das compreensões médicas a respeito da anatomia e fisiologia feminina no século XVIII. Definidos os recortes investigativos e o objeto de estudo, descrevemos e explicamos o conceito de menstruação e como ele foi acomodado a Teoria Humoral Hipocrático-Galênico. No século V a.C., a proposição da menstruação como um dos fluidos corporais facilitou a compreensão de diferentes disfunções uterinas. Dessa forma, delimitou sua função de purificação, na compreensão de Hipócrates, ou de reguladora do organismo, no entendimento de Galeno.

Se a nossa problemática girou em torno de se compreender como Ferreira interpretava a menstruação e como ele solucionava os problemas relacionados às disfunções uterinas, então as hipóteses mais plausíveis sobre essas questões sugeriram que Ferreira via a menstruação como um fluido corporal, uma vez que as práticas médicas no século XVIII estavam fundamentadas na Teoria Humoral Hipocrático-Galênico. O cirurgião solucionou os problemas uterinos empregando um regime de ervas e substâncias derivados dos recursos botânicos da América Portuguesa.

As análises comparativas realizadas entre as duas fontes principais, Erário Mineral

(1735) de Luís Gomes Ferreira e o tratado “Da natureza da mulher” de Hipócrates, revelaram que não só as concepções médicas de Ferreira sobre a menstruação ainda estavam alicerçados no hipocratismo, como também algumas doenças descritas por Ferreira eram as mesmas relatadas por Hipócrates. Como apontado, não se pode afirmar se de fato Ferreira teve acesso aos aforismos de Hipócrates diretamente da fonte, mas é evidente que sua concepção médica foi influenciada pela epistemologia presente nos manuais de medicina da época.

Apesar das definições dos físicos gregos terem simplificado a interpretação da menstruação, o surgimento de diversos sintomas e doenças suscitou dúvidas. Como a instrumentação cultural dos europeus era pautada em estratégias de similitudes e por analogias, essa foi a tática pelo qual encontraram para sanar questões referente a anatomia e fisiologia feminina (Foucault, 2000, p. 45). As disfunções foram sendo categorizadas de modo a serem todas vinculadas ao útero. Mesmo sintomas mentais eram causados por ele.

O útero foi comparado ao comportamento de um animal feroz, e os remédios que poderiam acalmá-lo deveriam ser escolhidos com base no conceito de simpatia e antipatia. Isso nos leva a segunda análise comparativa que realizamos nos documentos. Com base na analogia, Ferreira identificou e compreendeu as características físico-químicas semelhantes entre as plantas novas da América Portuguesa e as que já eram familiares a ela no Velho Mundo, a fim de reconfigurar as receitas, de acordo com a nova realidade em que ele se encontrava (Foucault, 2000, p. 45; Wissenbach, 2002, p. 109, In: Furtado, 2002).

A caracterização da mulher como um ser imperfeito anatômica e fisiologicamente foi um processo concretizado por mais de dois mil anos. As teorias apresentadas separadamente, como a Teoria Catártica, Teoria da Pletora, Teoria da Fermentação e, especialmente, a Teoria da Recapitulação, foram fundamentais para a consolidação de estigmas sobre o corpo feminino. Filósofos naturais desenvolveram teses para justificar a proposição de que a mulher teria parado em determinado estágio de desenvolvimento. O calor seria a resposta mais empregada na Teoria Humoral para explicar tanto o acúmulo de fluido, a menstruação, quanto a não exteriorização dos órgãos genitais, isto é, a ausência do órgão masculino (Silva, 2019, p. 149; Souza, 2011, p. 131).

Essa hierarquia biológica foi e ainda é transfigurada na hierarquia social. As definições anatômicas estiveram e quase sempre estão a serviço de um projeto de dominação, que só conseguiu se manter até o presente graças a adaptações e atualizações dessas ideias a novos cenários. Não à toa, governos e organizações sociais de diferentes sociedades e épocas tiveram a predisposição quase ontológica para focar o gênero a partir de suas oposições binárias, para determinar posições e funções dentro do espaço social (Federici, 2017, p. 18).

Frequentemente observamos durante nossa pesquisa que a perspectiva médica é quase exclusiva da mulher pelo e através do seu útero. O que indica que seu corpo foi historicamente concebido apenas como um instrumento de reprodução (Del Priore, 2004, p. 82, In: Del Priore, 2004). Ao examinar a interseção histórica da medicina e da biologia, em relação a sua influência para o confinamento das mulheres aos papéis domésticos e à reprodução, percebemos que tínhamos em mãos, a partir das fontes documentais disponíveis, a possibilidade de estudar e compreender como que esses processos e essas teorias médicas foram aperfeiçoadas e ampliadas para as experiências das mulheres (Leavitt, 1999, p. 4; 6).

Estamos diante de uma trama discursiva em torno do controle do corpo da mulher, portanto, é uma luta pelo poder da palavra. Para Foucault precisamos aceitar o “indefinido da luta” (Foucault, 1992, p. 147), isso significa que cada movimento corresponde a um novo movimento. Se somente no final do século XVIII e início do XIX que a noção de dois sexos ou diferença biológica foi sendo questionada gradualmente (Rohden, 2001, 512), mesmo com a indicação de um novo panorama em termos biológicos, as mulheres foram encaradas como um sexo mais frágil, incapazes de assumir plenamente responsabilidades cívicas no contrato social (Rohden, 2000, p. 97).

Apesar dessa configuração, não podemos deixar de lembrar que houve avanços no campo da medicina, no que diz respeito à compreensão acerca da menstruação. A anatomia e fisiologia, estudo da forma e da função, respectivamente, estão fortemente vinculadas à história da medicina e a descobertas significativas em relação ao funcionamento do corpo feminino. No entanto, alguns estigmas sobre o sangue menstrual continuam presentes na mentalidade de nossa sociedade, inclusive preconceitos herdados de períodos históricos que foram trabalhados aqui.

As diferenças hierárquicas biológicas marcadas pelos discursos dos antigos físicos teriam sido precursoras da construção dos papéis de gênero. Um exemplo da interpretação de teor negativo a respeito de seus corpos está na ideia de que as mulheres são inteiramente venenosas quando estão no período menstrual (Pissinati, 2018, pp. 3-4). Na Era Moderna, já no final do século XIX, a feminilidade da mulher estava atrelada de forma definitiva ao útero e aos ovários. É devido a isso que se começou a realizar diversas cirurgias de retirada desses órgãos para o tratamento de disfunções fisiológicas. A intenção era a busca da cura de inúmeras patologias dentro da etiologia sexual (Martins, 2004, pp. 113; 133).

Para além das já identificadas noções estigmatizantes acerca da menstruação, outras foram surgindo. Essas agora estavam associadas à infertilidade. Isso significa que a falta da menstruação passa a impedir as mulheres de darem continuidade às próximas gerações,

posicionando-as em um estado de exclusão social (Coutinho, 1996). O conceito de estigma implica a presença de uma marca ou mancha que serve para criar uma divisão entre um indivíduo e o coletivo. Indivíduos portadores dessa marca experimentam uma diminuição em seu valor social devido à indicação de uma falha. Dentro dessa perspectiva, para as mulheres, o sangue menstrual seria considerado uma marca estigmatizante. Consequentemente, a percepção negativa da existência e da inexistência do sangue menstrual deixa as mulheres sem meios de evitar essa mancha social (Goffman, 1963, p. 127).

Dadas essas premissas, é evidente que ainda há uma distância considerável a ser percorrida para lidar com preconceitos e estigmas relacionados à menstruação. Todo esse conhecimento sobre a anatomia feminina foi elaborado por meio de discursos e, apesar de usar dados, ilustrações e explicações baseadas em uma hierarquia entre os gêneros masculino e feminino, convenceram a sociedade por mais de dois mil anos. No entanto, há algum tempo, houve avanços na área da biologia e na medicina, que já sanaram diversas dúvidas e esclareceram que não há nada de estranho ou errado, seja com a estrutura física ou com a menstruação. A menstruação é um fenômeno natural fisiológico. O verdadeiro problema que deve ser enfrentado e combatido é o discurso de poder e dominação sobre o corpo feminino.

FONTES DOCUMENTAIS

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) – Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor: n. 105
Processos: 252.

BÍBLIA SAGRADA ONLINE. 2009. Disponível em:< <https://www.bibliaon.com>>.

CÃO, Costas do. **BOLETIM HISTÓRICO**, nº 4, 2017, AH. SCMA, Livros dos Acórdãos da Santa Casa. L.º52, Fl.7v.º e 8. Disponível em:< <https://www.scma.pt/documents/10184/4801677/Boletim+n.%C2%BA+04+-+Abril+2017+-+Obriga%C3%A7%C3%A3o+do+m%C3%A9dico+Sim%C3%A3o+Pinheiro+Mour%C3%A3o+curar+os+enfermos+da+casa.pdf/b43a8c4d-abb8-42ec-b75f-ff96b6fd18a8>>. Acesso em 25 de Nov. 2023.

CORPUS MEDICORUM GRAECORUM, Disponível em: < <https://cmg.bbaw.de/epubl/online/editionen.html>>. acesso em 05 de Jun. 2023.

CORREIA, Carlos da Sylva. **Pharmacopea Tubalense e Chimico-Galenica, Primeira parte. 1733.** Disponível em:< [Pharmacopea tubalense chimico-galenica: parte primeira \[-segunda\] ... - Manuel Rodrigues Coelho - Google Livros](#)>. Acesso em: 18 de Mai. 2024.

DIOSCÓRIDES. *Sobre los remedios medicinales* – manuscrito de Salamanca. Disponível em: <<http://dioscorides.usal.es/p2.php?numero=273>>. Acesso em: 21 de Mai. de 2023.

FERREIRA, Antônio. **Luz verdadeira e recopilado exame de toda a cirurgia.** Lisboa: Academia Real de Ciências, 1735. p. 25. Disponível em:< [Luz verdadeyra, e recopilado Exame de toda a Cirurgia: dedicado a Augusta, e Real Magestade del Rey Dom Pedro. Nosso Senhor, Lisboa, 1693 - Biblioteca Nacional Digital \(purl.pt\)](#)>. Acesso em: 07 de Abr. 2024.

FERREIRA, Luís Gomes Ferreira. **Tratado I: da cura das pontadas pleuríticas e suas observações.** In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

FRANCO, Francisco de Melo. *Dictames Theoreticos, e practicos para conservar a saúde, e prolongar a vida.* Academica Real das Sciencias, 3 Edição, Lisboa, Na Typografia da Academia, 1823. Disponível em: < <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4943>.. Acesso em: 02 de Jun. 2023.

HENRIQUES, Francisco da Fonseca. **Âncora medicinal para conservar a vida com saúde (1721).** São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

HENRIQUES, Francisco da Fonseca. **Medicina lusitava: socorro delphico aos clamores da natureza humana.** Lisboa: Officina Miguel Diaz, 1731. Disponível em: < https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=SaliAAAcAAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=Francisco+da+fonseca+henriques+Medicina+lusitana:+socorro+delphico+aos+clamores+da+natureza+humana+para+total+pr ofliga%C3%A7%C3%A3o+de+seus+males&ots=icXQy_E2qg&sig=YuZ-rjMV4wUhYlStqF_qROKL3W4#v=onepage&q&f=false.> Acesso em: 27 de Mai. 2023.

HENRIQUES, Francisco da Fonseca. **Medicina lusitana e socorro délfico aos clamores da natureza humana para a total profligação de seus males.** Amsterdã: Oficina de Miguel Diaz, 1731. Disponível em: < https://books.google.com.br/books?id=SaliAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 23 de Mai. 2023.

HILDEGARD De Bingen, 1988-89, *Le Livre des Subtilités des Créatures Divines (Physique)*, 2 vols., Grenoble, J. Millon.

HIPÓCRATES. **De la nature de la femme.** Trad. E. Littré. Paris: Chez J. B. Bailliére, 1851. Apud. CARRAT, Caroline. *Et Al.* Antiguidade grega e latina desde a idade média. **França.** Philippe Remacle , Philippe Renault, François-Dominique Fournier, J.P. Murcia, Thierry Vebr, Caroline Carrat.. O site consiste em 13 partes. Disponível em: < <http://remacle.org/bloodwolf/erudits/Hippocrate/naturefemme.htm>>. Acesso em 27 de Dez. 2022.

LIMA, Manuel Gomes. **Receptuario Lusitano chymico-pharmaceutico, medico-chirurgico [...], Porto, Off. Prototypa Episcopal (1749).** 1749. Disponível em: < <https://purl.pt/39655>>. Acesso em: 3 de Out. 2023.

MIRANDA, João Cardoso Miranda. **Prodigiosa Lagoa descoberta nas congonghas das minas do sabará, que tem curado as várias pessoas dos achaques que nesta relação se expõe [1749].** Reimpr. Coimbra: Imprensa Universitária, 1925.

MIRANDA, João Cardoso. **Relação cirurgica, e medica, na qual se trata, e declara especialmente hum novo methodo para curar a infecção escorbútica; ou mal de**

Loanda, e todos os seus productos, fazendo para isto manifestos dous especificoe, e mui particulares remedios. Lisboa: Officina de Manoel Soares, 1741. Disponível em:< <https://worldcat.org/pt/title/956407523>>. Acesso em: 23 de Mai. 2023.

O'CONNELL, Lindsey. **Johann friedrich meckel, o jovem (1781-1833). A enciclopédia do projeto embrião.** ISSN: 1940-5030, 2011. Disponível em:< <https://embryo.asu.edu/pages/johann-friedrich-meckel-younger-1781-1833>>. Acesso em 27 de Fev. 2023.

REINHIPO, Romaõ Mõsia. **Trattado único das bexigas, e sarampo, offerecido a D. João de Sousa composto por Romaõ Mõsia Reinhipo.** Lisboa Na officina de João Galraõ. 1683. Disponível em:< <https://purl.pt/26780/1/index.html#/6-7/html..>>. Acesso em 25 de Nov. 2023

SEMEDO, João Curvo. **Observações médicas doutrinaes de cem casos grevíssimos que em serviço da pátria, & das nações estranhas escreve em língua portuguesa, & latina.** Lisboa, 1707.

TAVARES, Francisco. **TOMO II. Pharmacopea Geral para o Reino, e Dominios de Portugal (1794) publicada por ordem da rainha fidelissima.** Disponível em:< <https://wellcomecollection.org/works/vqpcy8c3/items?canvas=9>>. Acesso em: 4 de Nov. 2023.

VIEIRA, Antônio. **Vozes Saudosas, da eloquencia, do espirito, do zelo e eminente sabedoria do Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus, [...]**
[...] Prégador de Sua Magestade, e Principe dos Oradores Evangelicos:
Acompanhadas Com hum fidelissimo Echo, que sonoramente resulta do interior da obra Clavis Prophetarum. Concorda no fim a suavidade das Musas em elogios raros. Tudo reverente dedica Ao Principe Nosso senhor O P. André de Barros, da Campanhia de Jesus, Academico de numero da Academia Real de Historia Portugueza (1608-1697). Org. André Barros (1675-1754). Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues. Data do documento: 1736. Disponível em:< [Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: Vozes Saudosas, da eloquencia, do espirito, do zelo e eminente sabedoria do Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus, \[...\]](https://biblioteca-brasiliana.guita-e-josé-mindlin.org/vozes-saudosas-da-eloquencia-do-espirito-do-zelo-e-eminente-sabedoria-do-padre-antonio-vieira-da-companhia-de-jesus-...) (usp.br)>. Acesso em: 22 de Fev. 2024.

VIGIER, Joao. **Pharmacopea Ulyssiponense Galenica, e chymica, Lisboa (1716).**
 Microfilm produced for the National Library Of Medicine, Preservation Resources, 1998.
 Disponível em:<<https://www.museudafarmacia.pt/collection/cronologia.aspx?id=603&lang=uk&a=0>>. Acesso em: 04 de Nov. 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Jean Luiz Neves Abreu. **Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII**. Rio de Janeiro: Editora FIORUZ, 2011.

ABREU, Jean Luiz Neves. **O corpo, a doença e a saúde: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII**. Tese de doutorado, Belo Horizonte. 2006. Disponível em:< https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VCSA-6XWMHK/1/tese_jean.pdf>. Acesso em: 26 de Jan. 2024.

ABREU, Jean Luiz Neves. Os estudos anatômicos e cirúrgicos na medicina portuguesa do século XVIII. **REVISTA DA SBHC**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 149-172, jul | dez, 2007. Disponível em :< [*344-libre.pdf \(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](https://www.sbhcc.org.br/revista/344-libre.pdf)>. Acesso em: 24 de Fev. 2024.

ABREU, Bras Luis de. **Portugal medico ou monarquia médico-lusitana história prática symbolica, ética política**. Coimbra: Oficina de Joam Antunes, 1726.

ADAMS, Zoe. (Dis)ease: The Rhetoric of Illness in Depictions of the Healthy Female Body from Hippocrates to the Present. **Vassar College Digital Window @ Vassa**. 2015. Disponível em:< [\(Dis\)ease: The Rhetoric of Illness in Depictions of the Healthy Female Body from Hippocrates to the Present \(core.ac.uk\)](https://www.core.ac.uk/doi/10.21203/rs.3.rs-2888881/v1)>. Acesso em: 09 de Mar. 2024.

AGE, Monica de Paula Pereira da Silva. O hospital real militar: saúde e enfermidade em Villa Boa de Go yaz (1746-1827). **Tese de doutorado**, 2014. Disponível em:< [T2014-08.pdf \(ufg.br\)](https://repositorio.ufg.br/handle/2014-08/128786)>. Acesso em: 28 de Mar. 2024.

ALMEIDA, Cybele Crossetti. Do mosteiro à universidade: considerações sobre uma história social da medicina na idade média. **Revista Aedos**, Repositório Lume, Vol. 2, n.2.jun. 2009. Disponível em:< <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/128786>>. Acesso em: 07 de Jan. 2023.

ALMEIDA, Francisca de Fátima. Portugal e os cuidados médicos em tempo de epidemia: regimento proveitoso contra a pestilência (século XV-XVI). **Monografia**. Universidade Estadual de Goiás- UEG, Cidade de Goiás, 2017. Disponível em:<[Francisca de Fátima Almeida.pdf \(ueg.br\)](https://repositorio.ueg.br/handle/2014-08/128786)>. Acesso em: 23 de Mai. 2024.

AIKEN, L.R. **Psychological testing and assessment**. 7 edição. Massachusetts: Allyn and Bacon. 1991.

AKÍN RÚLÍ, Olúségón Michael. Gèlédè: o poder feminino na cultura africana- Yorubá. **Revista África e Africanidades**. Ano III, n12, Fev. 2011. Disponível em: <[12022011_19.pdf](https://www.africaeaficanidades.com.br/12022011_19.pdf) (africaeaficanidades.com.br)>. Acesso em: 04 de Mar. 2024.

ALBQUERQUE, Gabriela Cavalcante. **Histeria feminina no ocidente: conceito e patologização do corpo da mulher**. XX Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR). 2018. Disponível em: <[Histeria feminina no Ocidente - Conceito e patologização do corpo da mulher.pdf](#)>. Acesso em: 27 de Fev. 2024.

ALMEIDA JUNIOR, A. de. **Sobre o aguardentismo colonial**. Revista do Arquivo Municipal 6(72): 155-164. São Paulo, nov./dez. 1940.

ALVES, Caroline Farias. CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. Paixões da alma e estudo das expressões através das figuras femininas de Georgina de Albuquerque. **Caderno Espaço Feminino | Uberlândia, MG | v.33 | n.2 | seer.ufu.br/index.php/neguem | jul./dez. 2020 | ISSN 1981-3082**. Disponível em: <[neguem,+9.+Dossie++Paixoes+da+alma+e+estudo+das+expressoes-2.pdf](#)>. Acesso em: 19 de Mar. 2024.

ARAUJO, Amanda Mendes de; SEBBEN, Marina; ELLERY, Fabiana Marin Thives. **Fisiognomonía: um estudo para melhor compreensão do Visagismo na estética facial**. Univali, 2010. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Amanda%20Mendes%20de%20Araujo,%20Marina%20Sebben.pdf>>. Acesso em: 10 de Mar. 2023.

ARBERS, A. **Herbals: their origin and evolution: a chapter in the history of botany**. 2nd ed. 1953 (255):1470–1670: Cambridge University Press. London. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Maxine-Gossell-Williams/publication/6554549_The_past_and_present_use_of_plants_for_medicines/links/0a85e53499217e649b000000/The-past-and-present-use-of-plants-for-medicines.pdf> . Acesso em: 4 de Jul. 2023.

ARRIZABALAGA, Jon. **Articella studies: the articella in the early press (c. 1476-1535)**. Texts and Interpretations in Medieval and Renaissance Medical Teaching. N. 2. Barcelona-Spain. 1998. Disponível em: <<http://digital.csic.es/bitstream/10261/34330/1/Arrizabalaga-1998-The%20Articella%20in%20the%20Early%20Press.pdf>>. Acesso em: 27 de Jan. 2024.

ASTOLFI, J. P. & DEVELAY, M. **A Didática das Ciências**. Campinas: Papirus. 2013.

ASSIS, Marta Camargo de. GIULIETTI, Ana Maria. Diferenciação morfológica e anatômica em populações de “ipecacuanha” - Psychotria ipecacuanha (Bro.) Stokes (Rubiaceae). **Revista Brasil. Bot.** São Paulo, V. 22, n2, p. 205-216, ago. 1999.

ASHTIYANI; S.C.; AMOOZANDEH, A. **Rhazes Diagnostic Differentiation of Smallpox and Measles**. IRCMJ 2010; 12(4):480-483 ©Iranian Red Crescent Medical Journal. 2010. Disponível em: <[88120100423.pdf](#)>. Acesso em : 14 de Mar. 2024.

AVELAR, Lucas Endrigo Brunozi. A moderação em excesso: estudo sobre a história das bebidas na sociedade colonial. **Dissertação de mestrado**, Biblioteca Digital- USP, São Paulo, 2010. Disponível em:< <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08022011-151118/pt-br.php>>. Acesso em: 27 de Jun. 2023.

AZEVEDO, Sebastião Márcio de. *Et al.* **Levantamento da contaminação por cobre nas aguardentes de cana-de-açúcar produzidas em Minas Gerais**. Ciência e Tecnologia de Alimentos • Ciênc. agrotec. 27 (3) • Jun 2003. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/cagro/a/Tg44YVyPKft8rFjnrJwrmqS/?lang=pt>>. Acesso em: 28 de Dez. 2022.

BADINELLI, Isaac Facchini. Medicina e comércio na dinâmica colonial: a trajetória social de João Cardoso de Miranda (século XVIII). **Dissertação de mestrado**. Florianópolis. 2018. Disponível em:< [PHST0633-D.pdf \(ufsc.br\)](#)>. Acesso em: 24 de Fev. 2024.

BALALYKIN, D. A. Continuity in the views of Hippocrates and Galen on the nature of the human body. **Istoriya meditsiny–History of Medicine**, v. 4, p. 89-184, 2014. Disponível em:< [Continuity in the views of Hippocrates and Galen on the nature of the human body \(historymedjournal.com\)](#)>. Acesso em: 11 de Mar. 2024.

BALZER, W.; ELEFTHERIADIS, A. A reconstruction of the hippocratic humoral theory of health. **Journal for General Philosophy of Science**, v. 22, p. 207-227, 1991. Disponível em:< [BF01801207.pdf](#)>. Acesso em: 28 de Mar. 2024.

BARREIROS. Bruno Paulo Fernandes. **Concepções do Corpo no Portugal do Século XVIII: Sensibilidade, Higiene e Saúde Pública**. 2014. Disponível em:< [Barreiros_2014.pdf \(unl.pt\)](#)>. Acesso em: 14 de Mar. 2024.

BARRETO, Maria Renilda Nery. **A ciência do parto nos manuais portugueses de obstetrícia**. Niterói, v. 7, n. 2, p. 219-236, 1. sem. 2007. Disponível em:< https://scholar.google.com.br/scholar?start=10&q=menstrua%C3%A7ao+e+fermento&hl=ptBR&as_sdt=0,5#:~:text=A%20ci%C3%Aancia%20do%20parto%20nos%20manuais%20portugueses%20de%20obstetr%C3%ADcia>.

BASTOS, Cristiana; BARRETO, Renilda. **A circulação do conhecimento: medicina, redes e impérios**. ICS, Imprensa de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Portugal, 2011. Disponível em:< repositorio.ul.pt/bitstream/10451/22894/1/ICS_CBastos_Circulacao_LEN.pdf>. Acesso em: 23 de Fev. 2024.

BALTRUSAITIS, Luiz Dantas. **Aberrações: ensaio sobre a lenda das formas “fisiognomia animal”**. 2022. Sistema de Bibliotecas, Revista de História da Arte e da Cultura, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em:< <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/15693/10489>>. Acesso em 3 de Jun. 2023.

BARRETO, Maria Renilda Nery. A ciência do parto nos manuais portugueses de obstetrícia. **Gênero, Niterói, v. 7, n. 2, p. 219-236**, 1. sem. 2007. Disponível em:< [*30982-Texto do Artigo-106251-1-10-20120831.pdf](#)>. Acesso em: 08 de Mar. 2024.

BARRETO, Maria Renilda Nery. A medicina luso-brasileira: instituições, médicos e populações em Salvador e Lisboa (1808-1851). **Tese de doutorado**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível

em:<<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/6142/4.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em 15 de Dez. 2023.

BARRINGTON, D. J., ROBINSON, H. J., Wilson, E., & HENNEGAN, J. (2021). **Experiences of menstruation in high income countries: A systematic review, qualitative evidence synthesis and comparison to low- and middle-income countries.** PloS One, 16(7), e0255001. 2021. Disponível em:<
<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0255001> >. Acesso em: 18 de Mai. 2023.

BELINTANI, Giovani. Histeria. **Psic: Revista da Vetor Editora [online]**. vol.4, n.2 [citado 2024-02-18], pp. 56-69, 2003. Disponível em:<
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142003000200008&lng=pt&nrm=iso>

BELLINI, Ligia. **Concepções do corpo feminino no Renascimento: a propósito de *De universa mulierum medicina*, de Rodrigo de Castro (1603)**. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. O corpo feminino em debate. São Paulo: Editora UNESP 2003.

BERCOVITZ, Leonardo Katz. La medicina en tiempos de Hipócrates. **Revista Médica de la Universidad Veracruzana / Vol. 7** núm. 1, Enero – Junio, 2007. Disponível em:< [La medicina en tiempos de Hipócrates \(medigraphic.com\)](#)>. Acesso em: 07 de Mar. 2024.

BERTOLOSSI, Leonardo Carvalho. **A medicina mágica das bolsas de mandinga no Brasil, séc. XVIII**. XII Encontro Regional de História, p. 1-9, 2006. Disponível em:< [Microsoft Word - Leonardo Carvalho Bertolossi.doc \(anpuh.org\)](#)>. Acesso em: 04 de Mar. 2024.

BISPO, Cristiano Molinari. In medio virtus: explorando o exercício da gestão estratégica na perspectiva da ética aristotélica. **Perspectivas Contemporâneas**, v. 7, n. 1, 2012. Disponível em :<
<https://revista2.grupointegrado.br/revista/index.php/perspectivascontemporaneas/article/view/1028/447>>. Acesso em: 10 de Fev. 2024.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português e latino. : Oficina de Pascoal da Sylva**, (Cd-Rom), 1712-1728.

BONNARD, Jean-Baptiste. Male and female bodies according to Ancient Greek physicians. **Clio. Women, Gender, History**, n. 37, 2014. Disponível em:< [cliowgh-339.pdf](#)>. Acesso em: 11 de Mar. 2024.

BORGHEZAN, João Luiz Fernandes. **Plantas medicinais e os cuidados com a saúde: contando várias histórias**. In: SIGOLO, Renata Palandri. Florianópolis. NUPPe/ UFSC, 2015. Disponível em:< [Plantas medicinais e os cuidados com a saude - impressao \(1\)-libre.pdf \(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](#)>. Acesso em: 02 de Mar. 2024.

BOTELLO-HERMOSA, Alicia. CASADO-MEJÍA, Rosa. **Fears and concerns related to menstruation: A qualitative study from the perspective of gender.** Text Context Nursing, Florianópolis, 2015, Jan-Mar; 24(1): 13-21. Disponível em:< [\(1\) \(PDF\) Fears and concerns related to menstruation: A qualitative study from the perspective of gender \(researchgate.net\)](#)>. Acesso em: 08 de Mar. 2024.

BOYLAN, Michael. **Galen's Conception theory.** Journal of the History of Biology 19, 1986, 47-77. Disponível em:< https://www.academia.edu/912199/Galens_conception_theory>. Acesso em: 10 de Jan. 2023.

BONNET, Charles. *Considérations sur les corps organisés, où l'on traite de leur origine, de leur développement.* Chez Marc Michel Rey, 1768.

BUENO, Juliana Fonseca da Silva Linhares. Das parteiras a medicina obstétrica: uma breve reflexão sobre o processo de cientificação do parto no Brasil do século XIX. **Cad. Gên. Tecnol., Curitiba**, v. 12 n. 40, p. 265-277, jul./dez., 2018. Disponível em:< [8866-37767-1-PB.pdf](#)>. Acesso em: 06 de Mar. 2024.

BRANDÃO, *et al.* Useful Brazilian plants listed in the field books of the French naturalist Auguste de Saint-Hilaire (1779–1853). **Journal of Ethnopharmacology** 143 (2012) 488–500. Disponível em:< [Useful Brazilian plants listed in the field books of the French naturalist Auguste de Saint-Hilaire \(1779–1853\) \(sciencedirectassets.com\)](#)>. Acesso em: 31 de Mar. 2024.

BROUGHTON, Luke Dennis. **The elements of astrology.** 1898. Disponível em:< [The Elements of Astrology - Luke Dennis Broughton - Google Livros](#)>. Acesso em: 29 de Mar. 2024.

BOUYASSE, Philippe. Héphaïstos et les deux principaux pseudo-volcans de l'antiquité: le mont mosychlos de Lemnos et la chimère de Lycie suivi de la terre lemnienne une renommée plus que bimillénaire. **Academia.edu**, Avril, 2022. Disponível em:< https://www.academia.edu/79988990/H%C3%89PHA%3%8FSTOS_et_les_DEUX_PRINCIPAUX_PSEUDO_VOLCANS_DE_LANTIQUE%3%89 le MONT MOSYCHLOS DE LEMNOS et la CHIM%3%88RE DE LYCIE suivi de LA TERRE LEMNIENNE une renomm%C3%A9e plus que bimill%C3%A9naire>. Acesso em: 12 de Mar. 2024.

BURTON, Robert. **The anatomy of melancholy.** JW Moore, 1857. Disponível em:< [The Anatomy of melancholy - Robert Burton - Google Livros](#)>. Acesso em: 17 de Fev. 2024.

BREIDBACH, O. **Visions of nature: the art and science of Ernst Haeckel.** Munique: Prestel, 2006.

CAIRUS, Henrique F. **Textos hipocráticos: doente, o médico e a doença.** Cairus e Wilson A. Ribeiro Jr. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

CAIRUS, Henrique F. ALSINA, Julieta. **A alimentação na dieta hipocrática.** *Classica (Brasil)* 20.2, 212-238, 2007.

CALAINHO, Daniela Bueno. **Farmacopéia e drogas medicinais no mundo luso-brasileiro setecentista.** In: COSTA, João Paulo de Oliveira e. *Anais de história de além-*

mar. Fundação para ciência e tecnologia, Universidade Nova de Lisboa, 2006.

CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e medicina no brasil colonial. **Tempo**, Rio de Janeiro, nº 19, pp. 61-75 2005. Disponível em: < [v10n19a05.pmd \(scielo.br\)](#)>. Acesso em: 28 de Mar. 2024.

CANESQUI, Ana Maria. A qualidade dos alimentos: análise de algumas categorias da dietética popular. **Rev. Nutr., Campinas**, 20(2):203-216, mar./abr., 2007. Disponível em: < [*Nutri10.pmd \(scielo.br\)](#)>. Acesso em: 05 de Mar. 2024.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. Disponível em: < [*GEORGES CANGUILHEM - O Normal e o Patologico 1 \(uff.br\)](#)>. Acesso em: 17 de Fev. 2024.

CARDOSO, Guilherme; ENCARNAÇÃO, José d'. Arruda dos Vinhos—Uma rota privilegiada. **Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa**, n. 95, p. 89-110, 2010.

CARNEIRO, Ana. SIMÕES, Ana. Enlightenment Science in Portugal: The Estrangeirados and their Communication Networks. **Social Studies of Science** 30(4):591-619. August, 2000. Disponível em: < [SocialStudiesofScience-2000-Carneiro-591-619 \(2\).pdf](#)> Acesso em: 13 de Fev. 2024.

CARVALHO, Rômulo de. **História do ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p. 397-398.

CASTILHO, Silvia Diez; FILHO, Antônio de Azevedo Barros. The history of infant nutrition. **Review Article- Jornal de Pediatria**, 2009. Disponível em: < [scielo.br/j/jped/a/6NLxPTmyxGShHgT9mmcLRDh/?format=pdf&lang=en](#)>. Acesso em: 13 de Mai. 2024.

CASTRO, Deyse Lucy Luiz e. Aspectos tóxicológicos das plantas medicinais utilizadas no brasil: um enfoque qualitativo no distrito federal. **Centro de Excelência em Turismo**. Universidade de Brasília, março de 2006. Disponível em: < [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/468/1/2006_DyseLucyLuizCastro.pdf](#)>. Acesso em: Ago. 2023.

CASTRO, Rodrigo de , *De uniursa muliebrium morborum medicina nouo et antehac a nemine tentato ordine opus absoltissimum; et studiosus omnibus utile, medicis uero pernecessarium (Pars prima Theorica)*. Hamburgo, Johann Froben.1617.

CAVALCANTE, Thaís Jamyle Pinheiro Dionísio. **Histeria: da antiguidade ao século XIX**. EPP. 2017. Disponível em: < [https://www.apsicanalise.com/index.php/blog-](#)

[psicanalise/48-artigos/593-histeria-da-antiguidade-ao-seculo-xix](#)>. Acesso em: 14 de Fev. 2024.

COELHO, Ronaldo Simões. **O Erário Mineral divertido e curioso: a arte de curar**. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

COLLING, Ana Maria. **A construção histórica do corpo feminino**. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 28, n. 2 – Jul./Dez. – ISSN online 1981-3082. 2015 Disponível em:< <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/34170/18208> >. Acesso em: 8 de Jul. 2020.

COLLING, Ana Maria. **A invenção do corpo feminino pelos gregos e a violência contra a mulher**. III Jornadas del Centro Interdisciplinario de Investigaciones en Género. 2013. Disponível em:< [A invenção do corpo feminino pelos gregos e a violência contra a mulher \(unlp.edu.ar\)](#)>. Acesso em: 06 de Mar. 2024.

COLLING, Ana Maria. **O corpo das mulheres tem história**. In: Cuerpos, disciplinamiento y normatividad. IIº J ornadas C IN I G de E studios de G énero y F eminismos - 27, 28 y 30 de septiembre, 2011. Disponível em:< http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/114867/Documento_completo.4948.pdf-PDFA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 08 de Mar. 2023.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história**. a / Ana Maria Colling, Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014. 114p. Disponível em:< [tempos-diferentes-discursos-iguais-a-construcao-historica-do-corpo-feminino-ana-maria-colling-1.pdf \(ufgd.edu.br\)](#)>. Acesso em: 19 de Mar. 2024.

CONSTANTINOU, Stavroula; SKOUROUMOUNI-STAVRINO, Aspasia.

Breastfeeding and Mothering in Antiquity and Early Byzantium. Taylor & Francis, 2024.

COURTINE, Jacques. **Introdução**. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis, Rj: Vozes, 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Tradução de Francisco Morás - Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 2013.

CORREIA, Clara Pinto. **Ousar saber**. In: CORREIA, Clara Pinto. O ovário de eva. Relógio D'água. Março de 1998.

COSTA FILHO, Miguel. **Cana-de-açúcar em Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1963.

COSTA; Ísis Francisco Rolim; MAGALHÃES, Gildo. Uma introdução a história da embriologia. **Filosofia e História da Biologia**, v. 17, n. 1, p. 1-45, 2022. Disponível em:< [Vista do Uma introdução à história da embriologia \(usp.br\)](#)>. Acesso em: 18 de Mar. 2024.

COUTINHO, Elsimar. **Menstruação, a sangria inútil**. São Paulo, Gente, 1996.

CRAWFORD, Patricia. The Language of Menstruation. In: READ, Sara. **'Those Sweet and Benign Humours that Nature Sends Monthly': accounting for menstruation in early-modern England**. 2010. Disponível em:< [https://repository.lboro.ac.uk/articles/thesis/ Those Sweet and Benign Humours that Nature Sends Monthly accounting for menstruation in early-modern England/9327668](https://repository.lboro.ac.uk/articles/thesis/Those_Sweet_and_Benign_Humours_that_Nature_Sends_Monthly_accounting_for_menstruation_in_early-modern_England/9327668)>. Acesso em: 14 de Mar. 2024.

CRIVELLATO, E.; RIBATTI, D. **Soul, mind, brain: Greek philosophy and the birth of neuroscience**. Brain Research Bulletin, 71, pp. 327-336. 2007.

CRUZ, Sebastiana Ferreira da. **Cosmologia em empédocles de agrigento**. Monografia, Universidade Federal de Tocantins, Palmas-TO, 2019. Disponível em:< [Sebastiana Ferreira da Cruz - TCC Monografia - Filosofia.pdf \(uft.edu.br\)](https://repositorio.uft.edu.br/Sebastiana-Ferreira-da-Cruz-TCC-Monografia-Filosofia.pdf)>. Acesso em:24 de Fev. 2024.

CUNHA, Lucíola de Lima. **O erário mineral: práticas curativas no brasil no século XVIII**. Monografias- Universidade Tuiuti do Paraná. 2010.

CUREAU DE LA CHAMBRE, *Les caractères des passions*. Paris: D'Allin, 1662, p. 1-2. 1640.

DA COSTA SILVA, Mariana Barracosa. A composição corporal e a menstruação como marcadores da recuperação nutricional em doentes anoréticas. 2019. **Repositório Aberto-U.Porto**. Disponível em:<<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/123375/2/362197.pdf>>. Acesso em: 15 de Dez. 2023.

DALBY, Andrew. *Dangerous Tastes: The Story of Spices*. University of California Press. 2000. Disponível em:< [Dangerous Tastes: The Story of Spices - Andrew Dalby - Google Livros](https://books.google.com.br/books?id=9v8tEAAAQAAJ)>. Acesso em: 25 de Mar. 2024.

DEAN-JONES, L. *Women's Bodies in Classical Greek Science*. Brochuras Clarendon, Oxford University press, Oxford, 1994.

DEL PRIORE, Mary Lucy Muroy. A Árvore e o Fruto: Um Breve Ensaio Histórico Sobre o Aborto. **Rev. Bioética (Impr.)**. [Internet]. 5º de novembro de 2009. Disponível em: <https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/442>. Acesso em: 18 de Fev. 2024.

DEL PRIORE, Mary. **Magia e medicina na colônia: o corpo feminino**. In: História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. - São Paulo : Contexto, 2004.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: menstruação feminina, maternidades e mentalidades no brasil colônia**. Tese de doutorado,São Paulo, 1993.

DEVRIESE, Lisa. **The Body as a Mirror of the Soul: Physiognomy from Antiquity to the Renaissance**. LEUVEN UNIVERSITY PRESS Reprint from "The Body as a Mirror of

the Soul" - ISBN 978 94 6270 292 9 - Leuven University Press, 2021. Disponível em:< [B.pdf \(mtak.hu\)](#)>. Acesso em: 20 de Mar. 2024.

DIAS, José Pedro Felripa de Sousa. “Inovação técnica e sociedade na farmácia da Lisboa Setecentista”. **Tese de Doutoramento**. Lisboa, Universidade de Lisboa/Faculdade de Farmácia, 1991.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Nos Sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento, 1710-1733**. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

DIAS, José Pedro Sousa. **Até que as Luzes os separem: Hipócrates e Galeno na literatura médico-farmacêutica portuguesa dos séculos XVII e XVIII**. In: V. Anastácio e I. O. e Castro (eds). Revisitar os Saberes. *Referências Clássicas na Cultura Portuguesa do Renascimento à Época Moderna*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos-FLUL e IELT-Universidade Nova de Lisboa, 2010.

DINIZ, Luíza Márcia ferreira. **A Importância da ortopedia funcional dos maxilares para o desenvolvimento infantil: diagnóstico precóce**, Trabalho de Conclusão de Curso, Repositório PGSS Cognia, Faculdade Pitágoras, 2020. Disponível em :< https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/40813/1/LUIZA_DINIZ.pdf>. Acesso em 6 de Mai. 2023.

DOMINGUES, Ângela; ALVES-MELO, Patrícia. Iluminismo no mundo luso-brasileiro: um olhar sobre a Viagem Filosófica à Amazônia, 1783-1792. **Ler História**, n. 78, p. 157-178, 2021. Disponível em:< <https://journals.openedition.org/lerhistoria/7879>>. Acesso em: 4 de Nov. 2023.

EBENSTEIN, Joanna. DICKEY, Colin. **The morbid anatomy anthology**. Brooklyn, New York, 2015.

EDELMAN, Nicole. "A" mulher posta à prova pelo discurso médico (1770-1830). **Eboços (Online)**, 2007. Disponível em:< [Metadados do item: "A" mulher posta à prova pelo discurso médico \(1770-1830\) \(ibict.br\)](#)>. Acesso em: 19 de Fev. 2024.

EDLER, Flavio Coelho. 1960- **Boticas e farmácias : uma história ilustrada da farmácia no Brasil** / Flavio Coelho Edler - Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2006.

ENGEL, Magali. **Psiquiatria e feminilidade**. In: DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no braisil. 2004. / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. - São Paulo : Contexto, 2004.

ENGELHARDT, Elias. Apoplexy, cerebrovascular, disease, and stroke: historical evolution of terms and definitions. **Dement Neuropsychol**, December;11(4):449-453, History Note, 2017. Disponível em:<

scielo.br/j/dn/a/f4JdPHFRmJnscPfdnQJyCZf/?format=pdf&lang=en> Acesso em: 05 de Abr. 2024.

ENTERRÍA, Josefa Gómez. Identificación de nuevas voces de la medicina dieciochesca mediante procesos de reformulación. *Revista de Lexicografía*, v. 25, p. 161-176, 2019. Disponível em:< <https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/25091>>. Acesso em 07 de Jun. 2023.

ESPINOZA, Alejandra Araya. Melancolía, hipocondría e histeria o las enfermedades del individuo moderno: una mirada desde la historia de las mentalidades y la historia del cuerpo. *Psiquiatría y Salud Mental*. XXII, Nº3-4, 205-218, 2005. Disponível em:< [Melancolia_hipocondria_e_histeria_o_las_enfermedades_del_individuo_moderno-libre.pdf \(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](https://www.cloudfront.net/d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/Melancolia_hipocondria_e_histeria_o_las_enfermedades_del_individuo_moderno-libre.pdf)>. Acesso em: 17 de Fev. 2024.

ESTEVEVES, Alexandra. **Alguns olhares sobre a menstruação**. Ágora. Estudos Clássicos em Debate 23.1, 247-266 — ISSN: 0874-5498, 2021. Disponível em:< <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/36188/1/document%20%282%29.pdf>>. Acesso em: 02 de Fev. 2023.

TRILLAT, Etienne. **História da histeria**. Tradução: Patrícia Porchat. São Paulo: Escuta, 1991.

EVANS, Elizabeth C. **Galen the physician as physiognomist**. *Transactions and Proceedings of the American Philosophical Association*, v. 76: 287-298, 1945.

EVERETT, N. **The Alphabet of Galen: Pharmacy from Antiquity to the Middle Ages**. 1 ed. Toronto: University of Toronto Press, 2012.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. *Et al.* **Observações sobre o universo vocabular médico-cirúrgico do Erário Mineral, de Luís Gomes Ferreira**. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

FAGUNDES, Fernanda Ribeiro Rocha. **As práticas de cura africana, que viajaram nas redes de informações do império ultramarino português: final do século XVIII e início do XIX**. PPGHCS-COC, Fiocruz Rio de Janeiro, 2017. Disponível em :< https://www.academia.edu/34902862/AS_PR%C3%81TICAS_DE_CURA_AFRICANAS_QUE_VIAJARAM_NAS_REDES_DE_INFORMA%C3%87%C3%95ES_DO_IMP%C3%89RIO_ULTRAMARINO_PORTUGU%C3%8AS_Final_do_s%C3%A9culo_XVIII_e_in%C3%ADcio_do_XIX>. Acesso em: 07 de Fev. 2024.

FAGUNDES, Fernanda Ribeiro Rocha. *Boticas, funcionários do ultramar e intermediários do tráfico a serviço da cura: a américa portuguesa e angola (séculos XVIII/XIX)*.

Repositório nternaciona da Fiocruz- Arca, Casa de Oswaldo Cruz- Fiocruz, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em:< <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/18237>>. Acesso em: 20 de Jul. 2023.

FALCATO, Joana. **A φύσις nos textos de Galeno sobre a natureza da mulher.** EClassica. Centro de Estudos Clássicos, FLUL, 6/2020. Disponível em:< https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/66697891/02.eclassica6_2020_joanafalcato-libre.pdf?1619526525=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DThe+Concept+of+in+the+Galenic+Text.pdf&Expires=1672703538&Signature=E85Pb8F-6iJjuMPBiQbF8jn3T57dm5vtglg2Ty89WJX2L3HQWZ4bFzE5vUrL6~lQKd4lxIht~mqN-OPk-Obusp3PQnIfs4MIzeP3XgK15Xh0KsPM~19Y6ffV08CohS1SEz-aAliEkUGEtPurbmSsqdL1-Uj19t74srRvXMJAEAvDrSX~yLMOiUaffB7N42P6-La~Fz~RjL4vronZtKGmPeRjF53Wsc1Frj9QzH7hrNxTvN6O3rQYJ0Bow-EcCcuIcMgwxCZcVNmInGNXXFTcncAnJoZ7ZdyCdYpEnVAmtRc4bjVvZ7QQQlqI2soOswE-uXDKj7awJIMzhdpA-hMJA_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>. Acesso em: 02 de Jan. 2023.

FANTHAM, Elaine, *et al.* **Woman in the classical world: image and text.** New York, Orford, Oxford University Press, 1994. Disponível em:< [SSRN-id1010394.pdf](#)>. Acesso em: 10 de Mar. 2024.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro electrónico.** Coimbra: Almedina, 2008.

FARRERAS, Ingrid G. **History of mental illness. General psychology: required reading,** 2019. In: BREWER, Lauren. General psychology: required reading. Noba project, 2019. Disponível em:< https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/60283871/General_Psychology_-_Required_Reading20190813-110996-103829r-libre.pdf?1565739873=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DGeneral_Psychology_General_Psychology_Re.pdf&Expires=1672180642&Signature=e77ck-fSngNPC111BFIWYuGF-nD~DjnMsHHeQgo1v0FBjaysm9XiPJU5kZz0zztK2M311QNU8tHzBSiFT27tT0zNfSSI76iksNs-Y2oKnavt4FD79-jx5XaM7h~HbOcOKKYN44hmTrYTNanSvN7tw2z2~1KRVMGeAo9iCBRkzRwfUuCAyNYBPxIJMrgyn9BNiAfPxXUDOF2zjbI9JUHouZTQXHfkJyFMnjzPwbfeO5XhyrpLvH-zJWaTMx1c7b9TWdpjZeX7bV25m8MJkdpDbg7Jn3o6yBuyPhDOu3w0A4n5WRFvUqjgwWeKljPU09C9IZHtTtsKg2Xv98tvKm1D0sA_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=246>. Acesso em:< 27 de Dez. 2022.

FASSIS, Flavia Crivellari. MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. **Arte e ciência no século XVII: Charles lee brun e o temperamento melancólico.** DOSSIÊ – Artes, História das ciências e técnicas: interações. Khronos, Revista de História da Ciência nº 10, dezembro 2020. Disponível em:< <https://www.revistas.usp.br/khronos/article/view/176576/167030>>. Acesso em: 12 de Jul. 2021.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Tradução: Coletivo Sycorax, Edição: Tadeu Breda, Projeto gráfico: Bianca Oliveira & Karen Ka. 2017. Disponível em:< [CALIBA E A BRUXA WEB-1.pdf \(coletivosycorax.org\)](#)>. Acesso em: 14 de Fev. 2024.

FERREIRA, Andressa Furlan. Sangue menstrual e magia amatória: concepções e práticas históricas. **Aedos, Porto Alegre, v. 9, n. 21,** p. 514-531, Dez. 2017. Disponível em:< [Vista do](#)

[Sangue menstrual e magia amatória: concepções e práticas históricas \(ufrgs.br\)](#)>. Acesso em: 13 de Mar. 2024.

FERREIRA, Jhon Lenon de Jesus. “Mandingas dos pretos”: diáspora africana e religiosidades na bahia (século XVIII). PPGH, **Dissertação de mestrado**, Natal-RN, 2021. Disponível em:< [*Mandingaspretosdiaspora_Ferreira_2021.pdf \(ufrn.br\)](#)>. Acesso em:< 03 de Mar. 2024.

FERREIRA, Rui Carlos Pinto. **Retrato e fisionomia: recriação de personagens com base no seu retrato literário**. Dissertação de mestrado em anatomia artística. Universidade de Lisboa, 2015. Disponível em:< https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/22249/2/ULFBA_TES_861.pdf>. Acesso em: 12 de Jul. 2021.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. DILLMANN, Mauro. Escrita, práticas de leitura e circulação de manuais de devoção entre Portugal e Brasil nos séculos XVIII e XIX. **Rev. História Histórias**. Brasília, Vol. 2. N.2. 2014. Disponível em:< [Vista do Escrita, práticas de leitura e circulação de manuais de devoção entre Portugal e Brasil nos séculos XVIII e XIX \(unb.br\)](#)> Acesso em: 22 de Fev. 2024.

FLEISCHER, Soraya. SAUTCHUK, Carlos Emanuel. **Anatomias populares a antropologia médica de Martin Ibañez-Novion**. Editora Unb. Fundação Universidade de Brasília. 2012.

FILIPPINI, Nadia Maria. **Pregnancy, Delivery, Childbirth: A Gender and Cultural History from Antiquity to the Test Tube in Europe**. Traduzido por Clelia Boscolo, Routledge, 2021.

FILHO, José Marques. **Flegmasia cerúlea dolens em paciente com lupus eritematoso sistêmico no puerpério remoto**. Santa Casa de Misericórdia de Araçatuba. Revista Vas Reumatol. 51(5):511-516, 2011. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/rbr/a/XVLYQrtLsYk8sCTVsQNKrLF/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 26 de Jun. 2023.

FINE, Agnès. **Leite envenenado, sangue perturbado: saber médico e sabedoria popular sobre os humores femininos (séculos XIX e XX)**. In: MATOS, Maria Izilda Santos de. SOIHET, Rachel. O corpo feminino em debate. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

FIGUEIRÊDO, Franselma Fernandes de. **As fortunas eruditas e populares do Lunário Perpétuo**. Imburana – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN. n. 9, jan./jun. 2014. Disponível em:< [harajo,+FRANSELMA.pdf](#)> . Acesso em: 03 de Mar. 2024.

FREITAS, Patrícia de. A mulher é seu útero: a criação da moderna medicina feminina no Brasil. **Antíteses**, Vol. 1, n.1, jan-jun. 2008. Disponível em:< <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/1431>>. Acesso em: 01 de Fev. 2024.

FREITAS, Ricardo Cabral de. Curas químicas para males galênicos: plantas e minerais no tratamento de febres em João Curvo Semedo. **O Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, 17(1). 2022. Disponível em:<
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394071058005>>. Acesso em: 27 de Jan. 2024.

FRENCH, Roger. *Medicine before science: the rational and learned doctor from the middle ages to the enlightenment*. **Cambridge University Press**. New York. 2003.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **Duas noções fundadoras da construção da inferioridade feminina: o fisiologismo de aristóteles e o etimologismo de santo isiforo de sevilha**. *Fazendo Gênero* 9, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 2010. Disponível em:<
http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1291381538_ARQUIV_O_PedroFonseca.pdf>. Acesso em: 27 de Fev. 2023.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p.9-17.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. Editora Perspectiva. Dirigida por J. Guinsburg, São Paulo, 1972.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976/1985.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica: uma arqueologia da percepção médica**. Nova York, 1973.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Tradução de Raquel Ramallete, Editora Vozes, 27ª Edição, Petrópolis, 1987.

FOURNEL, Jean-Louis. **Eugenia e universalismo imperial (o controle dos casamentos e da natalidade no pensamento político de Tommaso Campanella)**. In: MATOS, Maria Izilda Santos de. SOIHET, Rachel. *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Arte e segredo: o licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens**. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

FURTADO, Júnia Ferreira. Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, v. 41, p. 88-105, 2005.

GARIN, Eugenio. **Ciência e vida civil no renascimento italiano**. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

GELBER, Jessica. *Form and inheritance in aristotle's embryology*. Oxford University

Press, Editor Brad Inwood. Winter, Volume XXXIX. 2010, Disponível em:< [GELFAI.pdf \(philpapers.org\)](#)>. Acesso em: 18 de Mar. 2024.

GÉLIS, Jacques. **O corpo, a igreja e o sagrado**. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. História do corpo: da renascença às luzes. Revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves. 4 ed. Petrópolis, Rj:Vozes, 2010.

GILGE, Marcelo Viktor. **História da biologia e ensino: contribuições de Ernest Haeckel (1834-1919) e sua utilização nos livros didáticos aprovados pelo PNLD 2012- ensino médio**. Universidade de São Paulo, Instituto de biociências, 2013. Dissertação de mestrado, Disponível em:< https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/41/41131/tde-28032014-174640/publico/Dissert_corrigida_Marcelo.pdf>. Acesso em: 02 de Mar. 2023.

GIOSTRI, Jomar. **Uma viagem pela filosofia oriental: Ibn Sina, o grande avicena**. Arquivos do CRM-PR, v. 34, n. 134, 2017. Disponível em:< <http://www.crmpr.org.br/publicacoes/cientificas/index.php/arquivos/article/view/830>>. Acesso em: 27 de Jun. 2023.

GODOY, Paulo de. **Conceito moderno da menstruação**. *Revista de medicina*. Revistas USP. Chicago. Fev. 1941. Disponível em:< <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/50550/54666> >. Acesso em: 14 de Mae. 2024.

GOFFMAN, Erving. **Stigma: Notes on the management of spoiled identity**. NJ Prentice-Hall. 1963. Disponível em:< <https://academic.oup.com/sf/article-abstract/43/1/127/2227971>>. Acesso em: 17 de Mai. 2023.

GOMES, Gislane dos Santos. Os registros de três cirurgiões sobre o tratamento dos corpos enfermos nas minas setecentistas. **Dissertação de mestrado**, História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2022. Disponível em:< https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/238255/Gomes_GS_me_fran.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 23 de Mai. 2023.

GOSSELL-WILLIAMS, M.; SIMON, R. E.; WEST, M. E. *The past and present use of plants for medicines*. West Indian Med J, v. 55, n. 4, p. 217-218, 2006. Disponível em:< https://www.researchgate.net/profile/Maxine-Gossell-Williams/publication/6554549_The_past_and_present_use_of_plants_for_medicines/links/0a85e53499217e649b000000/The-past-and-present-use-of-plants-for-medicines.pdf>. Acesso em 5 de Jun. 2023.

GOULD, S. J. **Ontogeny and philogeny**. Cambridge: Harvard University Press, 1977.

GRANT, Edward. **Physical Science in the Middle Ages**. 1 ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1977.

GUARESCHI, Icilio. D'Itali, Farmacopea Ufficiale Del Regno. **Commentario Della Farmacopea Italiana E Dei Medicamenti in Generale: PT. 1. Tecnica Farmaceutica. Legislazione Farmaceutica**. 1923. In: LOW, Tim, et al. Reader's Digest magic and medicine of plants. Editora: Reader 's Digest (Austrália) Pty Limited (1 de dezembro de

1994), 1994.

GUEDES, Roberto. Ofícios mecânicos e mobilidade social: Rio de Janeiro e São Paulo (Sécs. XVII-XIX). **TOPOI**, v. 7, n. 13, jul.-dez. 2006, pp. 379-423. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/topoi/a/VyGzBvFy5TkmrBSbMjNyVVp/?lang=pt&format=pdf..>>. Acesso em: 28 de Jan. 2024.

GUERRA, Inês Calado. **Caraterização fitoquímica e atividades biológicas de *Crithmum maritimum* L.** Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra. Repositório científico da UC. Dissertação de mestrado. Disponível em:< <https://eg.uc.pt/handle/10316/84498?locale=pt>> Acesso em 28 de Dez. 2022.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as artes de curar: chernoviz e os manuais de medicina popular do império.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2016.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as artes de curar: chernoviz e os manuais de medicina popular do império. História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 12, p. 501-514, 2005. Disponível em:< [SciELO - Brasil - Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império](https://scielo.br/pt/br/cchs/article/view/10316/84498)>. Acesso em: 22 de Fev. 2024.

HAISCH, Josefa Delfino de Freitas. **O Orgasmo Feminino no Universo da Sexualidade e seus Benefícios para Saúde da Mulher.**In: TESSARIOLI, Paulo. Sexualidade feminina. Revista da Abrasex, N.1 Julho, 2022. Disponível em:< <https://www.abrasex.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Revista-da-Abrase-n-1-leve-FINAL.pdf#page=48>>. Acesso em: 29 de Dez. 2022.

HASLUCK, F. W. The Annual of the British School at Athens. **Semantic Scholar**, V. 16 / November 1910, pp 220 – 231 DOI: 10.1017/S0068245400001738, Published online: 18 October 2013. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Terra-Lemnia-Hasluck/f87a38dc073397365e8d2ff0433bd0676b05d93e>. Acesso em: 29 de Set. 2023.

HENNEGAN, J., WINKLER, I. T., BOBEL, C., KEISER, D., HAMPTON, J., Larsson, G., CHANDRA-MOULI, V., PLESONS, M., & MAHON, T. **Menstrual health: A definition for policy, practice, and research.** *Sexual and Reproductive Health Matters*, 29(1), 1911618. 2021. Disponível em:< <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8098749/>> Acesso em: 18 de Jul. 2023

IBAÑEZ, Nelson. **William Harvey e a descoberta da circulação sanguínea.** Cadernos de História da Ciência, Instituto Butantan, v. 11 n. 1, Ciência, Tecnologia e Saúde Pública, 2015. Disponível em:< <https://periodicos.saude.sp.gov.br/cadernos/article/view/33877?articlesBySameAuthorPage=2>>. Acesso em: 4 de Abr. 2023.

IGLESIAS-BENAVIDES, José Luis. La menstruación: un asunto sobre la luna, venenos e flores. **Ética, filosofía e historia. Medicina universitaria, Elsevier.** 2009. Disponível em:< [La Menstruacion.pdf \(uanl.mx\)](https://www.elsevier.com/locate/S0926-6410(09)70001-1)>. Acesso em: 04 de Mar. 2024.

ITO, Patrícia do Carmo Pereira. GUZZO, Raquel Souza Lobo. **Diferenças individuais: temperamento e personalidade: importância da teoria.** Rev. Estudos de Psicologia, PUC-

Campinas, v. 19, n. 1, p. 91-100, janeiro/abril 2002. Disponível em:<
<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Jy8mzSg8hccYdhjByHvhhFK/?lang=pt&format=pdf>>.
 Acesso em: 13 de Jul. 2021.

JAGGAR, Alison M. BORDO, Susan R. **gender/body/knowledge: feminist reconstructions of being and knowing**. Rutgers University Press. New Brunswick, New Jersey. 1989.

JOUANNA, J. **Hippocrate**. Paris: Fayard, 1992.

KARASCH, M. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo, Cia das Letras. 643. 2000.

KING, Helen. Four weird ideas people used to have about women's periods. **The Conversation**. Publicado: 4 setembro 2014 02:23 -03. Disponível em:< [Four weird ideas people used to have about women's periods \(theconversation.com\)](https://theconversation.com/four-weird-ideas-people-used-to-have-about-women-s-periods)>. Acesso em: 09 de Mar. 2024.

KING, Helen. **Galen and the widow: towards a history of therapeutic masturbation in ancient gynaecology**. EuGeStA: Journal on Gender Studies in Antiquity, 1 pp. 205–235. 2022. Disponível em:< <http://oro.open.ac.uk/30726/>>. Acesso em: 03 de Jan. 2023.

KING, Helen. **Galen and the widow: towards a history of therapeutic masturbation in ancient gynaecology**. EuGeStA: Journal on Gender Studies in Antiquity, 1 pp. 205–235. 2011. Disponível em:< [*6a635a6aac40cb173414c7600e65ccd36f86.pdf \(semanticscholar.org\)](https://www.semanticscholar.org/paper/*6a635a6aac40cb173414c7600e65ccd36f86.pdf)>. Acesso em: 19 de Fev. 2024.

KING, Helen. **Once upon a Text: Hysteria from Hippocrates en Hysteria beyond Freud**. Berkeley (U. of California), 3-90. 1993. Disponível em:< [Hysteria Beyond Freud \(cdlib.org\)](https://cdlib.org/ark:/61903/3/11284/n3/1-30/)>. Acesso em: 29 de Fev. 2024.

KING, Helen. **'The mathematics of sex: one to two, or two to one?': from special issue of Studies in Medieval and Renaissance History: Sexuality and Culture in Medieval and Renaissance Europe**, 3rd series, vol. II, 2005, 47-58. Disponível em:< [What are 'women' in ancient gynaecology \(open.ac.uk\)](https://open.ac.uk/what-are-women-in-ancient-gynaecology)>. Acesso em: 08 de Mar. 2024.

KEELE, Kenneth David. Three Early Masters of Experimental Medicine - Erasistratus, Galen and Leonardo da Vinci. 1961. **Section of the History of Medicine. Volume 54 July 1961**. Disponível em:< [Three Early Masters of Experimental Medicine-Erasistratus, Galen and Leonardo da Vinci \(sagepub.com\)](https://www.sagepub.com/books/Three-Early-Masters-of-Experimental-Medicine-Erasistratus-Galen-and-Leonardo-da-Vinci)>. Acesso em: 16 de Mar. 2024.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna Boeira. 12. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KUSUKAWA, Sachiko. **Andreas Vesalius: Anatomy and the World of Books**. Editora: Reaktion Books, 2024.

LAMEIRA, Osmar Alves. Cultivo da Ipecacuanha [psychotria ipecacuanha (brot.) stokes]. **Embrapa, Circular Técnica 28**, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Belém, P, Set, 2002. Disponível em:<

<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/405771/1/Circ.tec.28.pdf>>. Acesso em: 8 de Out. 2023.

LATOURE, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. 2ª edição, Editora Unesp. 2000.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAQUEUR, Thomas. **Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud**. Harvard University Press. 1990. Disponível em:< <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XR2BcRwiG-sC&oi=fnd&pg=PR11&dq=thomas+laqueur+gender&ots=wYDAwMfM44&sig=7bXS1RyIObAR6oVorlW4Z2KQbZM#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em 03 de Fev. 2023.

LAVALLE, Dawn. Divine Breastfeeding: Milk, Blood, and Pneuma in Clement of Alexandria's Paedagogus. **Journal of Late Antiquity, Volume 8, Number 2, Fall 2015, pp. 322-336 (Article)**. Disponível em:< [Divine Breastfeeding: Milk, Blood, and Pneuma in Clement of Alexandria's Paedagogus \(jhu.edu\)](https://www.jhu.edu/~pneuma/DivineBreastfeeding%20Milk%20Blood%20and%20Pneuma%20in%20Clement%20of%20Alexandria%20-%20Zs%20Paedagogus%20(jhu.edu))>. Acesso em: 10 de Mar. 2024.

LEROI, Armand Marie. **Mutantes: formas, variações e erros do corpo humano**. Tradução: Jorge Lima, Reino Unido, Wellcome Library, 2003.

LEAL, Ondina Fachel. **Corpo e significado: ensaios de antropologia social**. Editora da Universidade- UFRS. 1995.

LEAL, Ondina Fachel. **Sangue, fertilidade e práticas contraceptivas**. 1993. Disponível em:< <http://books.scielo.org/id/t dj4g/pdf/alves-9788575412763-11.pdf>>.

LEAVITT, Judith Walzer. **Women and health in america**. Madison: The University of Wisconsin Press. 1999.

LE BRETON, D. **El Sabor del Mundo: Una antropologia de los sentidos**. 1 ed. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2009.

LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de idade média: tempo, trabalho e cultura no ocidente**. Lisboa: Estampa 1993.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na idade média**. Tradução Mrcos Flamínio Peres, Civilização brasileira, 2006.

LEITE. Bruno Martins Boto. **Medicina de Padre: Estudo sobre os fundamentos culturais da medicina jesuítica no Brasil Colonial**. 2011.

LEITE, Bruno Martins Boto. **Mezinhas antigas e modernas: A invenção da Triaga Brasília pelos jesuítas do Colégio da Bahia no período colonial**. Seminário, 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, 2012. Disponível em:< https://www.academia.edu/download/33782019/1345053666_ARQUIVO_Mezinhasantiga

[semodernas.pdf](#)>. Acesso em: 06 de Set. 2023.

LEITE, Bruno Martins Boto. Verdes que em vosso tempo se mostrou. Das boticas jesuíticas da Província do Brasil: séculos XVII-XVIII. In: KURY, Lorelai (org). **Usos e circulações de plantas no Brasil: séculos XVI-XIX**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2013, p. 52-93.

LEITE, Serafim. **Breve história da Companhia de Jesus no Brasil (1549-1760)**. Braga, Livraria A.I., 1993.

LEITE, S. **História da companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, V. II- Século XVI: a obra, 1938-1950.

LERIDON H., Etienne VAN DE WALLE 1932-2006, Population 2006/1, 61e année, p. 11-13. Disponível em:< [Etienne VAN DE WALLE 1932-2006 \(berkeley.edu\)](#)>. Acesso em: 17 de Mai. 2024.

LIMA, Ana Kerly Ribeiro. Estudo de prospecção científica tecnológica da atividade medicinal da espécie *Ruta graveolens* L. (Arruda). **Monografia**. Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro- MA, 2018. Disponível:< <https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/3223/1/ANA%20KERLY-LIMA.pdf>>. Acesso em: 1 de Out. 2023.

LIBBON, Stephanie E. Pathologizing the Female Body: Phallocentrism in Western Science. **Journal of International Women's Studies**, 8(4), 79-92, Vol. 8 #4 May 2007. Disponível em:< [*Pathologizing the Female Body: Phallocentrism in Western Science \(bridgew.edu\)](#)>. Acesso em: 16 de Mai. 2024.

LIMA, Tania Andrade. **Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX**. In: História, Ciência e Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, v. 2, p. 47, 1996.

LINDEMANN, Mary. **Medicina e sociedade no início da era moderna: novas abordagens da história europeia**. Editora Replicação, 2002.

LINHARES, Francisca Márcia Pereira Linhares; PONTES, Cleide Maria; OSÓRIO, Mônica Maria. Construtos teóricos de Paulo Freire norteando as estratégias de promoção à amamentação. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.**, Recife, 14 (4): 433-439 out. / dez., 2014. Disponível em:< [SciELO - Brasil - Construtos teóricos de Paulo Freire norteando as estratégias de promoção à amamentação Construtos teóricos de Paulo Freire norteando as estratégias de promoção à amamentação](#)>. Acesso em: 13 de Mai. 2024.

- LOUSA, Maria Teresa. **O lugar da fisiognomia na obra de Francisco de Holanda**. Repositório UL. 2006. Disponível em:< https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15767/2/ULFBA_PER_ARTE%20TEORIA_N8_2006_MARIA%20TERESA%20LOUSA.pdf>. Acesso em: 10 de Mar. 2023.
- MACHADO, Maria Helena. **Características sociológicas da profissão médica**. Rio de Janeiro, Scielo, EDITORA FIOCRUZ, 1997. Disponível em:< <https://books.scielo.org/id/bm9qp/pdf/machado-9788575412695-03.pdf>>. Acesso em 05 de Jul. 2023.
- MAGNER, Lois N. **A History of medicine**. 2 Ed. T & F Group.2005.
- MALAGUTTI, Pedro Luiz. **Os quatro elementos (fogo, terra, água e ar) e a matemática**. II Bienal da SBM. Salvador-BA, 2004. Disponível em:< [Pedro Luiz Malagutti \(ufba.br\)](#)>. Acesso em: 24 de Fev. 2024.
- MANICA, Daniela Tonelli. **A desnaturalização da menstruação: hormônios contraceptivos e tecnociência**. Artigos • Horiz. antropol. 17 (35) • Jun, 2011. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/ha/a/JmbLfsQCv9H8SrXvvhjw84t/?lang=pt>>. Acesso em 13 de Mai. 2023.
- MARTINS, Alcina Manuela Oliveira. **O corpo feminino na Idade Média: um lugar de tentações**. In: TEODORO, António. O outro lado do espelho: percursos de investigação (CeIED 2013-2017), p. 138, 2018. Disponível em:< [RLCR \(ensinolusofona.pt\)](#)>. Acesso em: 01 de Mar. 2024.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em boiões. Medicinas e boticários no Brasil setecentista**. São Paulo, Ed. da Unicamp. 1999.
- MARQUETTI, Flavia Regina. A protofiguratividade da deusa mãe. **Classica**, São Paulo, v. 15/16, n. 15/16, p. 17-40, 2002/2003. Disponível em:< Dialnet-
AProtofiguratividadeDaDeusaMae-6298055.pdf>. Acesso em: 16 de Mai. 2024.
- MARTINS, Lilian AlChueyr Pereira. SILVA, Paulo José Carvalho da. MUTARELLI, Sandra Regina Kuka. **A teoria dos temperamentos: do corpus hippocraticum ao século XIX**. Memorandum, 14, 0924, 2008. Disponível em:< <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a14/martisilmuta01.pdf> >. Acesso em: 19 de Jul 2021.
- MARTINS, A. P. V. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos século XIX e XX**. Fiocruz. 2004. Disponível em:< <https://doi.org/10.7476/9788575414514>. Disponível em:< <https://books.scielo.org/id/jnzhd>>. Acesso em:10 de Jan. 2023.
- MASSIMI, Marina. **As idéias psicológicas de Francisco de Melo Franco, médico e iluminista brasileiro**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 7, n. 1, p. 83-90, 1991. Disponível em:< <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/17109>>. Acesso em: 05 de Jul. De 2023.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico**. In: MATOS, Maria Izilda Santos de. SOIHET, Rachel. O corpo feminino em debate. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MATOS, Maria Izilda Santos de. SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MAVRODI, Alexandra. PARASKEVAS, George. **Mondino de Luzzi: a luminous figure in the darkness of the Middle Ages**. History of Medicine, Nacional Library of Medicine, 2014. Disponível em:<
https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3944418/pdf/CroatMedJ_55_0050.pdf>.
 Acesso em 10 de Jul. 2023.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. Ilustração, medicina e circulação de ideias no mundo luso-brasileiro (sect. XVIII-XIX). **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, ISSN-e 2175-3423, Vol. 9, No. 17, 2017 (Número dedicado a: A alma e o corpo por escrito: literatura religiosa e médica, séculos XVI-XIX (Jan-Jun/2017)), pp. 138-15. Disponível em:<
[Ilustração, medicina e circulação de ideias no mundo luso-brasileiro \(sect. XVIII-XIX\) - Dialnet \(unirioja.es\)](http://unirioja.es)>. Acesso em: 28 de Mar.

MEIRINHOS, José Francisco. **Avatares da antiga atribuição de obras a Pedro Hispano/João XXI: I-Os séculos XIII-XIV**. Revista Portuguesa da história do livro e edição, ano XI, Nº 23, [2000], pp. 455-510, Repositório Aberto, 2009. Disponível em:<
<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/22932/2/jfmeirinhosavatares000092297.pdf>>.
 Acesso em: 27 de Jun. 2023.

MELO, Antonio Maria Martins; FERNANDES, José Silvío, PINHEIRO, Cristina Santos. **A perspectiva de Rodrigo De Castro sobre as características do sangue menstrual**. Ágora. Estudos Clássicos em Debate 23.1, 319-341 — ISSN: 0874-5498. 2021. Disponível em:<
[25060-Texto do Trabalho-55135-1-10-20210616.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1249/o/ebook_visao_diacronica_da_medicina.pdf)>. Acesso em: 09 de Mar. 2024.

MENEGHELLI, Ulysses G. **A doutrina da patologia humoral na medicina pós-hipocrática: alexandria**. In: REZENDE, Joffre Marcondes, MORAES, Vardeli Alves de, PERINI, Gil Eduardo. Seara de Asclépio: uma visão diacrônica da medicina. Editora UFG. 2ª ed. Goiânia, 2018. Disponível em:<
https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1249/o/ebook_visao_diacronica_da_medicina.pdf>.
 Acesso em: 24 de Fev. 2023.

MESMER, Franz Anton. *Mémoire sur la découverte du magnétisme animal*. Chez Michel Maklot, 1781.

MIRA, F. M. **História da medicina portuguesa**. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 1947. P. 88.

MIRANDA, Marcelo et al. Apoplexia pituitária seguida de remissão endócrina: relato de dois casos. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 56, p. 449-452, 1998.

MOREIRA, Virginia. **Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica fenomenológica**. Psicol. Estud. 15 (4) • Dez 2010. Disponível em:<
<https://www.scielo.br/j/pe/a/xYbScCTJrv7hd7RXKsDsrBF/?lang=pt>>. Acesso em: 12 de Jul.

Mar. 2024.

NOVAES, Paulo Araújo. **Loucura menstrual**. Rio de Janeiro: Faculdade de medicina do Rio de Janeiro. 1925.

ORLAND, Barbara. White blood and red milk. Analogical reasoning in medical practice and experimental physiology (1560-1730), in: Horstmannshoff, M. et al. (Hg.), Blood, sweat and tears. The formation of early modern medicine: **Physiology, Leiden, Boston: Brill** 2012, S. 443-480. Disponível em:< [White blood and red milk Analogical reas.pdf](#)>. Acesso em: 14 de Mar. 2024.

ORLANDA, J.F.F. Estudo da composição química e atividade biológica do óleo essencial de *ruta graveolens linneaus* (RUTACEAE), 2011. p105. **Dissertação de Mestrado**- Centro de Ciências EXATAS E DA Natureza- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível:< [Microsoft Word - Tese Final.doc \(ufpb.br\)](#)>. Acesso em: 02 de Abr. 2024.

PALMA, Monique. SANTOS, Christian Fausto Moraes dos Santos. O trauma em manuais portugueses de medicina do século XVIII. **Diálogos (Maringá. Online)**, v. 17, n.3, p. 1235-1245, set.-dez./2013. Disponível em:< [\(2\) \(PDF\) O trauma em manuais portugueses de medicina do século XVIII - Trauma in Portuguese medical handbooks of the 18th century \(researchgate.net\)](#)>. Acesso em: 13 de Fav. 2024.

PALMESI, Luca. **Saber e sabor: corpo, medicina e cozinha na obra de Francisco da Fonseca Henriques**. Dissertação de Mestrado, Repositório UFMG, 2014. Disponível em:< <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-9WES3Q>>. Acesso em: 20 de Mai. 2023.

PANARRA, Antônio Carlos Gomes. Na origem do hospital real de todos-os-santos. **Rev. História da Medicina**. Vol. 1. N.3. 1994. Disponível em:< [Visualização de Na origem do Hospital Real de Todos-os-Santos \(spmi.pt\)](#)>. Acesso em: 23 de Fev. 2024.

PAPAVERO, N. LUZ, J.R.P.J, Llorentebousquets. **Historia de la Biología Comparada. IV. De Descartes a Leibniz (1628- 1716)**. Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad de México, 2001.

PEDRO HISPANO. *Thesaurus pauperum*. In: Maria Helena R. PEREIRA (Org.). Obras Médicas de Pedro Hispano. Coimbra: Por Ordem da Universidade, p. 242, 1973.

PEREIRA, Magnos Roberto de Mello. CRUZ, Ana Lucia Rocha Barbalho de. Ciência e memória: aspectos da reforma da universidade de coimbra de 1772. **Revista de História Regional** 14(1):7-48, Verão, 2009. Disponível em:< <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2281/1768>>. Acesso em: 27 de Jan. 2024.

PERROT, Michelle. **Os silêncios do corpo da mulher**. In: MATOS, Maria Izilda Santos de. SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PERSSON, Linda. Women and Their Bodies in Classical Greece: The Hippocratic Female. **Uppsala University Department of Archaeology and Ancient History**. 2016. Disponível em:<<https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:937408/FULLTEXT01.pdf>>. Acesso em 09 de Mar. 2024.

PESSOTTI, Isaias. A formação humanística do médico. **Medicina -Ribeirão Preto**. 30 de dezembro de 1996. Disponível em:< <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/788/799>>. Acesso em: 26 de Jan. 2024.

PETIT, Caroline. Naming sexual perversion: a note on Galen, *Simplex X*, 1. **The Journal of Greco-Roman Studies**, v. 59, n. 3, p. 95-106, 2020. Disponível em:< [06 Caroline Petit 95 106-libre.pdf \(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](https://doi.org/10.1017/S0022296720000005)>. Acesso em: 12 de Mar. 2024.

PICH, Roberto Hofmeister. O Conceito Escotista de “Conhecimento Científico” está em Concordância com a Episteme de Aristóteles?. **Thaumazein: Revista Online de Filosofia** , v. 11, pág. 32-70, 2013. Disponível em:< <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/thaumazein/article/view/112>>. Acesso em: 10 de Fev, 2024.

PIMENTA, T. S. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, 5(2): 349-374. 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459701998000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 de Jan. 2024.

PINHEIRO, Cristina Santos. *Corpos em construção: natureza e condições do corpo feminino na antiguidade Greco-Romana*. **Impactum-Coimbra University Press**, Centro de História da Universidade de Lisboa. 2018. Disponível em:< [Corpos em construçãoCristinaPinheiro.pdf \(uma.pt\)](https://doi.org/10.1017/9781108888888)>. Acesso em: 26 de Fev. 2024.

PINHEIRO, Cristina Santos. **Os prefácios do tratado de ginecologia de rodrigo de castro lusitano**. In: ANDRADE, António Manuel Lopes; GOMES, Saul António; REIS, Maria de Fátima. Diálogos luso-sefarditas. *Revista Ágora*, Estudos Clássicos em Debate, Suplemento nº 6, Universidade de Aveiro, theoria poiesis praxis, 2022. Disponível em:< <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/4701/1/Os%20pref%C3%A1cios%20do%20tratado%20de%20ginecologia.pdf>>. Acesso em: 17 de Fev. 2023.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. V. I. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
PIRES FERREIRA, Maria Elisa Mattos. O corpo segundo Merleau-Ponty e Piaget. **Ciênc. cogn., Rio de Janeiro** , v. 15, n. 3, p. 47-61, dez. 2010. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000300006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 mar. 2024.

PISSINATI, Laila Lua. **Sobre os segredos das mulheres:a representação do corpo feminino na medicina ocidental do século XIII**. Periódicos UFES, 2018. Disponível em:< <https://periodicos.ufes.br/semanadehistoria/article/view/20959/14003>>. Acesso em: 10 de Jan. 2023.

PITA, João Rui. **Farmácia Medicina e Saúde Pública em Portugal (1772-1836)**. Coimbra: Minerva Editora, 1996.

PITA, João Rui. *Medicina, cirurgia e arte farmacêutica na reforma pombalina da Universidade de Coimbra*. In: ARAÚJO, Ana Cristina (Coord.) *O marquês de Pombal e a universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2000.

POLETTI, Roberto. Continuidades e avanços nos saberes médicos na Europa da primeira metade do século XVIII: uma análise dos Tratados Médicos de Ayala (1705) e Sanz de Dios (1730). **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Vol. 3.N6, Dezembro de 2011. Disponível em:< <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10460>>. Acesso em: 25 de Jan. 2024.

PORTER, Roy. VIGARELLO, Georges. **Corpo, saúde e doenças**. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. *História do Corpo: Da Renascença às Luzes – Vol I*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

PORTER, Roy. **Uma história social da loucura**. Jorge Zahar Editor Ltda. 1987.

POUND, Pandora; BURY, Michael; EBRAHIM, Shah. From apoplexy to stroke. **Age and Ageing**. 26: 331-337, 1997. Disponível em:< 26-5-331.pdf>. Acesso em: 05 de Abr. 2024.

PROFITI, Raffaella. *The history of pms as a reflection of changing historical concepts of health illness, and disease*, In: WHITELAW, William Alexander. **History of medicine days**, Faculty of medicine the university of Calgary, 2001. Disponível em:< [Microsoft Word - Proceedings-2001.doc \(magicgatebg.com\)](#)>. Acesso em: 14 de Mar. 2024.

PSEUDO-ALBERTO MAGNO. **De Secretis Mulierum**. Trad. Helen Rondine LEMAY. Women's secrets: a translation of Pseudo-Albertus Magnus' De secretis mulierum with commentaries. Albany: University of New York, 1992.

QUINET, Antonio. A lição de Charcot / Antonio Quinet. – Rio de Janeiro: **Jorge Zahar Ed.**, 1951/ 2005, 150p. Disponível em < <https://psiligapsicanalise.files.wordpress.com/2014/09/antonio-quinet-alic3a7c3a3o-de-charcot.pdf>>. acesso em: 02 de Fev. de 2024.

RAMADAM, Zacaria Borge Ali. **Histeria**. São Paulo: Atica 1985.

RAMINELLI, Ronald.**Eva Tupinambá**. In: História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. - São Paulo : Contexto, 2004.

RAMOS, Luís António de Oliveira. Do Hospital Real de Todos os Santos à história hospitalar portuguesa. **Repositório Aberto U.P.** 1993. Disponível em:< <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8648/2/2245.pdf> >. Acesso em: 23 de Fev. 2024.

READ, Sara. *Et al.* **Hysteria beyonde Freud**. University California Press. The Regents of the University of California, 1993. Disponível em:< [Histeria além de Freud \(cdlib.org\)](#)>.Acesso em: 04 de Abr. 2024.

READ, Sara. **Those Sweet and Benign Humours that Nature Sends Monthly': accounting for menstruation in early-modern England**. Doctoral thesis, 2010. Disponível em:< <https://repository.lboro.ac.uk/articles/thesis/ Those Sweet and Benign Humours that Nature Sends Monthly accounting for menstruation in early-modern England/9327668>>. Acesso em: 05 de Jun. 2022.

READ, Sara. **Those Sweet and Benign Humours that Nature Sends Monthly': accounting**

for menstruation in early-modern England. Doctoral thesis, 2019. Disponível em:< [https://repository.lboro.ac.uk/articles/thesis/ Those Sweet and Benign Humours that Nature Sends Monthly accounting for menstruation in early-modern England/9327668](https://repository.lboro.ac.uk/articles/thesis/Those_Sweet_and_Benign_Humours_that_Nature_Sends_Monthly_accounting_for_menstruation_in_early-modern_England/9327668) >. Acesso em: 29 de Fev. 2024.

REBOLLO, Regina Andrés. **O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno.** Scientle Studia, São Paulo, V.4 N1, p. 45-82, 2006. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/ss/a/V5trSkVBrfFGRMWq7QLRKpb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 de Fev. 2024.

REITZ, Joan M. **Dictionary for library and information sciencie.** Westport, Connecticut: Libraries Unlimited, 2004.

RIBEIRO, Daniele Baptista Martins. **Mulheres que curam: as acusadas pela terceira visitação do santo ofício na américa portuguesa do século XVIII.** II Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais – Salvador, setembro de 2013. Disponível em:< [2013-Texto Daniele Ribeiro.pdf \(ufrb.edu.br\)](2013-Texto_Daniele_Ribeiro.pdf(ufrb.edu.br))>. Acesso em: 06 de Mar. 2024.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **A singularidade colonial.** In: RIBEIRO, Márcia Moisés. A ciência dos trópicos: a arte médica no brasil do século XVIII. Estudos Históricos 34, Hucitec. 1997.

RIBEIRO, Márcia Moisés. A trajetória social de um cirurgião na América Portuguesa do século XVIII. **Almanack Braziliense** n°02, novembro 2005. Disponível em:< [Vista do Nem nobre, nem mecânico: A trajetória social de um cirurgião na América portuguesa do século XVIII \(usp.br\)](Vista do Nem nobre, nem mecânico: A trajetória social de um cirurgião na América portuguesa do século XVIII (usp.br))>. Acesso em: 03 de Abr. 2024.

RIBEIRO, Márcia Moisés. Nem nobre, nem mecânico: a trajetória social e um cirurgião na américa portuguesa do século XVIII. **Almanack Braziliense.** São Paulo, n.2, p. 64-75, 2005.

RICHARDS, R. J. **The tragic sense of life- Ernst Haeckel and the struggle over evolutionary thought.** Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

RIEMENSCHNEIDER, Fabio. **Da histeria- para além dos sonhos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

RODILLA, Bertha M. Gutierrez. PASCUAL, José Antônio. Notas sobre el Diccionario tecnológico de ciencias médicas de José María Caballero y Villar (1886). **Cadernos del instituto historia de la lengua.** (2020), 13, 217-228. Disponível em:< Dialnet-NotasSobreElDiccionarioTecnologicoDeCienciasMedica-7831837.pdf>. Acesso em: 30 de Mar. 2024.

RODRIGUES, Eugénia. **A medicina europeia e a natureza na África Oriental: acomodações e investigações no período moderno.**In: NODARI, Eunice Sueli. CORREA, Silvio Marcos de Souza. Migrações e Natureza. Oikos Editor, 2013. Disponível em:< [https://gomaoficina.com.br/wp-content/uploads/2017/09/1097 Migra%C3%A7%C3%B5es-e-natureza-E-Book1.pdf#page=94](https://gomaoficina.com.br/wp-content/uploads/2017/09/1097_Migra%C3%A7%C3%B5es-e-natureza-E-Book1.pdf#page=94)>. Acesso em: 4 de Nov. 2023.

ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

RODRIGUEZ, Rosa Maria Moreno. **La ideación del ser mujer. Uso metafórico en la**

doctrina galénica. In: *Dynamis*, 15, pp. 103-149, 1995. Disponível em:< [108719-Text de l'article-150003-1-10-20080917.pdf](http://www.scielo.org/bo/pdf/chc/v54n2/v54n2_a10.pdf)>. Acesso em: 29 de Fev. 2024.

RODRIGUEZ, S Omar F. Campohermoso. OLIZ, Ruddy Soliz e RODRIGUEZ, Omar Campohermoso. **Herófilo y Erasítrato, Padres de la Anatomía.** Scielo, *Cadernos del Hospital de Clínicas*, 54 (2): 137-140, 2009. Disponível em:< http://www.scielo.org/bo/pdf/chc/v54n2/v54n2_a10.pdf>. Acesso em: 10 de Jul. 2023.

ROSA, Paulo da Silveira. **O dilema da psicologia contemporânea.** *Psicologia- Ciência e Produção*, 30 (núm. esp.), 42- 90, 2010. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/pcp/a/GzKYy4r5y5trmNHNxN6FfPm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 de Fev. 2023.

ROSA, Octacílio. **Menstruação e loucura.** Porto Alegre, Out. 1926.

SALGADO, José Pereira. **A química e a física em Portugal.** Lisboa: Imprensa Nacional. 1929.

SANDMAN, A. **Chapter 1: Controlling Knowledge: Navigation, Cartography, and Secrecy in the Early Modern Spanish Atlantic.** In: DELBOURGO, J.; DEW, N. (Org.). *Science and Empire in The Atlantic World*. 1 ed. Nova Iorque: Routledge, 2008, pp.31- 52.

SANDRE-PEREIRA, Gilza. A amamentação e a sexualidade. Universidade Federal do Rio de Janeiro, **Estudos Feministas, Florianópolis**, 11(2): 360, julho dezembro/2003. Disponível em:< *19132.pdf>. Acesso em: 15 de Mai. 2024.

SANTOS, Ademir Valdir dos. CUSTÓDIO, Renato da Silva. Chemistry in the Statute of the Faculty of Philosophy of Coimbra (1772): origins of a School Subject. **Cadernos de História da Educação, v.19, n.2, p.409-425**, mai./ago. 2020 e-ISSN: 1982-7806. Disponível em:< deciogatti,+Ademir+Valdir+dos+Santos+-+Renato+da+Silva+Custódio-EN+-+DIAGRAMADO.pdf>. Acesso em: 28 de Mar. 2024.

SANTOS, Aline Ribeiro dos. COSTA, Élvia Shaynan da Conceição. SILVA, Erivanildo Lopes da. Da medicina de hipócrates ao início da química de boyle: um olhar da filosofia e história da química. Divisão de Ensino de Química da Sociedade Brasileira de Química (ED/SBQ) UFBA, UESB, UESC e UNEB. **XVI Encontro Nacional de Ensino de Química (XVI ENEQ) e X Encontro de Educação Química da Bahia (X EDUQUI)**, Salvador, BA, Brasil – 17 a 20 de julho de 2012. Disponível em:< <file:///C:/Users/User/Downloads/7572-Texto%20do%20Artigo-21655-1-10-20130517.pdf>>. Acesso em: 02 de Fev. 2024.

SANTOS, Christian Fausto Moraes. CAMPOS, Rafael Dias da Silva. **Apontamentos acerca da Cadeia do Ser e o lugar dos negros na filosofia natural na Europa setecentista.** v.20, n.2, abr.-jun. 2013, p.653-673 1, n.4, out.-dez. 2014, p.1215-1234. Disponível: < <http://www.redalyc.org/pdf/3861/386134013008.pdf>>. Aceso em: 13 de Dez. 2022.

SANTOS, David José Silva. Integração de corpo, mente e espírito: a manutenção de saúde entre grupos rastafari. **Revista Espaço Acadêmico**. N210, Novembro, 2018.Ano XVIII.

Disponível em:< [43367-Texto do artigo-751375152556-2-10-20181117.pdf](#)>. Acesso em: 05 de Mar. 2024.

SANTOS, Dulce O. Amarante dos; FAGUNDES, Maria Daílza da Conceição. **Saúde e dietética na medicina preventiva medieval: o regimento de saúde de Pedro Hispano (século XIII)**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.17, n.2, abr.-jun. 2010, p.333-342. Disponível em:< [*ARTIGO DULCE E MARIA.pmd \(scielo.br\)](#)>. Acesso em: 02 de Mar. 2024.

SANTOS, Fernando Santiago dos. **As plantas brasileiras, os jesuítas e os indígenas do Brasil: história e ciência na Triaga Brasília**. São Paulo: Casa do Novo Autor Editora, 2009.

SANTOS, Fernando Santiago dos. As plantas brasileiras , os jesuitas e os indígenas do Brasil: história e ciência na Triaga Brasília (sé. XVII-XVIII). **Tese de doutorado**, Domínio Público- Biblioteca Digital Desenvolvida em Software Livre. 2009. Disponível em:< http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=132977>. Acesso em: 13 de Ago. 2023.

SANTOS, G. F. A. **A teoria da *gastrea* de ernst haeckel**. São Paulo, Dissertação (Mestrado em filosofia)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Unversidade de São Paulo, 2011.

SANTOS, Valdecí dos. SANTOS, Selma dos; RAMOS, Lívía Daniela dos. A interface etno-biologia-educação: etnoconhecimentos de indivíduos da terceira idade sobre plantas medicinais e sua orientação terapêutica. **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão on-line, n. 1 (jan. - jun. 2005), 2005. Disponível em:< [O idoso é detentor de uma experiência única, de uma história que deve ser passada e ouvida com atenção pelos mais jovens \(valdeci.bio.br\)](#)>. Acesso em: 07 de Abr. 2024.

SCHMIDT, Erik Dorff. Uma breve história da histeria: da antiguidade até os tempos atuais. **Revista Mosaico**, v. 14, p. 227-238, 2021. e-ISSN 1983-7801. Disponível em:< [seer,+8754.pdf](#)>. Acesso em:< 20 de Mar. 2024.

SCHMIDT, Eder; SIMANKE, Richard Theisen. History of hysteria: Ilza Veith's legacy História da histeria: o legado de Ilza Veith. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, 25(2), 453-474, jun. 2022. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2022v25n2p453.10> >. Acesso em: 20 de Mar. 2024.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em:< <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/33480/21353>>. Acesso em: 19 de Fev. 2024.

SANTOS, Mirely Ferreira dos. Concepções de mitos e relações com a saúde. **Bol. Mus. Int. de Roraima** v8(2): 53-60. 2014. Disponível em:< [Vista do Concepções de mitos e relações com a saúde \(uerr.edu.br\)](#)>. Acesso em: 05 de Mar. 2024.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru-SP, EDUSC, 2001.

SCHOENFELDT, Michael C. **Bodies and Selves in Early Modern England: Physiology**

and Inwardness in Spenser, Shakespeare, Herbert, and Milton. Edition Illustrated, Publisher Cambridge University Press, 1999.

SEIDLER, Eduard; MULLEN, Pierce; OPITZ, John M. Johann Friedrich Meckel the Younger (1781–1833). **American Journal of Medical Genetics**, v. 18, n. 4, p. 571-586, 1984.

SEMEDO, Maria Guilherme; PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui. Investigação científica e uso clínico da quina em Portugal na transição do século XVIII para o século XIX. **Dynamis**; 43 (2): 505-531. 2023. Disponível em:< 424313-Text de l'article-624104-1-10-20240125 (1).pdf>. Acesso em: 06 de Abr. 2024.

SHERWOOD, Joan. The Milk Factor: The Ideology of Breast-feeding and Post-partum Illnesses, 1750-1850. **CBMH/BCHM / Volume 10**: 1993. p. 25-47. Disponível em:< [< *The Milk Factor: The Ideology of Breast-feeding and Post-partum Illnesses, 1750–1850 \(utpjournals.press\)>](http://*TheMilkFactor:TheIdeologyofBreast-feedingandPost-partumIllnesses,1750-1850(utpjournals.press))> Acesso em: 15 de Mai. 2024.

SILVA, Ana Paula Bispo; SILVA, Jamilly Alves da. A influência da Naturphilosophie nas ciências do século XIX: eletromagnetismo e energia. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 24, p. 687-705, 2017. Disponível em:< scielo.br/j/hcsma/TmdpYSvsj6ZjCjHJ4KkP6Fr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 de Mar. 2024.

SILVIA, Carolina Domladovac. **Um estudo léxico-semântico sobre a farmacopeia do brasil colonial em documentos do século XVIII.** Tese de doutorado, Araraquara, São Paulo, 2002. Disponível em:< https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/235886/domladovac-silva_c_dr_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 29 de Dez. 2022.

SILVA, Eduardo Mangolim Brandani da. Uma jabuticaba no herbário: descrição, catalogação e divulgação da flora do Novo Mundo no século XVI. **Dissertação de mestrado**, 2023. Disponível:< [< Teses — Programa de Pós-Graduação em História \(uem.br\)>](http://Teses—ProgramadePós-GraduaçãemHistória(uem.br))>. Acesso em: 25 de Mar. 23 de 2024.

SILVA, Gláucia. DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Epigênese e epigenética: as muitas vidas do vitalismo ocidental.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 22, n. 46, p. 425-453, jul./dez. 2016. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/ha/a/74JvpzMkgPm6zsw9w8v3bvq/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 08 de Mar. 2023.

SILVA FILHO, Wellington Bernardelli. A trajetória da ipecacuanha na Europa: os usos de uma raiz colonial contra a disenteria na época Moderna. **Diálogos**, Maringá-PR, Brasil, v. 25, n. 2, p. 21-43, mai./ago. 2021. Disponível em:< <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/download/60390/751375153309/>>. Acesso em: 21 de Julho. 2024.

SILVA FILHO, Wellington Bernardelli. **Breve ensaio sobre o galenismo e iatroquímica na farmácia portuguesa do século XVIII.** Colóquio sobre História da Química em torno de

Vicente Seabra. 2016. Disponível em:< https://www.researchgate.net/profile/Wellington-Bernardelli-Silva-Filho/publication/309558431_Breve_Ensaio_Sobre_o_Galenismo_e_Iatroquimica_na_Farmacia_Portuguesa_do_Seculo_XVIII/links/58172ce208aeb720f6894f1f/Breve-Ensaio-Sobre-o-Galenismo-e-Iatroquimica-na-Farmacia-Portuguesa-do-Seculo-XVIII.pdf>.

SILVA, Luisa Stella de Oliveira Coutinho. **O saber médico e o corpo das mulheres no brasil colonial: a tradição médica da metrópole na capitania da paraíba**. Iberoamericana, XI, 2019. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/350042853_O_saber_medico_e_o_corpo_das_mulheres_no_Brasil_colonial_a_tradicao_medica_da_metropole_na_Capitania_da_Paraiba >. Acesso em: 13 de Mar. 2024.

SILVA, Valquiria Ferreira da. **Da cabeça de porco à bebida de negro: um estudo sobre produção e o consumo da aguardente nas Minas Gerais no século XVIII**. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. 2015. Disponível em:< <file:///C:/Users/User/OneDrive/Documents/TEXTOS%20REFERENCIAS/Textos%20teratologia/dissertacao%20sobre%20aguardente%20e%20cobre.pdf>>. Acesso em: 28 de Dez. 2022.

SINGER, Peter N. **Levels of explanation in Galen. The Classical Quarterly**, v. 47, n. 2, p. 252-542, 1997.

SOARES, S, M. de S. Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial. **História, Ciências, Saúde — Manguinhos**, vol. VIII(2): 407-38, jul.-ago. 2001. Disponível em:< [*a05 \(scielo.br\)](https://scielo.br)>. Acesso em: 06 de Mar. 2024.

SOUSA, Germano de. **História da medicina portuguesa: durante a expansão**. Temas e debates, círculo de eleitores. 1ª edição, fevereiro. 2013.

SOUZA, Lidiane Alves de. **Incompleto e Imperfeito: as representações do corpo feminino nas obras médicas do século XIII**. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

SOUZA, Lidiane Alves de. **Incompleto e imperfeito: as representações do corpo feminino nas obras médicas do século XIII**. Revista Aedos, v. 3, n. 9, 2011. Disponível em:< <https://www.seer.ufrgs.br/aedos/article/viewFile/22273/13109>>.

STORCK, Alfredo. **Alberto Magno: metafísico e teólogo**. Discurso: revista do Departamento de Filosofia da USP. São Paulo, SP. N. 40 (2010), p. 145-182, 2010. Disponível em:< <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/159415/000828428.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 de Jan. 2023.

STIGGER, Veronica. **O útero do mundo**. Mam, Ministério da Cultura e Museu de Arte Moderna de São Paulo. 2016. Disponível em:< https://www.academia.edu/29476563/O_%C3%BAter_o_do_mundo_The_womb_of_the_world>. Acesso em: 03 de Jan. 2023.

STOLBERG, Michael. **Menstruation and sexual difference in early modern medicine. (1500-1800)**. 2005. Disponível em:< [\(4\) Menstruation and Sexual Difference in Early Modern](#)>

[Medicine | Michael Stolberg - Academia.edu](#). >. Acesso em 08 de Mar. 2024.

STOLBERG, Michael. **Menstruation and sexual difference in early modern medicine**, In: SHAIL, Andrew; HOWIE, Gillian. *Menstruation: A Cultural History*. New York: Palgrave, 2005, 90–101; Charles T. Wolfe, ‘Models of Organic Organization in Montpellier Vitalism’, *Early Science & Medicine*, 22 (2017): 1–24.

STOLBERG, Michael. **O inferno de uma mulher? Percepções médicas da menopausa na Europa pré-industrial**. The Johns Hopkins University Press. *Boletim de História da Medicina* Vol. 73, No. 3 (outono de 1999), pp. 404-428. Disponível em:< <https://www.jstor.org/stable/44445288>>. Acesso em: 08 de Jul. 2021.

STOLBERG, Michael. **The Monthly Malady: A History of Premenstrual Suffering**. *Medical History*, 2000. Disponível em:< <file:///C:/Users/User/Downloads/the-monthly-malady-a-history-of-premenstrual-suffering.pdf>>.

STUCKRAD, Kocku Von. **História da astrologia: da Antiguidade aos nossos dias**. Tradução: Kelly Passos. São Paulo-Editora Globo. 2007. Disponível em: < [História da astrologia: da Antiguidade aos nossos dias - Kocku von Stuckrad - Google Livros](#)>. Acesso em: 24 de Fev. 2024.

STULP, Camille Bertha. MANSUR, Samira Schultz. O estudo de Cláudio Galeno como fonte de conhecimento da anatomia humana. **Khronos, Revista de História da Ciência**, nº 7, agosto 2019. Disponível em :< [159295-Texto do artigo-366758-2-10-20190905.pdf](#)>. Acesso em: 17 de Fev. 2024.

SWEET, V. **Hildegard of Bingen and the greening of medieval medicine**. *Bull Hist Med*. 73:381-403.1999;

SZLEZÁK, Thomas. A arte maiêutica sem pressupostos de Sócrates. **Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade**, v. 11, n. 22/23, 2006. Disponível em :< <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cpa/article/view/17077>>. Acesso em: 12 de Fev. 2024.

TARZIBACHI, Eugenia. **Cosa de mujeres. Menstruación, género y poder**, CABA: Sudamericana, 2017. TRILLAT, Etienne. **História da histeria**. 1º Edição, Editora Escuta. 1991.

THOMAS, K. Bryn. **The great anatomical atlases**. 1974. Disponível em:< [*thomas-1974-the-great-anatomical-atlases.pdf](#)>. Acesso em: 11 de Mar. 2024.

TORCATO, Carlos Eduardo Martins. A história das drogas e sua proibição no Brasil: da colônia à República. **Tese de doutorado**, Biblioteca Digital-USP, São Paulo, 2016. Disponível em:< <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-05102016-165617/pt-br.php>>. Acesso em: 27 de Out. 2023.

TORRES, Marie Helene Catherine; THOMÉ, Brenda Bressan. As Grandes Desventuras de Isabel Godin des Odonais na Amazônia na 1ª metade do Século XVIII. **Cadernos de Tradução**, v. 42, p. 82-93, 2023. Disponível em:<

scielo.br/j/ct/a/6DTfJfTQJnvFhSgwCy4p9QQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 de Abr. 2024.

TOSO, André Vicente Resende. A angústia como possibilidade de rearticulação de sentido na psicoterapia fenomenológica-hermenêutica. **Repositório Universitário de Évora**. Universidade de Évora. 2020. Disponível em:< [Repositório Digital de Publicações Científicas: A angústia como possibilidade de rearticulação de sentido na psicoterapia fenomenológica - hermeneutica \(uevora.pt\)](https://repositorio.digipub.pt/publicacoes/cientificas/A_angustia_como_possibilidade_de_rearticulacao_de_sentido_na_psicoterapia_fenomenologica_hermeneutica_uevora.pt)>. Acesso em: 19 de Fev. 2024.

VALADARES, Gislene C. *et al.* **Transtorno disfórico pré-menstrual revisão: conceito, história, epidemiologia e etiologia**. Rev. psiquiatr. clín., São Paulo , v. 33, n. 3, p. 117-123, 2006 . Disponível:< <http://www.scielo.br/scielo.php?>>

VAN DE WALLE, Etienne; RENNE, Elisha P. (Ed.). **Regulating menstruation: Beliefs, practices, interpretations**. University of Chicago Press, 2001. Disponível em:< [Regulating Menstruation: Beliefs, Practices, Interpretations - Google Livros](https://books.google.com/books?id=RegulatingMenstruation:Beliefs,Practices,Interpretations)>. Acesso em: 12 de Mar. 2024.

VENÂNCIO, Renato Pinto. **Maternidade negada**. In: História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. - São Paulo : Contexto. 2004.

VERTINSKY, Patricia Anne. **The eternally wounded woman: Women, doctors, and exercise in the late nineteenth century**. Manchester University Press, 1990. Disponível em:< [The Eternally Wounded Woman: Women, Doctors, and Exercise in the Late ... - Patricia Anne Vertinsky - Google Livros](https://books.google.com/books?id=TheEternallyWoundedWoman:Women,Doctors,andExerciseintheLate...-PatriciaAnneVertinsky)>. Acesso em: 15 de Mar. 2024.6

VESPERINI, Pierre. *Empathy and Melancholy in Ancient Times*. **Hal Open Science**. E. Miteva (éd.), Melancholie / Empathie: Transdisziplinäre Perspektiven, actes du colloque organisé au Thomas Institut, Université de Cologne (23-24 mars 2017), Freiburg im Breisgau (sous presse)., In press. fhal-03101158. Disponível em:< [Empathy and Melancholy in Ancient Times \(hal.science\)](https://hal.science/HalOpenScience)>. Acesso em: 18 de Fev. 2024.

VIANA, Kelly Cristina Benjamim. **Mágicos doutores: a arte médica entre a magia e a ciência nas minas gerais setecentista (1735-1770)**. UFC, 2008. Disponível em:< <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3347>>. Acesso em 12 de Jul. 2023.

VICENTE, Rodrigo Fernandes. **A convergência dos astros: fé, ciência e astrologia na idade média**. In: FILHO, Raimundo Carvalho Moura. *Mythos: revista de história antiga e medieval*. Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. Núcleo de Estudos Multidisciplinares de História Antiga e Medieval. Imperatriz: Uemasul / NEMHAM, ano 4, v. 7, Jul. 2020. Disponível em:< https://d1wqtxtslxzle7.cloudfront.net/64766186/revista_mythos-libre.pdf?1603650407=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAS_TRADICOES_GRECO_MACEDONICAS_EM_XEQUE.pdf&Expires=1673631666&Signature=UvOa0ZvFjvy8G4Xf8MPUa7PyVp591HkdGuEKETb-zkuVPCGlo7yEQRVtsrUXk~42yCjAPK-Ls20I9LP-jU1rHMH96gTM0Ubb1eskMJKJSYcN1-7z0ApW5H9U7EroRZih9HfpxXnfUV2t3FIZoIGwE2sczxMMYPvT2jhyzmrZlz2DyQSRzRb-3brE1cug2BnwmGuKXA7L~46hQOkOITEheKXCuudjCSfTdq4ggRKZcQoxCHNCkFc4sO>

[L1rsaPJJa0w-1kVMRReLgvsrxLHTu~5tvQng9xNiHsTKSYM~uZrFIxYM0pgzJvwdO~o2tK-0-CxuoJC61uPwLX9S~Eansg_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=119](https://www.arsip.com.br/1kVMRReLgvsrxLHTu~5tvQng9xNiHsTKSYM~uZrFIxYM0pgzJvwdO~o2tK-0-CxuoJC61uPwLX9S~Eansg_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=119)>. Acesso em 13 de Jan. 2023.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

VIEIRA, Otávio Santana. Marsílio ficino sobre o daemon socrático em seu comentário à apologia de socrates. **Sacrilegens**. Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 204-223, jul-dez/2020. Disponível em:< [Vista do Marsílio Ficino sobre o daemon socrático em seu comentário à Apologia de Sócrates \(ufjf.br\)](#)>. Acesso em 09 de Mar. 2024.

VIGARELLO, Georges. **Corpo, saúde e doenças**. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. . História do corpo: da renascença as luzes. Tradução de Lúcia m.e. Orth, Revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2008.

VILHENA, Luís dos Santos. **Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas contidas em XX cartas (1802)**. Bahia Imprensa Oficial do Estado, 1921. p 162.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. As medicinas das minas gerais a partir de três manuais setecentistas. **Khronos, Revista de História da Ciência**, nº 9, junho 2020. Disponível em:< [Vista do As medicinas das Minas Gerais a partir de três manuais setecentistas \(usp.br\)](#)>. Acesso em: 03 de Mar. 2024.

VITÓRIA, Alice da Silva; MACIEL, Ingra Daniela dos Santos. Mulheres negras e aborto: diálogos sobre um processo de resistência. **Revista África e Africanidades** – Ano XII – n. 33, fev. 2020 - ISSN 1983-2354. Disponível em:< [Mulheres negras e aborto dialogos sobre um.pdf \(africaeaficanidades.com.br\)](#)>. Acesso em: 07 de Mai. 2024.

VOEKS, Robert A. **Sacred leaves of Candomblé: African magic, medicine, and religion in Brazil**. University of Texas Press, 1997.

RUBERG, Willemijn. The Tactics of Menstruation in Dutch Cases of Sexual Assault and Infanticide, 1750-1920. **Journal of Women's History, Volume 25, Number 3, Fall 2013, pp. 14-37 (Article)**. 2013. Disponível em:< [The Tactics of Menstruation in Dutch Cases of Sexual Assault and Infanticide, 1750-1920 \(jhu.edu\)](#)>. Acesso em: 14 de Mar. 2024.

WALUSINSKI, O. Etienne Serres (1786–1868), a little-known pioneer of neurology. **Rev neurol (Paris)**, p. 00370-9, 2024.

WHITEHEAD, Neil L. Hans Staden and the Cultural Politics of Cannibalism. **Hispanic American Historical Review** (2000) 80 (4): 721–751. Disponível em:< [Hans Staden and the Cultural Politics of Cannibalism | Hispanic American Historical Review | Duke University Press \(dukeupress.edu\)](#)>. Acesso em: 25 de Mar. 2024.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. **Gomes Ferreira e os símlices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil colonial**. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

YALOM, Marilyn. **História do seio**. Tradução: Maria Augusta Júdice, Editorial Teorema, 1997.

ZIERER, Adriana. Paraíso versus Inferno: a Visão de Túndalo ea Viagem Medieval em busca da Salvação da Alma (séc. XII). **Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages**, n. 2, p. 150-184, 2002. Disponível em:< [Vista do Paraíso versus Inferno : a Visão de Túndalo e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma \(sect. \(XII\) \(raco.cat\)](#)>. Acesso em: 29 de Fev. 2024.